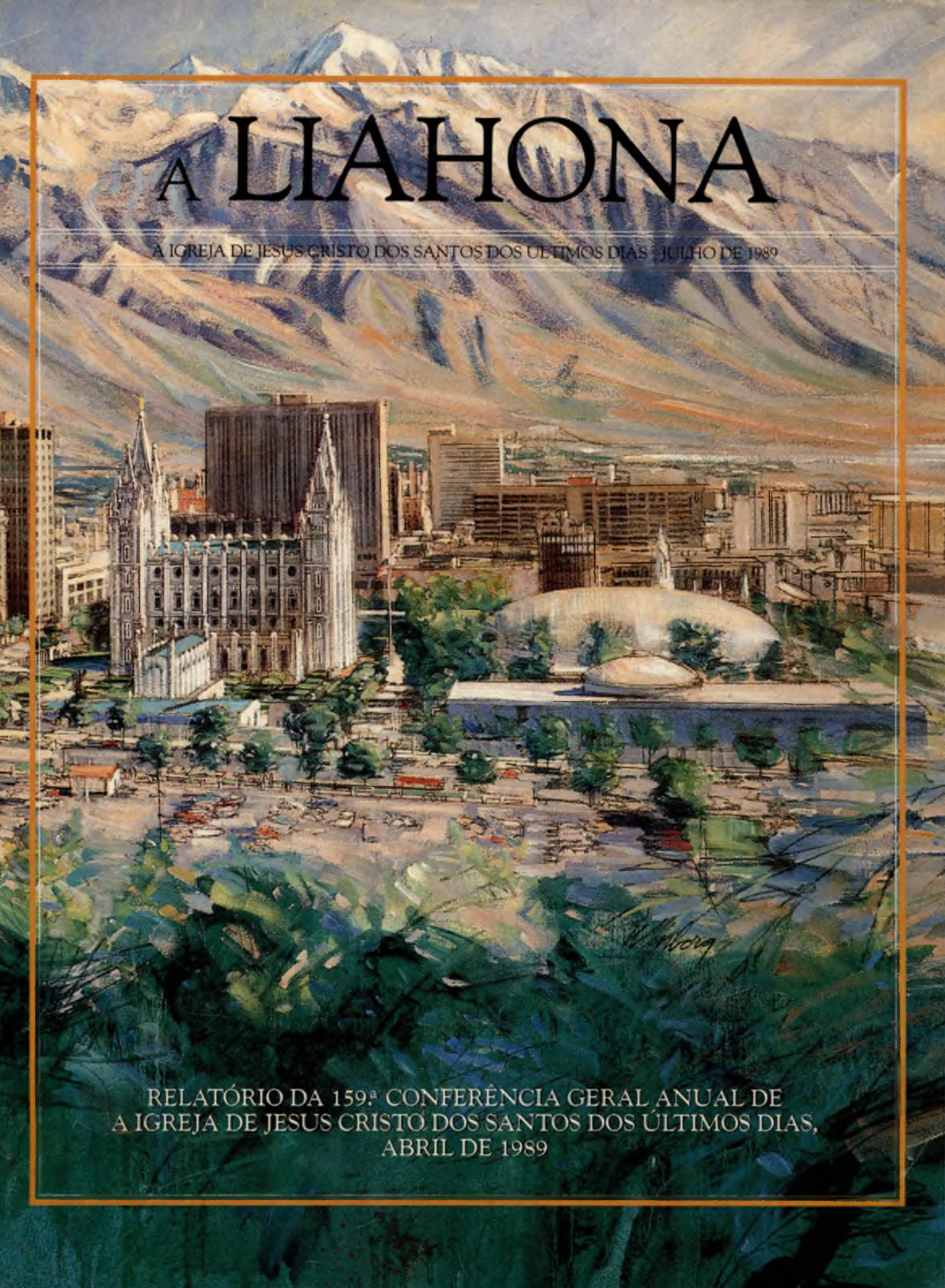


A LIAHONA



A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS - JULHO DE 1989

RELATÓRIO DA 159.^a CONFERÊNCIA GERAL ANUAL DE
A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS,
ABRIL DE 1989

A LIAHONA

Julho de 1989 Volume 42 nº 7
PBMA8907PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Relatório da 159ª Conferência Geral Anual, abril de 1989.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton,

L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust,

Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks,

M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook,

William R. Bradford, George P. Lee, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Seção Infantil: DeAnne Walker

Layout e Desenhos: M. Masato Kawasaki, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald, Jane

Ann Kemp, Timothy Sheppard, Steven Dayton

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Leônidas Francisco da Silva

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NC:\$ 6,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: NC:\$ 0,50.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição e arte-final: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - São Paulo - SP. Impressão: Ultraprint Impressora Ltda. - R. Bresser, 1224 - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A Liahona is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East north Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah.

Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POST MASTER: Send address changes to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150 U.S.A.

ÍNDICE POR ASSUNTOS E ORADORES

Os assuntos a seguir são abordados em discursos com início nas páginas indicadas:

Adversidade 24, 67, 80

Amor 70, 74

Arbítrio 29

Arrependimento 10, 62, 77

Auto-Estima 10

Auto-Suficiência 46

Caráter 36

Caridade 6, 80

Conhecimento 29

Coragem 10

Crescimento da Igreja 70

Crianças 89

Críticas 27

Dignidade 21, 40

Discórdia 29, 74

Espírito Santo 33

Espiritualidade 37, 43

Exaltação 83

Expição 67

Falsos profetas 29

Famílias 6, 65, 74, 85, 89

Fé 6, 16, 36, 46, 58, 62

História da Família 65

Honestidade 77

Humildade 3

Ironia 67

Jesus Cristo 67, 83

Jovens 62

Livro de Mórmon 13, 89

Milagres 16

Moralidade 43, 62

Obediência 10, 27, 29, 50, 89

Obra Missionária 13, 43, 58

Obra vicária 65, 77

Orgulho 3

Palavra de Sabedoria 43

Paz 74

Perfeição 21

Perseverança 46, 62

Plano de salvação 13, 24, 83, 89

República Democrática Alemã 58

Responsabilidade 10

Ressurreição 83

Sacerdócio 50

Sacramento 40

Serviço 43, 80

Sociedade de Socorro 80

Submissão 74

Televisão 85

Testemunho 6, 13, 24

Trabalho 6

Valores 85

Violência 85

Os oradores da conferência são alistados abaixo em ordem alfabética:

Ashton, Marvin J. 21

Ballard, M. Russell 85

Benson, Ezra Taft 3, 89

Busche, F. Enzio 77

Clarke, J. Richard 65

Derrick, Royden G. 83

Evans, Joy F. 80

Faust, James E. 33

Groberg, John H. 40

Hinckley, Gordon B. 50, 70

Hunter, Howard W. 16

Maxwell, Neal A. 67

Monson, Thomas S. 46, 58

Nelson, Russell M. 74

Oaks, Dallin H. 29

Pace, Glenn L. 27

Packer, Boyd K. 62

Perry, L. Tom 13

Pinnock, Hugh W. 10

Poelman, Ronald E. 24

Scott, Richard G. 37

Taylor, Russel C. 43

Wirthlin, Joseph B. 6

ÍNDICE

- 2 RELATÓRIO DA 159ª CONFERÊNCIA GERAL
ANUAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

SESSÃO MATUTINA DE SÁBADO

- 3 ACAUTELAI-VOS DO ORGULHO
Presidente Ezra Taft Benson
- 6 SEMENTES DE RENOVAÇÃO
Élder Joseph B. Wirthlin
- 10 AGORA É A HORA
Élder Hugh W. Pinnock
- 13 PROCLAMAI O MEU EVANGELHO
Élder L. Tom Perry
- 16 TU ÉS O DEUS QUE FAZES MARAVILHAS
Presidente Howard W. Hunter

SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO

- 18 APOIO DOS OFICIAIS DA IGREJA
Presidente Thomas S. Monson
- 19 RELATÓRIO DO COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA
Wilford G. Edling
- 20 RELATÓRIO ESTATÍSTICO DE 1988
F. Michael Watson
- 21 A RESPEITO DE DIGNIDADE
Élder Marvin J. Ashton
- 24 A ADVERSIDADE E O DIVINO PROPÓSITO DA
MORTALIDADE
Élder Ronald E. Poelman
- 27 SEGUI O PROFETA
Bispo Glenn L. Pace
- 29 VOZES ALTERNATIVAS
Élder Dallin H. Oaks
- 33 O DOM DO ESPÍRITO SANTO – UM COMPASSO
INFALÍVEL
Élder James E. Faust

SESSÃO DO SACERDÓCIO

- 36 ENTREGA DE MEDALHA DE ESCOTISMO AO
PRESIDENTE BENSON
- 37 CONFIANÇA NO SENHOR
Élder Richard G. Scott
- 40 A BELEZA E A IMPORTÂNCIA DO SACRAMENTO
Élder John H. Groberg
- 43 PONTOS A FAVOR DA RETIDÃO
Élder Russell C. Taylor
- 46 VAMOS LÁ!
Presidente Thomas S. Monson
- 50 MAGNIFICAR NOSSOS CHAMADOS
Presidente Gordon B. Hinckley

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO

- 58 GRAÇAS A DEUS
Presidente Thomas S. Monson
- 62 ÀS MOÇAS E AOS RAPAZES
Élder Boyd K. Packer
- 65 NOSSA FAMÍLIA CONGÊNERE
Élder J. Richard Clarke
- 67 LIDAR COM A IRONIA
Élder Neal A. Maxwell
- 70 QUE O AMOR SEJA A ESTRELA-GUIA DE VOSSA VIDA
Presidente Gordon B. Hinckley

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO

- 74 O CANCRO DA DISCÓRDIA
Élder Russel M. Nelson
- 77 A UNIVERSIDADE PARA A VIDA ETERNA
Élder F. Enzio Busche
- 80 “SENHOR, QUANDO TE VIMOS COM FOME?”
Joy F. Evans
- 83 O CAMINHO DA PERFEIÇÃO
Élder Royden G. Derrick
- 85 OS EFEITOS DA TELEVISÃO
Élder M. Russel Ballard
- 89 ÀS CRIANÇAS DA IGREJA
Presidente Ezra Taft Benson
- 52 AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO
DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS
- 93 NOVAS AUTORIDADES GERAIS DA IGREJA

Participação adicional: Na sessão matutina de sábado, as orações foram proferidas pelo Élder Carlos E. Asay e Élder Alexander B. Morrison; na sessão vespertina de sábado, pelo Élder Paul H. Dunn e Élder L. Aldin Porter; na sessão do sacerdócio, pelo Élder Yoshihiko Kikuchi e Élder Lynn A. Sorensen; na sessão matutina de domingo, pelo Élder H. Burke Peterson e Élder Hans B. Ringger; e na sessão vespertina de domingo, pelo Élder Douglas J. Martin e Élder Waldo P. Call.

Fotografia: Todas as fotos da conferência ficaram a cargo da Seção de Fotografias do Planejamento e Desenvolvimento de Audiovisuais da Igreja: Jed A. Clark (supervisor), Welden Andersen, Phil Shurtleff, Graig Dimond, John Luke, Craig Moyer e Eldon Linschoten.

RELATÓRIO DA 159.^a CONFERÊNCIA GERAL ANUAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

*Sermões e procedimentos dos dias 1.º e 2 de abril de 1989, no
Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah.*

“O orgulho é o pecado universal, o grande vício”, declarou o Presidente Ezra Taft Benson em seu discurso de abertura da 159.^a conferência geral anual.

“O cerne do orgulho é a inimizade — inimizade para com Deus e para com o próximo. *Inimizade* significa ‘ódio, hostilidade ou oposição’. É o poder pelo qual Satanás quer reinar sobre nós.

O orgulho é essencialmente competitivo por natureza. Lançamos nossa vontade contra a de Deus. Quando lançamos nosso orgulho contra Deus, é no sentido de ‘seja feita a minha vontade e não a tua’”, diz o Presidente Benson.

“O antídoto para o orgulho é humildade — mansidão, submissão. É o coração quebrantado e espírito contrito”, diz o Presidente. (Vide p. 5.)

A conferência geral foi presidida pelo Presidente Benson sendo as sessões dirigidas pelo Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, e Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro na Primeira Presidência.

Na sessão vespertina de sábado, o Presidente Monson anunciou uma histórica ação administrativa. “Com o rápido crescimento da Igreja, a Primeira Presidência e o Quorum dos Doze decidiram que chegou a hora de adotar novas medidas para atender à expansão e ao regulamento da Igreja. Anunciamos, portanto, a

organização do Segundo Quorum dos Setenta, com efetivação imediata”, disse ele.

“Inicialmente, o Segundo Quorum dos Setenta será composto das Autoridades Gerais que cumprem atualmente um chamado de cinco anos. Outros irmãos serão agregados ao Segundo Quorum dos Setenta de tempos em tempos, servindo igualmente como setenta e Autoridades Gerais durante cinco anos.

O Primeiro Quorum dos Setenta manterá praticamente sua organização atual, com seus membros sendo chamados do Segundo Quorum dos Setenta ou do sacerdócio em geral”, disse ele.

Essa ação resultou na permanência de trinta e oito membros do Primeiro Quorum dos Setenta neste quorum — inclusive da atual presidência dos Quoruns dos Setenta, e do Elder John K. Carmack e Elder Hans B. Ringger, dois irmãos anteriormente chamados pelo período de cinco anos. Além disso, quatro novos membros foram acrescentados ao Primeiro Quorum dos Setenta: Elder Joe J. Christensen, presidente do Ricks College de Rexburg, Idaho; Elder W. Eugene Hansen, da Cidade do Lago Salgado; Elder Jeffrey R. Holland, presidente da Universidade Brigham Young de Provo, Utah; e Elder Marlin K. Jensen de Huntsville, Utah, elevando para quarenta e dois o número de integrantes do Primeiro Quorum dos Setenta.

A formação do Segundo Quorum dos Setenta resultou na designação de

vinete e oito irmãos, que cumpriam um chamado de cinco anos, para o novo quorum, acrescentados de oito novos integrantes: Elder Carlos H. Amado, da Cidade da Guatemala, Guatemala; Elder Benjamin B. Banks, presidente da Missão Escócia Edinburgo; Elder Spencer J. Condie, de Provo, Utah; Elder F. Melvin Hammond, de Rexburg, Idaho; Elder Malcolm S. Jeppsen, da Cidade do Lago Salgado; Elder Richard P. Lindsay, da Cidade do Lago Salgado; Elder Merlin R. Lybbert, da Cidade do Lago Salgado; e Elder Horacio A. Tenorio, de Guadalajara, México. Isso elevou para trinta e seis o total de membros do Segundo Quorum dos Setenta.

Ambos os quoruns serão presididos pela Presidência dos Setenta, somando o total de setenta e oito setentas, e cento e uma Autoridades Gerais no presente.

Os procedimentos da conferência foram transmitidos via satélite para a América do Norte e Havaí em doze idiomas. Transmissões experimentais da conferência foram igualmente feitas para Manchester, Inglaterra; Frankfurt, Alemanha Ocidental; e San José, Costa Rica.

Videotapes da Conferência serão colocados à disposição dos membros em muitas outras partes do mundo.

A conferência geral foi precedida por um seminário para representantes regionais e outras reuniões de liderança, realizadas na sexta-feira, 31 de março.

Os Editores.

ACAUTELAI-VOS DO ORGULHO

Presidente Ezra Taft Benson

*“Orgulho é o pecado universal, o grande vício...
O orgulho é a grande pedra de tropeço de Sião.”*



Meus amados irmãos, alegro-me por estar convosco em mais uma gloriosa conferência geral da Igreja. Sou profundamente grato pelo amor, orações e serviço dos devotados membros da Igreja no mundo inteiro.

Gostaria de elogiar os santos fiéis que se empenham por inundar a terra e a própria vida com o Livro de Mórmon. Precisamos não só distribuir de forma monumental mais exemplares do Livro de Mórmon, mas temos de promover corajosamente mais de suas maravilhosas mensagens em nossa própria vida e por toda a terra.

Esse sagrado livro foi escrito para nós — para os nossos dias. Suas escrituras destinam-se a ser aplicadas por nós. (Vide 1 Néfi 19:23.)

O livro Doutrina e Convênios

nos diz que o Livro de Mórmon é o “registro de um povo decaído”. (Vide D&C 20:9.) E por que ele caiu? Esta é uma das principais mensagens do Livro de Mórmon. Nos derradeiros capítulos desse registro, Mórmon dá a resposta nestes termos: “Eis que o orgulho desta nação, ou seja, do povo nefita, será a causa de sua destruição.” (Morôni 8:27.) E depois, para que não ignoremos essa significativa mensagem do Livro de Mórmon a respeito do povo decaído, o Senhor nos adverte em Doutrina e Convênios: “Precavei-vos contra o orgulho, para que não vos torneis como os nefitas de outrora.” (D&C 38:39.)

Peço sinceramente o benefício de vossa fé e orações ao procurar lançar luz sobre esta mensagem do Livro de Mórmon — o pecado do orgulho — mensagem esta que me vem acabrunhando a alma já há certo tempo. Sei que o Senhor quer que essa mensagem seja transmitida agora.

No conselho pré-mortal, foi o orgulho que derrubou Lúcifer, o “filho da manhã”. (2 Néfi 24:12-15; vide também D&C 76:25-27; Moisés 4:3.) No fim deste mundo, quando Deus purificar a terra pelo fogo, os orgulhosos serão queimados qual restolho e os mansos herdarão a terra. (Vide 3 Néfi 12:5, 25:1; D&C 29:9; Joseph Smith 2:37; Malaquias 4:1.)

Em Doutrina e Convênios, o Senhor por três vezes usa a frase “acautelai-vos do orgulho, inclusive falando ao segundo élder da Igreja, Oliver Cowdery, e Emma Smith,

esposa do profeta. (D&C 23:1; vide também 25:14; 38:39.)

O orgulho é um pecado muito mal compreendido, e muitos pecam por ignorância. (Vide Mosiah 3:11; 3 Néfi 6:18.) Nas escrituras, o orgulho nunca é considerado justo — sempre é pecado. Portanto, não importa como o mundo empregue o termo, temos de compreender o sentido que Deus lhe dá para entendermos a linguagem dos escritos sagrados e deles tirar proveito. (Vide 2 Néfi 4:15; Mosiah 1:3-7; Alma 5:61.)

Muitos de nós consideramos o orgulho egocentrismo, convencimento, jactância, arrogância ou soberba. Tudo isto faz parte do pecado, mas continua faltando a essência, o cerne.

O cerne do orgulho é a inimizade — inimizade para com Deus e para com o próximo. *Inimizade* quer dizer “ódio, hostilidade ou oposição”. É o poder pelo qual Satanás quer reinar sobre nós.

O orgulho é essencialmente competitivo por natureza. Lançamos nossa vontade contra a de Deus. Quando lançamos nosso orgulho contra Deus, é no sentido de “seja feita a minha vontade e não a tua”. Conforme dizia Paulo, eles “buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus”. (Filipenses 2:21.)

Nosso desejo de competir com a vontade de Deus, dá vazão desenfreada aos desejos, apetites e paixões. (Vide Alma 38:12; 3 Néfi 12:30.)

O orgulhoso não consegue aceitar que sua vida seja dirigida pela autoridade de Deus. (Vide Helamã 12:6.) Ele opõe sua percepção da verdade ao conhecimento maior de Deus, sua capacidade ao poder do sacerdócio de Deus, suas realizações às poderosas obras dele.

Nossa inimizade para com Deus assume muitos rótulos, como rebeldia, coração endurecido, obstinação, impenitência, soberba, suscetibilidade e incredulidade. Os orgulhosos querem que Deus concorde com eles. Não estão interessados em mudar de opinião para concordar com Deus.

Outro componente importante desse pecado predominante é a



inimizade para com nossos semelhantes. Somos tentados diariamente a considerar-nos melhores que os outros e a diminuí-los. (Vide Helamã 6:17; D&C 58:41.)

Os orgulhosos fazem de todos os homens seus adversários, lançando seu intelecto, opiniões, obras, posses, talentos ou qualquer outro mecanismo de medida contra seus semelhantes. Nas palavras de C. S. Lewis: “O orgulho não se compraz em ter alguma coisa, somente em ter mais que o próximo... É a comparação que vos torna orgulhosos: o prazer de sentir-se acima dos outros. Tirando-lhe o elemento competitivo, desaparece o orgulho.” (*Mere Christianity*, New York: Macmillan, 1952, pp. 109-110.)

No conselho pré-terreno, Lúcifer apresentou sua proposta contra o plano do Pai, defendido por Jesus Cristo. (Vide Moisés 4:1-3.) Queria ser honrado mais que todos os outros. (Vide 2 Néfi 24:13.) Em suma, desejava em sua soberba destronar a Deus. (Vide D&C 29:36; 76:28.)

As escrituras estão repletas das graves conseqüências que o pecado do orgulho causou a pessoas, grupos, cidades e nações. “A soberba precede a ruína.” (Provérbios 16:18.) Causou a destruição do povo nefita e da cidade de Sodoma. (Vide Morôni

8:27; Ezequiel 16:49-50.)

Foi o orgulho que provocou a crucificação de Cristo. Os fariseus se enfureceram por Jesus declarar-se o Filho de Deus, o que ameaçava sua posição, e por isso tramaram sua morte. (Vide João 11:53.)

Saul tornou-se inimigo de Davi por orgulho. Ficou enciumado porque as mulheres israelitas saíram ao seu encontro cantando: “Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares.” (I Samuel 18:6-8.)

O orgulhoso teme mais o julgamento humano que o julgamento de Deus. (Vide D&C 3:6-7; 30:1-2; 60:2.) “O que os homens pensarão de mim?” pesa mais do que: “O que Deus pensará de mim?”

O Rei Noé estava disposto a libertar o Profeta Abinádi, mas o apelo ao seu orgulho da parte dos sacerdotes iníquos mandou Abinádi para a fogueira. (Vide Mosiah 17:11-12.) Herodes afligiu-se quando a esposa pediu que João Batista fosse decapitado, mas seu desejo orgulhoso de sobressair aos olhos “dos que estavam à mesa com ele” causou a morte de João. (Mateus 14:9; vide também Marcos 6:26.)

O temor do julgamento dos homens se manifesta na luta pela aprovação deles. O orgulhoso ama “a glória dos homens, (mais) do que a glória de Deus”. (João 12:42-43.) O pecado se manifesta nos motivos pelos quais agimos. Jesus disse que fazia “sempre” o que agradava a Deus. (Vide João 8:29.) Não faríamos melhor em ter o agrado de Deus por estímulo, do que procurar sobressair e fazer melhor que outra pessoa?

Certas pessoas orgulhosas estão mais preocupadas com o fato de seu salário ser superior ao de outra pessoa do que se o mesmo atende suas necessidades. Sua recompensa é estar em grau acima dos outros. Esta é a inimizade do orgulho.

Quando o orgulho toma conta de nosso coração, deixamos de ser independentes do mundo e escravizamos nossa liberdade ao julgamento humano. O mundo brada mais alto que os sussurros do Espírito Santo. O raciocínio humano prevalece sobre as

revelações de Deus, e o orgulhoso larga a barra de ferro. (Vide 1 Néfi 8:19-28; 11:25; 15:23-24.)

Orgulho é o pecado que vemos facilmente nos outros, mas raramente reconhecemos em nós mesmos. Quase todos nós consideramos o orgulho como pecado de pessoas eminentes, como os ricos e os instruídos, olhando de cima para o resto de nós. (Vide 2 Néfi 9:42.) Existe, porém, um mal muito mais comum entre nós: o orgulho dos que de baixo olham para cima. Este se manifesta de inúmeras maneiras, como críticas, maledicência, difamação, resmungos, viver acima das posses, inveja, cobiça, recusar gratidão e louvor capaz de edificar outra pessoa, e mostrar-se insensível e invejoso.

A desobediência é basicamente o orgulhoso desafio a alguma autoridade superior. Pode ser a de um pai ou mãe, líder do sacerdócio, professor ou, sobretudo, Deus. A pessoa orgulhosa detesta o fato de que alguém esteja acima dela, achando que isto a rebaixa.

O egoísmo é um dos aspectos mais comuns do orgulho. “Como isto me afeta” é o centro de tudo que importa — presunção, autocomiseração, auto-realização mundana, satisfação própria e egoísmo.

O orgulho resulta em combinações secretas destinadas a obter poder, proveito e a glória do mundo. (Vide Helamã 7:5; Êter 8:9, 16, 22-23; Moisés 5:31.) Esse fruto do pecado do orgulho, isto é, as combinações secretas, derrubou a civilização Jaredita e a nefita, e tem sido e ainda será a causa da ruína de muitas nações. (Vide Êter 8:18-25.)

Outro aspecto do orgulho é a contenda. Discussões, disputas, domínio injusto, divergências entre gerações, divórcios, maus tratos conjugais, motins e tumultos enquadram-se todos nessa categoria de orgulho.

Contendas na família afastam o Espírito do Senhor, como também muitos membros de nossa família. A contenda varia de uma palavra ofensiva a conflitos mundiais. Dizem-nos as escrituras que “da soberba só provém a contenda”.

(Provérbios 13:10; vide igualmente Provérbios 28:25.)

As escrituras testificam que o orgulhoso se ofende facilmente e guarda ressentimento. (Vide 1 Néfi 16:1-3.) Ele se nega a perdoar a fim de manter o outro em débito e justificar sua mágoa.

Os orgulhosos não aceitam facilmente conselho ou repreensão. (Vide Provérbios 15:10; Amós 5:10.) Usam a atitude defensiva para justificar e racionalizar suas fraquezas e falhas. (Vide Mateus 3:9; João 6:30-59.)

Os orgulhosos dependem do mundo para dizer-lhes se têm valor ou não. Sua auto-estima depende de onde se encontram, pretensamente, na escada do sucesso mundano. Sentem-se dignos de mérito como pessoa se houver um número suficiente de indivíduos abaixo deles em termos de realizações, talento, beleza ou inteligência. O orgulho é feio e diz: "Se tens sucesso, sou um fracasso."

Se amarmos a Deus, fizermos sua vontade e temermos seu julgamento mais que o dos homens, teremos auto-estima.

O orgulho é um pecado amaldiçoador no verdadeiro sentido da palavra. Ele limita ou impede o progresso. (Vide Alma 12:10-11.) Os orgulhosos não se deixam ensinar. (Vide 1 Néfi 15:3, 7-11.) Não mudam de idéia para aceitar verdades porque fazê-lo implicaria admitir seu erro.

O orgulho afeta negativamente todas as nossas relações — nossas relações com Deus e seus servos, entre marido e esposa, pais e filhos, empregador e empregado, professor e aluno, e toda a humanidade. Nosso grau de orgulho determina como tratamos nosso Deus e nossos irmãos. Cristo quer elevar-nos até onde ele se encontra. Será que desejamos fazer o mesmo com os outros?

O orgulho debilita nosso sentimento de filiação para com Deus e fraternidade para com o homem. Ele nos separa e divide em "classes" de acordo com nossas "riquezas" e "oportunidades de instrução". (3 Néfi 6:12.) É impossível haver unidade num povo orgulhoso, e se não formos um, não somos do Senhor. (Vide



O coro masculino da Faculdade Ricks, Rexburg, Idaho, canta na sessão do sacerdócio da Conferência Geral.

Mosiah 18:21; D&C 38:27; 105:2-4; Moisés 7:18.)

Pensai no que o orgulho nos tem custado no passado e nos está custando hoje em nossa vida, nossa família e na Igreja.

Pensai no arrependimento possível em termos de vidas transformadas, casamentos preservados e lares fortalecidos, se o orgulho não nos impedir de confessar os pecados e abandoná-los. (Vide D&C 58:43.)

Pensai nos numerosos membros que se tornaram menos ativos na Igreja, porque foram ofendidos, e o orgulho não lhes permitiu perdoar ou fartar-se plenamente à mesa do Senhor.

Pensai nas dezenas de milhares a mais de jovens e casais que poderiam estar cumprindo missão, se o orgulho não os impedisse de entregar seu coração a Deus. (Vide Alma 10:6; Helamã 3:34-35.)

Pensai no crescimento da obra do templo, se o tempo dedicado a esse serviço sublime fosse mais importante que muitos interesses orgulhosos que reclamam nosso tempo.

O orgulho afeta todos nós em diversas ocasiões e vários graus. Agora podeis ver por que o edifício representativo do orgulho no sonho de Léhi era grande e espaçoso, e enorme a multidão que

nele entrava. (Vide 1 Néfi 8:26, 33; 11:35-36.)

Orgulho é o pecado universal, o grande vício. Sim, o orgulho é o pecado universal, o grande vício.

O antídoto para o orgulho é humildade — mansidão, submissão. (Vide Alma 7:23.) É o coração quebrantado e espírito contrito. (Vide 3 Néfi 9:20, 12:19; D&C 20:37, 59:8; Salmos 34:18; Isaías 57:15, 66:2.) Conforme tão bem o colocou Rudyard Kipling:

*Morrem os gritos e o clamor,
Passa dos reis o vão poder,
Mas teu divino esplendor,
Há de viver, há de viver.
Teus mandamentos, ó Senhor,
Não nos permitas esquecer!*
("Deus de Meus Pais", *Hinos*, n.º 58.)

Deus terá um povo humilde. Podemos escolher ser humildes ou podemos ser compelidos à humildade. Diz Alma:

"Abençoados são os que se humilham sem a isso serem compelidos." (Alma 32:16.)

Sejamos humildes por opção.

Podemos ser humildes voluntariamente vencendo a inimizade para com nossos irmãos, estimando-os como a nós próprios e alçando-os até onde estamos, ou mais alto ainda. (Vide D&C 38:24; 81:5; 84:106.)

Podemos ser humildes

voluntariamente aceitando conselhos e punição. (Vide Jacó 4:10; Helamã 15:3; D&C 63:55, 101:4-5, 108:1, 124:61, 84; 136:31; Provérbios 9:8.)

Podemos ser humildes voluntariamente perdoados os que nos ofenderam. (Vide 3 Néfi 13:11, 14; D&C 64:10.)

Podemos ser humildes voluntariamente prestando serviço abnegado. (Vide Mosiah 2:16-17.)

Podemos ser humildes voluntariamente saindo em missão e pregando a palavra capaz de tornar outros humildes. (Vide Alma 4:19; 31:5; 48:20.)

Podemos ser humildes voluntariamente indo mais freqüentemente ao templo.

Podemos ser humildes voluntariamente confessando e abandonando o pecado, e nascendo de Deus. (Vide D&C 58:43; Mosiah 27:25-26; Alma 5:7-14, 49.)

Podemos ser humildes voluntariamente amando a Deus, fazendo sua vontade e dando-lhe prioridade em nossa vida. (Vide 3 Néfi 11:11, 13:33; Morôni 10:32.)

Sejamos humildes por opção. Nós podemos sê-lo. Sei que podemos.

Meus queridos irmãos, temos de nos preparar para redimir Sião. Foi essencialmente o pecado do orgulho que nos impediu de estabelecer Sião nos dias do Profeta Joseph Smith. Foi o mesmo pecado que decretou o fim da consagração entre os nefitas. (Vide 4 Néfi 1:24-25.)

O orgulho é a grande pedra de tropeço no caminho de Sião. Repito. O orgulho é a grande pedra de tropeço no caminho de Sião.

Temos de limpar o vaso interior vencendo o orgulho. (Vide Alma 6:2-4; Mateus 23:25-26.)

Temos de ceder “aos sussurros do Espírito Santo”, despojar-nos do “homem natural”, santificando-nos “pela expiação de Cristo, o Senhor”, e tornando-nos como “a criança, submisso, manso, humilde”. (Mosiah 3:19; vide também Alma 13:28.)

Que assim procedamos e sigamos avante para cumprir nosso divino destino, é minha fervorosa oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

SEMENTES DE RENOVAÇÃO

Élder Joseph B. Wirthlin
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Devemos arraigar nossas raízes profundamente no solo do evangelho. Devemos... produzir bons frutos em abundância apesar dos males, tentações ou críticas que possamos enfrentar. Devemos aprender a vicejar no ardor da adversidade.”



Meus queridos irmãos, fomos inspirados pela importante e significativa mensagem de nosso profeta, vidente e revelador, além disso, o belo número musical cantado pelos nossos jovens foi apreciado por todos nós.

Numa quente, árida região desértica do noroeste do México, os agricultores costumam semear e cultivar variedades de milho e feijão extraordinariamente rústicas e resistentes à seca. Essas variedades sobrevivem e vicejam num clima agreste em que outras plantas murchariam e morreriam. Uma delas é o feijão branco *tepari*. Suas sementes brotam e a planta se desenvolve com um índice pluviométrico mínimo, aprofundando as raízes até quase dois metros no solo arenoso para

encontrar a umidade de que necessita. Floresce e frutifica em temperaturas desérticas de 43°C com apenas uma chuva por ano. Sua folhagem conserva-se extraordinariamente verde com pouquíssima irrigação, mesmo em pleno calor estival. (Vide Gary Paul Nabhan, “Seeds of Renewal”, *World Monitor*, janeiro de 1989, pp. 17-20.)

Talvez os membros da Igreja possam imitar o exemplo dessas rijas e robustas plantas. Devemos arraigar nossas raízes profundamente no solo do evangelho. Devemos crescer, medrar, florescer e produzir bons frutos em abundância apesar dos males, tentações ou críticas que possamos enfrentar. Devemos aprender a vicejar no ardor da adversidade.

Nossos antepassados pioneiros sobreviveram e se fortaleceram enfrentando provações e aflições, e fizeram o deserto florescer como a rosa. Meu próprio bisavô sofria de asma a ponto de ser obrigado a caminhar uma ou duas milhas atrás dos carroções para evitar a poeira que levantavam. Mesmo assim, sempre chegava ao seu destino e fazia a sua parte do trabalho.

Hoje, nossos desafios são diferentes dos enfrentados pelos nossos antepassados. Muitos deles levaram uma vida de pobreza e agruras; enquanto que alguns de nós somos prósperos e complacentes. Riqueza, abundância e vida fácil não nos ajudam a

desenvolver a capacidade de florescer enfrentando os rigores e revezes da vida. Em lugar de procurar a vida fácil, temos de plantar, cultivar e nutrir dentro de nós as sementes que nos capacitem a resistir aos ventos e ardores da tentação, do pecado e do mal, e que nos ajudarão a levar uma vida vitoriosa, feliz e pura. Consideremos algumas dessas sementes.

Primeiro, devemos plantar e alimentar a semente da fé no Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor. Todos deveríamos desenvolver uma fé igual a de Néfi para fazer as coisas ordenadas pelo Senhor (vide 1 Néfi 3:7), sabendo que todos os mandamentos são dados para nosso bem. Néfi expressou assim sua fé: "Se os filhos dos homens seguirem os mandamentos de Deus, ele os nutrirá, fortalecerá e lhes dará meios pelos quais poderão cumprir as coisas que ordenou." (17:3.) Quando o Senhor ordenou que construísse um barco, seus irmãos o chamaram de louco por achar que conseguiria fazê-lo. Então ele lhes disse: "Se Deus me ordenasse que fizesse todas as coisas, eu as poderia fazer. Se ele me ordenasse que dissesse a esta água: Converte-te em terra, ela se converteria." (Vers. 50.)

Em seguida, alimentemos a semente de fé que nos empresta coragem para seguir os profetas. O profeta atual, Presidente Ezra Taft Benson, é o porta-voz de Deus para a humanidade hoje. Necessitamos de sabedoria e coragem para aceitar seu inspirado conselho com gratidão, e adaptar nossa vida a ele, porque "seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa". (D&C 1:38.) A revelação dada ao primeiro profeta antes do Presidente Benson, Joseph Smith, no dia da organização da Igreja, aplica-se aos membros de hoje: "No que concerne à igreja, deveis atender a todas as suas (do profeta) palavras e aos mandamentos que ele vos dará conforme os receber..."

Pois suas palavras recebereis como de minha própria boca, em toda paciência e fé." (D&C 21:4-5.) Estou certo de que o Senhor está satisfeito com a reação dos



Ao centro, Presidente Ezra Taft Benson, Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro, à esquerda, e Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro.

membros da Igreja à ênfase que o Presidente Benson dá à leitura e difusão do Livro de Mórmon. Em 1988, foram adquiridos mais de três milhões e meio de exemplares, inquestionavelmente um número muito superior ao de qualquer outro ano até agora. Talvez o mais importante seja que dezenas de milhares de nossos membros estão-se dedicando mais à leitura desse livro do que antes!

Depois, devemos semear em nosso coração a semente da caridade, do puro amor de Cristo. Ele é o exemplo perfeito de caridade. Sua vida inteira, particularmente seu sacrifício expiatório, é uma lição de caridade. Cada ato seu reflete absoluto, inequívoco amor a toda a humanidade e a cada um de nós. Seu exemplo nos ensina que caridade significa subordinar voluntária e alegremente os interesses pessoais ao bem do próximo. Creio que nosso progresso rumo à exaltação e vida eterna depende de quão perfeitamente aprendemos e vivemos o princípio da caridade. A caridade terá de tornar-se uma condição fundamental da mente e do coração que nos dirija em tudo o que fizermos.

Exortamos nossos mestres familiares e professoras visitantes a

cuidarem de "suas" famílias em espírito de caridade. O ensino familiar é um instrumento salvador de almas quando realizado de maneira apropriada e com real intento.

Em seguida, creio que devemos alimentar constantemente as sementes de amor, harmonia e união em nosso lar e em família. O pai deve presidir a família com benignidade, lembrando-se de que "nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido". (D&C 121:41.) Marido e esposa devem amar-se mutuamente com um amor puro que transcenda o egoísmo. Numa família com um só genitor, esse genitor preside. Aos pais cabe nutrir os filhos e ensinar-lhes os princípios do viver reto. Independente do auxílio eventualmente prestado por outras pessoas ou instituições, o Senhor entregou essa responsabilidade primordialmente aos pais. Os filhos devem honrar os pais (vide Êxodo 20:12), obedecendo-lhes, vivendo segundo foram ensinados e promovendo a paz no lar.

Os pais devem plantar profundamente no coração e hábitos dos filhos a semente da



ética do trabalho. Com a alteração da estrutura social agrária para urbana, foram sendo negligenciados a necessidade e o prazer do trabalho árduo e diligente. Se nossos jovens não aprenderem a trabalhar enquanto estão em casa, provavelmente serão obrigados a fazê-lo mais tarde num ambiente em que o aprendizado poderá ser bastante penoso.

Os comentários do Presidente J. Reuben Clark Jr de há cinquenta e seis anos, são proveitosos ainda hoje. Dizia ele: “É uma lei eterna, inevitável que o progresso só resulta do trabalho e da preparação, seja ele material, mental ou espiritual. O trabalho não tem substituto.” (Conferência Geral, abril de 1933.) Mais recentemente, aconselhou-nos o Elder Hunter: “A primeira instrução registrada dada a Adão após a queda, dizia respeito ao eterno princípio do trabalho. Disse o Senhor: ‘No suor do teu rosto comerás o teu pão.’ (Gênesis 3:19.) Nosso Pai Celestial nos ama tão integralmente que nos deu o mandamento de trabalhar. O trabalho é uma das chaves para a vida eterna. Ele sabe que aprenderemos mais, cresceremos mais, realizaremos mais, serviremos mais e nos beneficiaremos mais com uma vida industriosa do que com uma vida fácil.” (Conferência Geral, outubro de 1975.)

Os pais só conseguem lançar sementes no coração e na mente dos filhos se souberem onde eles andam e o que estão fazendo.

Os pais não devem relegar o ensino dos filhos ao acaso. Devem estar à testa do lar e da família, lembrando-se de que “a repreensão (dá) sabedoria, mas (a criança) entregue a si mesm(a) envergonha a sua mãe”. (Provérbios 29:15.) Tenho ouvido falar de pais que viajam muito por prazer, deixando os filhos adolescentes sem proteção paterna por longos períodos. Adolescentes desprotegidos podem permitir-se um “pecadinho” sem prever as possíveis conseqüências em termos de dor e desapontamento.

Um número excessivo de nossos jovens pensa que um pecado inconseqüente não é realmente errado porque será facilmente perdoado e esquecido. Vemos jovens culpados de pecados morais mas que não se preocupam muito porque esperam arrependem-se logo, achando que então tudo estará em ordem. A idéia de que algum pecado possa ser sem importância é errônea; ele sempre vem do demônio. “Eu, o Senhor, não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância.” (D&C 1:31.) Deveríamos acatar o conselho de Néfi quando diz:

“Muitos... dirão: Comei, bebei e diverti-vos; não obstante, temei a Deus — ele justificará a prática de pequenos pecados;... não haverá mal nisso... e, se acontecer estarmos culpados, Deus nos castigará com uns poucos açoites e, ao fim, seremos salvos no reino de Deus...”

Assim o diabo engana suas almas

e os conduz cuidadosamente ao inferno.” (2 Néfi 28:8, 21.)

Pedimos a vós, jovens, que dentro de poucos anos estareis para casar-vos, que vos lembreis de vossos futuros filhos. Pensai no que esses espíritos vos pediriam se pudessem falar-vos agora.

Os pais devem saber o que os filhos vêem na televisão e protegê-los de sua influência maligna. Devem dar o bom exemplo assistindo somente a programas edificantes e proveitosos, opondo-se aos que corrompem e degradam. Muita gente censura os espetáculos de televisão que apresentam o pecado e o mal como coisa normal e aceitável, e até preferível ao viver justo. Entretanto, são os espectadores que determinam os padrões das emissoras. As redes e emissoras oferecem os tipos de programa que a maioria do povo quer ver. O Sr. Frank Stanton, presidente emérito do Columbia Broadcast System, informou a uma audiência na Universidade Brigham Young que os padrões da televisão continuam a declinar por se basearem nos padrões da sociedade. Disse ele: “Os padrões vêm da audiência...; a audiência é quem determina a programação e o conteúdo dos programas.” E disse mais: “Acredito que haverá mais infrações com respeito à (imoralidade) e violência, e a situação vai piorar muito antes de melhorar devido aos padrões em alteração da sociedade.” (*The Daily Universe*, 2 de fevereiro de 1989, p. 1.)

Que triste comentário sobre nossa sociedade! Mais uma vez aprendemos um importante princípio do Livro de Mórmon. Ao propor que o povo fosse governado por juízes em lugar de reis, disse o Rei Mosiah: “É raro a voz do povo desejar algo em contrário ao que é direito;...”

E, se chegar o tempo em que a voz do povo escolha iniquidade, então virão os julgamentos de Deus sobre vós.” (Mosiah 29:26-27.) O tempo da iniquidade chegou uns seis anos depois e em diversas outras épocas. No livro de Helamã lemos que “o número dos que preferiam o mal era maior do que o dos que preferiam o bem”.

(Helamã 5:2.) Se os programas de televisão servirem de medida válida de nossa sociedade, os que preferem o mal são indubitavelmente mais numerosos do que os que preferem o bem.

Finalmente, sugiro que plantemos no coração a semente do testemunho, a firme, inabalável convicção da veracidade e divindade do evangelho que podemos compartilhar liberalmente com poder e persuasão. Humildes, fervorosos testemunhos prestados por insinuação do Espírito podem causar efeitos de amplas consequências.

O Presidente Benson prestou um desses testemunhos em outubro de 1959 ao visitar a Igreja Batista Central em Moscou, na Rússia, e foi convidado a falar. Mais tarde falou desse acontecimento como uma das experiências mais comoventes de sua vida. A igreja estava superlotada. Havia cerca de mil e quinhentas pessoas ávidas de saciar sua fome e sede espiritual, apesar de o governo desaconselhar qualquer religião. Ele então testificou: "Deus vive, eu sei que ele vive. Ele é o nosso Pai. Jesus Cristo, o Redentor do mundo, vela por esta terra... Não temais, guardai seus mandamentos, amai-vos uns aos outros, orai pela paz e tudo acabará bem." E, finalizando, falou: "Deixo-vos meu testemunho como um servo da Igreja há muitos anos, de que a verdade prevalecerá. O tempo está do lado da verdade. Deus vos abençoe e guarde todos os dias de vossa vida." Os presentes ficaram profundamente comovidos. Muitos choravam abertamente, inclusive um cínico jornalista e um jovem intérprete russo. A congregação se pôs a cantar "Deus Vos Guarde", agitando lenços em jubilosa gratidão e despedida quando ele e seus acompanhantes saíram da reunião. (Vide Ezra Taft Benson, *Cross Fire: the Eight Years with Eisenhower*, Garden City, N.Y.: Doubleday and Co., Inc., 1962, pp. 485-488.)

O testemunho do Presidente Benson exerceu profunda e duradoura impressão no ministro daquela igreja, Padre Alexander. Poucos anos mais tarde, esse



Élderes William R. Bradford, Angel Abrea, e Hartman Rector Jr, do Primeiro Quorum dos Setenta.

ministro confidenciou a um membro finlandês de nossa Igreja, irmã Irma Airto, que de todas as pessoas notáveis que visitaram a Igreja Batista e assinaram o livro de visitantes, Ezra Taft Benson fora o maior. O Presidente Benson esteve visitando a Rússia como alto oficial do governo norte-americano, mas o Padre Alexander reconheceu nele o grande líder espiritual, e disse à irmã Airto: "Quando encontrar o Sr. Benson, diga-lhe... que sabemos que é um homem de Deus, e que eu oro por ele." A irmã Airto jamais imaginou conhecer o Presidente Benson pessoalmente para transmitir-lhe a mensagem. Entretanto, quando ele visitou a Finlândia para organizar a Estaca Helsinki Finlândia em outubro de 1977, ela pôde dar-lhe a mensagem, fortalecendo o testemunho dela de que o Senhor dirige os acontecimentos.

Outro exemplo de consequências importantes de um testemunho inspirado é o do Profeta Abinádi. O testemunho que prestou ao chamar Noé, o rei apóstata e seus sacerdotes ao arrependimento é um dos discursos doutrinários mais significativos do Livro de Mórmon. O rei e seus sacerdotes, com exceção de um, rejeitaram os ensinamentos de Abinádi e decidiram matá-lo. Esse um foi Alma. Abinádi pode ter achado que falhou como missionário por

ter feito uma única conversão, pelo que consta do registro. Esse único converso, porém, Alma, e seus descendentes, foram líderes espirituais dos nefitas e lamanitas durante uns trezentos anos. Seu filho, Alma, tornou-se o primeiro juiz supremo do povo nefita e o sumo sacerdote da Igreja. Entre os outros descendentes de Alma que se destacaram como líderes religiosos contam-se seu neto Helamã; o bisneto Helamã; o trineto Néfi; e o tataraneto Néfi, que foi o principal discípulo de Jesus Cristo ressurreto. Todos eles uma decorrência da única conversão de Alma. (Vide Mosiah 18; e Daniel H. Ludlow, *A Companion to Your Study of the Book of Mormon*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1976, p. 187.)

Meus irmãos, presto-vos testemunho de que podemos plantar em nosso coração e em nossa mente as sementes que mencionei, e outras mais. Se as plantarmos e alimentarmos, podemos ser verdadeiros, fiéis e felizes a despeito da adversidade e das bofetadas de Satanás.

Testifico ainda que sei que nosso Pai Celestial ama todos os seus filhos, que Jesus Cristo é o nosso Senhor e Salvador e Redentor, que Joseph Smith é o Profeta da Restauração, e que o Presidente Ezra Taft Benson é o profeta atual. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

AGORA É A HORA

Élder Hugh W. Pincock
da Presidência do Quorum dos Setenta

“Está na hora de deixarmos de culpar outros, o governo, a Igreja ou nossa situação pelo que nos perturba. É hora de assumirmos a responsabilidade por nós mesmos.”



Irmãos, estamos vivendo numa época estranha. Ela tem sido chamada de era espacial ou da informática. Entretanto, parece-me ser a era de culpar tudo e todos por qualquer situação desfavorável. Culpamos nossos conhecidos, nossos pais, a Igreja, marido ou mulher, professores, vizinhos, o lugar onde vivemos ou até mesmo o clima por nossos problemas.

Isto está errado. Não é a maneira de Deus. Não faz parte de seu grande plano. Cada qual terá de enfrentar nosso Redentor *sozinho* e prestar contas de seus atos. Precisamos assumir responsabilidade por nossas ações. Diz Jacó: “Agora, meus queridos irmãos, ... de acordo com a *responsabilidade* que tenho para com Deus, de magnificar meu ofício com seriedade, ... venho ... declarar-vos a palavra de Deus.” (Jacó 2:2; grifo nosso.)

Pessoas desonestas, manipuladoras ou malvadas podem, naturalmente, causar-nos pesar e sofrimento. Acidentes

acontecem, capazes de causar terrível dor e, às vezes, invalidez permanente. Mas julgar, culpar e não perdoar sempre piora o problema, retardando a recuperação. Não é uma coisa responsável.

Por que haveríamos de exigir ou mesmo querer que outra pessoa nos dê o de que necessitamos se podemos obtê-lo sozinhos? Ensinava Léhi: “O Senhor Deus deixou, portanto, que o homem agisse por si mesmo.” (2 Néfi 2:16.)

Entretanto, pessoas demais esperam que o governo, a Igreja ou alguma outra instituição as mantenha. Por que não resolvemos assumir responsabilidade por nossos próprios atos e pensamentos? “Escolhei hoje a quem desejais servir.” (Alma 30:8; vide também Josué 24:15.)

É plenamente apropriado depender de outros em alguma coisa de que necessitamos. Não existe substituto para pais amorosos e que nos apóiam, líderes do sacerdócio e auxiliares, médicos competentes, professores dedicados e experientes mecânicos de carro. Pedir ajuda a tais pessoas não é errado. Errado é esperar que outros façam por nós o que podemos e devemos fazer sozinhos.

Ficamos entusiasmados quando membros afastados voltam à plena atividade. Achamos que, talvez, tivemos algo a ver com o fato — e, quem sabe, nosso amor e incentivo ajudaram um pouco. Mas foi a pessoa reativada quem assumiu a responsabilidade por sua salvação.

Um missionário poderia dizer: “Eu trouxe quinze pessoas para a Igreja.” Não, quinze de nossos irmãos e irmãs decidiram chegar-se a Cristo e, batizando-se, assumiram a *responsabilidade* por seu próprio

progresso espiritual. E preciso ensinar esse fato aos nossos conversos. Isto fará deles membros mais fortes.

Gostaria de compartilhar convosco alguns exemplos de responsabilidade assumida.

Para muitos de nós, Chuck Anderson é um herói todo especial. O irmão Anderson faleceu há um ano e dois meses, vitimado por uma doença muito rara, denominada *epidermalosis belosa*. Quando criança, onde quer que sua pele fosse tocada ela sangrava. Passado certo tempo, formava-se uma crosta na ferida. Camadas de algodão protegiam parcialmente suas mãos, pés e outras partes do corpo, mas não a ponto de evitar dores e a formação de crostas. Sua pele acabou tornando-se uma espécie de tecido sem nenhuma flexibilidade. Não podendo tocar o couro cabeludo, pentear os cabelos era muito difícil. Ele viveu até os vinte e seis anos, mas nunca em todos esses trezentos e doze meses teve um único dia livre de dores, crostas e ataduras, ou um dia em que pudesse correr e brincar como os outros.

Ele, porém, decidiu levar uma vida tão positiva e produtiva quanto possível. Tinha um maravilhoso senso de humor. Seu exemplo de coragem e independência, na medida do possível, beneficiou todos que o conheciam. Naturalmente seus maravilhosos pais, amigos, líderes da Igreja e professores fizeram o máximo possível, mas Chuck Anderson resolvera ser tão auto-suficiente quanto pudesse. Desejava desesperadamente cumprir missão, mas não podia realizá-la da forma habitual. Então o que fez? Cumpriu missão fazendo saber a todos que o conheciam que era um rapaz mórmon e que amava o Senhor. Dedicou esquecer-se de si mesmo e fazer o máximo ao seu alcance para mostrar-se corajoso, prestativo e edificar o próximo.

Outro exemplo: Na primavera passada, um grupo de colegiais encontrava-se numa aula do seminário vigiando seus relógios de pulso na esperança de que terminasse logo. Não prestavam atenção ao que se passava na classe.

Estavam rindo, brincando e passando bilhetinhos.

Então apareceu a imagem do Presidente Benson na tela de televisão que deveriam estar observando. Ele falava a respeito do Livro de Mórmon. A zoeira continuou. De repente, uma jovem levantou-se, dirigiu-se à frente da sala e disse meio temerosa, ao desligar o vídeo: "Ele é o nosso profeta. Ele fala com o Pai Celestial. Está-nos falando sobre o Livro de Mórmon e nós deveríamos ouvi-lo."

Subitamente, todos os olhos estavam voltados para a tela quando a adorável jovem voltou a ligar a televisão e retornou em silêncio para seu lugar.

Conversando com o professor do seminário uma ou duas semanas mais tarde, ele comentou: "Em todos esses anos que venho lecionando, nunca vi uma classe mais reverente, mais concentrada nas coisas que importam, do que no dia em que aquela jovem foi à frente da sala e disse que deveriam ouvir o profeta. Ela o fez por iniciativa própria. Não esperou que outra pessoa o fizesse."

Meses atrás, depois de embarcarem num avião com destino para Phoenix, Arizona, os passageiros acabaram retidos em terra devido a um nevoeiro. Enquanto esperávamos, a porta do avião foi aberta diversas vezes para outros embarcarem, embora já passasse mais de meia hora do horário de sua partida.

Um adolescente ocupou o assento vago ao meu lado. Pouco depois, lançou-me um olhar e indagou:

— Olá, o senhor é mórmon?

Respondi que sim e indaguei por que perguntara.

— É que me filiei à Igreja meses atrás, mas agora não sei mais se acredito nela.

Conversamos sobre o evangelho. Prestei-lhe testemunho. Trocamos idéias sobre muitas coisas relacionadas à Igreja e com a vida. Nesse meio tempo, o avião partira da Cidade do Lago Salgado e dirigia-se para o sul.

Esse excelente jovem que queria confirmar e fortalecer seu testemunho, estava disposto a fazer



Presidente Ezra Taft Benson e seus conselheiros Thomas S. Monson e Gordon B. Hinckley conversam com alguns membros do Quorum dos Doze.

algo a respeito. Agora nos correspondemos. Pensando nele, lembro-me de um moço extraordinário procurando a verdade, necessitando de um pouco de confirmação e esforço pessoal. Ele assumiu sua responsabilidade.

Em toda ala ou ramo pelo mundo afora há quem pergunte: "É verdade?" ou indaga: "Como posso melhorar minha vida?" A nós cabe ajudá-los, mas palmilhar a senda que fortalecerá o testemunho e modificará a vida é responsabilidade só deles.

Gostaria de conversar convosco sobre esse assunto. Como isso acontece? Quais são os passos? O que devo fazer para que meu testemunho do Evangelho de Jesus Cristo se fortaleça e minha vida se modifique para melhor?

Primeiro, deveis querer mudar de todo o coração; assumir a responsabilidade de fazer o que quer que seja necessário para ser diferente.

Segundo, fazei conforme mandou nosso profeta e lede as escrituras. Concentrai-vos nas palavras do Mestre expressas nos escritos de Néfi, Moisés, Paulo, Lucas, Joseph Smith e outros profetas. Muitas vezes, quando os dias são sombrios e os tempos difíceis, recorrer às

escrituras proverá a força e a confirmação que, geralmente não conseguimos de nenhuma outra maneira. Para que o testemunho e a personalidade fiquem mais fortes, é preciso haver aplicação pessoal.

Terceiro, vivei os mandamentos. Quando não vivemos da maneira como o Pai nos aconselha, passamos a lutar com um testemunho enfraquecido e conhecimento diminuído da veracidade de seu plano. Ninguém pode arrepender-se por nós. *É uma coisa que temos de fazer sozinhos.*

Obviamente todos cometem erros. Gostaria de falar-vos de uma encantadora jovem que me visitou em meu escritório. Estava desanimada, quase que deprimida. Adorava sua profissão de professora, mas achava que sua vida não levava a nada. Para complicar o problema, seu testemunho se fora e faltava-lhe aquela centelha que todos seus conhecidos sabiam que era parte de sua personalidade vibrante.

— Vou perguntar-lhe uma coisa — avisei — mas não quero pormenores. Está vivendo os mandamentos?

— Não — respondeu-me sussurrando.

Perguntei-lhe se procuraria o



Elderes Robert L. Simpson, Jack H. Goasland e Paul H. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta.

bispo. Conversamos igualmente sobre o testemunho e sobre como alguém que vive os mandamentos recebe bênçãos do Espírito que não podem ser obtidas de nenhuma outra maneira.

Ela saiu do meu escritório aparentemente tão desanimada como chegara. Mas passado algum tempo, talvez um mês, soou o telefone. Era ela contando que tudo estava bem.

— O que quer dizer? — perguntei.

— Bem, fui conversar com o bispo. Agora estou vivendo os mandamentos, e sim, o evangelho é verdadeiro. Eu o consegui por mim mesma — concluiu.

— Ninguém mais poderia tê-lo conseguido — respondi.

Pensai só nos dias, semanas, meses e anos desperdiçados por pessoas que esperam que alguém mais assuma a responsabilidade por suas necessidades. É simplesmente impossível. Deus, lá nos céus, não fará por nós o que podemos e devemos fazer sozinhos.

Quarto, cabe a todos nós o dever de ajudar os outros quando realmente não conseguem carregar o fardo sozinhos. Esta é a essência do serviço cristão. Lembrai-vos,

porém, que fazer pelos outros o que deveriam fazer sozinhos, será prejudicial para eles e os atrofiará.

Esses quatro passos ajudarão a nos tornarmos “um” com o Salvador. Será que percebemos claramente que Jesus deve ser o centro de nossa vida? Ninguém mais além do Salvador pode salvar-nos, e esse relacionamento é sempre pessoal. Nós o procuramos sozinhos. É só assim que ele nos aceita.

Não existe outra maneira.

As revistas, livros de lições e videotapes de nossa Igreja jamais suprirão tudo de que necessitamos para resolver um problema, preparar uma aula ou encontrar um novo rumo na vida. Esses recursos continuam sendo proveitosos, mas todos eles juntos jamais serão tão completos ou poderosos como as escrituras. E incidentalmente, não confiemos demais no que outros dizem que o Senhor está falando nas obras-padrão. Procuremos sabê-lo consultando direta e pessoalmente essas sagradas páginas.

Nós gostamos de nossas capelas nas quais adoramos no domingo, jogamos voleibol na quarta-feira e nos encontramos em outros dias

conforme exigem nossas designações. Elas são bem projetadas e quase sempre muito bem conservadas, mas não substituem o lar, e jamais o farão. Mesmo onde não existem capelas, sempre haverá um local onde as pessoas de bem podem reunir-se, participar do sacramento e adorar o Pai Celeste.

As evidências mostram que ter menos é freqüentemente melhor. Auxílios didáticos feitos em casa, aulas e atividades para a noite familiar imaginados por pais e filhos, e exemplos que se amoldam às escrituras, às palavras das Autoridades Gerais e à própria cultura são muitas vezes mais proveitosos do que materiais adquiridos.

Não condeneis o bom senso, nem esqueçais a inspiração que podereis receber para prover exemplos para a adoração familiar, aula de Doutrina do Evangelho ou outras designações da Igreja.

Quantas vezes ouvimos uma criança dizer “Deixa que eu faço” quando um adulto bem intencionado quer ajudar demais.

Ainda vos lembrais de quando fizestes um apito de ramo de salgueiro e ele funcionou melhor que um da loja?

Quanta coisa perdemos quando nos limitamos a assistir a um vídeo alugado, um programa de televisão ou alguma outra forma de diversão acondicionada. Podemos perder o crescimento e o prazer de brincar de pega-pega com uma criança, caminhar com um vizinho, fazer um simples desenho, cantar com um amigo, ou buscar a verdade pura num gasto exemplar do Livro de Mórmon.

O que está acontecendo conosco? Por que dependemos tanto dos outros com respeito a nossas opiniões, rumos, atividades e até mesmo nosso vocabulário?

É hora de dizer: “Ó! parado. Quero assumir responsabilidade pessoal por meus atos.” Está em tempo de deixarmos de culpar outros, o governo, a Igreja ou nossa situação pelo que nos perturba.

É hora de assumirmos responsabilidade por nós mesmos.

Destas coisas eu testifico, em nome de Jesus Cristo. Amém.

PROCLAMAI O MEU EVANGELHO

Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Três são as mensagens de maior impacto sobre os possíveis interessados no evangelho: O propósito da vida, o conceito de família eterna e o testemunho de nosso Senhor e Salvador.”



No livro de I Pedro, encontramos este conselho: “Antes santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós.” (I Pedro 3:15.)

Vivemos uma época muito empolgante na história da humanidade. Nunca foi maior o potencial de proclamar o evangelho aos povos do mundo. Estabelecemos estacas de Sião em muitas terras. Capelas bem construídas e conservadas tornam o serviço de adoração convidativo a todos os participantes. Líderes do sacerdócio estão aprendendo a ministrar ao povo e edificar a fé no evangelho de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. O Livro de Mórmon foi traduzido para muitos

idiomas, tornando essa grandiosa base doutrinal escriturística acessível a um número muito maior de filhos do Pai Celestial, abrindo-lhes o caminho para entenderem as bênçãos decorrentes da vivência da lei do Senhor.

A tecnologia beneficiou a humanidade com meios de ensino e comunicação. Templos foram construídos em muitas nações, dando acesso às ordenanças salvadoras a milhões de filhos de nosso Pai Celestial. Como é emocionante viver nesta época grandiosa e ser chamado a trabalhar nessa grande obra em que estamos empenhados, e dela prestar testemunho!

Resta, porém, tanto mais a fazer! A maior parte da população do mundo encontra-se ainda à espera da mensagem do evangelho. Beneficiado com um firme alicerce e um mundo preparado como nunca para receber essa mensagem, este é sem dúvida o tempo para aceitar as palavras de nosso profeta, o Presidente Benson:

“Deus nos mandou levar este evangelho ao mundo inteiro. Esta é a causa que nos deve unir hoje. Só o evangelho salvará o mundo da calamidade de sua própria autodestruição. Só o evangelho unirá em paz os homens de todas as raças e nacionalidades. Só o evangelho trará alegria, felicidade e salvação à família humana.”

(*Teachings of Ezra Taft Benson*, Salt Lake City: Bookcraft, 1988, p. 167.)

A obra progride na razão direta ao número de mensageiros que temos proclamando as boas-novas.

No ano passado tivemos o maior número de missionários de tempo integral servindo em muitos países durante toda a história da Igreja. No ano passado tivemos igualmente a maior safra de conversos batizados. Isto é gratificante mas, oh!, tão distante ainda de nosso potencial. Muitos de nossos rapazes, moças e casais continuam não atendendo ao chamado do profeta para servir.

Embora estejamos ouvindo a declaração dos profetas há décadas: “Cada membro um missionário”, ainda apenas uma pequena porcentagem dos membros da Igreja ajudam ativamente os missionários de estaca e de tempo integral em nossa responsabilidade de proclamar o evangelho ao mundo.

Por que relutamos tanto em captar o espírito dessa obra? Acredito que basicamente por duas razões.

Primeiro, temos medo de ofender; não conseguimos, porém, encontrar justificativa para tal temor. Na verdade, a experiência confirma que o processo membro-missionário costuma aprofundar nosso relacionamento com os amigos.

Segundo, acredito que não nos preparamos para ser bons mensageiros. Os membros da Igreja em geral, parecem encontrar-se na mesma posição em que me vi como missionário de tempo integral há muitos anos. Naquela época, recebíamos pouca instrução para nos desincumbirmos dessa responsabilidade. Chegando ao campo missionário, foi-me designado um companheiro igualmente novato no campo. Ele desejava sinceramente iniciar o trabalho que lhe fora designado. Quase que imediatamente quis que saísse com ele para bater de porta em porta. Nunca me esquecerei de nossa primeira tentativa. Ao nos aproximarmos da casa escolhida, perguntei-lhe: — O que devo fazer?

Sua resposta deixou-me perplexo: — Não sei. Nunca fiz isso antes.

Como é diferente o treinamento dos missionários de tempo integral que nos servem hoje! Precisamos estar mais à altura deles se quisermos cumprir nossas responsabilidades de membro-



Élderes Loren C. Dunn, Jacob de Jager, do Primeiro Quorum dos Setenta, Élder Lloyd P. George, do Segundo Quorum dos Setenta e Elder Ted E. Brewerton, do Primeiro Quorum dos Setenta.

-missionário.

A experiência ensina que são três as mensagens de maior impacto sobre os possíveis interessados no evangelho. Talvez nos sirvam de ponto de partida para nossa preparação como melhores mensageiros.

A primeira é o propósito da vida. Se vivêssemos somente aqui e a morte fosse o término de nossa existência, não haveria muito com que nos preocupar. Mas estudando os escritos dos santos profetas desde o princípio, logo descobriremos que o homem é um ser dual, possuidor de corpo e espírito. O propósito primordial da vida terrena é permitir que nosso espírito, que já existia antes da criação do mundo, se una ao corpo para um tempo de grandes oportunidades na mortalidade. A associação dos dois nos dá o privilégio de crescimento, desenvolvimento e amadurecimento só possível com a união de espírito e corpo. Com o corpo, passamos por certo número de provas durante o chamado estado probatório de nossa existência. Este é o tempo concedido para aprendermos e nos provarmos merecedores das oportunidades eternas. É tudo parte do plano divino de nosso Pai

para seus filhos.

Sim, todos nós desejamos conhecer o propósito de nossa criação, e as oportunidades e limitações decorrentes de nossa provação mortal. A resposta para todas essas questões encontra-se no Evangelho de Jesus Cristo.

Devemos estar preparados para proclamar essa emocionante mensagem aos que buscam a verdade.

Eu poderia sugerir que estudemos juntos as escrituras, em família, visando especificamente aprofundar o entendimento do propósito da vida? Talvez possais pedir emprestado à biblioteca da capela um vídeo ou cassete intitulado *O Plano de Nosso Pai Celestial* para apresentá-lo durante uma noite familiar. Compreendendo melhor de onde vieram, por que estão aqui e para onde vão, os familiares estarão mais equipados para compartilhar esse conhecimento fundamental a respeito da vida com aqueles que estão buscando sinceramente tais respostas.

A segunda mensagem aos que gostariam de saber mais a respeito do evangelho é o conceito de família eterna. Desde o princípio o Senhor ensinou a importância da família a Adão e Eva. Dizem as

escrituras: "Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne. (Gênesis 2:24.)

O plano de Deus é unir toda sua família eterna por meio da sagrada união de marido e mulher que perdura além da morte. Ao marido e à esposa é dada a responsabilidade de trazer filhos ao mundo, e ensinar-lhes quem são, e qual a sua parte nesse divino plano de nosso Pai Celeste.

Aos pais cabe a gloriosa oportunidade de ser a mais poderosa influência, acima e além de qualquer outra, sobre as vidas novas que abençoarão seu lar. Olhai à vossa volta e logo verificareis que a maior alegria desta vida, e a mais confortante esperança para as eternidades vindouras, encontra-se na formação de unidades familiares eternas. Não importa se somos casados ou não, nós fazemos parte de uma família que pode ser eterna.

Podemos observar também o sofrimento causado à sociedade quando treinamento e cuidado adequado não são aplicados no lar por pais e mães dignos.

Mais uma vez incentivamos as famílias a estudarem as escrituras referentes à natureza eterna da família, a fim de que sejam exemplos vivos da alegria que pode existir no mundo como resultado da devoção a esse princípio eterno. Temos ainda outro vídeo ou cassete intitulado *Together Forever**, que poderíeis apresentar em uma noite familiar, e que deve estar igualmente disponível na biblioteca da capela.

A terceira mensagem é o testemunho de nosso Senhor e Salvador. Nós declaramos ao mundo que Jesus é o Cristo. Condenamos a doutrina de que é um mito ou criação de homens conspiradores no mundo. Denunciamos o conceito de que foi apenas um grande mestre. Testificamos da divindade de Jesus de Nazaré, de que é o Filho de Deus, o Salvador do mundo. Proclamamos que dispomos de mais uma testemunha dessa divina verdade, como contida no Livro de

* *Juntos para Sempre*, não vertido para o português. N do T.

Mórmon.

Devemos aprimorar como uma de nossas técnicas de ensino a apresentação da veracidade desse livro como mais uma testemunha confiável, íntegra da missão de nosso Senhor e Salvador. Devemos conhecer sua história e conteúdo. Consideremos, por exemplo, o milagre da tradução do Livro de Mórmon pelo Profeta Joseph Smith, tendo Oliver Cowdery como escrevente.

Após o extravio das cento e dezesseis páginas, quando Martin Harris teve permissão de levá-las para casa, o verdadeiro trabalho de tradução iniciou-se a 7 de abril de 1829, dois dias depois de Oliver Cowdery chegar a Harmony, Pensilvânia, para servir como escrevente do Profeta. No dia 15 de maio, cinco semanas mais tarde, chegavam ao relato do ministério do Salvador aos nefitas, contido no capítulo onze de 3 Néfi.

Aos onze dias de junho, haviam traduzido as últimas placas de Mórmon, no mesmo dia em que o Profeta requereu o registro do direito autoral. No dia 30 de junho o livro estava terminado — do princípio ao fim, não mais que oitenta e cinco dias de tradução. Com tudo o que ocorreu nesses oitenta e cinco dias, é evidente que a tradução propriamente dita não pode ter ocupado mais de sessenta a sessenta e cinco dias.

Lembra-vos de que durante esse tempo, o Profeta mudou-se de Harmony para Fayette, fez diversas viagens em busca de provisões, recebeu e registrou treze seções de Doutrina e Convênios, restaurou o Sacerdócio Aarônico e o de Melquisedeque, converteu e batizou diversas pessoas e assim por diante. Não tiveram tempo de consultar bibliotecas a fim de estudar o conteúdo. Não houve tempo para revisar ou aprimorar, nenhum tempo para a verificação de datas ou intervalos e pormenores. O texto formou-se à medida que Oliver ia registrando, dia após dia, sem interrupção, as palavras conforme pronunciadas pela boca do Profeta.

Que feito assombroso! O texto tomou a forma definitiva de pronto, ditado e mantido como



Elder Adney Y. Komatsu, do Primeiro Quorum dos Setenta, cumprimenta três visitantes.

estava com apenas ligeiras alterações estilísticas até o dia de hoje. Não é um simples livro rascunhado segundo o que brotou da cabeça de um jovem, mas reflete o melhor de um milênio de colonização e inspiração. À rapidez da tradução soma-se o fato assombroso de que o Profeta Joseph Smith o fazia de uma língua desconhecida na qual não tinha nenhum estudo, além de não existir ninguém a quem pudesse recorrer em busca de orientação e auxílio.

O Livro de Mórmon denota ser a história sagrada dos antigos habitantes da América. Ensina a fé em Cristo e exorta vigorosamente à obediência à sua vontade; testifica igualmente da divindade de Jesus de Nazaré, de que é Filho de Deus, o Salvador do mundo. Nós, membros da Igreja, podemos, sem dúvida, preparar-nos como mestres capacitados dessa segunda testemunha, o Livro de Mórmon, e do que ele tem para dar ao mundo da missão de nosso Senhor e Salvador.

Como abordamos um amigo que necessita da luz e vida do evangelho? Sendo um bom exemplo! Desenvolvi uma significativa e sincera relação de amizade. Interessai-vos

genuinamente pelo que vosso amigo pensa, sente e conhece a respeito de nosso Pai Eterno, do sentido da vida, da razão de existirem famílias e da missão de nosso Salvador. Gozai de uma experiência edificante escutando vossos amigos. Depois, conforme disse o Presidente Kimball certa vez: "Temos dupla responsabilidade: precisamos testificar a respeito das coisas que sabemos, sentimos e temos sentido, e temos que viver de modo a ser merecedores da companhia do Espírito Santo, para que ele, com seu poder, faça nossas palavras ficarem gravadas no coração do pesquisador." ("Todo o Que For Prevenido...", *A Liahona*, novembro de 1977, pp. 2-3.)

A única esperança que encontro neste mundo conturbado é dispor dos padrões pelos quais nossa vida é governada, firmemente fundamentados no evangelho de nosso Senhor e Salvador.

Que cada um de nós esteja preparado e tenha a coragem de compartilhar este que é o maior de todos os dons que o Senhor concedeu a seus filhos. Testifico a veracidade de sua mensagem em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

TU ÉS O DEUS QUE FAZES MARAVILHAS

Presidente Howard W. Hunter
Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos

“O Filho ressurreto de Deus é o maior de todos os milagres. É, de fato, o milagre dos milagres, e disto deu provas todos os dias de sua vida. Devemos procurar segui-lo nesse exemplo.”



Aqui no Hemisfério Norte, estamos desfrutando essa maravilhosa, impetuosa estação do ano, um dos grandes, repetidos milagres da natureza — o renascimento e a renovação da terra que chamamos de primavera. Talvez ainda sobre alguns poucos dias de inverno, mas o sol já iniciou seu retorno primaveril, flores e árvores soltam seus botões e brotos, e o solo cobre-se de exuberante verde.

Quão significativo que uma semana atrás, toda a cristandade haja celebrado no dia da Páscoa a grandiosa ressurreição restauradora e renovadora do Senhor Jesus Cristo, proclamando toda a alegria e eterna promessa que o evento reserva à humanidade. Convosco, saúdo esta estação do ano que nos recorda que Deus é um Deus de milagres, que seu Filho Unigênito é

a “ressurreição e a vida; quem (nele) crê..., ainda que esteja morto, viverá”. (João 11:25.)

Nesta bela época do ano, lembramo-nos de que a morte não tem agulhão, nem a sepultura, domínio. Testifico que depois de cada inverno vem o milagre da primavera — em nossa jornada pessoal pela vida assim como na natureza. As restaurações e renovações são uma dádiva do Senhor Jesus Cristo, o supremo “homem para todas as estações”. Gostaria de falar a respeito de alguns desses momentos divinos em nossa vida, em que o Salvador estende a mão para nos redimir e sanar e fortalecer.

Diz o salmista:

“Clamei ao Senhor com a minha voz... e ele inclinou para mim os ouvidos...”

E eu disse: Isto é enfermidade minha; e logo me lembrei dos anos da destra do Altíssimo...

Tu és o Deus que fazes maravilhas: tu fizeste notória a tua força entre os povos.” (Salmos 77:1, 10, 14.)

Entre os sinais da verdadeira Igreja, e incluídos nas evidências da obra de Deus no mundo, encontram-se as manifestações de seu poder que não conseguimos explicar nem entender plenamente. Nas escrituras, essas divinas ações e bênçãos especiais são mencionadas variadamente como milagres, ou sinais, ou maravilhas ou prodígios.

Compreensivelmente, esses sinais e prodígios tiveram sua maior evidência na vida e no ministério de Jesus Cristo, o Filho literal do

próprio Deus. Por mais assombrosos e maravilhosos, porém, os muitos milagres de Cristo foram só reflexos das maravilhas maiores realizadas por seu Pai antes dele, e que continuam acontecendo ao nosso redor. Na verdade, o humilde desempenho de tais atos, obviamente divinos, da parte do Salvador, podem bem ser uma aplicação muito especial destas suas declarações:

“O Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente” (João 5:19); e: “Nada faço por mim mesmo; mas ... como o Pai me ensinou.” (João 8:28.)

Por exemplo, o primeiro milagre de Jesus registrado em o Novo Testamento foi a transformação de água em vinho no casamento de Caná. (Vide João 2:1-11.) mas realmente uma coisa insignificante a feitura de vinho nas talhas de pedra, se comparada à criação original na beleza da vinha e abundância das sumarentas uvas. Ninguém pôde explicar o milagre na festa de casamento, como também ninguém consegue explicar o milagre diário do esplendor do próprio vinhedo.

É certamente extraordinário testemunhar a recuperação da audição de um surdo. Mas essa grande bênção não é, sem dúvida, mais assombrosa que a maravilhosa combinação de ossos, pele e nervos que permitem ao nosso ouvido captar o maravilhoso mundo dos sons. Não deveríamos encarar a bênção da audição com reverente assombro e dar glória a Deus por esse milagre, exatamente como fazemos quando é restaurada depois de perda?

Não se dá o mesmo com a recuperação da visão ou da fala, ou até mesmo do milagre supremo — a restauração da vida? As criações originais do Pai constituem verdadeiramente um mundo repleto de prodígios. Não é o maior dos milagres o fato de termos vida e membros e visão e fala em primeiro lugar? Sim, sempre haverá uma porção de milagres se tivermos olhos para ver, e ouvidos para ouvir.

Apenas outro lembrete. Assim



Ao centro, o Templo de Lago Salgado e à direita o edifício dos Escritórios da Igreja. A esquerda, o antigo Hotel Utah, que deverá ser convertido em escritórios e dependências para reuniões.

que começamos a reconhecer as muitas miraculosas e benditas manifestações de Deus e Cristo em nossa vida — a variedade cotidiana, bem como a visão restaurada do cego e a audição recuperada do surdo — ficaremos, é provável, sinceramente perplexos com os inexplicáveis princípios e processos que produzem tais milagres.

Na contemplação de milagres, “devemos necessariamente reconhecer a operação de um poder que transcende a nossa atual percepção humana”, dizia o Dr. James E. Talmage que, como cientista e também apóstolo do Senhor, era altamente qualificado para examinar tais fenômenos. (Vide *Jesus o Cristo*, p. 144.) “A ciência e o intelecto humano desassistido”, diz ele, “ainda não avançaram o suficiente para analisar e explicar essas maravilhas”. Entretanto, adverte ele, “negar a realidade dos milagres alegando que os resultados e manifestações *devem* ser fictícios simplesmente por não conseguirmos compreender como se processam, é mera arrogância”. (Vide *Jesus o Cristo*, p. 144.) De fato, os próprios beneficiários desses milagres são as testemunhas mais convincentes. É difícil argumentar contra resultados.

Considerai este simples porém

notável relato do ministério do Salvador, para tornar visíveis as obras de Deus na vida do homem.

Num sábado, Jesus untou os olhos de um cego de nascença e restituiu-lhe a visão — uma manifestação assombrosa e inspiradora. Infelizmente, alguns que dela tiveram notícia não se alegraram com o fato de um dos cidadãos locais haver recuperado a visão.

“Então alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus; pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles”, contam-nos as escrituras. (João 9:16.)

Com tal controvérsia entre eles, esse grupo fez uma coisa muito inteligente — pediu a opinião do homem curado. “Tu que dizes daquele que te abriu os olhos?” perguntaram, e ficaram à espera da resposta. (João 9:17.)

Ao falar, o ex-cego sem dúvida olhou-os diretamente nos olhos (um novo e precioso privilégio), e disse simplesmente: “Que é profeta.” (João 9:17.)

Mas essa era uma resposta inquietante. Após muita discussão, inclusive uma conversa com os pais do homem, os fariseus resolveram reconhecer que de fato houvera um milagre e que poderia ter vindo de

Deus, mas que o ex-cego deveria negar qualquer participação de Cristo no acontecido.

“Chamaram, pois, pela segunda vez o homem que tinha sido cego, e disseram-lhe: Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem (Jesus) é pecador.” (João 9:24.)

Não embaraçado por teoria ou lei, o homem respondeu pausadamente, para que todos ouvissem: “Se (Jesus) é pecador não sei: uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo.” (João 9:25.)

Os fariseus, totalmente frustrados e incapazes de rebater o grande e inegável fato, expulsaram-no de sua presença. Segue-se então a comovente conclusão de um caso de visão restaurada e luz maior:

“Jesus ouviu que o tinham expulsado, e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus?”

Ele respondeu e disse: Quem é ele, Senhor, para que nele creia?

E Jesus lhe disse: Tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo.

Ele disse: Creio, Senhor. E o adorou.” (João 9:35-38.)

Assim, foi-lhe dada *dupla* visão — uma vez para curar um defeito de nascença e a outra para contemplar o Rei dos Reis antes de ele subir ao seu trono eterno. Jesus vivificara-lhe tanto a visão temporal como a espiritual. Lançara sua luz no

escuro e esse homem, como tantos outros de sua época como na nossa, aceitou a luz e passou a enxergar.

O Presidente Spencer W. Kimball ensinou-nos com um livro intitulado *Faith Precedes the Miracle**. Mas há, é lógico, um aumento de fé que deve seguir o milagre. Em virtude dos muitos milagres em nossa vida, devemos ser mais humildes e gratos, mais bondosos e mais crentes. Quando testemunhamos pessoalmente esses prodígios realizados por Deus, deve crescer nosso respeito e amor a ele; deve melhorar nossa maneira de agir. Lembrando-nos disso, nossa vida será melhor e o amor maior. Somos milagres por direito próprio, cada um de nós, e o Filho ressurreto de Deus é o maior de todos os milagres. Ele é, de fato, o milagre dos milagres, e disto deu provas todos os dias de sua vida. Devemos procurar segui-lo nesse exemplo.

Morôni cita palavras do pai no Livro de Mórmon:

“Por conseguinte, meus amados irmãos, terão cessado os milagres porque Cristo subiu aos céus?... Terão cessado os dias dos milagres? (Morôni 7:27, 35.)

“Eis que vos digo que não; tampouco deixaram os anjos de ministrar aos filhos dos homens... (nem o farão) enquanto durar o tempo, enquanto subsistir a terra e houver no mundo um homem para ser salvo.” (Morôni 7:29, 36.)

Testifico-vos da bondade de Deus e do poder de Cristo, e do privilégio dado aos apóstolos. Sei que Pedro e João tomaram o coxo pela mão e, em nome de Jeus Cristo de Nazaré, ordenaram-lhe que se levantasse e andasse — e ele andou. (Vide Atos 3:1-11.) Testifico da restauração do evangelho nestes últimos dias e dos poderes do sacerdócio que tornam possíveis os muitos milagres modernos de nossa dispensação.

Digo de nosso Pai como disse o Salmista: “Tu és o Deus que fazes maravilhas: tu fizeste notória a tua força entre os povos.” (Salmos 77:14.) No sagrado nome de Jeus Cristo. Amém.

* *A Fé Precede o Milagre*, não traduzido para o português. N. do T.

SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO
1º de abril de 1989

APOIO DOS OFICIAIS DA IGREJA

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência



Meus irmãos, a pedido do Presidente Benson, apresento-vos agora as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja para o voto de apoio.

É proposto que apoiemos o Presidente Ezra Taft Benson como profeta, vidente e revelador, e presidente de A Igreja de Jeus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Gordon B. Hinckley como primeiro conselheiro na Primeira Presidência; e Thomas S. Monson como segundo conselheiro na Primeira Presidência.

Os que forem a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõem, manifestem-se.

É proposto que apoiemos o Presidente Howard W. Hunter como Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos, e como membros desse quorum: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russel M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin e Richard G. Scott.

Os que forem a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõem, pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os doze apóstolos como profetas, videntes e reveladores.

Todos a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõem, se houver alguém, pelo mesmo sinal.

Com o rápido crescimento da Igreja, a Primeira Presidência e o Quorum dos Doze decidiram que chegou a hora de adotar novas medidas para atender à expansão e regulamentação da Igreja. Anunciamos, portanto, a organização, do Segundo Quorum dos Setenta, com efetivação imediata.

Inicialmente, o Segundo Quorum dos Setenta será composto das Autoridades Gerais que cumprem atualmente um chamado de cinco anos. Outros irmãos serão agregados ao Segundo Quorum dos Setenta de tempos em tempos, servindo igualmente como setentas e Autoridades Gerais durante cinco anos.

O Primeiro Quorum dos Setenta manterá praticamente sua organização atual, com seus membros sendo chamados do Segundo Quorum dos Setenta ou do sacerdócio em geral.

É proposto que apoiemos como Presidentes dos Setenta, os Élderes Dean L. Larsen, Marion D. Hanks, Wm. Grant Bangerter, Robert L. Backman, Hugh W. Pinnock, James M. Paramore e J. Richard Clarke.

Os que forem a favor, queiram manifestar-se. Alguém se opõe?

É proposto que apoiemos como membros do Primeiro Quorum dos Setenta: Élderes Theodore M. Burton, Paul H. Dunn, Hartman Rec-tor Jr, Loren C. Dunn, Robert L. Simpson, Rex D. Pinegar, J. Thomas Fyans, Adney Y. Komatsu, Gene R. Cook, Charles Didier,

William R. Bradford, George P. Lee, Carlos E. Asay, John H. Groberg, Jacob de Jager, Vaughn J. Featherstone, Royden G. Derrick, Robert E. Wells, F. Enzo Busche, Yoshihiko Kikuchi, Ronald E. Poelman, Derek A. Cuthbert, Rex C. Reeve, F. Burton Howard, Ted E. Brewerton, Jack H. Goasland, Angel Abrea, John K. Carmack, Victor L. Brown, H. Burke Peterson e Hans B. Ringger.

Como membros adicionais do Primeiro Quorum dos Setenta: Joe J. Christensen, W. Eugene Hansen, Jeffrey R. Holland e Marlin K. Jensen.

É proposto que apoiemos os irmãos a seguir, como membros do Segundo Quorum dos Setenta, os quais servirão pelo período de cinco anos a contar de seu chamado inicial: Russell C. Taylor, Robert B. Harbertson, Devere Harris, Spencer H. Osborn, Philip T. Sonntag, John Sonnenberg, F. Arthur Kay, Keith W. Wilcox, Waldo P. Call, Hélio da Rocha Camargo, H. Verlan Andersen, George I. Cannon, Francis M. Gibbons, Gardner H. Russell, George R. Hill, III, John R. Lasater, Douglas J. Martin, Alexander B. Morrison, L. Aldin Porter, Glen L. Rudd, Douglas H. Smith, Lynn A. Sorensen, Robert E. Sackley, L. Lionel Kendrick, Monte J. Brough, Albert Choules Jr, Lloyd P. George e Gerald E. Melchin.

Como membros adicionais do Segundo Quorum dos Setenta foram chamados e estão sendo apresentados nesta conferência: Carlos H. Amado, Benjamin B. Banks, Spencer J. Condie, F. Melvin Hammond, Malcolm S. Jeppsen, Richard P. Lindsay, Merlin R. Lybbert e Horacio A. Tenorio.

Os que forem a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõe, se houver, pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos as demais Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja como presentemente constituídos.

Os que estiverem a favor, queiram manifestar-se. Os que se opõem, pelo mesmo sinal.

Presidente Benson, parece-me que os votos positivos foram unânimes.

Convidamos os recém-apoiados membros dos Setenta a ocuparem seus lugares junto ao púlpito.

RELATÓRIO DO COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA

Apresentado por Wilford G. Edling
Encarregado do Comitê de Auditoria

A Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Com o propósito de avaliar a adequação dos controles sobre os recebimentos e despesas dos fundos gerais da Igreja e organizações que controla, verificamos o sistema de orçamento, contabilização e auditoria, e os extratos financeiros da Igreja relativos ao ano findo em 31 de dezembro de 1988, e a forma de recebimento de fundos e controle de despesas.

O dispêndio dos fundos gerais da Igreja para o ano foi autorizado pelo Conselho de Disposição de Dízimos, compostos da Primeira Presidência, Conselho dos Doze e Bispado Presidente, segundo o prescrito pela revelação do Senhor. O Comitê de Apropriações administra, em reuniões semanais, as maiores despesas orçamentárias.

A contabilização dos fundos gerais da Igreja é a realizada por seu Departamento de Finanças e Registros, que emprega tecnologia e equipamentos de contabilidade modernos para fazer frente à rápida expansão e atividades diversificadas da Igreja.

O Departamento de Auditoria, cujo quadro é composto de contadores credenciados e auditores igualmente qualificados, independe de todos os demais departamentos, realiza auditorias financeiras, operacionais e dos sistemas de computação empregados pela Igreja. Esses

serviços de auditoria são executados em caráter contínuo e abrangem os departamentos da Igreja e outras organizações por ela controladas em operações mundiais, incluindo missões, escolas, escritórios administrativos e atividades departamentais.

As auditorias dos fundos locais de alas e estacas fica a cargo de auditores de estaca. Os procedimentos são prescritos e os relatórios de auditoria examinados pelo Departamento de Auditoria da Igreja. Negócios incorporados controlados pela Igreja ou de sua propriedade, cujas contas não são mantidas pelo Departamento de Finanças e Registros, são verificados por empresas de auditoria ou fiscais do governo.

Baseados em nosso exame do sistema de controle financeiro da Igreja, além de constantes reuniões com funcionários dos departamentos de Finanças e Registros, e de Auditoria, somos de opinião que o controle do orçamento, contabilização e auditoria são adequados para as necessidades e propósitos da Igreja, e que em todos os aspectos materiais os fundos gerais da Igreja recebidos e despendidos durante o ano findo em 31 de dezembro de 1988, foram devidamente contabilizados de conformidade com as normas e procedimentos estabelecidos da Igreja.

Submetemos respeitosamente este relatório.

COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA

Wilford G. Edling
David M. Kennedy
Warren E. Pugh
Merrill J. Bateman
Ted E. Davis



RELATÓRIO ESTATÍSTICO DE 1988

Apresentado por F. Michael Watson
Secretário da Primeira Presidência

Para a informação dos membros da Igreja, a Primeira Presidência publicou o relatório estatístico a seguir, referente ao crescimento e posição da Igreja em 31 de dezembro de 1988. (Os números de membros incluem estimativas baseadas em relatórios referentes a 1988, disponíveis antes da conferência.)

Unidades da Igreja

Número de estacas.....	1.707
Número de distritos	402
Número de missões	222
Número de alas	11.196
Número de ramos em estacas	2.899
Número de ramos em missões	2.463
Número de países independentes com alas ou ramos organizados	100
Número de territórios, colônias e possessões com alas ou ramos organizados	25

(Esta estatística mostra um aumento de 41 estacas e 552 alas e ramos em 1988.)

Membros da Igreja

Total de membros no final de 1988	6.720.000
--	-----------

Crescimento da Igreja em 1988

Aumento do número de crianças registradas.....	93.000
Número de crianças batizadas.....	73.000
Número de conversos batizados.....	256.515

Missionários

Missionários de tempo integral.....	36.132
--	--------

Membros Preeminentes

Falecidos desde Abril do Ano Passado:

Presidente Marion G. Romney, antigo conselheiro na Primeira Presidência e membro de longa data e presidente do Conselho dos Doze Apóstolos.



A RESPEITO DE DIGNIDADE

Elder Marvin J. Ashton
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Dignidade é um processo, e a perfeição uma jornada eterna. Podemos ser dignos de certos privilégios sem sermos perfeitos.”



Nas últimas semanas tive algumas conversas que me levaram a ponderar o sentido da palavra *digno*. Falando recentemente com um rapaz de vinte anos, abordei sua atitude com respeito a sair em missão, ao que respondeu:

— Eu queria ir, mas não sou digno.

— Quem o julgou? — indaguei.

— Fui eu — respondeu-me.

Noutra ocasião, perguntei a uma jovem que pretendia casar-se, se o faria no templo. Disse ela:

— Eu gostaria, mas não sou digna.

Ao perguntar-lhe quem havia decidido que não era digna, a resposta foi a mesma: — Eu.

Certa mãe, membro da Igreja, que sabia havia meses que a filha planejava casar-se no templo, quando indagada se compareceria à cerimônia, respondeu:

— Não. Não sou digna de receber uma recomendação para o templo.

Todas essas pessoas pareciam ter uma idéia formada sobre sua própria dignidade. Não precisamos ser impedidos pelo julgamento próprio. Todos nós dispomos do benefício e da sabedoria maior de um bispo e de um presidente de estaca para ajudar-nos a determinar nossa dignidade e, se necessário, auxiliar-nos a iniciar o processo de nos tornarmos dignos de alcançar seja qual for a meta pretendida. Quando assumimos a responsabilidade de nos julgar e simplesmente afirmar: “Não sou digno”, estamos barrando nosso progresso e erguendo obstáculos ao nosso avanço. Uma segunda e terceira opinião é sempre conveniente e proveitosa.

Ocorre-me que provavelmente existam centenas ou até mesmo milhares que não compreendem o que é dignidade. Dignidade é um processo, e a perfeição uma jornada eterna. Podemos ser dignos de certos privilégios sem sermos perfeitos.

Talvez seja razoável concluir que a avaliação ou julgamento pessoal frequentemente pode ser severo e inexato. Podemos atolar-nos tentando entender e definir *dignidade*. Todos nós temos percepção particular de nossas deficiências e fraquezas. Por isso, facilmente nos julgamos indignos de receber as bênçãos desejadas, ou de ocupar um ofício ou chamado como nosso vizinho.

Durante a vida inteira conhecemos pessoas que falam de suas fraquezas com grande

entusiasmo e parcialidade excessiva. Não é que estejam faltando à verdade, mas podem estar omitindo verdades ou não serem justas consigo próprias. Pode haver juízo errôneo. Para poder agir sensatamente e pensar com clareza, é preciso rever todos os aspectos do caso. Quando nos sentimos inadequados, amigos capacitados e dedicados podem ajudar-nos a reconhecer nosso potencial e pontos fortes.

Ao aconselhar, tenho procurado sempre conhecer os fatos. Muitas vezes, as pessoas entrevistadas relutam em contar certos fatos por sentirem-se constrangidas. Só é possível, porém, mudar positiva e definitivamente quando a ação se baseia na luz da verdade. Muitas vezes, as pessoas passam a sentir-se bem em sua indignidade, proclamada por elas próprias.

Possivelmente, as diretrizes mais difíceis de seguir sejam as que estabelecemos para nós mesmos. Analisar nossos temores, sonhos, metas e motivos pode ser extremamente penoso. Precisamos que outros nos ajudem. Talvez cheguemos a descobrir que temos tanto medo de ser mal sucedidos que preferimos não correr nenhum risco. Nossa auto-estima sente-se frequentemente magoada por críticas. Se realmente quisermos saber, muitos outros fatos a nosso respeito podem ser trazidos à luz.

Talvez todos vivamos equivocados ao olhar-nos mutuamente durante as reuniões de domingo. Todos estão bem vestidos e se cumprimentam com um sorriso. Então é natural presumir que todos os demais levam uma vida bem controlada, não tendo de lidar com pequenas fraquezas e imperfeições.

Há uma tendência natural, provavelmente mortal, de nos compararmos com os outros. Infelizmente, nas tais comparações, tendemos a comparar nossos atributos mais fracos com os mais fortes do próximo. Uma irmã, por exemplo, que se considera pouco versada nas escrituras, repara particularmente em outra irmã da ala encarregada da classe de Doutrina do Evangelho e que parece ter pleno domínio das



A Presidência Geral das Moças, da esquerda para a direita: irmã Jayne B. Malan, primeira conselheira; irmã Ardeth G. Kapp, presidente, e irmã Elaine L. Jack, segunda conselheira.

escrituras. Obviamente, esse tipo de comparação é destrutivo e só reforça o medo de não estarmos à altura e, portanto, não sermos tão dignas como essa pessoa.

Temos de chegar a um acordo com nosso desejo de atingir a perfeição e com nossa frustração, quando nossas realizações ou nossa conduta são menos que perfeitas. Sinto que um dos grandes mitos que fariamos bem em esquecer é o de que viemos à terra para nos aperfeiçoar, e que nada menos que isto é aceitável. Se entendo bem os ensinamentos dos profetas desta dispensação, não nos tornaremos perfeitos nesta vida, embora podendo fazer grandes avanços nesse sentido.

O Elder Joseph Fielding Smith nos aconselha:

“A salvação não vem de um só golpe; temos mandamento de ser perfeitos como é perfeito nosso Pai que está nos céus. Isto nos tomará séculos, pois no além-túmulo, o progresso será maior, e será ali que os fiéis sobrepujarão todas as coisas, e receberão todas as coisas, mesmo a plenitude da glória do Pai.

Creio que o Senhor quis dizer exatamente o que disse: que devemos ser perfeitos como é perfeito nosso Pai que está nos céus. Isto não virá de uma só vez, mas linha sobre linha, preceito sobre

preceito, exemplo sobre exemplo, e, mesmo assim, não enquanto estivermos nesta vida mortal, pois que teremos de ir para o além-túmulo antes de alcançarmos essa perfeição e sermos iguais a Deus.” (*Doutrinas de Salvação*, vol. II, pp. 18-19.)

Estou igualmente convencido de que a celeridade com que seguimos o caminho estreito e apertado não é tão importante quanto o rumo que tomamos. Esse rumo, se nos levar a metas eternas, é o fato de suprema importância.

Outra citação que nos vem do Presidente George Q. Cannon, eu considero muito significativa:

“Agora, esta é a verdade. Nós, pessoas humildes, que às vezes nos consideramos tão insignificantes, tão imprestáveis, não somos tão carentes de valor como pensamos. Não existe ninguém que não haja merecido o amor de Deus. Não há ninguém que ele não tenha acarinhado e com quem não se tenha preocupado. Não existe um de nós que não deseje salvar, e para o qual não haja providenciado meios de salvação. Não há ninguém que não colocou aos cuidados de seus anjos. Podemos ser insignificantes e desprezíveis aos nossos próprios olhos e no de outros, mas permanece a verdade de sermos filhos de Deus e que nos

colocou... aos cuidados de seus anjos, e estes velam sobre nós e nos têm sob sua guarda.” (*Gospel Truths*, comp. Jerreld L. Newquist, 2 vols., Salt Lake City: Deseret Book Co., 1974, 1:2.)

Se nos colocou sob a guarda de anjos, Deus certamente nos está dizendo que somos dignos de ser guardados, auxiliados e dirigidos por ele. Ao entendermos o zelo e cuidado de Deus, e recorrermos aos líderes da Igreja para saber como podemos vir a ser membros dignos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, descobrimos que somos capazes de atingir a condição de dignidade em cada meta ao longo da senda da vida. É preciso, contudo, que nos empenhemos em ser dignos.

Na Declaração Oficial — 2, aceita pela Igreja a 30 de setembro de 1978, somos lembrados de que determinados privilégios dependem da dignidade como requisito prévio. Nesse pronunciamento oficial, o termo *digno* ou *dignidade* é usado seis* vezes, deixando pouca dúvida quanto à importância da dignidade se quisermos merecer bênçãos específicas.

Conforme dissemos no início, é um apoio maravilhoso e um processo necessário podermos recorrer ao bispo ou ao presidente da estaca para com eles esclarecer nossa dignidade. Nessas entrevistas podemos determinar como tornarmos dignos se houver necessidade disso.

O Presidente N. Eldon Tanner deixou-nos alguns conselhos sábios:

“Com todo esse mal presente no mundo hoje, é sumamente importante que os responsáveis façam entrevistas adequadas.

Lembre-mos sempre de que nosso propósito principal, nossa designação e responsabilidade é salvar almas.

É importante que aqueles que entrevistamos compreendam que são *filhos espirituais de Deus*, e que os *amamos*, e que eles *saibam que os amamos*, e estamos interessados em seu bem-estar e em ajudá-los a serem bem sucedidos na vida.

É uma grande responsabilidade para um bispo ou presidente de

* N. do T. Seis vezes no original inglês.

estaca entrevistar a respeito de dignidade. Há responsabilidade igual, todavia, sobre o membro que estiver sendo entrevistado. Entrevistas cuidadosas, perscrutadoras, precisam ser feitas sempre em particular, e devem ser individuais...

(Fazei o irmão) saber que se houver algo errado em sua vida, há formas de corrigi-lo. Há um poder purificador no arrependimento...

Vós, bispos e presidentes de estaca, podeis iniciar uma entrevista para a recomendação para o templo mais ou menos assim:

'Viestes a mim a fim de obterdes uma recomendação para entrar no templo. Tenho a responsabilidade de representar o Senhor ao vos entrevistar. Ao final da entrevista, é previsto que eu assine vossa recomendação; mas a minha não é a única assinatura importante nesse documento. Antes que ele seja válido, deveis assiná-lo também.'...

E assim é. O Senhor dá o privilégio aos membros da Igreja de responderem a essas perguntas durante as entrevistas. Então, se houver algo errado, o membro poderá endireitar sua vida, a fim de qualificar-se para o avanço no sacerdócio, para a missão ou a recomendação para o templo." ("A Bênção das Entrevistas na Igreja"; *A Liahona*, abril de 1979, pp. 61-62.)

No empenho de sermos dignos, uma escritura que não devemos perder de vista é Doutrina e Convênios, seção 136, versículo 31: "Aquele que não suportar castigos não será digno do ... reino (do Senhor)". Vez por outra, há grande necessidade de sermos punidos, disciplinados e corrigidos num espírito de amor, ajuda e esperança. Devemos oferecer sugestões e orientação de forma amorosa, mas muitos tendem a rebelar-se ou ficar desanimados quando alguém sugere que sua conduta deixa a desejar. Conforme disse certa vez Benjamin Franklin: "O que dói, instrui. É por isso que as pessoas sábias aprendem a não apavorar-se com problemas, mas acolhê-los de bom grado."

Na vida, existem requisitos para quase todos os privilégios: a



Ao centro, Bispo Presidente Robert D. Hales e seus conselheiros, Bispo Henry B. Eyring, primeiro conselheiro à esquerda, e Bispo Glenn L. Pace, segundo conselheiro, à direita.

educação os exige, os negócios têm seus regulamentos, esportes e jogos têm suas regras, a Igreja possui certos padrões e assim por diante. Em todos os casos, porém, há como preencher tais requisitos. Cabe a nós procurar assistência para compreender as regras e fortalecer-nos recebendo orientação das fontes disponíveis. Não é sábio ou conveniente julgar-nos pessoalmente indignos e com isso obstar nosso progresso.

Quando repisamos nossas fraquezas, podemos facilmente passar a nos sentir indignos. Precisamos de alguma forma transpor o vácuo entre nosso contínuo empenho em melhorar sem nos sentir derrotados quando nossos atos nem sempre são perfeitos. Devemos excluir o termo *indigno* de nosso vocabulário, trocando-o por *esperança* e *trabalho*. Isto se torna possível voltando-nos para diretrizes mais serenas, profundas e seguras — as palavras de nossos profetas e líderes, passados e presentes.

Dizia sabiamente Abraham Lincoln: "É difícil tornar um homem desgraçado enquanto ele

sentir a própria dignidade e reclamar parentesco com o grande Deus que o criou." (*The International Thesaurus of Quotations*, comp. Rhoda Thomas Tripp, New York: Thomas Y. Crowell Co., 1970, p. 575.)

Reforçando a importância do termo *digno* e como tornar-se digno, eu gostaria de compartilhar parte de um poema do Elder Hugh B. Brown intitulado "I Would Be Worthy":

Grato sou, Senhor, por me chamares
"filho",

E minh'alma inflamares com a
pasmosa idéia,

De que existe em mim de ti um
pouco.

Que desse parentesco a profecia —

Incita-me a digno ser.

Grato sou por ter nascido sob
convênio.

De nobres pais e ancestrais que me
acenam,

D'alturas além do meu alcance, mas
atingíveis,

Se com força e empenho cultivar sua
sementeira —

E provar que digno sou.

Grato sou por minha companheira
nessa Busca Eterna,
Cujas raízes, visão, nascença com as
minhas se imanam;
Cuja impávida fé e lealdade as
trevas alumiam,
E fortaleza sem igual. Que sua fé
em mim —

Inspire-me a digno ser.

Grato sou pelo poder purificante da
paternidade,
Com sua abnegação e sacrifício —
requisitos de amor paterno e filial;
Por todo filho a nós confiado te
agradeço;
Para com eles poder contar
eternamente —

Sei que digno devo ser...

Grato sou pelo poder edificante do
evangelho de teu Filho;
Pois saber me destes de sua beleza,
veracidade e valor.
Para obter a prometida glória,
sempre perseverar eu possa,
E assim, perdoado, a caridade
incline a balança e me permita,

Considerado digno ser.
(*Eternal Quest*, selected by
Charles Manley Brown, Salt Lake
City: Bookcraft, 1956, p. 13.)

É minha esperança e oração que
aprendamos individual e
coletivamente a importância do
processo de se tornar digno. Temos
o direito de ser ajudados por outros
não só na avaliação de nossa
dignidade mas também em tornar
atingível a classificação de “digno”
a cada um de nós. Ao medir nossa
dignidade, não mais nos
imponhamos limites. Antes,
lancemos mão dos auxílios e forças
disponíveis para nos tornarmos
dignos de atingir grandes alturas de
aprimoramento pessoal. Assim
usufruiremos a alegria dos que
desejam melhorar e progredir com
determinação e proveito,
praticando autodomínio e
recusando-se a se considerar
indignos.

Deixo-vos meu afeto, bênçãos e
testemunho dessas verdades no
digno nome de Jesus Cristo.
Amém.

A ADVERSIDADE E O DIVINO PROPÓSITO DA MORTALIDADE

Élder Ronald E. Poelman
do Primeiro Quorum dos Setenta

*“É encorajador e confortante saber que não seremos
provados além de nossa capacidade de resistir, ...e que
teremos os recursos e condições para isso.”*



A felicidade”, segundo as
palavras do Profeta Joseph
Smith, “é o objetivo e o
propósito de nossa existência, e
também será o fim, caso sigamos o
caminho que nos leva até ela”.
(*History of the Church*, 5:134.)
Muitas vezes, esse caminho inclui
aflição, provações e sofrimento —
físicos, mentais e espirituais.

A adversidade, ou o que
consideramos adversidade, atinge a
vida de toda pessoa em várias
ocasiões e de diversas formas. Pode
ser a consequência de
desobediência deliberada às leis de
Deus. Entretanto, minhas palavras
são dirigidas às pessoas que, com
justo desejo, procuram
sinceramente aprender e se
esforçam diligentemente em fazer a
vontade de Deus e, mesmo assim,

são atingidas pela adversidade.
Muita coisa acerca desse assunto
não compreendemos, mas vejamos
alguma coisa do que o Senhor nos
revelou.

Adversidade na vida dos
obedientes e fiéis poderá ser
consequência de doença, acidente,
ignorância ou da influência do
adversário. A fim de preservar o
livre-arbítrio, o Senhor permite que
os justos sofram, às vezes, as
consequências de atos maus
cometidos por outros. (Vide 1 Néfi
18:16.)

Alguns talvez reajam a esse
sofrimento inocente com
ressentimento, raiva, amargura,
dúvida ou medo. (Vide 1 Néfi
17:20.) Outros, tendo
conhecimento e testemunho do
divino plano de salvação, muitas
vezes reagem com fé, paciência e
esperança nascida daquela “paz...
que excede todo o entendimento”.
(Filipenses 4:6-7.)

O plano de salvação apresentado
e aceito por nós em nosso estado
pré-mortal, inclui um tempo de
provação na terra, durante o qual
experimentamos oposição, fazemos
escolhas, aprendemos as
consequências destas e nos
preparamos para voltar à presença
de Deus. Sofrer adversidade é uma
parte essencial desse processo; e nós
decidimos vir para a mortalidade
sabendo disso. (Vide 2 Néfi
2:11-16.)

O próprio Salvador “aprendeu...
obediência por aquilo que
padeceu”. (Hebreus 5:8.) Profetas e

apóstolos, antigos e modernos, têm enfrentado adversidades em sua própria vida, bem como provações ligadas ao seu chamado divino. Ninguém está isento.

Paulo, todavia, ensina “que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus”. (Romanos 8:28.) Do mesmo modo, Léhi assegurava ao seu filho Jacó: “Jacó... na tua infância sofreste muitas aflições e padeceste muito por causa de (outros).

Não obstante, ... conheces a grandeza de Deus e ele consagrará tuas aflições para teu benefício.” (2 Néfi 2:1-2.)

Como, pois, devemos reagir à adversidade imerecida em nossa própria vida? Como nossas reações à aflição e ao sofrimento poderão aproximar-nos do Salvador, do Pai Celestial e da realização de nosso próprio potencial celeste? Gostaria de sugerir alguns exemplos e modelos encontrados nas escrituras.

No curso de sua obra missionária, os filhos de Mosiah “sofreram muitas aflições... tanto corporal como mentalmente ... assim como muita atribulação em espírito”. (Alma 17:5.) Devido, em parte, a tais experiências, “haviam-se fortalecido no conhecimento da verdade; ...(tornando-se) homens de inteligência sã... (que) haviam examinado diligentemente as escrituras para poder conhecer a palavra de Deus...

...tinham-se entregado a muitas orações e jejuns; por isso tinham o espírito de profecia e de revelação.” (Alma 17:2-3.) Eles cresceram espiritualmente devido à sua reação positiva frente a adversidade.

No tempo de Néfi, filho de Helamã, “a parte mais humilde do povo... (padeceu) muitas aflições”; mas, jejuando e orando freqüentemente, tornaram-se “mais fortes em sua humildade, firmando-se cada vez mais na fé em Cristo, até sentir que suas almas se enchiam de alegria e consolação”. (Helamã 3:34-35.)

Pelo exemplo deles aprendemos algumas reações positivas à nossa própria adversidade imerecida.

Como eles, devemos buscar a assistência divina do Salvador. Paulo lembra-nos que “temos um



No alto à direita, a Primeira Presidência, membros do Quorum dos Doze, e outras Autoridades Gerais.

grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus,... (capaz de) compadecer-se das nossas fraquezas”. É nos convida a buscá-lo “a fim de sermos ajudados em tempo oportuno”. (Hebreus 4:14-16.)

Por ter sofrido “penas, angústias e tentações de toda espécie,... (tomando) sobre si as dores e enfermidades de seu povo”, o Salvador sabe “segundo a carne, como socorrer o seu povo, de acordo com suas enfermidades”. (Alma 7:11-12.) Por isso convém seguirmos o conselho de Amuleque: “Deixai que se encham vossos corações de constantes e fervorosas orações pelo vosso bem-estar, assim como pelo de todos os que vos rodeiam.” (Alma 34:27.)

E mais, nossas preces devem ser acompanhadas de estudo diário das escrituras. A perspectiva eterna assim conseguida recorda-nos quem somos, qual é o propósito real desta existência mortal, e quem nos colocou aqui. A disponibilidade de assistência divina é repetidamente confirmada. O estudo diário das escrituras também nos dá consciência constante dos convênios que fizemos com o Senhor e de suas prometidas bênçãos.

Ao cumprir o convênio batismal, carregando mutuamente nossos fardos para que sejam aliviados, nosso próprio fardo é aliviado;

confortando “os que necessitam de conforto”, somos confortados; servindo de “testemunhas de Deus... em todas as coisas”, sentimos seu amor redentor e enxergamos mais claramente nossas condições atuais pela perspectiva de vida eterna. (Mosiah 18:8-9.) Em certo sentido, estamos aceitando assim o convite do Salvador: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:28-30.) Não é provável que assumir o jugo dele inclua esquecer o próprio eu servindo ao próximo?

A paciência deve ser igualmente parte de nossa reação à adversidade. Amon, filho de Mosiah, reconhece isso ao recordar desafios pessoais: “No entanto, quando nossos corações estavam deprimidos e estávamos para voltar (ou, em outras palavras, desistir),... o Senhor nos confortou, dizendo: ...aturai com paciência vossas aflições, e eu farei com que tenhais êxito.” (Alma 26:27.)

Em nossos dias, o Senhor tem-nos aconselhado: “Não temais, que sejam consolados os vossos corações; ...regozijai-vos sempre, e



em tudo dai graças;

Esperando pacientemente no Senhor...

...e tudo o que vos tiver afligido reverterá para o vosso bem.” (D&C 98:1-3.)

Temos recebido repetidas garantias com respeito aos benefícios e bênçãos da reação positiva à adversidade, ainda que imerecida. O testemunho do Espírito e a manifestação de coisas maiores segue-se muitas vezes à provação de nossa fé. (Vide Êter 12:6; 3 Néfi 26:7-9.) O refinamento espiritual pode dar-se na fornalha da aflição (vide 1 Néfi 20:10), preparando-nos, assim, para conhecer o contato pessoal e direto com Deus.

A revelação moderna nos instrui: “Santificai-vos para que as vossas mentes se ponham de acordo com Deus, e dias virão em que o vereis; pois vos desvendará o seu rosto, e será no seu próprio tempo, no seu próprio modo, e de acordo com a sua própria vontade.” (D&C 88:68.) Profetas antigos nos ensinam que, “quando ele aparecer... o veremos como é; ...e (estaremos) purificados como ele é puro.” (Morôni 7:48; vide também I João 3:2.)

O modo de o Senhor nos preparar para vê-lo como ele é, pode muito bem incluir a fornalha refinadora da aflição, a fim de

podermos oferecer-lhe o “sacrifício... de um coração quebrantado e espírito contrito”, cuja recompensa prometida é “paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro”. (D&C 59:8, 23.)

Cada um de nós é filho espiritual de Deus. Viemos a esta terra para nos prepararmos para voltar à sua presença, a fim de compartilhar de sua plenitude — isto é, da vida eterna. Sem sofrer adversidades, podemos nos esquecer do propósito divino da mortalidade e levar uma vida concentrada nas coisas transitórias do mundo.

Devemos, então, desejar ou procurar conhecer a adversidade e o sofrimento? Não! Podemos procurar evitá-la? Sim! É apropriado buscar alívio? Sim, mas acrescentando sempre, segundo o exemplo do Salvador: “Todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.” (Mateus 26:39.)

É encorajador e confortante saber que não seremos provados além de nossa capacidade de resistir, que seremos beneficiados por nossa adversidade, e que serão providos os recursos e condições para isso. (Vide I Coríntios 10:13.) O Livro de Mórmon nos oferece outra ilustração:

Aqueles que com Alma aceitaram os ensinamentos inspirados de Abinádi, entraram no convênio batismal e começaram

a viver o evangelho plenamente. Não havia discórdia entre eles; viviam juntos em união e amor recíproco, cuidando dos pobres e necessitados, e um do outro tanto temporal como espiritualmente. Devido à industrioseidade e harmonia existente entre eles, prosperaram muito. (Vide Mosiah 23:15-20.) Certamente não mereciam nenhuma adversidade. Entretanto, foi-lhes dada a oportunidade de mais crescimento espiritual.

O relato escriturístico prossegue assim: “Não obstante, o Senhor julga sábio castigar a seu povo; sim, experimentar sua paciência e fé.” (Mosiah 23:21.) A despeito de sua retidão, esse povo fiel padeceu muitas aflições. Eles imploraram compreensivelmente ao Senhor que os aliviasse, esperando, talvez, que seus fardos fossem removidos. Em resposta a seus rogos, o Senhor os confortou e prometeu-lhes ajuda. (Mosiah 24:8-14.) Depois os fortaleceu para que pudessem “carregar seus fardos com facilidade, e submeteram-se de bom grado e com paciência a todas as vontades do Senhor”. (Mosiah 24:15.) Afinal, por causa de sua fé e paciência, foram libertados das aflições. Tendo sido refinados espiritualmente, e com acrescida fé, “renderam graças a Deus”. (Mosiah 24:16-22.)

Nos últimos dias da civilização nefita, o Profeta Mórmon enviou uma carta a seu filho Morôni, descrevendo toda maldade, crueldade e depravação que causaram sofrimento a pessoas inocentes. E depois acrescenta estas palavras de admoestação e consolo:

“Sê fiel a Cristo, meu filho, e oxalá não te aflijam as minhas revelações a ponto de causar-te a morte; possa Cristo te animar, e possam os seus sofrimentos e morte, ...sua misericórdia e ...esperança de sua glória e vida eterna, permanecer em teu espírito para sempre.

E possa a graça de Deus, o Pai... e de nosso Senhor, Jesus Cristo, ...estar e permanecer contigo para sempre.” (Morôni 9:25-26), que é igualmente minha prece para todos nós, em nome de Jesus Cristo. Amém.

SEGUI O PROFETA

Bispo Glenn L. Pace

Segundo Conselheiro no Bispado Presidente

“Um profeta não faz pesquisa para saber de que lado sopra o vento da opinião pública. Ele nos revela a vontade do Senhor.”



Certo dia, ao despedir-se de mim para ir às aulas do curso secundário, notei que um de meus filhos não havia amarrado o cordão dos sapatos. Por um breve momento, senti-me tentado a transformar o incidente num cavalo de batalha, mas, ainda bem que o não fiz. Dias depois fomos a um programa escolar onde vi, para meu assombro, que todos os rapazes estavam com o cordão dos sapatos desamarrados. Então compreendi que meu filho estava sendo vítima de mais um modismo. Acho que foi no mesmo ano que descobri que já não era mais aceitável socialmente ir à escola de botas, luvas ou orelheiras.

As vezes, parece que somos escravos de modismos e tendências da sociedade. Alguns são bons. Outros são absurdos, mas inofensivos. Mas existem os prejudiciais à nossa saúde física ou espiritual.

Sabendo que a menor distância do mundo até o reino celestial é uma linha reta, o Senhor restaurou

o evangelho, o qual contém as verdades e orientação necessárias para que a jornada seja tão suave quanto possível. Lendo as escrituras e dando atenção aos atuais profetas do Senhor, evitaremos desvios desnecessários. Como a Igreja se atem firmemente aos valores tradicionais ensinados pelos profetas de dispensações passadas e confirmados pelos profetas modernos, o dedo acusador de uma sociedade em declínio parece estar constantemente apontado para nós. Dificilmente passa um dia sem que ouçamos alguma forma de crítica à Igreja.

Falarei a respeito de três grupos de críticos. Por ordem de importância ascendente são eles: (1) não-membros, (2) ex-membros e (3) membros atuais.

As implicâncias e críticas do não-membro responsável são inofensivas. Em verdade, servem para nos manter alertas.

Ocasionalmente, devemos nos deter e nos observar do ponto de vista de um não-membro. Para falar a verdade, *para eles* não somos um pouco estranhos? Imaginai-vos chegando pela primeira vez a uma comunidade mórmon e ouvindo falar de placas de ouro, de um anjo chamado Morôni e de batismo pelos mortos. Imaginai-vos vendo, pela primeira vez, nove crianças e um par de pais extenuados numa combalida perua ostentando no pára-choques este adesivo: “As Famílias São Eternas.” O não-membro atônito não sabe se é uma queixa ou bazófia. E onde essas famílias se reúnem aos domingos? Numa sede de estaca. Somos realmente estranhos para o não-membro — até que passa a conhecer-nos melhor.

A esse respeito, meu conselho aos

membros é que sejam mais descontraídos, brandos, joviais, e não tão melindrosos. Embora o evangelho seja sagrado e sério, às vezes nos levamos um pouco a sério demais. O senso de humor, particularmente a nosso próprio respeito, é um atributo que vale ser cultivado.

Outras críticas que nos fazem não-membros são um pouquinho mais penosas. A crítica sempre dói mais quando merecida. Existem alguns membros ativos que não vivem à altura do que aprenderam, mostrando-se condescendentes, intolerantes ou exclusivistas. Esses traços contrariam a própria essência do segundo grande mandamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 22:39.) Podemos ser amigos de todos sem necessariamente participar de tudo o que fazem. Quão míope é o que restringe sua amizade aos da mesma denominação religiosa. Como rouba a si próprio quando sua amizade fica condicionada à disposição de outra pessoa de ouvir a primeira palestra.

Nós eliminaríamos grande parte das críticas de não-membros responsáveis simplesmente assimilando e vivendo o que a Igreja prega.

A segunda categoria de críticos é formada por ex-membros desencantados com a Igreja, mas preocupados em lhe fazer ataques maldosos e vis. A maioria dos membros e não-membros, igualmente, considera esses ataques pelo que realmente são. Que credibilidade pode ser dada a uma pessoa que zomba de crenças consideradas sagradas por outras? Qualquer um que recorre a tal espécie de ataques revela inconscientemente seu verdadeiro caráter — ou falta dele. Como membros da Igreja, ficamos estarrecidos com tais ataques. Entretanto, esperamos que nos tornem mais sensíveis e particularmente cuidadosos em não fazer pouco das crenças sagradas de outras denominações.

Além de atacarem nossas crenças sagradas, alguns ex-membros falam mal das Autoridades Gerais. Joseph Smith teve seu quinhão dessa



Élder Dean L. Larsen, à esquerda, da Presidência dos Quoruns dos Setenta, com élderes Robert B. Harbertson do Segundo Quorum dos Setenta, e Rex C. Reeve do Primeiro Quorum dos Setenta.

espécie de críticas dos dissidentes de sua época. A revelação que recebeu do Senhor aplica-se igualmente a nós, hoje:

“Amaldiçoados são todos os que levantam os seus calcanhares contra os meus ungidos, diz o Senhor, e proclamam terem eles pecado quando não pecaram diante de mim, diz o Senhor, mas fizeram o que era agradável aos meus olhos e o que eu lhes mandara.

Mas os que proclamam transgressão fazem-no porque são servos do pecado e filhos da desobediência.” (D&C 121:16-17.)

Aparentemente a história continua a nos ensinar: Pode-se deixar a Igreja, mas não deixá-la em paz. O motivo básico disso é simples. Depois que uma pessoa recebeu o testemunho do Espírito e o aceitou, ela abandona o território neutro. E só perde o testemunho se der ouvidos às insinuações do maligno, e o objetivo de Satanás não se completa quando a pessoa deixa a Igreja, mas só quando se rebela abertamente contra ela.

A última categoria de críticos de que falarei situa-se dentro da própria Igreja e suas críticas são mais mortíferas que as provenientes de não-membros e ex-membros. O perigo não está no que poderá vir

desse crítico, mas na possibilidade de nos tornarmos um deles.

Uma coisa que frequentemente leva um membro ao criticismo é dedicar-se ao intelectualismo impróprio. Embora aparentemente a busca e descoberta da verdade deva ser a meta de todo santo dos últimos dias, parece que alguns colhem maior satisfação na busca de novas incertezas. Tenho amigos que literalmente passaram a vida até agora, procurando comprovar cada ponta solta intelectual em lugar de aceitar o testemunho do Espírito e seguir em frente. Assim fazendo, estão-se privando a si mesmos de uma preciosa mina de maravilhosas verdades que não podem ser garimpadas só com a mente.

O Elder Faust descreve esse tipo de intelectual como “uma pessoa que continua a perseguir o ônibus mesmo depois de tomá-lo”. Convidamos todos a tomarem o ônibus antes que suma de vista e fiquem para sempre tentando compreender o infinito com a mente finita. Nas palavras de Elias: “Até quando coxearéis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o.” (I Reis 18:21.)

O intelectualismo impróprio leva a pessoa a testificar que sabe que o

evangelho é verdadeiro mas acredita que as *Autoridades Gerais* estão um pouco desinformadas.

Desinformadas do quê? Não confundais a decisão de abster-se de participar de uma tendência com a falta de percepção de sua existência. Essas Autoridades examinam tudo e retêm o que é bom. (Vide 1 Tessalonicenses 5:21.) Para conseguirem isso, estão em constante contato com aquele que criou esta terra e conhece o mundo do princípio ao fim.

Existem certos membros que praticam obediência seletiva. Um profeta não apresenta um serviço de bufê com verdades, do qual podemos escolher e servir-nos livremente. Não obstante, certos membros tornam-se críticos e sugerem que o profeta deveria modificar o cardápio. Um profeta não faz pesquisa para saber de que lado sopra o vento da opinião pública. Ele nos revela a vontade do Senhor. O mundo está repleto de igrejas decadentes que cederam à opinião pública e passaram a dedicar-se mais a agradar os ouvidos de seus membros do que obedecer às leis de Deus.

Em 1831, alguns conversos quiseram implantar na Igreja algumas de suas antigas crenças. Hoje, nosso problema são os membros aparentemente muito vulneráveis às tendências da sociedade (e seus dedos acusadores), e que querem que a Igreja mude de posição para acomodar-se a elas. A relva doutrinária do outro lado da cerca lhes parece muito viçosa.

O conselho do Senhor em 1831 é válido hoje: “Eis que vos digo que desejam conhecer a verdade em parte, mas não toda, pois não são retos diante de mim, e devem-se arrepender.” (D&C 49:2.)

Precisamos aceitar toda verdade — sem exceção — “ revesti-vos de toda a armadura de Deus” (Efésios 6:11), e pôr-nos a trabalhar na edificação do reino. Cada qual deve perguntar-se: “Estou contribuindo positivamente para a edificação do reino em nosso dia desta dispensação da plenitude dos tempos?”

Houve uma época em minha vida em que eu imaginava quão valente teria sido se houvesse

nascido em outro tempo. Se fosse na época de Adão, teria salvo Caim. Se tivesse nascido de Noé, faria a arca bem maior a fim de salvar todos os meus conversos. Se houvesse vivido com Moisés, poderíamos ter cortado os quarenta anos no deserto pela metade. Se vivesse com Joseph Smith, ainda estaríamos vivendo a ordem unida no Condado de Jackson. Certa ocasião, quando vencia mais uma batalha imaginária, ocorreu-me uma pergunta: "Dizes que terias morrido pelo Profeta Joseph Smith. O que estás fazendo pelo Presidente Spencer W. Kimball?" Tal pergunta me deixou arrasado e resolvi que as coisas seriam diferentes.

Por que, às vezes, achamos mais fácil aceitar e seguir profetas passados? Em parte porque a história comprovou o acerto do que aconselhavam. As gerações futuras verificarão o mesmo acerca dos profetas de hoje. Cada qual poderia perguntar-se: "O que estou fazendo pelo Presidente Ezra Taft Benson?"

Como Bispo Presidente, trabalhamos de perto com nossos atuais profetas, videntes e reveladores. Fundamentado na observação física bem como na confirmação espiritual, testifico que esses homens não têm outro desejo ou meta do que auxiliar o Senhor no propósito de "proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem". (Moisés 1:39.) Posso dizer-vos também em primeira mão que se trata de pessoas altamente inteligentes. Eles compreendem os problemas com que se defrontam atualmente os membros da Igreja em todo o mundo, e não são ingênuos quanto às grandes questões e tendências da sociedade. Testifico-vos que Ezra Taft Benson é um profeta de Deus e está rodeado de outras testemunhas especiais do Salvador. Jesus Cristo encontra-se à testa desta Igreja, e foi ele quem chamou pessoalmente esses seus servos que nos presidem.

Em sua sabedoria, o Senhor não deixou nenhum de nós dependente do testemunho alheio. Que o Senhor abençoe cada um de nós a fim de que obtenhamos e retenhamos o testemunho pessoal e sigamos as Autoridades Gerais. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

VOZES ALTERNATIVAS

Élder Dallin H. Oaks
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Na aquisição de sagrado conhecimento, erudição e raciocínio não são alternativas para a revelação. São meios para um fim, e o fim é a revelação de Deus."



No verão passado, num desfile de pioneiros no Wyoming, vi um potro separado da mãe. O potrinho perdido relinchava e trotava de lá para cá, procurando identificar dentre o vozerio a voz que o guiaria de volta para aquela que amava.

Outras vezes observei cordeiros perdidos em meio ao rebanho em movimento. Do rebanho ergue-se um coro de balidos, mas cada cordeiro fica atento à voz capaz de guiá-lo. O Salvador usou este exemplo clássico na alegoria do Bom Pastor: "As ovelhas ouvem a sua voz,... e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz. Mas de modo algum seguirão o estranho, ...porque não conhecem a voz dos estranhos." (João 10:3-5.)

Dentre o coro de vozes que ouvimos na mortalidade, temos de reconhecer a voz do Bom Pastor que nos chama, convidando-nos a segui-lo para o lar celestial.

Conforme dizia Paulo aos coríntios: "Há... tanta espécie de

vozes no mundo, e nenhuma delas é sem significação." (I Coríntios 14:10.)

Algumas vozes nos falam das coisas do mundo, provendo informações úteis de que necessitamos para a jornada na mortalidade. Não mencionarei mais essas vozes. Minhas palavras referir-se-ão às vozes que falam de Deus, de seus mandamentos e de suas doutrinas, ordenanças e regras da sua Igreja. Algumas que tratam desses assuntos foram chamadas e receberam autoridade divina para fazê-lo. Outras, que decidi chamar de vozes alternativas, falam desses assuntos sem chamado nem autoridade.

Nos cinco anos desde que fui chamado a ser Autoridade Geral, tenho observado muitos casos em que líderes e membros da Igreja se perturbaram com coisas ditas por tais vozes alternativas. Estou convencido de que alguns membros ficam confusos a respeito do relacionamento da Igreja com essas vozes alternativas.

E conseqüentemente, poderão ser induzidos em erro nas suas escolhas pessoais, e a obra do Senhor ser prejudicada.

Algumas vozes alternativas pertencem a homens e mulheres bem intencionados que simplesmente procuram servir seus irmãos e promover a causa de Sião. Seu empenho enquadra-se no ensinamento do Senhor de que seus servos não devem ser mandados em todas as coisas, mas "fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem". (D&C 58:27.)

Outras vozes alternativas procuram satisfazer seus próprios interesses egoístas, tais como posses,

orgulho, fama ou poder. Outras vozes são balidos de ovelhas perdidas que não conseguem ouvir a voz do Pastor e andam a esmo procurando encontrar o caminho sem ajuda dele. Algumas dessas vozes oferecem-se para guiar os outros — o perdido guiando o extraviado.

Certas vozes alternativas são daqueles cujo objetivo confesso ou secreto é enganar e destruir o rebanho. O Bom Pastor avisou: “Acautelai-vos... dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores.” (Mateus 7:15; vide também 3 Néfi 14:15.) Tanto na Bíblia como no Livro de Mórmon, o Senhor exorta seus pastores a zelarem pelo rebanho, protegendo-o de tais lobos. (Vide Atos 20:28-29; Alma 5:59.)

Sempre houve vozes alternativas cujo propósito ou efeito é enganar. Sua existência faz parte do Plano. Léhi ensina que “é necessário que haja uma oposição em *todas* as coisas” (2 Néfi 2:11; grifo nosso). E sempre existiram outras vozes alternativas cujo propósito ou efeito é altruísta e benéfico.

Ouvem-se, quase sempre, vozes alternativas nos mesmos meios de comunicação que a Igreja utiliza para cumprir sua missão. A Igreja edita revistas e outras publicações oficiais, um suplemento de jornal, cartas de líderes da Igreja, conferências gerais, além de reuniões e conferências locais. Similarmente, as vozes alternativas se fazem ouvir em revistas, jornais e periódicos, e em palestras, simpósios e conferências.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não pretende isolar seus membros dessas vozes alternativas. Segundo recomenda o Profeta Joseph Smith, ela procura ensinar princípios corretos e depois deixa que seus membros se governem a si próprios mediante escolhas pessoais.

Logicamente, cabe à Igreja a responsabilidade de indicar o que é a voz da Igreja e o que não é. Isto se torna necessário particularmente quando uma voz alternativa, deliberada ou inadvertidamente, transmite uma mensagem de forma que subentenda o patrocínio ou



concordância da Igreja.

Pelo mesmo motivo, a Igreja aprova ou desaprova as publicações que estão para ser editadas ou usadas nas atividades oficiais da Igreja, sejam de âmbito geral ou local. Por exemplo, seguimos procedimentos que asseguram conteúdo aprovado nos materiais publicados em nome da Igreja ou utilizados para ensino em suas aulas. Tais procedimentos podem ser um tanto lentos e incômodos, mas asseguram um importante benefício, permitindo um controle de qualidade espiritual que permite aos membros confiar na veracidade do que é dito. Os membros que atentam para a voz da Igreja não precisam ter medo de serem enganados. Mas não têm a mesma certeza a respeito do que ouvem de vozes alternativas.

Aos líderes locais da Igreja cabe igualmente a responsabilidade de verificar o que está sendo ensinado nas aulas ou apresentado nos serviços de adoração, bem como a qualificação espiritual dos que chamam como professores ou oradores. Os líderes devem empenhar-se ao máximo em evitar aprovação expressa ou não expressa da Igreja, a ensinamentos que não estão em conformidade com sua doutrina, ou professores que utilizam seu cargo ou renome na Igreja para promover outra coisa que não a verdade do evangelho.

Líderes da Igreja são, às vezes, convidados a declarar a posição da Igreja num debate ou simpósio sobre alguma doutrina, ordenança

ou prática da Igreja. Esse tipo de apresentação proporciona à audiência o benefício de qualquer esclarecimento resultante da discussão de pontos de vista contrários. Representantes de organizações empresariais, partidos políticos ou grupos de ação social podem apreciar tais convites. A Igreja, porém, é orientada a evitar disputas e contendas. Além disso, se um representante da Igreja participar desse debate, isto poderia ter o efeito indesejável de incentivar os membros dela a esperar que patrocinadores de vozes alternativas lhes forneçam informação sobre as posições da Igreja.

Os membros da Igreja têm liberdade de participar ou ouvir qualquer voz alternativa que quiserem, mas os líderes da Igreja devem evitar qualquer envolvimento oficial, direto ou indireto.

A não-participação oficial em encontros que debatam doutrinas, ordenanças ou práticas da Igreja traz certas desvantagens. Às vezes, a apresentação geral será decididamente incorreta ou injusta por falta de apresentação da posição da Igreja e do conhecimento de seus líderes. Em outros casos, algum voluntário apresenta o que acha ser a posição da Igreja. Às vezes, esses voluntários são bem-informados e capacitados e contribuem para uma apresentação equânime. Mas outras vezes não o são, e sua contribuição só piora as coisas. Quando atacada pelo equívoco, a verdade é melhor defendida pelo silêncio do que por um mau argumento.

Seja como for, os voluntários não falam pela Igreja. Enquanto os líderes da Igreja preferirem não participar de eventos nos quais são discutidas a Igreja ou suas doutrinas, a apresentação geral continuará incompleta e desigual. Nessas condições, ninguém deve pensar que o silêncio da Igreja constitui uma concordância com os fatos ali sustentados.

Membros da Igreja podem individualmente também enfrentar questões difíceis quando convidados a participar. A situação se complica quando o convite não se refere a uma publicação ou

preleção sobre um único assunto, mas a um conjunto de artigos, uma série de publicações ou uma conferência ou simpósio sobre grande número de temas. Um artigo ou número de uma publicação, ou uma sessão de conferência pode ser edificante e alentador, algo que um fiel SUD gostaria de apoiar ou usufruir. Mais do que isso, porém, pode ser destrutivo, algo que um SUD fiel não gostará de apoiar ou promover.

Algumas das decisões mais complicadas da vida envolvem uma mescla de positivo e negativo. Até que ponto podemos querer o benefício de alguma coisa boa desejada, quando esta só conseguimos promovendo simultaneamente algo mau a que nos opomos? Esta é uma decisão pessoal, mas deve levar em conta a visão sofisticada da situação total e orando por orientação celestial.

Existem certamente limites que todo fiel SUD respeitará. A meu ver, por exemplo, uma pessoa que fez convênios no santo templo não cederá sua influência para apoiar ou promover uma fonte que publique ou discuta as cerimônias do templo, ainda que outras partes da publicação ou programa sejam irrepreensíveis. Eu não quereria ver meu apoio ou nome usado para promover um debate público de coisas que prometi considerar sagradas.

Ao considerarem seu relacionamento pessoal com várias vozes alternativas, será proveitoso que os santos dos últimos dias considerem como nós adquirimos conhecimento, particularmente conhecimento de coisas sagradas.

Na revelação moderna, o Senhor nos manda "(procurar) conhecimento... pelo estudo e também pela fé". (D&C 109:7.)

Nós procuramos conhecimento estudando a sabedoria acumulada de diversas disciplinas, e usando a capacidade de raciocínio recebida de nosso Criador.

Devemos procurar conhecimento também pela fé em Deus, o doador de revelação. Creio que muitas das grandes descobertas e feitos na ciência e artes são o resultado de uma revelação de Deus. Os que buscam conhecimento, que



Líderes e membros da Igreja apóiam as Autoridades Gerais.

pagaram o preço em transpiração, têm sido magnificados pela inspiração.

A obtenção de conhecimento por revelação é um prêmio extra aos que se empenham nas ciências e artes, mas é o método fundamental para aqueles que procuram conhecer a Deus e as doutrinas do seu evangelho. Nesta área de conhecimento, erudição e raciocínio não bastam.

O que busca a verdade acerca de Deus tem de valer-se da revelação. Creio que é isto que tinha em mente o profeta do Livro de Mórmon quando diz: "É bom ser instruído quando se ouve os conselhos de Deus." (2 Néfi 9:29.) E é certamente o que o Salvador ensinou ao dizer: "Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus." (Mateus 16:17.)

A justiça é o caminho para a revelação. Maravilhados com os ensinamentos do Mestre, seus inimigos indagavam:

"Como sabe este letras não as tendo aprendido?

Jesus lhes respondeu, e disse: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.

Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo." (João 7:15-17.)

O Livro de Mórmon ensina que

àqueles que buscam diligentemente "os mistérios de Deus... serão mostrados pelo poder do Espírito Santo". (1 Néfi 10:19; vide também I Coríntios 2:4-16; Alma 18:35; D&C 121:26.) O Profeta Jacó proclamou a impossibilidade de um homem não inspirado compreender Deus: "Não há ninguém que ...conheça (seus caminhos), a não ser que lhe sejam revelados; portanto, irmãos, não desprezeis as revelações de Deus." (Jacó 4:8.)

Os métodos de aquisição de conhecimento sagrado prescritos pelo Senhor diferem muito dos usados pelos que adquirem conhecimento exclusivamente pelo estudo. Uma conhecida técnica de erudição, por exemplo, é o debate com adversários, método no qual tenho bastante experiência pessoal. O Senhor, porém, nos ensina nas escrituras antigas e modernas que não devemos discutir sobre pontos de sua doutrina. (Vide 3 Néfi 11:28-30; D&C 10:63.) Os que pregam o evangelho são instruídos a fazê-lo sem "ira" ou "conflito" (D&C 60:14; vide também II Timóteo 2:23-25), mas com "mansidão e brandura" (D&C 38:41), "não injuriando aos injuriadores". (D&C 19:30.) Semelhantemente, as técnicas inventadas para debate entre adversários ou para verificar divergências e encontrar uma solução conciliatória não são eficazes na obtenção de conhecimento evangélico.



o texto poderia ser escrito, pois “não podes escrever aquilo que é sagrado, a não ser que eu te permita”. (D&C 9:9.) Na obtenção de conhecimento sagrado, erudição e raciocínio não são alternativas para a revelação; são meios para um fim, e este é a revelação de Deus.

Deus prometeu que pedindo-lhe, receberemos “revelação sobre revelação, conhecimento sobre conhecimento, para que (possamos) conhecer os mistérios e as coisas pacíficas — aquilo que traz alegria, que traz vida eterna”. (D&C 42:61.)

Hoje em dia estamos assistindo a uma explosão de conhecimento a respeito do mundo e seus povos. Mas os povos do mundo não estão obtendo uma expansão de conhecimento comparável sobre Deus e o plano dele para seus filhos. Nesse assunto, o mundo necessita não é de mais erudição e tecnologia, porém de mais retidão e revelação.

Aguardamos o dia profetizado por Isaías, no qual “a terra se encherá do conhecimento do Senhor”. (Isaías 11:9; 2 Néfi 21:9.) Num pronunciamento inspirado, o Profeta Joseph Smith descreveu o Senhor “derramando seu conhecimento dos céus sobre a cabeça dos santos dos últimos dias”. (D&C 121:33.) Isto não acontecerá àqueles cujos “corações estão tão fixos nas coisas deste mundo, e aspiram tanto às honras dos homens”. (Vers. 35.) Aqueles que deixam de aprender e empregar os “princípios de retidão” (vers. 36), ficarão entregues a si mesmos para recalcitrar contra os que têm autoridade, “perseguir os santos e lutar contra Deus”. (Vers. 38.) Em contraste, o Senhor faz esta grande promessa aos fiéis:

“Como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

O Espírito Santo será teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno e, sem medidas compulsórias que fluirá a ti para todo o sempre.” (D&C 121:45-46.)

Eu testifico destas coisas em nome de Jesus Cristo. Amém.

Verdades e testemunho do evangelho são recebidos do Espírito Santo por meio de reverente estudo pessoal e serena reflexão.

O Senhor especificou nas escrituras como aprendemos pela fé. Temos de ser humildes, cultivar a fé, arrepender-nos dos pecados, servir aos semelhantes e guardar os mandamentos de Deus. (Vide Êter 12:27; D&C 1:28; 12:8; 50:28; 63:23; 136:32-33.) Como diz o Livro de Mórmon: “Sim, aquele que se arrepende, exercita a fé e faz boas obras, orando continuamente, sem cessar; a esse é dado conhecer os mistérios de Deus.” (Alma 26:22.)

Tenho visto algumas pessoas tentarem compreender ou querer criticar o evangelho ou a Igreja só pelo método do raciocínio, sem uso ou reconhecimento da revelação. Quando se adota o raciocínio como único — ou mesmo principal — método de julgamento do evangelho, o resultado é predeterminado. Não se pode encontrar Deus ou entender suas doutrinas e ordenanças fechando a porta aos meios que ele prescreveu para o conhecimento das verdades do seu evangelho. É por isso que verdades do evangelho têm sido corrompidas e ordenanças esquecidas quando entregues à interpretação e defesa de eruditos aos quais falta autoridade e que rejeitam as revelações de Deus.

É exatamente isso que o Salvador disse aos seus críticos profissionais,

conforme está registrado no capítulo onze de Lucas.

Confrontado com um grupo que hipocritamente havia erguido monumentos aos profetas mortos por seus antecessores, enquanto rejeitavam os profetas vivos que Deus lhes enviava (vide Lucas 11:47-49), o Salvador censura esses profissionais mundanos no que entendo ser condenação por rejeitarem a revelação: “Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam.” (Lucas 11:52.)

Os antigos líderes da igreja restaurada tiveram de aprender a mesma verdade. Em várias revelações o Senhor censurou Joseph Smith, David Whitmer e outros por não terem a mente fixa nas coisas de Deus, cedendo às “persuasões dos homens” (D&C 3:6; 5:21), e serem “persuadido(s) por aqueles que não ordenei”. (D&C 30:2.)

O relacionamento certo entre estudo e fé na obtenção de conhecimento sagrado é ilustrado pela tentativa de Oliver Cowdery de traduzir os registros antigos. Ele malogrou por não se empenhar, mas apenas pedir a Deus. (D&C 9:7.) O Senhor lhe disse que deveria tê-lo “pondera(do) em (sua) mente”, perguntando-lhe a seguir se estava correto. (D&C 9:8.) Só então o Senhor revelaria se a tradução estava certa ou não. E só após o recebimento dessa revelação

O DOM DO ESPÍRITO SANTO — UM COMPASSO INFALÍVEL

Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

“O Espírito do Espírito Santo é o maior fiador de paz interior em nosso mundo inseguro... Acalma os nervos; proporciona paz a nossa alma.”



Regozijo-me com a histórica ação realizada nesta sessão de conferência e de todo o coração acolho os novos Setenta na fraternidade das Autoridades Gerais.

Conforme observou o Presidente Hunter esta manhã, é primavera no hemisfério norte. Toda a natureza se agita. Cresce a grama, as folhas brotam; árvores frutíferas estão florindo. Nascem os cordeiros, flores desabrocham. Celebramos a Páscoa, unidos a toda a cristandade no regozijo da ressurreição do Salvador da tumba da morte.

Foi um acontecimento muito comovente há séculos, quando o Salvador levou pela última vez seus amados discípulos ao seu predileto Jardim do Getsêmani. Jesus tinha consciência da grande provação

que o aguardava e disse aflito: “A minha alma está profundamente triste até a morte: ficai aqui e vigiai.” (Marcos 14:34.) Ele estava pronto para a indescritível agonia. “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.” (Marcos 14:38.)

Os onze apóstolos sem dúvida sentiam — mas não conseguiam entender — que algo portentoso estava por acontecer. Jesus falara em deixá-los. Eles sabiam que o Mestre a quem tanto amavam e do qual dependiam iria embora, mas para onde, não sabiam. Ouviram-no dizer: “Não vos deixarei órfãos... Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” (João 14:18, 26.)

É desse Consolador que vos quero falar hoje. E o faço por estar convencido de que hoje mais do que nunca há necessidade de supervisão em nossa vida. Quero testificar que, pelo poder e dom do Espírito Santo, podemos saber o que fazer e o que não fazer para ter paz e felicidade na vida.

Dizia o Élder LeGrand Richards: “Deve... ser entendido que o Espírito Santo é o meio pelo qual Deus e seu Filho Jesus Cristo se comunicam com o homem na terra.” (*Uma Obra Maravilhosa e um Assombro*, p. 114.) Todo homem é iluminado pelo Espírito de Deus, ou Luz de Cristo — às vezes chamado de consciência. Declara

Jó: “Na verdade, há um espírito no homem, e a inspiração do Todo-Poderoso os faz entendidos.” (Jó 32:8.) Este é o Espírito de Deus emanado da Deidade. Esse poder de Deus é o meio pelo qual, segundo o Presidente Joseph F. Smith, “todo homem é iluminado, o iníquo assim como o justo, o inteligente e o ignorante, o nobre e o plebeu, cada um de acordo com sua capacidade de receber a luz”. (*Doutrina do Evangelho*, p. 57.)

O dom do Espírito Santo, entretanto, ao contrário do Espírito de Deus, não é recebido por todo homem ou mulher. As ministrações do Espírito Santo são, contudo, limitadas sem o recebimento do dom do Espírito Santo. Ensina o Profeta Joseph Smith que “existe uma diferença entre o Espírito Santo e o dom do Espírito Santo”. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 194.) Muitas pessoas fora da Igreja têm recebido revelação do Espírito Santo, convencendo-as da veracidade do evangelho. Cornélio, assim como muitos que estavam presentes no dia de Pentecostes, receberam o Espírito Santo antes de serem batizados. (Vide Atos 2:1-12; 10:30-44.) É por meio desse poder que os que buscam a verdade obtêm um testemunho do Livro de Mórmon e dos princípios do evangelho.

O dom do Espírito Santo é recebido após o arrepende-se e tornar-se merecedor. É recebido após o batismo pela imposição das mãos de pessoas que têm autoridade para tal. No dia de Pentecostes, Pedro instruiu os que haviam sido anteriormente tocados espiritualmente pelo Espírito Santo: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.” (Atos 2:38.) Os que receberam o dom do Espírito Santo podem obter mais luz e testemunho. O Espírito Santo presta testemunho da verdade e infunde na alma a realidade de Deus, o Pai, e do Filho, Jesus Cristo, tão profundamente que nenhum poder ou autoridade terrena é capaz de tirar-lhe esse conhecimento. (Vide 2 Néfi 31:18.)

O Livro de Mórmon, a Bíblia e

outras escrituras, aliados à orientação dos profetas modernos, estabelecem padrões genuínos de conduta. Além disso, o dom do Espírito Santo está disponível como guia seguro, como a voz da consciência, e é um compasso moral. Esse compasso orientador é pessoal; é infalível; é inabalável. É preciso, porém, atentar para ele a fim de evitar os tropeços que farão nossa vida submergir em infelicidade e incerteza.

Necessitamos de um compasso infalível por causa dos muitos padrões, valores, votos e obrigações que nos têm ajudado a preservar a espiritualidade, honra, integridade, nosso valor e nossa decência, que pouco a pouco vêm sendo assaltados e descartados. Falo, entre outros valores, dos padrões de castidade, respeito filial, fidelidade matrimonial e obediência às leis de Deus — tal como a observância do dia santificado — que vêm sendo debilitados, senão destruídos. A sociedade tem sido mal orientada.

Diz Thomas R. Rowan, comentando o aviltamento dos padrões televisivos: “O autor e comentarista Malcolm Muggeridge contou certa vez uma história sobre alguns sapos que se deixaram matar sem resistir, num caldeirão de água fervente. E por que não resistiram? Porque quando os colocaram no caldeirão, a água estava tépida. Depois a temperatura foi subindo lentamente, e a água tornou-se morna, depois um pouco mais aquecida, e mais quentinha ainda e assim por diante. A mudança foi tão gradual, quase imperceptível, que os sapos se adaptaram ao novo ambiente — até que era tarde demais. O ponto a que o sr. Muggeridge queria chegar não se referia a sapos, mas a nós e como tendemos a aceitar o mal enquanto não nos atingir como um choque repentino. Inclina-mo-nos a aceitar algo moralmente errado desde que seja só um pouquinho pior do que alguma coisa que já estamos aceitando.” (*National Press Club Forum*.)

Tal processo gradual já foi predito pelos profetas antigos. Néfi nos diz que os corações dos filhos dos homens seriam incitados a “se encolerizarem contra o que é bom.

E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo vai bem. Assim o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno.” (2 Néfi 28:20-21.)

Sempre me fascinou o fato de que as pessoas são conduzidas cuidadosamente ao inferno.

Alexander Pope externou um pensamento semelhante acerca da aceitação do mal:

O vício é um monstro tão medonho,

Que ódio desperta ao primeiro ver;

Mas visto sempre, familiar se torna,

No início o toleramos, depois sentimos pena,

E então o abraçamos.

(“*Essay on Man*”, epístola 2, linha 217.)

O dom do Espírito Santo nos induzirá a resistir à tentação, lembramo-nos a lei do evangelho no instante da tentação. Dizia B. H. Roberts: “Tendo o Santo Espírito como nosso ‘ponto’ nos momentos de tentação, ...esta lei do evangelho ...poderá ser cumprida.” (*The Gospel: An Exposition of Its First Principles and Man's Relationship to Deity*, décima edição, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1965, pp. 191-192.)

Gostaria de alertar as pessoas jovens quanto a esse especial, transcendente dom do Espírito Santo, acessível a todos nós. Esse Consolador é um personagem de espírito e membro da Trindade. Doutrina e Convênios explica por que o Espírito Santo é um personagem de espírito: “O Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também; mas o Espírito Santo não possui um corpo de carne e ossos, mas é um personagem de Espírito. Se assim não fora, o Espírito Santo não poderia habitar em nós.” (D&C 130:22.)

O dom do Espírito Santo faculta à pessoa desejosa e digna, usufruir “o poder e luz da verdade do Espírito Santo”. (*Doutrina do Evangelho*, p. 56.)

O Espírito consolador do Espírito

Santo pode permanecer conosco vinte e quatro horas por dia: quando trabalhamos, quando nos divertimos, quando repousamos. Sua influência alentadora pode acompanhar-nos pelos anos afora. Essa influência amparadora pode estar conosco na alegria e no pesar, quando nos regozijamos assim como quando choramos.

Creio ser o Espírito do Espírito Santo o maior fiador de paz interior em nosso mundo inseguro. É capaz de alargar-nos a mente e nos proporcionar mais bem-estar que qualquer substância química ou outra coisa terrena. Acalma os nervos; proporciona paz a nossa alma. Pode funcionar como fonte de revelação para nos avisar de um perigo iminente e também nos impedir de cometer erros. Aguça nossos sentidos naturais para que enxerguemos mais claramente, ouçamos melhor e recordemos aquilo que não devemos esquecer. É um meio de engrandecer nossa felicidade.

O Espírito — o Espírito Santo — nos ajudará a vencer a insegurança. Pode ajudar-nos por exemplo, a saber perdoar. Chega uma hora em que as pessoas precisam avançar, buscar coisas maiores do que deixar-se consumir pela lembrança de alguma ofensa ou injustiça. Remoer constantemente injúrias passadas é, por natureza, limitante para o Espírito. Não promove a paz.

O Espírito Santo nos ajudará também a vencer crises de fé. O Espírito do Espírito Santo pode ser uma testemunha comprovadora, testificando de coisas celestiais. Por meio dele, um forte conhecimento toma conta de nossa mente, e sentimos que toda dúvida ou pergunta se desvanece.

Diz o Apóstolo Paulo: “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.” (Romanos 14:17.) E acrescenta em outra passagem que os verdadeiros santos são “o templo do Espírito Santo”. (I Coríntios 6:19.)

Gostaria de dizer uma palavra sobre o Santo da Promessa, que é o poder selador e ratificador do Espírito Santo. Ter um convênio ou ordenança selado pelo Santo

Espírito da Promessa é um pacto pelo qual obtemos as bênçãos a ele inerentes, desde que os que buscam a bênção sejam verdadeiros e fiéis. (Vide D&C 76:50-54.)

Quando o convênio do casamento para o tempo e a eternidade, a suprema ordenança do evangelho, é selado pelo Santo Espírito da Promessa, por exemplo, ele pode literalmente abrir as janelas dos céus para que bênçãos maiores se derramem sobre o casal que as buscar. Um casamento assim torna-se precioso, pleno e sagrado. Embora cada parte do casal conserve sua identidade individual, não obstante juntos nos convênios, podem ser como duas vinhas que se entrelaçam inseparavelmente. Cada qual pensa no seu companheiro antes de pensar em si mesmo.

Uma das grandes bênçãos disponíveis através do Santo Espírito da Promessa é que todo convênio, voto, juramento e realização que recebemos por meio dos convênios e bênçãos do evangelho, não só é confirmado mas também pode ser selado pelo Santo Espírito da Promessa. Esse selamento, no entanto, poderá ser invalidado pela iniquidade. É igualmente, importante lembrar que se alguém procura receber a bênção seladora indevidamente, “então a bênção não é selada, a despeito da integridade e autoridade do oficiante”. (Joseph Fielding Smith, *Doutrinas de Salvação*, vol. II, p. 98.)

Um convênio ou ordenança selado pelo Santo Espírito da Promessa significa que o pacto é obrigatório na terra e nos céus.

É sempre gratificante ouvir que orações são atendidas e milagres acontecem na vida dos que deles necessitam. Mas, e aqueles cuja alma nobre e fiel não recebe nenhum milagre, cujas orações não são atendidas da forma como desejam? Qual será seu alívio? Onde virá seu consolo? Disse o Salvador do mundo: “Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós... Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, ...o Pai enviará em meu nome.” (João 14:18, 26.)

Em termos simples, o dom do Espírito Santo é um intenso poder



A Presidência Geral da Primária, da esquerda para a direita: irmã Betty Jo N. Jepsen, primeira conselheira, irmã Michaelene P. Grassli, presidente, e irmã Ruth B. Wright, segunda conselheira.

espiritual que permite aos habilitados recebê-lo, a obter um maior conhecimento e fruição da influência da Trindade.

Na maravilhosa experiência de Brigham Young em fevereiro de 1847, quando o Profeta Joseph Smith lhe apareceu em sonho ou visão, Brigham desejou ser reunido com o Profeta. Brigham Young perguntou ao Profeta se tinha uma mensagem para as Autoridades Gerais, ao que ele respondeu:

“Dize-lhes que sejam humildes e fiéis, e que não deixem de conservar o espírito do Senhor, e ele os dirigirá retamente. Sede cuidadosos e não rejeites a voz suave e mansa; ela vos dirá o que fazer e aonde ir; ela produzirá os frutos do reino. Dize aos irmãos que conservem o coração aberto à convicção, a fim de que quando o Espírito Santo vier a eles, seus corações estejam preparados para recebê-lo.”

O Profeta ainda instruiu Brigham Young como segue: “Eles podem distinguir o Espírito do Senhor de todos os outros espíritos; ele segredará paz e alegria às suas almas; livrará seus corações de malícia, ódio, contenda e todo mal; e seu único desejo será fazer o bem, promover a justiça e edificar o reino

de Deus.” (*Manuscript History of Brigham Young: 1846-1847*, Departamento Histórico, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, pp. 528-531.)

Se nesta vida não podemos viver na presença do Salvador como Simão Pedro, Tiago, João, Maria, Marta e outros, então o dom do Espírito Santo poderá ser nosso Consolador e compasso infalível.

Testifico que, à medida que amadurecemos espiritualmente sob a orientação do Espírito Santo, aumenta nosso senso de valor pessoal, de pertencer e de identidade. Testifico ainda que apreciaria que toda pessoa preferisse a companhia do Espírito Santo a qualquer outra associação, pois esse Espírito as conduzirá para a luz e verdade e inteligência pura, o que poderá levá-las de volta à presença de Deus.

Oro que a promessa do Senhor se cumpra para cada um de nós, que o “Espírito Santo (seja nosso) companheiro constante, e (nosso) cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e (nosso) domínio um domínio eterno e sem medidas compulsórias, que fluirá a (nós) para todo o sempre”. (D&C 121:46.) Em nome de Jesus Cristo. Amém.

ENTREGA DE MEDALHA DE ESCOTISMO AO PRESIDENTE BENSON

Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro na Primeira Presidência: Irmãos, estamos sendo honrados com a presença aqui conosco do Sr. Edward C. Joullian III, Comissário Internacional dos Escoteiros da América e ex-presidente dos Escoteiros da América, e do Sr. Eugene F. "Bud" Reid, presidente da Comissão Internacional dos Escoteiros da América e membro da Comissão Internacional de Escotismo. Tanto o Sr. Joullian como o Sr. Reid são membros da Direção Executiva Nacional dos Escoteiros da América.

Encontra-se presente também o Sr. Julian L. Dyke, Diretor Nacional de Assuntos Públicos, representando Ben H. Love, Diretor Executivo dos Escoteiros da América que se encontra a serviço no exterior.

Esses senhores empreenderam uma longa viagem para estarem aqui conosco e nós os saudamos. Gostaria de convidar agora esses três senhores a virem ao púlpito.

Tenho o privilégio de passar a palavra ao Sr. Reid, que tem algo muito importante para o Presidente Ezra Taft Benson.

Sr. Reid: Obrigado, Sr. Monson. Existem hoje mais de dezesseis milhões de escoteiros em mais de cento e cinquenta países e territórios espalhados pelo mundo. Desde a criação do movimento escoteiro há oitenta anos, cerca de duzentos e cinquenta milhões de escoteiros beneficiaram-se com seus programas destinados a contribuir para a educação dos jovens, a fim de que ocupem um lugar construtivo em sua sociedade.

A organização dos Escoteiros da América é o maior agrupamento de escotismo individual do mundo,

com quase quatro milhões de membros. O Lobo de Bronze é uma medalha instituída pelo fundador do movimento escoteiro mundial, Robert Baden Powell, e o único reconhecimento internacional conferido pela Comissão Mundial de Escotismo. A medalha é concedida por destacados serviços individuais prestados ao escotismo em seu próprio país e em âmbito internacional.

Solicito ao Presidente Ezra Taft Benson que se aproxime. Passo a ler a declaração formal dos méritos para a concessão do Lobo de Bronze:

"Presidente Ezra Taft Benson, Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, membro do Conselho Consultivo dos Escoteiros da América.

O Presidente Ezra Taft Benson ingressou no Escotismo primeiro como chefe de tropa assistente, servindo posteriormente como chefe de tropa, antes de ir galgando postos na liderança adulta em diversas comissões e direções regionais e nacionais.

Tem servido com distinção na Direção Nacional, Direção Executiva Nacional e no Conselho Nacional da Comissão Internacional dos Escoteiros da América.

Como Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Ezra Taft Benson tem exercido grande influência no forte apoio que a Igreja dá ao Escotismo em todo o mundo. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é atualmente o maior patrocinador do Escotismo nos Estados Unidos, e sua ligação com o mesmo em outros países é igualmente forte.

A Direção Mundial de Escotismo confere ao Presidente Ezra Taft Benson a medalha do Lobo de Bronze por destacados serviços ao movimento escoteiro."

Presidente Benson, eis aqui seu certificado, tendo anexo uma cópia da citação. Somos-lhe gratos por sua liderança e sua devoção e comprometimento para com o Escotismo. É um reconhecimento plenamente merecido.



O Templo de Lago Salgado visto da Praça do Templo. O alto edifício à direita, é o Edifício dos Escritórios da Igreja.

CONFLANÇA NO SENHOR

Élder Richard G. Scott
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Todos vós enfrentais desafios asoberbantes. Às vezes são tão concentrados, tão implacáveis que chegais a considerá-los acima de vossa capacidade de controlá-los. Não enfrenteis o mundo sozinhos.”



Dirijo-me a vós que quereis agir corretamente, a vós que tendes sentido no coração o impulso de viver dignamente a despeito do que os outros possam dizer, e a vós que desejais sentir tais impulsos. Vós sois a melhor geração que já veio à terra. Sinto o ardente desejo de comunicar-vos verdades que, entendidas e vivenciadas, transformarão radicalmente a vossa vida. Peço que me ajudéis. Escutar-me-eis com a mente e o coração abertos para que seja atendida minha prece em vosso favor?

Para que um pedaço de lenha pegue fogo, é preciso que primeiro seja levado à temperatura de ignição, depois ele arde sozinho. O aquecimento inicial requer energia externa. Quando passa a arder, torna-se auto-suficiente e começa a fornecer luz e calor benéficos.

Em vosso caso, os primeiros anos de vossa vida passais absorvendo ajuda de vossos pais e outras

peessoas enquanto vos preparais para o tempo de maior auto-suficiência. Quero ajudar-vos a “pegar fogo” espiritualmente, a fim de que vivais a maravilhosa experiência de irradiar força para outros enquanto continuais a crescer e desenvolver-vos pessoalmente.

Existe fogo mais intenso que o da queima de lenha. É produzido por uma mistura de alumínio em pó e óxido metálico. Em si mesma, é fria e inerte, mas quando aquecida à temperatura de ignição, transforma-se numa fonte auto-suficiente de intensa luz e calor.

Depois de inflamada, é impossível apagá-la por meios comuns. Continuará ardendo dentro da água ou em outros ambientes que extinguem uma chama comum. Ao arder, não depende do apoio de nada que a cerca; é auto-suficiente.

A chama espiritual em algumas pessoas deixa-se apagar facilmente pelo mundo que as cerca. Outras, no entanto, vivem de modo a serem fortalecidas e nutridas pelo Senhor. Não só vencem as tentações do mundo, mas seu espírito indômito enriquece a vida de seus semelhantes.

Dois missionários espiritualmente inflamados haviam passado o dia estabelecendo um ramo da Igreja numa aldeia distante. Às 5h30 min da manhã haviam ensinado uma família antes que o marido saísse para trabalhar na lavoura. Mais tarde, trabalharam rebocando as paredes de adobe de sua cabana para livrarem-se de insetos hematófagos. Durante a semana, haviam feito um pequeno piso de cimento e pendurado uma lata de cinco galões no alto à guisa de

chuveiro para se manterem asseados. Tinham começado a construir uma instalação sanitária e posto nova camada de saibro e areia no filtro de água. Durante parte do dia trabalharam com alguns homens na lavoura para mais tarde ensiná-los. Estavam exaustos e prontos para o merecido descanso.

Então ouviram uma batida ansiosa na tosca porta de madeira. Uma menina estava ali chorando. Viera correndo e estava sem fôlego. Eles esforçaram-se para decifrar sua mensagem, dada entre soluços numa torrente de palavras. O pai sofrera grave ferimento na cabeça montando seu burrico no escuro. Ela estava certa de que ele morreria se os élderes não o salvassem. Alguns homens da aldeia vinham trazendo-o para os missionários. Ela implorou pela vida do pai, depois saiu correndo para acudi-lo.

A gravidade da situação começou a apossar-se deles. Estavam numa aldeia em que não havia médico ou recurso nesse sentido. Não havia telefone. Seu único meio de comunicação era uma estradinha tosca pelo leito do rio, e não dispunham de qualquer veículo.

O povo do vale confiava neles. Os missionários não tinham nenhum treinamento médico. Não sabiam como cuidar de um grave ferimento na cabeça, mas conheciam alguém que sabia. Ajoelharam-se em oração e expuseram o problema ao compreensivo Pai Celestial. Rogaram que os orientasse, sabendo que não conseguiriam salvar uma vida sem ajuda dele.

Tiveram a impressão de que o ferimento deveria ser limpo, pensado e o homem abençoado. Um deles perguntou: “Como ele suportará a dor? Como poderemos limpar o ferimento e dar-lhe uma bênção com ele em tamanho sofrimento?”

Ajoelharam-se de novo e explicaram ao Pai: “Não temos nenhum remédio. Não temos anestésico. Por favor, diga-nos o que fazer. Abençoa-o, Pai, por favor.”

Nisso chegaram os homens carregando o ferido. Mesmo à luz mortíça de velas perceberam que



estava gravemente ferido e sofrendo muito. Ao começarem a limpar o ferimento, aconteceu algo incomum: ele adormeceu. Com todo o cuidado acabaram de lavar a ferida, aproximaram as bordas e improvisaram um penso. Quando lhe impuseram as mãos para dar-lhe a bênção, ele acordou serenamente. A oração deles fora atendida, e a vida do ferido salva. A confiança do povo cresceu e instalou-se ali um florescente ramo da Igreja.

Os missionários conseguiram salvar uma vida por terem confiado no Senhor. Sabiam orar com fé em busca de ajuda para um problema que não resolveriam sozinhos. Por terem sido obedientes ao Senhor, este confiou neles e atendeu sua oração. Eles haviam aprendido a reconhecer a resposta quando lhes veio como um calmo sussurro do Espírito. Vivendo de acordo, podeis receber o mesmo auxílio.

Disse o Salvador: “E tudo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, se pedirdes o que é direito e com fé, eis que recebereis.” (3 Néfi 18:20.)

Dois jovens missionários seguiam

por uma estrada poeirenta. Nas mãos levavam as escrituras, e no coração ardia-lhes o desejo de compartilhar a verdade. Na crista de uma elevação viram um grupo de cavaleiros que riam e apontavam para eles, e sentiram que corriam grave perigo. Ambos oraram rogando ajuda ao verem um cavaleiro grandalhão montado num vigoroso cavalo galopando encosta abaixo na direção deles; seu chicote ameaçador cortou o ar estalando perigosamente.

Aproximando-se cada vez mais, o sorriso escarninho revelava a cruel intenção de maltratá-los. De repente, freou a montaria, parou, rodopiou e desapareceu pelo vale.

Esses élderes confiavam no Senhor e estavam vivendo dignamente. Por isso ele os protegeu do perigo contra o qual não tinham defesa. Vossa decisão de viver em retidão vos possibilitará proteção dos perigos que vos rodeiam.

Sei que todos vós enfrentais desafios assoberbantes. Às vezes são tão concentrados, tão inexoráveis

que cheiais a considerá-los acima de vossa capacidade de controlá-los.

Não enfrenteis o mundo sozinhos. “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.” (Provérbios 3:5.)

Em muitos sentidos, o mundo parece uma selva repleta de perigos capazes de mutilar-vos o corpo, escravizar ou destruir-vos a mente ou dizimar vossa moralidade. A vida é intencionalmente um desafio, não para que malogreis mas para que tenhais sucesso vencendo-os. Por todo lado encontrais decisões difíceis mas vitalmente importantes. Há uma sucessão de tentações, influências destruidoras e perigos camuflados como nenhuma geração passada conheceu. Estou persuadido de que hoje ninguém, por mais dotado, forte ou inteligente que seja, conseguirá evitar sérios problemas sem buscar o auxílio do Senhor.

Repito: Não enfrenteis o mundo sozinhos. Confiai no Senhor.

Se alguém pecou gravemente, arrependa-se — agora. Não é bom violar os mandamentos do Senhor. Pior ainda é não fazer nada a respeito. O pecado é como um câncer no corpo; jamais se curará por si. Vai-se tornando progressivamente pior a menos que seja curado pelo remédio do arrependimento. Podeis tornar-vos novamente completamente sãos, renovados, purificados e limpos de qualquer mácula pelo milagre do arrependimento.

Confiai no Senhor. Ele sabe o que faz. Ele já conhece vossos problemas. Espera que busqueis sua ajuda.

Já tivestes a impressão de estar andando sozinho por um túnel escuro que se vai tornando cada vez mais opressivo? E ninguém parece ligar? E a vida vai-se tornando cada vez mais complicada e deprimente? Possivelmente estais seguindo um caminho já palmilhado por muitos outros. Frequentemente começa pela autocomiseração, seguida de indulgência para com os próprios desejos e que, se não atalhado, conduz ao grosseiro egoísmo.

Se não superado pelo serviço ao próximo, o egoísmo leva ao pecado grave com sua depressão emocional

e cadeias constritoras. É a alavanca utilizada por Satanás para introduzir à força a tentação no coração, e assim destruir o livre-arbítrio. Ele procura tolher o corpo e a mente com hábitos incapacitantes, e separar-nos do Pai Celeste e seu Filho, cultivando o egoísmo.

Se já experimentastes tal sentimento de depressão mudai de atitude — literalmente invertei vossa vida. A outra extremidade do tunel é cheia de luz. Não importa onde estivesdes ou o que fizestes, sempre podereis alcançar essa luz. Satanás tentará convencer-vos de que já avançastes além da possibilidade de salvação. É mentira. Ireis precisar de alguma ajuda no início. As escrituras são um bom começo. Vosso pai vos ajudará, mãe, irmão, irmã, o bispo ou um amigo. À medida que vos aproximardes mais da luz por meio do arrependimento, passareis a sentir-vos melhor e mais confiantes no futuro. E redescobrireis quão maravilhosa a vida realmente é.

O Salvador sacrificou sua vida para que vós e eu possamos corrigir nossos erros, até mesmo os mais graves. O plano dele é perfeito, e nunca deixou de funcionar para todo aquele que segue suas leis.

Vencer as dificuldades da vida requer compreensão, perícia, experiência e autoconfiança igual à requerida para encestar uma bola difícil sob pressão. No jogo da vida, isto se chama caráter reto. Esse tipo de caráter não se adquire nos momentos de grave desafio ou tentação. Esse é o momento em que ele é usado. O caráter se forma com centenas de decisões corretas (como sessões de treino). Quando robustecidas pela obediência e atos dignos, as decisões corretas formam o caráter que garante a vitória nas horas de grande necessidade.

O caráter reto proporciona o alicerce de força espiritual que vos permite tomar corretamente decisões difíceis e extremamente importantes quando parecem irresistíveis.

Caráter reto é o que vós sois. É mais importante do que vossas posses, do que sabeis ou do que realizastes. Ele vos torna confiáveis;



Élder L. Tom Perry do Quorum dos Doze, com um neto L. Tom Perry IV.

abre-vos a porta para a ajuda do Senhor nos momentos de grave desafio ou tentação.

Sede honestos. O caráter reto fundamenta-se na integridade.

Nunca mintais a vós próprios. A mentira pode garantir uma vantagem temporária, mas traz consigo dificuldades de longo alcance. Não premediteis fazer algo errado, ou mentir para obter vantagem, ou para encobrir enganos. Quando sois totalmente honestos com o próprio eu e medis vossos atos de acordo com o que sabeis ser certo, jamais sereis desonestos com outra pessoa. Além disso, estais garantindo o direito à bênção do Senhor quando dela necessitardes.

Quando fordes tentados a violar um mandamento e ocultá-lo dos outros, não o façais. Sempre sereis os prejudicados. Satanás fará com que assim seja. Ele o fará porque deseja destruir-vos.

Já deveis ter observado alguns de vossos amigos tentando levar uma vida dupla. Tentam parecer aos pais e líderes da Igreja que estão

agindo corretamente, mas secretamente fazem o contrário.

Eles podem gozar momentos excitantes que consideram prazer, mas nunca estão em paz ou verdadeiramente felizes.

Interiormente lutam consigo mesmos e correm o risco de destruir o corpo e a mente.

Estando a sós com vossos amigos, conversai como fazer o bem e ser corretos. O que haveis de sentir e os sussurros que recebereis motivar-vos-ão poderosamente a fazer o bem. Aqueles que agem mal e procuram ocultá-lo jamais gozarão de tais sentimentos. Se não vos sentis à vontade para falar de coisas boas com vossos amigos, então eles não são vossos amigos. Trocai-os por outros.

Todos nós temos o forte desejo inato de nos sentirmos aceitos, apreciados, de sermos alguém.

Há alguns anos, aprendi algo a respeito do preço pago pela confiança e reconhecimento justos. Durante umas férias de verão, empreguei-me num barco ostreiro do Long Island Sound. Quatro dos

tripulantes, sendo eu um deles, viviam juntos num espaço não muito maior que a cabina de um grande trator. A princípio tinham-me como espião do proprietário, depois por um garoto sem coragem de viver como homem. Eles realmente me importunaram. Finalmente, quando viram que eu não abandonaria meus princípios, tornamo-nos amigos. Depois, em particular, um por um veio pedir-me ajuda.

Vós sabeis o que é certo e o que é errado. Sede o líder no agir corretamente. Pode ser que a princípio não vos entendam. Talvez não tereis de pronto os amigos que desejais, mas com o passar do tempo, eles vos respeitarão, depois admirarão. Muitos vos procurarão em particular para sorver forças de vossa chama espiritual. Vós sois capazes de fazê-lo. Eu sei que sois.

Quando vossa vida está de acordo com a vontade do Senhor e em harmonia com seus ensinamentos, tereis o Espírito Santo por companheiro na necessidade. Podereis ser inspirados pelo Senhor a saber como agir. Quando necessário, vossos esforços serão fortalecidos com poder divino. À semelhança dos missionários, sereis protegidos e capacitados a fazer o que vos seria impossível sozinhos.

Enquanto falávamos, alguns de vós fostes influídos pelo Espírito sobre coisas particulares a respeito das quais o Senhor deseja que façais algo. Fostes movidos a saber o que fazer. Esses sentimentos são a parte mais importante de todo nosso tempo juntos. São uma mensagem pessoal do Senhor a vós. Lembrai-vos dessa mensagem. Segui-a precisamente, agora, para a vossa felicidade.

Nós vos amamos e confiamos em vós. O Senhor necessita de vós para seus propósitos. Vivei os mandamentos dele. Aprendei a seguir os sussurros do Espírito. Conservai vossa chama espiritual ardendo resplandecente.

Vivei de modo a ter a confiança do Senhor. Vivei de forma a merecer sua confiança e auxílio.

Testifico que o Senhor vive. Ele vos ama e há de ajudar-vos. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

A BELEZA E A IMPORTÂNCIA DO SACRAMENTO

Élder John H. Groberg
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Ao participar dignamente do sacramento, perceberemos em que precisamos melhorar e recebemos ajuda e determinação. Não importa quais sejam nossos problemas, o sacramento sempre dá esperança.”



Um dos mais importantes convites já feitos a nós e a toda a humanidade é “vinde a Cristo, sede perfeitos nele”. (Morôni 10:32.) E como fazemos isso? Um dos mais belos e importantes meios é a ordenança do sacramento.

O Senhor instituiu o sacramento, como o conhecemos agora, durante a Última Ceia. Num sentido foi a última ceia, mas em outra foi a primeira — o início de muitos banquetes espirituais.

Ao povo do Livro de Mórmon, disse o Senhor ressurreto:

“(A vós) darei poder para partir o pão, abençoá-lo e distribuí-lo ao povo de minha igreja, bem como a todos os que crerem e forem batizados em meu nome.

E sempre cuidareis de fazer isto, tal como eu fiz,...

E isso fareis em memória do meu corpo, o qual vos mostrei. E será um testemunho do Pai de que vos lembrais sempre de mim. E se lembrardes sempre de mim tereis meu Espírito convosco.” (3 Néfi 18:5-7.)

A comovente ternura e profundo significado desse evento transcendente continua à nossa disposição hoje. Devemos, porém, fazer como eles fizeram e seguir a doutrina de Cristo, que é crer em Jesus, confiar nele, arrependermos dos pecados, assumir seu nome sendo batizados em sua Igreja, receber o Espírito Santo e seguir Cristo fielmente durante toda a vida.

Ele sabe que precisamos de muita ajuda para conseguí-lo, por isso previu a repetição freqüente da ordenança do sacramento.

O convite de nos aproximarmos do Salvador é feito regularmente, e é universal. Todos estão incluídos — homens, mulheres e crianças. Velhos e jovens participam igualmente. Ninguém é excluído, exceto por si próprio.

E disse o Senhor: “E vistes que eu mandei que nenhum de vós fosse despedido. Antes ordenei que viésseis a mim.” (3 Néfi 18:25.)

Mas o Senhor, conhecendo as terríveis consequências da hipocrisia, também adverte:

“Não permitireis, sabendo-o, que ninguém participe indignamente de

minha carne e do meu sangue...

Porque todo aquele que comer e beber da minha carne e do meu sangue indignamente, come e bebe a condenação para sua alma." (3 Néfi 18:28-29.)

O que se entende por participar dignamente do sacramento? Ou, como sabemos que somos indignos?

Se desejamos melhorar (que é arrepender-se), e não estivermos sob restrição do sacerdócio, em minha opinião somos dignos. Se, entretanto, não temos nenhum desejo de melhorar, nem intenção de acatar a orientação do Espírito, devemos indagar: Será que somos dignos de participar, ou estamos zombando do próprio intuito do sacramento, que é atuar como estimulante do arrependimento e do progresso pessoal? Se nos lembrarmos do Salvador e de tudo o que fez e ainda fará por nós, aprimoraremos nossa conduta aproximando-nos mais dele, o que nos manterá no caminho para a vida eterna.

Se, porém, nos recusamos a arrepender-nos e melhorar, se não nos lembramos dele nem guardamos seus mandamentos, então cessamos de progredir e isto significa condenação para nossa alma.

O sacramento é uma experiência intensamente pessoal, e somos os únicos a saber se somos dignos ou não.

Lembrais-vos ainda de como vos sentistes ao ser batizados — daquela doce, agradável sensação de alma pura, perdoada e purificada pelos méritos do Salvador? Participando dignamente do sacramento, poderemos senti-lo regularmente, pois estaremos renovando esse convênio, o que inclui o perdão.

Os que negam a si próprios a bênção do sacramento não comparecendo à reunião sacramental ou não pensando no Salvador durante o serviço sacramental, certamente não compreendem a grande oportunidade de serem perdoados, de terem o Espírito do Salvador para guiar e confortá-los! O que mais poderia alguém desejar?

Ao participar dignamente do sacramento, perceberemos em que precisamos melhorar e recebemos



À direita, Presidente Ezra Taft Benson cumprimenta Élder M. Russell Ballard do Quorum dos Doze.

ajuda e determinação. Não importa quais sejam nossos problemas, o sacramento sempre dá esperança.

Temos de resolver a maioria desses problemas pessoalmente. Se não estivermos pagando o dízimo, por exemplo, decidiremos simplesmente começar a fazê-lo. Com respeito a outros problemas, entretanto, devemos procurar o bispo. O Espírito nos dirá quais são. Seguir os ditames do Espírito sempre resulta em bênçãos.

Vou dar-vos um exemplo. Há alguns anos, um jovem casal que chamaremos de Silva, conversou com o bispo acerca de um problema da esposa. Os pormenores não importam, basta dizer que por orientação do Espírito, o bispo decidiu que, entre outras coisas, a irmã Silva não participaria do sacramento durante algum tempo, enquanto estivesse resolvendo alguns problemas e atitudes.

Amparada por muito amor e apoio, ela continuou a freqüentar as reuniões com sua família, e muito poucas pessoas além do marido e do bispo tinham conhecimento do fato ou até mesmo notaram que ela não tomou o sacramento durante semanas. A princípio, ela não percebeu grande diferença; mas com o passar do tempo, foi-se sentindo cada vez mais desejosa de participar dignamente do sacramento. Ela achara estar arrependida antes, mas ao aprofundar-se a verdadeira introspecção e intensificar-se o desejo de participar dignamente do sacramento, começaram verdadeiramente a dar-lhe mudanças fundamentais em sua vida, na maneira de agir e de pensar.

Passou mais algum tempo. Finalmente, durante uma reunião sacramental, o Espírito testificou ao bispo e ao casal Silva que chegara a



Ao centro Presidente Ezra Taft Benson, Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro, à esquerda, com membros do Quorum dos Doze.

hora de ela participar novamente do sacramento. “Domingo que vem”, prometeu o bispo.

No domingo seguinte, a irmã Silva estava sentada junto da família, nervosa porém emocionada e cheia de antecipação. “Será que sou realmente digna? Como desejo ser!”, pensou. O hino sacramental foi mais significativo do que nunca. Ela cantou-o com tamanha emoção que lhe foi difícil conter as lágrimas. E as orações sacramentais — como eram profundas! Escutou tão intensamente que cada palavra calou fundo em sua alma — tomar sobre si seu nome, recordá-lo sempre, guardar seus mandamentos, ter sempre consigo o seu Espírito. (Vide D&C 20:77, 79.) “Oh, como desejo tudo isso!”, pensou.

Os diáconos foram andando pelos corredores e as bandejas foram passando de mão em mão

pelas fileiras. Quando um dos diáconos se aproximava do banco dela, seu coração disparou. Então a bandeja foi sendo passada pelo banco. Quando o marido lhe estendeu a bandeja, lágrimas inundavam-lhe as faces. Houve um quase inaudível soluço quando apanhou o emblema do amor do Senhor a ela. A congregação não escutou o soluço, mas viu as lágrimas nos olhos do bispo.

Vida, esperança e perdão, e força espiritual haviam sido concedidos e recebidos. Ninguém poderia ser mais digno. A irmã Silva realmente *queria* ter o Espírito. *Quer*ia assumir seu nome. De todo o coração, *quer*ia lembrar-se dele e guardar seus mandamentos. Ela *quer*ia arrepender-se para progredir e seguir a orientação do Espírito.

Lembra-vos disso. Pensai no que poderia e deveria acontecer em vossa vida, na ala, na estaca, na

Igreja inteira, no mundo todo se todo domingo as pessoas — centenas, milhares, mesmo milhões — tomassem dignamente o sacramento pela autoridade do sacerdócio de Deus, com isso arrependendo-se e decidindo sinceramente seguir melhor a orientação do Espírito do Senhor.

Quanta vida seria dada, quanto perdão obtido, quanta força espiritual recebida! A luz assim gerada faria São brilhar esplendidamente e prepararia um povo puro de coração, pronto para a segunda vinda do Senhor de uma maneira maravilhosa de se contemplar.

Irmãos, como líderes devemos esforçar-nos mais para que maior número de pessoas frequente a reunião sacramental e participe dignamente do sacramento! Devemos ensinar melhor, com mais profundo sentimento e maior poder, a doutrina de Cristo corporificada no sacramento.

Vós, rapazes, deveis ser dignos e reconhecer o grande privilégio de distribuir o pão e a água, emblemas do amor do Senhor a todos nós. Pensai nas bênçãos que ofereceis — esperança, amor, alegria, perdão, liberdade e vida sem fim. Que grande contraste com tantos outros jovens que hoje distribuem outros tipos de substâncias brancas e outros tipos de líquidos que só trazem tristeza e insucesso, cativo e morte disfarçados de felicidade! Oh, a bondade e misericórdia de nosso Deus derrotando a astúcia do maligno!

Testifico do fundo da alma que esses privilégios são verdadeiros. Jesus realmente sofreu e morreu por nós. Por meio dele, e só por ele podemos ter vida e alegria, no tempo e na eternidade.

Eu amo o Senhor. Sinto que ao pender da cruz e contemplar aquele cenário desolador, ele viu mais que soldados escarnecedores e cruéis zombadores. Viu mais que mulheres chorando e amigos temerosos. Lembrou-se e viu mesmo além de mulheres junto à fonte ou multidões no monte ou aglomerações junto ao mar. Viu mais, muito mais. Ele, que tudo sabe e possui todo o poder, enxergou através da torrente dos

tempos. Sua grande, magnânima e amorosa alma abarcou a eternidade inteira, incluindo todos os povos, e todas as eras, e todos os pecados, e todo perdão e todas as coisas. Sim, seu olhar caiu sobre vós e sobre mim, provendo-nos uma oportunidade ilimitada de escaparmos das terríveis consequências da morte e do pecado.

E mesmo estando a sofrer por todos nós, fez o mais belo de todos os pedidos: "Pai, perdoa-lhes." (Lucas 23:34.)

Temos de fazer a nossa parte e clamar com todo fervor de nossa alma: "Pai, perdoa-me pelos méritos de teu Amado Filho ao participar desses emblemas de seu corpo alquebrado e sangue derramado por mim. Por favor, Pai, perdoa-me por causa dele! Ajuda-me a ser melhor."

Toda a vida conforme a conhecemos se origina da reunião de dois elementos distintos — ambos necessários. Com sua expiação infinita, o Salvador nos proporciona esse elemento vital. E pede que forneçamos o outro elemento — mesmo um coração quebrantado e espírito contrito — pois jamais nos forçará.

Pensai no simbolismo. Pensai no poder de ocasionar uma novidade de vida participando dignamente do sacramento.

Testifico que Deus, o Pai, vive. Testifico que Jesus é o Cristo. Sei que ele vive, que ele perdoa, que ele ama. Sei que sorri com ternura, suplicante. Sei que está pronto para ajudar-nos — sempre. Sei que ele orienta, e dirige e abençoa com inexprimíveis bênçãos e indescritíveis tesouros de eternidade. Sei que nos dá conhecimento de coisas eternamente importantes, se o desejarmos. Sei que participar dignamente do sacramento é de importância eterna para ele e para nós.

Sim, eu sei que ele dá vida — em todo seu sentido mais amplo. Ao nos serem oferecidos regularmente os emblemas do seu amor, por favor, ouçamos: "Pai, perdoa-lhes", e respondamos: "Pai, perdoa-me." Isto conduz à vida — à vida eterna — em nome de Jesus Cristo. Amém.

PONTOS A FAVOR DA RETIDÃO

Élder Russell C. Taylor
do Segundo Quorum dos Setenta

"Rapazes, marcai estes cinco pontos: cumprindo uma missão; chegando-vos ao Senhor pelo estudo das escrituras, oração e jejum; vivendo a Palavra de Sabedoria; conservando-vos moralmente puros; e levando uma vida de serviço e participação ativa na Igreja."



Como o primeiro membro do Primeiro Quorum dos Setenta integrado ao Segundo Quorum dos Setenta nesta dispensação, apoio esta ação histórica e quero que todos saibam que considero uma honra servir nesta ou outra posição qualquer no reino de Deus.

Dirijo minha mensagem desta noite aos rapazes do Sacerdócio Aarônico. Admito perante todos vós: Levei-me para um bom jogo de futebol (americano) ou basquete e sou um homem feliz. Torço por quatro equipes, três profissionais e uma universitária: Jazz, Nuggets, Broncos e Cougars. Quando vencem, minha mulher tem trabalho para me reter no meu lugar. Quando uma dessas equipes perde, fico de mau humor (e com

algumas delas, tive muitas oportunidades de praticar meu mau humor este ano). Entretanto, depois de uma boa noite de sono, percebo que não tem muita importância — não realmente.

Mas quando um jovem perde na preparação para a vida, isto realmente importa — pois tem consequências eternas.

Jogar bola imita bastante a vida. Queremos fazer o melhor, dedicar-nos, participar de uma equipe. Procuramos seguir as regras para não cometer faltas. E queremos marcar pontos.

As regras da vida real diferem das de um jogo. Nossas regras são os mandamentos de Deus. Marcamos pontos cumprindo missão, aproximando-nos do Senhor, vivendo a Palavra de Sabedoria, conservando-nos moralmente puros e levando uma vida de serviço e participação ativa na Igreja.

Quantos pontos estais fazendo na vida? Estais ganhando?

Quando fazeis uma cesta no basquete ou marcais um gol no futebol, sentis uma profunda sensação de realização e entusiasmo. O mesmo acontece quando marcais pontos no evangelho. Vós passais a sentir-vos bem com o próprio eu, e também mais perto do Senhor. Ficais entusiasmados sabendo que estais fazendo o que Deus deseja de vós.

Procurando marcar pontos no evangelho, estareis jogando numa liga diferente, a liga celestial. Vós sois, cada qual, um filho do



Élder Malcolm Seth Jeppsen, apoiado como novo membro do Segundo Quorum dos Setenta, é cumprimentado por Élder Yoshihiko Kikuchi, do Primeiro Quorum dos Setenta.

Senhor, e ele depende de vós e espera que deis o melhor de vós. No mundo existem forças benignas e forças malignas. Vós representais o Senhor como uma força benigna. Viestes para a terra nesta época para um desígnio especial. Ele tem uma missão reservada a vós, uma missão para a *vida inteira*.

Provavelmente tereis de vencer um duro oponente. Às vezes, os meios de comunicação, amigos ou outras influências procurarão desviar-vos do que é certo. Escolhei o lado do Senhor. Aliai-vos ao valente Profeta Josué, que dizia: “Escolhei hoje a quem sirvais:... porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor.” (Josué 24:15.)

Para vencer este, o mais importante de todos os jogos, precisais marcar *cinco pontos*. Permiti que seja o vosso técnico por alguns minutos. Conversaremos sobre lances e designações — marcar pontos a favor da retidão.

O primeiro ponto é *cumprir missão*.

Decidi-vos a cumprir missão. Preparai-vos devidamente para ela.

O profeta pediu que todo rapaz cumpra uma missão, o que geralmente requer sacrifício. Muitas vezes significa trocar alguma coisa boa por outra melhor. Pode significar certo adiamento nos estudos ou perder uma bolsa de estudos de atletismo. Significa poupar dinheiro — para a missão em lugar de um carro.

Significa também sacrificar as coisas do mundo. Diz-nos Morôni, o profeta: “Vinde a Cristo, sede perfeitos nele e *negai-vos a todas as impurezas*.” (Morôni 10:32; grifo nosso.)

Diz a letra de um hino que o sacrifício atrai as bênçãos do céu. Sabeis que o sacrifício purifica nosso espírito e nos aproxima do Senhor?

Cumprir missão vai além do ser chamado para compartilhar o evangelho com vossos irmãos durante dois anos. Isto é importante, mas vossa missão é também fazer o que o Senhor espera de vós durante *toda* a vida.

A missão pode modificar a qualidade de vida de forma que mal conseguis imaginar. Vós o

descobrireis somente servindo ao Senhor.

Cumpri vossa missão. Marcai um ponto a favor da retidão.

O segundo a ser feito é *achegar-se ao Senhor*.

Como se marca este ponto? Reservando tempo suficiente para *ler diariamente as escrituras*, orando com sinceridade e jejuando. Estas práticas promoverão o testemunho.

Comentou um aluno do seminário: “Eu costumava pensar que as escrituras eram maçantes — até começar a lê-las.” Numa recente conferência de estaca, uma linda jovem disse em seu testemunho: “Se achais as escrituras maçantes, vós é que sois maçantes.” Esses jovens verificaram que as escrituras têm respostas para os problemas que poderão enfrentar — com amigos, em casa ou na escola. Os princípios do evangelho aplicam-se a qualquer época — dos tempos do Velho Testamento até hoje.

O Senhor vos falará por meio das escrituras. Aproximai-vos dele por meio delas.

Reservai *tempo para orar toda manhã* e à noite, e sempre que for necessário. Este é um dos mais maravilhosos dons que o Senhor vos concede — estar acessível por meio da oração a qualquer hora, em qualquer lugar. Ele está sempre à vossa disposição. Contai-lhe vossas metas, vossos problemas. Dai-lhe graças pelas bênçãos recebidas. Pedi-lhe que vos mostre como podeis colaborar com sua obra. Ele escuta vossas orações. Ele se importa convosco. Quer que tenhais sucesso na vivência do evangelho. Achegai-vos ao Senhor por meio da oração.

Jejuai no primeiro domingo de cada mês e igualmente quando necessitais de auxílio especial do Senhor. Fazei com que seja um jejum autêntico. Jejuar é mais que abster-se de alimento. É mais que ajudar os necessitados com a oferta de jejum, por importante que seja. É também uma lei espiritual, exatamente como a lei do dízimo ou a Palavra de Sabedoria.

Num jejum sincero, é-nos feito o convite de nos aproximarmos do Senhor, de lhe abriremos o coração, sentir seu Espírito e puro amor. É um tempo de renovado

compromisso de obedecer aos mandamentos.

Vereis que há pontos para marcar buscando ao Senhor pelo estudo das escrituras, oração e jejum. Vosso testemunho crescerá. Enquanto muitos rapazes de hoje se estão enfraquecendo espiritualmente, vós podeis crescer espiritualmente.

Terceiro ponto: Este é um duro lance de dois pontos; a defesa não vos dará trégua. *Guardar a Palavra de Sabedoria*.

Decidi não tomar drogas ou bebidas alcoólicas *antes* de serdes tentados. Elas são perniciosas para o vosso bem-estar físico, mental e espiritual. É errado usá-las. Elas podem destruir-vos. As drogas implicam num risco altíssimo, pois a cada vez que as usardes a queda é mais dura e mais profunda. Podeis realmente acabar nas profundezas do inferno. Rapazes, sabei *agora* que as drogas embotam a consciência, levando-vos a discernir cada vez menos o bem e o mal.

Dizia o Presidente David O. McKay: "O pecado consegue aturdir a consciência como um golpe na cabeça atordoa os sentidos físicos." (*Gospel Ideals*, Salt Lake City: *Improvement Era*, 1953, p. 146.)

Na Palavra de Sabedoria, diz-nos o Senhor: "Devido a maldades e desígnios que existem e existirão nos corações dos homens conspiradores nos últimos dias, eu vos avisei e de antemão vos aviso, por meio desta palavra de sabedoria, dada por revelação." (D&C 89:4.)

Homens conspiradores e malvados procuram ganhar dinheiro vendendo drogas, bebidas alcoólicas e fumo. Pouco se importam com os sofrimentos e mortes que provocam. Acautelai-vos desses mercadores da morte. Dizei *não* às drogas e produtos químicos nocivos ao corpo e ao intelecto, que estão devastando a juventude pelo mundo afora. Por que usá-los se sabeis que destroem e só prometem sofrimento? Rapazes, a bola está em vossas mãos. Marcai esse importante ponto a favor da retidão. Vivei a Palavra de Sabedoria.

Quarto ponto: Esta é uma cesta



À direita, Élder James E. Faust, do Quorum dos Doze, conversa com Élder F. Enzio Busche, do Primeiro Quorum dos Setenta.

de três pontos, capaz de decidir a partida. *Conservar-se moralmente puro*.

Vosso chamado para missão, vossa missão na vida, além de quem e como casais serão influenciados pelo fato de levardes uma vida pura e casta ou não.

Alma ensinou ao filho Shiblon a importância de ser moralmente puro, dizendo: "Faze... com que tuas paixões sejam dominadas, para que te enchas de amor." (Alma 38:12.) Eis um interessante contra-senso — o verdadeiro amor encontra-se dominando as paixões, usando o autodomínio.

Deveis evitar qualquer coisa que vos faça perder o controle do próprio eu ou perder o interesse pelo bem-estar alheio.

Compartilhar afeto pode ser uma experiência muito positiva e gratificante, e foi-nos dado pelo Senhor para fortalecer os vínculos entre homem e mulher. Faz parte da força que nos leva ao casamento. Os sentimentos gerados podem ser muito fortes, mas se não os controlardes, passareis a ser controlados por eles.

A fim de vos preparardes para a

missão da vida, deveis purificar os pensamentos e sentimentos. Vós tendes a capacidade de decidir, deliberada e intencionalmente, que imagens acalentais no pensamento e que emoções sentis no coração.

Cinema e televisão muitas vezes apresentam o sexo pré-nupcial como expressão aceitável de amor entre homem e mulher. Isto é mentira. Fora do casamento, o sexo torna-se uma expressão de egocentrismo, falta de autodomínio e consideração para com a outra pessoa. Tais atos provocarão infelicidade e são condenados por Deus.

Protegei a castidade das jovens como protegeríeis vossa própria vida. Nós vos temos primordial e principalmente por responsáveis, como portadores do sacerdócio.

Levai uma vida moralmente pura. Marcai este ponto para a retidão.

O quinto ponto é *uma vida de serviço e participação ativa na Igreja*.

Comprometei-vos a ser ativos na Igreja, equilibrando-o com serviço. Este vos abrirá as janelas da vida em lugar de meros espelhos que só refletem vossa própria imagem.

Ide além da mera frequência às reuniões — dedicai-vos a viver e a deleitar-vos no evangelho. Sede membros leais e produtivos do quorum do Sacerdócio Aarônico, preparando-vos para o dia em que portareis o Sacerdócio de Melquisedeque, o sacerdócio segundo a ordem do Filho de Deus.

O mais importante em todas as vossas atividades é orar em particular, ler diariamente as escrituras conforme vos pediu o profeta, Presidente Benson, e concordar com vossos pais e líderes em importantes assuntos espirituais. Estas são realmente as coisas que determinam se tendes ou não testemunho e a robustez espiritual para terminar o jogo da vida.

Bem, meus jovens amigos, existem mais pontos que podeis conquistar para a retidão. Mas eu vos pergunto, sois capazes de marcar esses cinco pontos? Estais decididos a fazer o melhor possível, a viver segundo as regras, a fortalecer vossa coragem e testemunho? Eu sei que sois capazes. Mas, por favor, despertai! Vós sois a juventude de régia linhagem.

Poderá haver alguns que cometeram faltas, que violaram as regras, se colocaram em impedimento, moveram-se antes da hora, estragaram a jogada. A bola — o evangelho — está em vossas mãos. Sabei que o amoroso Pai Celestial conhece vossas fraquezas e vos quer de volta em sua equipe. Conversai com o bispo. Ele vos ajudará a voltar. Vós sois necessários e amados.

Agora, meus jovens, falo-vos como amigo, não como vosso juiz. Exercitai esses cinco pontos. Anotai-os. Colocai-os onde possais vê-los diariamente. Avaliai freqüentemente vosso progresso. Há pontos a ganhar e bênçãos para conquistar.

Vós, líderes do sacerdócio e pais, sois os treinadores de vosso lar. Recapitulai esses pontos com os filhos. Debatei-os em profundidade. Ajudai esses jovens a praticá-los. Marcar esses pontos ajudá-los-á a obter alegria, felicidade e exaltação. Disto eu testifico, em nome de Jesus Cristo. Amém.

VAMOS LÁ!

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

“Ao definir as metas e planejar como alcançá-las, ponderai os pensamentos: o passado ficou para trás — tirai lições dele; o futuro está à frente — preparai-vos para ele; o presente é agora — vivei-o.”



Irmãos, sois uma visão inspiradora. É espantoso verificar que neste momento, em milhares de capelas espalhadas pelo mundo, nossos portadores do sacerdócio de Deus estão ouvindo esta mensagem transmitida via satélite. Vossa nacionalidade é variada e muitos são os idiomas em que vos expressais, mas estamos ligados por um laço comum. Foi-nos concedido ser portadores do sacerdócio e agir em nome de Deus. Somos os beneficiários de um sagrado penhor. Muito se espera de nós.

Há muito tempo, o renomado escritor Charles Dickens escreveu a respeito das oportunidades. Em sua clássica obra intitulada *Great Expectations* (Grandes Expectativas), Dickens trata de um menino chamado Philip Pirrip, mais conhecido como “Pip”. Pip nasceu em condições incomuns. Era órfão. Não chegou a conhecer pai nem mãe. Nunca viu uma fotografia deles, mas tinha todos os desejos

normais de um garoto. Desejava de todo o coração ser um erudito. Desejava ser um cavalheiro. Desejava ser menos ignorante. Todas as suas ambições, porém, e esperanças pareciam fadadas ao fracasso. Vós, jovens, vos sentis um pouco assim, de vez em quando? E alguns de nós já mais velhos, pensamos da mesma maneira?

Então, certo dia, o pequeno Pip foi procurado por um advogado de Londres com a notícia de que um benfeitor anônimo lhe havia legado sua fortuna. Passando-lhe o braço pelos ombros, o advogado disse a Pip: “Meu rapaz, tens grandes esperanças.”

Nesta noite, olhando para vós e sabendo quem sois e o que podereis tornar-vos, digo-vos o mesmo que foi dito a Pip: “Meu rapaz, tens grandes esperanças.” — não em virtude de um benfeitor anônimo, mas de um Benfeitor perfeitamente conhecido, mesmo nosso Pai Celestial, e grandes coisas se esperam de vós.

Antes do período conhecido como mortalidade, todos nós vivíamos como filhos espirituais de nosso Pai Celestial. Em sua sabedoria, ele nos deu um registro, no livro de Abrãao, que nos conta um pouco dessa existência:

“Ora, o Senhor havia mostrado a mim, Abrãao, as inteligências que foram organizadas antes de existir o mundo; e entre todas estas havia muitas nobres e grandes...”

E havia entre eles um que era semelhante a Deus, e disse aos que se achavam com ele: Desceremos, pois há espaço lá, e tomaremos destes materiais e faremos uma terra onde estes possam morar;

E prová-los-emos com isto, para

ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar;

E aos que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido; e os que não guardarem seu primeiro estado não terão glória no mesmo reino com aqueles que guardarem seu primeiro estado; e os que guardarem seu segundo estado terão aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre.” (Abraão 3:22, 24-26.)

Na jornada pela mortalidade, lembremo-nos sempre de onde viemos; sejamos fiéis à confiança em nós depositada.

Ned Winder, um velho amigo e ex-secretário executivo do Departamento Missionário, conta um divertido e humilhante incidente.

Duas Autoridades Gerais desciam, em companhia do Irmão Winder, uma escadaria à vista de certa mãe e seu filho que esperavam sentados num sofá aos pés da escada. Reparando neles, o menino perguntou à mãe: “Quem é aquele primeiro homem?”

Ela respondeu: “É o Elder Marvin J. Ashton, um membro do Conselho dos Doze Apóstolos.”

“E o homem ao seu lado?” continuou o menino.

“É o Elder Loren Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta”, respondeu a mãe.

Então o garoto indagou: “E aquele outro?”

A mãe respondeu baixinho, mas ainda assim audível para o Irmão Winder:

“Oh, ele não é ninguém.”

Lembrai-vos sempre, meus jovens amigos, que sois alguém. Sois um filho da promessa. Sois um ser poderoso. Sois um filho de Deus dotado de fé, de coragem e guiado pela oração. Vosso destino eterno descortina-se diante de vós. O Apóstolo Paulo vos diz hoje como dizia a Timóteo há muito tempo: “Não desprezes o dom que há em ti... O Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado.” (I Timóteo 4:14, 6:20.)

Ao definir vossas metas e planejar como alcançá-las, ponderai este pensamento: O passado ficou para trás — aprendei dele; o futuro está à frente — preparai-vos para ele; o presente é agora — vivei-o.



O Assembly Hall, na Praça do Templo.

Às vezes, todos nós permitimos que o inimigo do progresso — mesmo o culpado, o autoderrotismo — tolha nossas aspirações, acometa nossos sonhos, empane nossa visão e arruíne nossa vida. A voz inimiga nos sussurra ao ouvido: “Não consigo”, “Sou muito fraco”, “Todo mundo está olhando”, “Não sou ninguém”. É quando devemos lembrar-nos deste conselho de Maxwell Maltz:

“A imagem própria mais realista de todas é imaginar-se como criado à imagem de Deus. É impossível ter sinceramente tal convicção sem sentir um profundo senso de força e poder.”

Eis um bom remédio para todos nós, jovens e velhos. Afinal, os homens não passam de rapazes que cresceram e ficaram mais velhos. Certa esposa comentou, vendo o marido contemplar extasiado o novo barco: “Quanto maior o menino, maior o brinquedo!”

A vida nunca tencionou ser uma superabundância de luxos, uma caminhada fácil ou repleta unicamente de sucessos. Há os jogos que perdemos, as corridas em que chegamos por último e as promoções que nunca se

concretizam. Essas experiências dão-nos oportunidade de mostrar nossa determinação e vencer o desapontamento.

Outro dia li a respeito de um atleta, integrante da equipe de luta romana da Universidade LaSalle. Num acidente de há muitos anos, ele perdeu uma perna. Ele se queixa? Põe a culpa em Deus? Deixou de lutar? Pelo contrário, enfrenta os melhores da categoria. Seu escore deste ano é de dez vitórias e oito derrotas. Diz um companheiro de equipe: “Ele é uma inspiração para nós.”

Como alguns de vós, eu também já tive de enfrentar desapontamentos e humilhação quando jovem. Quando garoto, eu jogava *softball** no curso elementar e ginásial. Costumavam escolher dois capitães que, por sua vez, iam escolhendo os jogadores para sua equipe. Os melhores jogadores eram obviamente escolhidos primeiro, depois em segundo e terceiro lugar. Ser chamado como quarto ou quinto ainda passava, mas ficar para o fim e ser relegado

* Forma modificada de beisebol jogado com bola mais macia e maior. N. do T.



Élderes Rex C. Reeve, Carlos E. Asay, e F. Burton Howard do Primeiro Quorum dos Setenta.

para os piores postos era simplesmente terrível. Eu sei. Eu estive lá.

Como eu implorava mentalmente que a bola não fosse lançada na minha direção, pois certamente eu a deixaria cair, os corredores fariam pontos e a equipe inteira iria rir.

Recordo-me do momento, como se fosse ontem, quando tudo isso mudou. A partida começou como já descrevi: Fui o último escolhido. Dirigi-me acabrunhado para o extremo direito do campo, e fiquei olhando a equipe adversária ocupar as bases com corredores. Dois batedores perderam pontos por não conseguir rebater a bola. De repente, o seguinte acertou uma potente rebatida e a bola vinha em minha direção. Será que eu a alcançaria? Corri para o ponto no qual imaginei que ela cairia, orando em silêncio enquanto corria e estendi as mãos em concha. Surpreendi a mim mesmo. Apanhei a bola! E minha equipe venceu o jogo.

Essa experiência alentou minha confiança, instilou-me o desejo de treinar e levou-me da posição de último escolhido para um integrante realmente útil da equipe.

Nós podemos sentir esse arruobo de confiança. Podemos sentir o orgulho do bom desempenho. Uma fórmula de duas palavras há de ajudar-nos: *Jamais desistir*.

A oposição está sempre presente. A tentação de nos desviarmos do caminho escolhido é, às vezes, um confronto diário. Joseph L. Townsend é o autor da letra de um hino que cantamos freqüentemente:

*Faze o bem, se houver uma escolha,
E assim, Jesus te guiará.
Sua luz para sempre terá brilho,
E seu amor te guardará.
(Hinos, nº 84.)*

Falando ao filho, um sábio pai colocou a questão da escolha em termos práticos: “Filho, se alguma vez te encontrares num lugar em que não deverias estar — *saia fora!*” Um ótimo conselho para um filho. Um bom conselho igualmente para o pai.

Em geral, com excessiva freqüência, tendemos a culpar Lúcifer por toda tentação que enfrentamos e cada pecado que cometemos. As palavras do Apóstolo Paulo colocam as coisas na devida perspectiva. Dizia ele aos coríntios:

“Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar.” (I Coríntios 10:13.)

Como portadores do sacerdócio, temos a responsabilidade de “ser considerados dignos de permanecer”. Há alguns anos,

quando David Kennedy foi nomeado Secretário do Tesouro, um reporter tentou armar-lhe uma cilada perguntando: “Sr. Kennedy, o sr. acredita na oração?” ao que ele respondeu:

A resposta foi: “Acredito.”

Seguiu-se então a pergunta astuta: “Sr. Kennedy, e o sr. ora?”

E veio a resposta firme: “Sim, creio na oração e eu oro!”

Ainda no mês passado, um gigantesco avião a jato sofreu a perda de parte da fuselagem durante um vôo sobre o Pacífico, causando a morte de nove passageiros e ameaçando a vida de todos os restantes. Quando o comandante, David Cronin foi entrevistado depois de levar o avião de volta a Honolulu, indagaram-lhe: “O que o sr. fez quando aconteceu o rombo? Como enfrentou a situação?”

O Comandante Cronin respondeu: “Orei, depois pus mãos à obra.”

Meus irmãos, eis um plano inspirado que convém ser seguido por todos nós: Orar, depois pôr mãos à obra.

Na apressada competição da vida, tendemos a pensar unicamente em nós. Sucumbir a esta filosofia reduz nossa visão e distorce a devida perspectiva da vida. Quando a preocupação com o próximo toma o lugar da preocupação egocêntrica, isto favorece nosso próprio progresso.

Hoje à noite testemunhamos ser conferido ao Presidente Ezra Taft Benson a mais elevada condecoração de que dispõe o Escotismo. Esse reconhecimento não é uma resposta a um único ato ou compromisso temporário com o servir. Antes, faz jus a uma vida inteira de constante e abnegado serviço prestado à juventude. Foi dito de nosso Senhor: “Andou fazendo o bem.” O Presidente Ezra Taft Benson imita diariamente este exemplo do Senhor.

Na reunião de fevereiro da Direção Executiva Nacional de Escotismo, foram homenageados alguns rapazes que salvaram a vida de outros durante o ano passado. Um deles era um portador do Sacerdócio Aarônico — Thomas T. Nelson, de quinze anos, de Lacey,

Washington. Tom salvou dois meninos de um rio caudaloso que os teria arrastado para a morte. Gostei de sua resposta humilde mas poderosa à homenagem: "Pulei na água e os puxei!"

Milhares de escoteiros tornaram-se heróis abençoando vidas alheias durante a campanha denominada "Em Busca de Alimento". Num determinado sábado, depois de previamente anunciado, foi solicitado aos moradores que doassem alimentos enlatados para auxílio aos famintos. Os escoteiros foram os facilitadores desse objetivo. Centenas de toneladas de víveres foram recebidos, estocados e distribuídos. Os doadores foram abençoados. Os que receberam foram alimentados. Os escoteiros que contribuíram para a consecução desse objetivo, jamais voltarão a ser os mesmos. Eles empreenderam a tarefa de fazer o bem.

Servindo pelo mundo afora temos um grande contingente missionário empreendendo a tarefa de fazer o bem. Os missionários pregam a verdade; dispersam as trevas; espalham alegria; trazem almas preciosas para Cristo.

Há poucas semanas, testemunhei na Cidade da Guatemala, Guatemala, um milagre moderno — o resultado da orientação de Deus dada a seus servos e a bênção de seu povo.

Numa conferência regional, perto de doze mil membros tomaram conta do Estadio Del Ejercito, o estádio de futebol local. O sol inundava com seus raios a enorme aglomeração, enquanto o Espírito do Senhor enchia cada coração. Foi um dia de ação de graças, comemorativo do quadragésimo segundo aniversário da chegada dos primeiros missionários àquele país. John Forbes O'Donnal dirigiu a palavra àquela grande multidão. Foi ele quem, em 1946, se viu sozinho ali como único membro da Igreja. Importunando pessoalmente o então Presidente George Albert Smith, o Irmão O'Donnal facilitou a entrada dos primeiros missionários. Sua esposa, Carmem Galvez O'Donnal, tornou-se a primeira pessoa convertida, sendo batizada a 13 de novembro de



Ao centro, Elder Yoshihiko Kikuchi, do Primeiro Quorum dos Setenta cumprimenta novos membros do Segundo Quorum dos Setenta.

1948. Nesse dia de conferência, como durante todos os anos de seu casamento, ficou sentada ao lado do marido.

Enquanto o Presidente O'Donnal falava, meus pensamentos remontaram aos muitos missionários que haviam vindo para esse país e as dificuldades que suportaram, os sacrifícios que fizeram e as vidas que abençoaram. A experiência de um descreve a devoção de todos. Embora já tenha mencionado anteriormente a experiência desse missionário, após minha recente estada na Guatemala regozijo-me em contá-la mais uma vez.

Enquanto servia na Guatemala como missionário de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Randall Ellsworth sobreviveu a um devastador terremoto, que lhe lançou uma viga sobre as costas paralisando suas pernas e ferindo gravemente os rins. Foi o único americano ferido durante o terremoto, que vitimou umas mil e oitocentas pessoas.

Depois de receber assistência médica de emergência, o Elder Ellsworth foi removido de avião para um grande hospital perto de seu lar em Rockville, Maryland.

Enquanto estava hospitalizado, um jornalista o entrevistou. Eu assisti à entrevista pelo milagre da televisão. Indagou o repórter: "Você consegue andar?"

A resposta: "Ainda não, mas andarei."

"Acha que terá condições de terminar sua missão?"

Ao que respondeu: "Os outros acham que não, mas eu vou. Com o Presidente de minha Igreja orando por mim, e com as orações de minha família, amigos e companheiros de missão, eu andarei de novo e voltarei para a Guatemala. O Senhor quis que eu pregasse o evangelho ali por dois anos, e é o que pretendo fazer.

Seguiu-se um longo período de tratamento pontuado por silenciosa mas heróica coragem. Pouco a pouco, os membros praticamente sem vida foram readquirindo sensibilidade. Mais tratamento, mais coragem, mais orações.

Finalmente, Randall Ellsworth embarcou, andando, no avião que o levaria de volta à missão para a qual fora designado, de volta para o povo que tanto amava. Deixou atrás de si uma porção de céticos e uma multidão de duvidosos, mas também centenas de pessoas

maravilhadas com o poder de Deus, com o milagre da fé e a recompensa da determinação.

Na Guatemala, Randall continuou cumprindo suas responsabilidades. Andava com auxílio de duas bengalas, com passos lentos e penosos. Um dia, de pé diante de seu presidente de missão, Randall Ellsworth ouviu-o dizer estas palavras quase inacreditáveis: "Tu foste beneficiário de um milagre. Tua fé foi recompensada. Se tiveres a necessária confiança, se tiveres fé inabalável, uma coragem suprema, põe tuas duas bengalas sobre minha mesa — e anda."

Lentamente, Randall colocou uma bengala depois a outra na mesa do presidente da missão, voltou-se para a porta e seu futuro — e andou.

Hoje, Randall Ellsworth é um médico atuante, um marido resoluto e pai amoroso. Seu presidente de missão não foi outro senão John Forbes O'Donnal — o homem que ajudou a levar a palavra do Senhor à Guatemala, o líder que no domingo, 5 de março, dirigiu a palavra à multidão reunida em conferência regional.

Forbes O'Donnal visitou meu escritório há pouco tempo e, à sua maneira modesta, contou sua experiência com Randall Ellsworth. Em seguida comentou: "Juntos testemunhamos um milagre. Tenho guardada comigo uma das bengalas colocadas sobre minha mesa no dia em que desafiei o Elder Ellsworth a caminhar sem elas. Gostaria que ficasse com a outra." Sorrindo amavelmente, deixou meu escritório e retornou para a Guatemala.

Esta é a bengala que ele me deu. Ela serve de testemunha silenciosa de como nosso Pai Celestial ouve nossas preces e abençoa nossa vida. É um símbolo de fé. É um lembrete de coragem.

Irmãos do sacerdócio, como Phillip Pirrip, o personagem de Charles Dickens, temos grandes expectativas. A meta da vida eterna nos aguarda. Empenhemo-nos resolutamente em atingi-la. "Vamos lá!", como dizem os jovens aqui reunidos hoje. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

MAGNIFICAR NOSSOS CHAMADOS

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

"O Senhor necessita de homens, jovens e velhos, dispostos a empunhar os estandartes do seu reino com positiva força e resoluto propósito."



Meus irmãos, esta é uma grandiosa reunião. Apresento minhas congratulações ao querido Presidente Ezra Taft Benson pela medalha recebida. É uma honra muito merecida e lisonjeira não só a ele mas também a toda a Igreja.

Representa um grande tributo à consistência de sua vida. Congratulo-me com as organizações escoteiras pela escolha de um homem cuja vida inteira tem sido um exemplo radioso dos melhores preceitos do escotismo. Ele está agora em seu nonagésimo ano de vida, e pensando nela vejo um padrão invariável de observância desses princípios. Ele guardou a fé. Viveu os mandamentos. Tem-nos persuadido a todos, convidando-nos a imitá-lo.

Faz muito tempo desde que estive numa reunião de tropa escoteira, e não estou a par da atual agenda

dessas reuniões. Lembro-me, porém, vividamente de como eram conduzidas quando eu era menino. Ingressei no escotismo em 1922, há quase sessenta e sete anos. Naquele tempo não havia o programa de lobinhos. O rapaz tinha de ter doze anos para ingressar no escotismo. Nossa tropa reunia-se nas noites de terça-feira. Éramos um grupo barulhento. Mas quando nosso chefe de tropa soava o apito, todos nós nos alinhávamos e, com o braço levantado em ângulo reto, repetíamos a promessa escoteira: "Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus e a minha pátria; ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à lei escoteira."

Era como um ritual de todas as terças-feiras. A gente não refletia profundamente no que dizia, mas os termos da promessa fixaram-se em nossa mente. E continuaram comigo durante todos esses anos.

Bem, mas hoje a noite não temos uma reunião de escoteiros, embora tenham sido ditas coisas maravilhosas a respeito do escotismo. Estamos numa reunião do sacerdócio. E para a finalidade desta reunião, gostaria de sugerir uma outra promessa aos homens e rapazes reunidos neste grande encontro, independente de onde estiverem: "Pela minha honra, esforçar-me-ei por magnificar o sacerdócio de Deus que me foi conferido."

O termo *magnificar* é interessante. Pelo que entendo, significa engrandecer, tornar mais claro, aproximar e fortalecer.



Presidente Ezra Taft Benson sorri calorosamente para os santos na conferência.

AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro



Presidente Ezra Taft Benson



Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro

O QUORUM DOS DOZE



Howard W. Hunter



Boyd K. Packer



Marvin J. Ashton



L. Tom Perry



David B. Haight



James E. Faust



Neal A. Maxwell



Russell M. Nelson



Dallin H. Oaks



M. Russell Ballard



Joseph B. Wirthlin



Richard G. Scott

A PRESIDÊNCIA DOS SETENTA



Dean L. Larsen



Marion D. Hanks



Wm. Grant Bangerter



Robert L. Backman



Hugh W. Pinnock



James M. Paramore



J. Richard Clarke

PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA

(em ordem alfabética)



Angel Abrea



Carlos E. Asay



William R. Bradford



Ted E. Brewerton



Victor L. Brown



Theodore M. Burton



F. Enzo Busche



John K. Carmack



Joe J. Christensen



Gene R. Cook



Derek A. Cuthbert



Jacob de Jager



Royden G. Detrick



Charles Didier



Loren C. Dunn



Paul H. Dunn



Vaughn J. Featherstone



J. Thomas Fyans



Jack H. Goasind



John H. Groberg



W. Eugene Hansen



Jeffrey R. Holland



F. Burton Howard



Marlin K. Jensen



Yoshihiko Kikuchi



Adney Y. Komatsu



George P. Lee



H. Burke Peterson



Rex D. Pinegar



Ronald E. Poelman



Hartman Rector, Jr.



Rex C. Reeve



Hans B. Ringger



Robert L. Simpson



Robert E. Wells

O BISPADO PRESIDENTE



Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro



Robert D. Hales
Bispo Presidente



Glenn L. Pace
Segundo Conselheiro

SEGUNDO QUORUM DOS SETENTA

(em ordem alfabética)



Carlos H. Amado



H. Verian Andersen



Ben B. Banks



Monte J. Brough



Waldo P. Call



Helio R. Camargo



George I. Cannon



Albert Choules, Jr.



Spencer J. Condie



Lloyd P. George



Francis M. Gibbons



F. Melvin Hammond



Robert B. Harbertson



Devere Harris



George R. Hill III



Malcolm S. Jeppsen



F. Arthur Kay



L. Lionel Kendrick



John R. Lasater



Richard P. Lindsay



Merlin R. Lybbert



Douglas J. Martin



Gerald E. Meichin



Alexander B. Morrison



Spencer H. Osborn



L. Aldin Porter



Glen L. Rudd



Gardner H. Russell



Robert E. Sackley



Douglas H. Smith



John Sonnenberg



Philip T. Sonntag



Lynn A. Sorensen



Russell C. Taylor



Horacio A. Tenorio



Keith W. Wilcox

AUTORIDADES GERAIS EMÉRITAS



Joseph Anderson



Bernard P. Brockbank



Sterling W. Sill



Eldred G. Smith



John H. Vandenberg



Presidente Ezra Taft Benson.

Tenho aqui um binóculo que prezo muito, não só por seu valor prático mas também por razões sentimentais. Ele é útil para ampliar objetos que quero observar. Serve também para recordar um bom e grande homem que magnificou seu sacerdócio. Foi-me apresentado em 1962, depois de uma maravilhosa série de reuniões com todos os missionários que serviam na Europa e nas Ilhas Britânicas, pelo Presidente Henry D. Moyle, que era conselheiro na Primeira Presidência. Sempre que o uso, lembro-me tanto do presente como de quem o deu.

Todos vós, é lógico, estais familiarizados com binóculos. Quando os colocais diante dos olhos e focalizais as lentes, aumentais e aproximais tudo que se encontrar em vosso campo de visão. Se o inverterdes, porém, olhando pelo outro lado, diminuíis e afastais as imagens.

O mesmo acontece com nossas ações como portadores do sacerdócio. Quando vivemos de acordo com nosso elevado e santo chamado, quando demonstramos amor a Deus servindo aos semelhantes, quando empregamos nossa força e talentos na edificação da fé e divulgação da verdade, magnificamos o sacerdócio. Quando, por outro lado, levamos uma vida de egocentrismo, permitimo-nos pecar e nos apegamos unicamente às coisas do mundo em lugar de às coisas de Deus, diminuímos nosso sacerdócio.

Falando do chamado recebido por ele e seu irmão José, disse Jacó, irmão de Néfi:

“E nós magnificamos o nosso ofício para o Senhor, tomando sobre nós a responsabilidade de responder pelos pecados do povo, se não lhe ensinássemos com diligência a palavra de Deus.” (Jacó 1:19.)

Todo oficial, todo professor nesta Igreja que atua no sacerdócio tem a sagrada responsabilidade de magnificar esse chamado do sacerdócio. Cada um de nós é responsável pelo bem-estar, progresso e desenvolvimento de outras pessoas. Não vivemos só em função própria. Se quisermos



Elderes H. Burke Peterson e F. Enzio Busche, do Primeiro Quorum dos Setenta.

magnificar nossos chamados, não podemos viver para nós mesmos. Servindo com diligência, ensinando com fé e testemunho, erguendo e fortalecendo, e edificando convicções de retidão naqueles cuja vida tocamos, estamos magnificando o sacerdócio. Viver só para si mesmo, por outro lado, servir de má vontade, não dar o máximo de nosso empenho ao que nos cabe fazer, diminui nosso sacerdócio exatamente como olhar pelo lado errado do binóculo reduz as imagens e aumenta a distância do objeto.

Diz ainda Jacó: “Agora, meus queridos irmãos,... de acordo com a responsabilidade que tenho para com Deus, de magnificar meu ofício com seriedade,... venho hoje... declarar-vos a palavra de Deus.” (Jacó 2:2.)

Todo missionário tem a responsabilidade de magnificar seu chamado na promulgação do plano de Deus. A todo professor cabe a responsabilidade de magnificar seu chamado no ensino da palavra de Deus. Todo oficial tem por responsabilidade magnificar seu chamado no ensino da ordem de Deus.

Disse o Senhor, nesta dispensação, a Joseph Smith e Oliver Cowdery: “Magnifica o teu ofício.” (D&C 24:3.)

E mais: “Atende ao teu chamado e terás com que magnificar o teu ofício.” (Vers. 9.)

Nessa mesma revelação, o Senhor disse coisas interessantes e notáveis a respeito de Oliver Cowdery:

“Em mim ele achará glória, e não em si mesmo, seja em fraqueza ou em força, em cadeias ou livre;

E em todos os tempos e em todos os lugares, tanto de dia como de noite, deverá abrir sua boca e declarar o meu evangelho, como com voz de trombeta. E dar-lhe-ei força tal como não é conhecida entre os homens.” (Vers. 11-12.)

Oliver e Joseph Smith receberam o Sacerdócio Aarônico das mãos de João Batista, e subseqüentemente o Sacerdócio de Melquisedeque das mãos de Pedro, Tiago e João. Oliver magnificou esse sacerdócio como testemunha do Livro de Mórmon, como conselheiro do Profeta, como um dos que escolheram e instruíram os Doze Apóstolos, e como missionário na transferência da Igreja para além das fronteiras dos territórios ocidentais, e como professor e orador cuja voz soava com grande e persuasivo poder.

Depois, porém, ele passou a olhar pelo lado errado das lentes. Encontrou falhas. Reclamou. Deixou de cumprir seu chamado,

depreciou o sacerdócio e distanciou-se dos que tinham autoridade na Igreja.

Foi-se a voz de persuasão, foi-se o poder do sacerdócio de Deus que antes portara e magnificara. Durante onze anos, andou praticamente só, sem amigos. Viveu pobre e doente.

Então, no outono de 1848, ele e sua família foram para Council Bluffs, voltando a encontrar-se com muitos santos que, na época, se estavam transferindo para o Oeste. Numa conferência realizada em Kanesville a 24 de outubro de 1848, ele se pôs de pé e falou:

“Amigos e irmãos: Meu nome é Cowdery — Oliver Cowdery. Na história da Igreja, eu fiz parte... de seus conselhos. Não fui chamado por ser melhor que outros homens... (mas) para atender aos propósitos de Deus. Ele chamou-me para um alto e santo chamado. Escrevi de próprio punho todo o Livro de Mórmon (com exceção de umas poucas páginas) conforme saía dos lábios do Profeta Joseph Smith, e ele o traduzia pelo poder e dom de Deus, por meio do Urim e Tumim, ou como é chamado nesse livro, ‘Santo Intérprete’.

Contemplei com meus olhos e manuseei com minhas mãos as placas de ouro das quais foi traduzido... Esse livro é verdadeiro, Sidney Rigdon não o escreveu, tampouco o Sr. Spaulding: eu próprio o escrevi conforme saía dos lábios do Profeta...

Eu estava com Joseph quando um santo anjo dos céus desceu e nos conferiu... o Sacerdócio Aarônico, dizendo-nos, ao mesmo tempo, que haveria de permanecer na terra enquanto ela existisse. Estive igualmente presente com Joseph quando foi conferido por santos anjos do alto o Sacerdócio Maior ou de Melquisedeque...

Irmãos, há anos que estou separado de vós. Desejo agora voltar. Desejo voltar humildemente e estar convosco. Não busco qualquer posição. Quero unicamente identificar-me convosco. Estou fora da Igreja, mas desejo tornar-me membro dela. Desejo entrar pela porta: Eu conheço a porta, não vim aqui em busca de precedência. Venho



humildemente e submeto-me à decisão da congregação, sabendo como sei, que suas decisões são corretas.” (Stanley R. Gunn, *Oliver Cowdery*, Salt Lake City: Bookcraft, 1962, pp. 203-204.)

Ele foi aceito. Foi batizado de novo. Desejava reunir-se aos santos nos vales das montanhas, mas faleceu a 3 de março de 1850, sem realizar seu sonho.

O caso dele é um dos mais tocantes e patéticos na história desta grande obra. Enquanto magnificou seu chamado ele foi engrandecido. Quando depreciou seu chamado, ficou reduzido ao esquecimento e à pobreza. Ele voltou, embora nunca readquirisse sua antiga estatura. Jamais reconquistou a incomparável promessa recebida do Senhor e condicionada à fidelidade, de que teria glória e “força tal como não é conhecida entre os homens”. (D&C 24:12.)

Magnífica e tocante é a promessa feita aos homens e rapazes que magnificam seu chamado como portadores do sacerdócio. Diz o Senhor a respeito de vós, que sereis “santificados pelo Espírito para a renovação de (vossos) corpos.

Eles se tornam os filhos de Moisés e de Aarão, e a semente de Abraão, e a igreja e o reino, e os eleitos de Deus.” (D&C 84:33-34.)

Além disso, tudo o que o Pai possui vos será dado.

Não existe promessa maior que

esta. Tenho visto e conhecido homens assim. Encontrei alguns deles, outro dia, quando estive no Templo de St. George. Conheço e venho observando esses irmãos há muitos anos. Os cabelos deles agora são brancos e já não caminham com a vitalidade que era outrora sua característica. Esses de quem falo, jamais tiveram muitas posses. Mas tiveram muita sabedoria, e têm tido muita fé. São homens que desde a juventude são portadores do sacerdócio de Deus, sempre andaram na sua luz e magnificaram seus chamados. Sacrificaram-se pessoalmente deixando o lar para servirem como missionários e presidentes de missão. Serviram como bispos e presidentes de estaca. Onde quer que estivessem, não importa se em chamados profissionais ou eclesiásticos, e com a chama de sua fé levaram luz onde antes havia escuridão.

Na época ou fora de época, no sol ou na tormenta, na derrota bem como na vitória, conservaram os olhos sempre no lado certo do binóculo, magnificando seus chamados e como que aproximando as sagradas e eternas coisas de Deus.

Como nós o fazemos? Como nós engrandecemos o poder do sacerdócio com o qual fomos investidos? Nós o fazemos ensinando doutrina verdadeira e sã. Disse o Senhor: “E vos dou o mandamento de que ensineis a doutrina do reino uns aos outros.” (D&C 88:77.)

Depreciamos esse chamado, reduzimos essa missão quando gastamos nosso tempo especulando ou advogando o que não está exposto nas escrituras, ou o que não é apoiado pelo profeta do Senhor. Antes, cabe-nos a responsabilidade, segundo a revelação, de “ligar a lei e selar o testemunho, e preparar os santos para a hora do julgamento, que está por vir;

Para que suas almas escapem à ira de Deus, a desolação da abominação que espera os iníquos, tanto neste mundo como no mundo futuro.” (D&C 88:84-85.)

Magnificamos o sacerdócio e engrandecemos nosso chamado servindo com diligência e

entusiasmo nas responsabilidades para as quais somos chamados pela devida autoridade. Dou ênfase às palavras: "diligência e entusiasmo." Esta obra não atingiu sua atual estatura por meio da indiferença da parte dos que labutaram em seu favor. O Senhor necessita de homens, tanto jovens como velhos, dispostos a empunhar os estandartes do seu reino com força positiva e propósito resolutivo.

*"Quem segue ao Senhor,
Hoje iremos ver;
Clamemos sem temor:
Quem segue ao Senhor?"*
(Hinos, n.º 132.)

Magnificamos nosso chamado, ampliamos o potencial do sacerdócio quando estendemos a mão aos aflitos e damos força aos que fraquejam. A vós e a mim, que fomos investidos na autoridade do santo sacerdócio, disse o Senhor: "Portanto, sê fiel; permanece no cargo para o qual te designei; socorre aos fracos, ergue as mãos que pendem e fortalece os joelhos enfraquecidos." (D&C 81:5.)

Existe tanta aflição neste mundo. Há tantos que clamam em solidão e temor, sentindo desesperada necessidade de ouvidos atentos e corações compreensivos. Há genitores desamparados lutando por criar os filhos. Há casas necessitadas de pintura, quintais que precisam de limpeza e cujos donos não têm forças nem meios de fazê-lo. Temos moços vigorosos entre nós. São milhares nas congregações de hoje à noite, rapazes do Sacerdócio Aarônico que podem abençoar o próximo e ser abençoados prestando tais serviços.

Magnificamos nosso chamado agindo com honestidade e integridade. Nós o depreciamos quando nos rebaixamos a atos tortuosos e ao egocentrismo, quando menosprezamos os interesses e o bem-estar alheios, gastando todo nosso tempo acumulando aquilo que não poderemos levar conosco desta vida para a vindoura.

Honramos nosso sacerdócio e magnificamos sua influência sendo virtuosos e fiéis. Imoralidade e infidelidade são totalmente inconsistentes com o sacerdócio de



Presidente Howard W. Hunter, do Quorum dos Doze, com Élder Boyd K. Packer, outro membro do Quorum.

Deus. O rapaz que tem a força de dizer não às drogas, não à cerveja e outros tipos de bebidas alcoólicas, que tem força de dizer não à imoralidade, magnifica seu chamado como diácono, ou mestre, ou sacerdote. O homem mais maduro que consegue fazer o mesmo, o marido que é absolutamente fiel, invariavelmente, à companhia com quem está casado; o pai que nunca maltrata um filho, sexualmente ou de qualquer outra maneira — são homens que magnificam o sacerdócio que receberam com poder do alto. Aqueles que agem de outra forma diminuam esse poder. Eles podem ter sido ordenados, mas conforme diz o Senhor:

"Quando tentamos encobrir os nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer controle ou domínio ou coação sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o sacerdócio ou autoridade daquele homem.

Eis que, antes de o perceber, ele é

entregue a si mesmo, para recalçar contra os aguilhões, perseguir os santos e lutar contra Deus." (D&C 121:37-38.)

Palavras fortes, estas — mas tão certas quanto a luz do sol pela manhã. Tenho visto homens assim. Tenho-os visto cair e mirrar a ponto de hoje estarem nadando em um charco de miséria e maldade com o coração transbordante de ódio.

A cada um de nós o Senhor disse: "Magnificai vosso chamado." Nem sempre é fácil, mas sempre compensador. Abençoa aquele que retém essa divina autoridade. Por outro lado, olhar pelo lado errado das lentes reduz e atrofia nosso poder e diminui nossa contribuição. Partindo da perspectiva oposta, a perspectiva certa, natural e divina, nos ampliamos e elevamos, crescemos em força e satisfação, abençoamos a vida alheia agora e para sempre.

Meus irmãos, presto testemunho destas coisas. Presto testemunho do poder divino que vós e eu portamos. Ele provém de Deus, nosso Pai Eterno e é exercido em nome de seu amado Filho. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

GRAÇAS A DEUS

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

“Confesso a mão de Deus nos miraculosos eventos concernentes à Igreja na República Democrática Alemã... O longo período de preparação terminou. Desabrocha o futuro da Igreja.”



Na primeira seção de Doutrina e Convênios, lemos esta promessa do Senhor:

“Escutai, ó povo da minha igreja, diz a voz daquele que habita no alto... Escutai, ó povo de terras longínquas...”

Pois, na verdade, a voz do Senhor se dirige a todos os homens, e ninguém há de escapar, e não há olho que não verá, nem ouvido que não ouvirá, nem coração que não será penetrado.

E a voz de advertência irá a todos os povos pela boca de meus discípulos, os quais escolhi nestes últimos dias.

E eles irão avante, e ninguém os impedirá, pois eu, o Senhor, os mandei.” (D&C 1:1-2, 4-5.)

Em 1939, há exatamente cinquenta anos, os chefes de estado europeus devolviam solenemente os documentos com seus pontos de

vista às pastas de couro, levantavam-se da mesa de conferência e voltavam para seus respectivos países. A paz terminara. Poderosas forças armadas cruzaram fronteiras internacionais. Aviões de combate rugiam no ar; tanques gigantescos arrastavam-se pela terra. Tinha início a II Guerra Mundial.

Centenas de missionários foram retirados da Europa e redesignados para outras regiões do mundo. Os membros da Igreja nessas áreas, agora privados de liderança missionária, seguiram avante com destemor. Carnificinas, sofrimento e morte cobriram a Europa.

Após seis terríveis anos, cessou a guerra e teve início um gigantesco esforço de reconstrução. Missionários puderam retornar a certos países, o evangelho era pregado e a Igreja começou a crescer.

Em outros países, foram criadas novas fronteiras políticas, fronteiras cercadas com armas, e foi proibida a entrada de missionários. Neles, nossos membros suportaram um período marcado por uma espera paciente, orações fervorosas e uma vida fiel.

Em outubro de 1988, enquanto as turbinas de meu avião me conduziam ruidosamente para Berlim, meus pensamentos estavam com essas nações e meu coração preocupava-se com seu povo, particularmente com os nossos membros que tão resolutamente carregaram seu fardo e padeceram em silêncio. Recostei-me imerso em pensamentos, refletindo sobre

minha longa incumbência junto à República Democrática Alemã. Minha mente encheu-se de memórias e o coração transbordou-me de gratidão a Deus. Ponderei a história da Igreja no país para o qual me dirigia.

Antes da II Guerra Mundial, a nação que ora conhecemos como República Democrática Alemã, e que alguns chamam equivocadamente de Alemanha Oriental, constituía a área mais produtiva do mundo germânico quanto ao sucesso missionário.

A cidade de Chemnitz, agora Karl Marx Stadt, era formada de seis grandes ramos, sendo a maior concentração de santos dos últimos dias fora da América do Norte. Então sobreveio a terrível destruição da II Guerra Mundial. Depois que as bombas pararam de cair e a artilharia silenciou, restou uma terra devastada. Então, qual toupeiras saindo das tocas, foram aparecendo as pessoas, andrajosas, famintas, assustadas, perdidas. Rememorando, podia ouvir seus brados: “Mãe, onde estás? Pai, para onde foste?” E não encontravam nada além de um panorama lunar de buracos de bomba, prédios destróçados, crateras gigantes e montanhas de entulho. Era uma nação desolada e destruída.

A essa altura, o profeta do Senhor decidiu que um homem chamado Ezra Taft Benson empreendesse uma missão de socorro junto a esse povo em dificuldades. O Élder Benson cumpriu essa missão de duração incerta, deixando para trás a esposa que ama de todo o coração, e seus preciosos filhos, ainda pequenos na época. Percorreu as terras europeias de língua alemã de leste a oeste. Alimentou, vestiu, e abençoou o povo. E deu-lhe esperança. Sua folha de serviços foi o alicerce do progresso que se seguiu.

Outro grande benfeitor de nossos membros de língua alemã é Walter Stover, o qual tem compartilhado livremente sua vida e contribuído generosamente com seus meios para erguer o povo.

Em 1968, por ocasião de minha primeira visita à República Democrática Alemã, a tensão reinante era imensa. Não havia

confiança e entendimento. Não existiam relações diplomáticas. Num dia chuvoso e nublado, viajei para a cidade de Görlitz, situada perto da fronteira com a Polônia e Checoslováquia, para meu primeiro encontro com os santos. Nós nos reunimos num pequeno e antigo prédio. Ao entoarem os hinos de Sião, os membros literalmente encheram o recinto com sua fé e devoção.

Meu coração angustiou-se sabendo que os membros não contavam com um patriarca, nem alas ou estacas — apenas ramos. Não podiam receber as bênçãos do templo — nem investidura, nem selamento. Havia muito tempo que não tinham a presença de um representante oficial da sede da Igreja, e não podiam sair do seu país. Ainda assim, confiavam no Senhor de todo o coração.

Em pé no púlpito, com olhos marejados e a voz embargada de emoção, fiz uma promessa a esse povo: “Se permanecerdes fiéis aos mandamentos de Deus tereis as mesmas bênçãos de todo membro da Igreja em qualquer outro país.” Compreendi então o que dissera. Naquela noite, caí de joelhos e implorei ao Pai Celestial: “Pai, estou a teu serviço; esta é a tua Igreja. Proferi palavras que não foram minhas, mas vieram de ti e de teu Filho. Rogo que cumpras a promessa na vida deste teu nobre povo.” Assim terminou minha primeira visita à República Democrática Alemã.

A promessa do Senhor começou a manifestar-se. Foi designado um patriarca, o irmão Percy K. Fetzer, o qual foi também designado representante regional da área. Em seguida foi ordenado outro patriarca, Walter Krause, natural do país. Até o presente, ele deu novecentas e oitenta e nove bênçãos patriarcais, e sua esposa datilografou cada uma delas.

De tempos em tempos, eu visitava essa nação. Lembro-me das reuniões de liderança em que os líderes do sacerdócio vinham correndo à frente para apanhar instruções impressas sobre como deve funcionar o quorum ou de que forma administrar um ramo.

Recordo-me ainda de uma



Ao centro, Presidente Ezra Taft Benson, Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro, à esquerda, e Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro.

conferência na cidade de Annaberg, onde uma meiga irmã de mais idade aproximou-se e indagou: “O senhor é um apóstolo?”

Quando respondi afirmativamente, ela enfiou a mão na bolsa e dela retirou uma foto do Quorum dos Doze Apóstolos. Então pediu: “Qual deles é o senhor?”

Examinei a foto. O membro mais novo do Quorum dos Doze retratado era o Elder John A. Widtsoe. Ela não via um membro dos Doze havia muito, muito tempo!

Pouco depois foi estabelecida uma organização de membro missionário, o primeiro sumo sacerdote, e conselhos distritais organizados. Em Freiberg foi organizada uma estaca de Sião, e depois mais uma em Leipzig. Agora, todo membro da Igreja na República Democrática Alemã pertencia a uma estaca de Sião. Um presidente de ramo que entrevistei, servia como tal havia vinte e um anos, e só tinha quarenta e dois anos de idade. Metade de sua vida fora presidente de ramo; ainda assim estava disposto a continuar servindo em qualquer cargo que

fosse. Os membros aceitavam os chamados com entusiasmo.

Esses acontecimentos extraordinários foram precedidos de uma dedicação especial daquela terra.

Numa manhã de domingo, 27 de abril de 1975, encontrava-me no alto de um penhasco bem acima do rio Elba, entre as cidades de Dresden e Meissen, para oferecer uma prece em favor da terra e seu povo.

Nessa oração atentei para a fé dos membros, destacando os ternos sentimentos de muitos corações repletos do ardente desejo de obter as bênçãos do templo. Fiz um apelo em prol da paz, implorei o auxílio divino, e disse: “Amado Pai, permite que este momento seja o início de um novo dia para os membros da tua Igreja neste país.”

De repente, lá do fundo do vale ouviu-se o repicar de um sino de igreja, e o estridente canto de um galo rompeu a quietude matinal, ambos anunciando o raiar de um novo dia. Embora meus olhos estivessem cerrados, senti um cáldo raio de sol atingir meu rosto, mãos e braços. Como era possível? A manhã inteira fora marcada por chuva incessante.

Terminada a oração, olhei para o céu, de onde um raio de sol saindo de uma brecha entre as pesadas nuvens, atingia o ponto onde se encontrava nosso pequeno grupo. A partir desse instante eu soube que a ajuda divina estava às portas.

A obra foi avançando. A suprema bênção desejada por nossos membros dignos era poderem receber a investidura e os selamentos.

Estudamos cada possibilidade. Uma única viagem ao templo da Suíça? O governo não aprovaria. Talvez pai e mãe pudessem ir à Suíça, deixando os filhos em casa. Não servia. Como seria possível selar os filhos aos pais sem estarem ajoelhados juntos no altar? Uma situação trágica. Então, por meio do jejum e orações de muitos membros, e de forma muito natural, os líderes governamentais propuseram: Em vez de os membros irem ao templo na Suíça, por que não constroem um templo aqui na República Democrática Alemã? A proposta foi aceita; adquirido um terreno em Freiberg, teve início a edificação de um belo templo de Deus.

O dia da dedicação foi uma data histórica. O Presidente Gordon B. Hinckley proferiu a oração dedicatória. O céu estava próximo nesse dia.

Considerando seu tamanho, esse templo é um dos mais movimentados em toda a Igreja. É o único templo em que se faz reserva para participar de uma sessão de investidura. É o único templo que conheço do qual presidentes de estaca dizem: "O que podemos fazer? Nosso ensino familiar não é perfeito porque todo mundo está no templo!" Ao ouvir esse comentário, pensei: "Nada mau — nada mau mesmo!"

Acontecera o milagre dos milagres. Faltava mais um. Como a Igreja pode expandir-se sem missionários? Como podemos crescer em número se temos tantos idosos? Belas construções enfeitam o país: centros de estaca em Leipzig e Dresden, capelas em Freiberg e Zwickau, com outras a seguir, como a capela em construção na localidade de Plauen. Um fiel irmão de Plauen escreveu-me este



comovente relato: "Meus pais e avós serviram antes de nós neste ramo, mas até agora ainda não nos foi possível ter nossa própria capela. Realiza-se agora um sonho há muito acalentado." Depois de ler estas palavras comoventes, ocorreu-me pensar: "Mas de que servem prédios sem um número suficiente de membros para ocupá-los?"

Eis o dilema que me ocupava a mente quando meu avião pousou em Berlim naquela tarde de outubro. Então nos propusemos a cumprir nossa vital designação de conversar com os líderes da República Democrática Alemã. Nosso objetivo primordial era obter permissão para o início da obra missionária. Os élderes Russell M. Nelson e Hans B. Ringger, além dos líderes locais na República Democrática Alemã, encabeçados pelos presidentes Henry Burkhardt, Frank Apel e Manfred Schutze, encontraram-se inicialmente com o Secretário de Estado para Assuntos Religiosos, Kurt Löffler, durante um agradável almoço com que nos homenageou. Dirigiu a palavra ao nosso grupo, dizendo: "Queremos ser úteis aos senhores. Temos observado os senhores e sua gente durante vinte anos. Sabemos que

são o que professam ser: homens e mulheres — honestos."

Líderes governamentais compareceram com suas esposas à dedicação de um centro de estaca em Dresden, e uma capela em Zwickau. Quando os santos cantaram "Com o seu poder e no seu amor, nos encontraremos em Jesus"... "Oh, que Deus vos guarde em sua luz!", lembramo-nos dele, do Príncipe da Paz, que morreu na cruz do Calvário. Contemplei em pensamento nosso Senhor e Salvador, trilhando o caminho da dor, a senda de lágrimas, mesmo o caminho da retidão. Veio-me à mente sua penetrante declaração: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João 14:27.)

Depois voltamos para Berlim, para os encontros decisivos com o chefe da nação, mesmo o Presidente Erich Honecker.

Naquela manhã especial, o sol banhava a cidade de Berlim. Chovera a noite inteira, mas agora prevalecia a beleza. Fomos levados de carro ao prédio de audiências dos representantes supremos do governo.

Além da requintada entrada do edifício, fomos saudados pelo Presidente Honecker. Oferecemos-lhe a estatueta "Primeiros Passos", mostrando uma mãe ajudando o filhinho a dar o primeiro passo em direção ao pai. Ele mostrou-se muito satisfeito com o presente e a seguir conduziu-nos ao seu gabinete particular. Ali, assentamo-nos em torno de uma grande mesa redonda, em companhia do Presidente Honecker e seus assessores. O Presidente Honecker tomou a palavra dizendo:

"Sabemos que os membros de sua Igreja acreditam no trabalho; os senhores o provaram. Sabemos que acreditam na família; os senhores o demonstraram. Sabemos que são bons cidadãos em qualquer país que têm por pátria; nós o comprovamos. Dou-lhes a palavra. Digam o que desejam."

Comecei dizendo:

"Presidente Honecker, na dedicação e visitação pública do templo em Freiberg, oitenta e nove mil, oitocentos e noventa de seus

compatriotas permaneceram em fila, às vezes até quatro horas, às vezes debaixo de chuva, para poderem ver uma casa de Deus. Em Leipzig, na dedicação do centro de estaca, doze mil pessoas visitaram as instalações. Em Dresden, tivemos vinte e nove mil visitantes; na cidade de Zwickau, cinco mil e trezentos. E todas as semanas do ano, de mil e quinhentas a mil e oitocentas pessoas visitam os jardins do templo em Freiberg. Querem saber em que cremos. Nós gostaríamos de explicar-lhes que cremos na honra, obediência e apoio à lei do país. Gostaríamos de contar-lhes que procuramos formar unidades familiares fortes. Estas são apenas duas de nossas crenças. Mas não podemos responder a perguntas, nem transmitir o que sentimos, porque não temos representantes missionários como em outros países. Os rapazes e moças que gostaríamos de enviar ao seu país como missionários amariam sua nação e sua gente. Mais particularmente, deixariam com seu povo uma influência enobrecedora. E gostaríamos de ver rapazes e moças de sua nação e que são membros da Igreja, servir como representantes missionários em outros países, como na América, no Canadá e uma porção de outros. Eles voltarão mais preparados para assumirem postos de responsabilidade em seu país."

O Presidente Honecker falou, a seguir, por uns trinta minutos, descrevendo seus objetivos e pontos de vista, e pormenorizando o progresso conseguido por seu país. Afinal, sorriu e dirigindo-se a mim e meu grupo, disse: "Nós conhecemos os senhores. Confiamos nos senhores. Temos experiência com os senhores. Seu pedido referente aos missionários está aprovado."

Meu espírito literalmente elevou-se além do recinto. A reunião foi encerrada. Ao sairmos daquele belo recinto governamental, o Élder Russell Nelson voltou-se para mim e disse:

"Repare como a luz do sol penetra neste salão. É quase como se nosso Pai Celeste estivesse dizendo: Estou contente."

Terminara a sombria noite. A



Élderes Alexander B. Morrison, Robert E. Sackley, e Lloyd P. George, do Segundo Quorum dos Setenta.

clara luz do dia despontara. O Evangelho de Jesus Cristo seria agora levado aos milhões de pessoas dessa nação. Suas perguntas a respeito da Igreja serão respondidas, e o Reino de Deus avançará.

Meditando nesses eventos, meus pensamentos voltam-se para as palavras do Mestre: "E em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a sua ira, a não ser contra os que não confessam a sua mão em todas as coisas, e não obedecem aos seus mandamentos." (D&C 59:21.) Confesso a mão de Deus nos miraculosos eventos concernentes à Igreja na República Democrática Alemã.

A fé e a devoção de nossos membros nessa nação não passaram despercebidos a Deus. O excelente serviço de outras Autoridades Gerais, representantes regionais e presidentes de missão foram uma ajuda inestimável. A compreensiva cooperação dos líderes governamentais é sumamente apreciada. Foram feitas designações para os dez primeiros missionários da República Democrática Alemã servirem em outros países; e há apenas três dias, na quinta-feira, 30 de março, os

primeiros missionários de tempo integral em exatamente cinquenta anos chegaram à República Democrática Alemã. O presidente de missão deles estava lá para recebê-los. O longo período de preparação terminou. Desabrocha o futuro da Igreja. Graças a Deus.

Dos céus voltamos a ouvir a declaração do Senhor:

"Ouvi, ó céus, e dai ouvidos, ó terra, e regozijai-vos, vós habitantes dela, pois o Senhor é Deus, e além dele não há nenhum Salvador.

Grande é a sua sabedoria, maravilhosos os seus caminhos, e a extensão das suas obras ninguém pode descobrir.

Seus propósitos não falham, nem há ninguém capaz de reter a sua mão.

Pois assim diz o Senhor — Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aqueles que me temem, e me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e verdade até o fim.

Grande será a sua recompensa e eterna a sua glória." (D&C 76:1-3, 5-6.)

Que seja esta nossa bênção universal, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

ÀS MOÇAS E AOS RAPAZES

Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Vereis acontecimentos em vossa vida que porão à prova vossa coragem e vossa fé. Se encarardes a luz brilhante do evangelho, deixareis para trás as sombras do desânimo, do pecado e do erro. Não desistais jamais!”



O Presidente Monson fez-nos recordar que esta é uma Igreja mundial. Certa vez recebi um recorte de jornal da Índia, reproduzindo algo que eu havia dito aos jovens deste púlpito. Entre os que agora me ouvem ou possivelmente lerão mais tarde o que dissemos, encontram-se rapazes e moças de muitas terras, vivenciando os inquietantes, maravilhosos anos da adolescência. Encontro-me atualmente com adolescentes do mundo inteiro, talvez nuns setenta países. Tenho estado nos lares em que viveis — desde pequenas cabanas erguidas sobre estacas na selva a luxuosos apartamentos urbanos.

Estou uns cinqüenta anos à vossa frente na estrada da vida, mas tenho memória bastante boa, e não me esqueci inteiramente de como me sentia em vossa idade. E meus filhos e netos renovam minha memória de como é ser adolescente.

Há alguns anos, paramos num

pequeno restaurante. A jovem que nos atendeu mostrou-se cortês, mas muito séria. Quando me entregou a nota da despesa, perguntei:

“Pode informar-nos qual o melhor caminho para sair da cidade?”

Subitamente ela rompeu a chorar e retrucou:

“Senhor, eu nem mesmo sei como vim parar aqui.”

Desejei, mais de uma vez, ter podido conversar com ela numa mesa mais retirada; talvez pudéssemos ter ajudado.

Anseios da Adolescência

Os adolescentes, mesmo os rapazes, têm vez por outra vontade de chorar e dizer: “Senhor, eu nem mesmo sei como vim parar aqui.” Ficais imaginando *quem* sois, *por* que estais aqui e como chegastes *onde* estais.

Sei que às vezes achais que a vida não é justa, por que não podeis ter o que outros têm. Chegais mesmo a imaginar por que não podeis *ser* outra pessoa e trocar vosso corpo com alguém que vos parece mais bonito ou simpático ou talentoso ou inteligente ou forte ou esbelto; ou mudar de personalidade com alguém que não seja tão tímido ou desajeitado ou medroso como sois.

As vezes, imaginais por que não podeis trocar vossos pais por outros melhores. Não é preciso desculpar-vos, eles também gostariam, às vezes, de poder trocar-vos por alguém de convivência mais fácil.

Mas os pais e avós desculpam tais sentimentos. Afinal de contas, não passamos de adolescentes que conseguimos dominar algumas de suas frustrações para que não sejam

tão aparentes como quando tínhamos a vossa idade. E um dia, não muito distante, *vós* sereis como nós.

Um Mundo Diferente

Desejaria poder prometer-vos que o mundo será mais seguro e fácil para vós do que para nós. Mas não podemos prometê-lo, pois a verdade é justamente o oposto.

Enfrentais tentações que não existiam quando nós éramos adolescentes. Em nossa mocidade, não haviam inventado a AIDS, e droga era algo receitado pelo médico. Sabíamos alguma coisa sobre ópio pelos livros de mistério, mas esteróides, pílulas e “crack” e todo o resto pertenciam à imaginação do futuro.

O recato não era escarnecido. Moralidade e cortesia eram tão promovidos em livros e filmes como o oposto hoje em dia. Não se falava de perversão, e muito menos era endossada como modo de vida. O que se considerava pornográfico então, hoje se assiste no horário nobre da televisão.

Vosso desafio é *muito* maior que o nosso. Poucos de nós gostariam de trocar de lugar convosco. Francamente, não deixa de ser um alívio não estar em vosso lugar. Poucos de nós estariam à altura dele.

Oh, como é maravilhoso ser jovem! Tendes conhecimento de muito mais coisas do que nós precisávamos. Estou certo de que a vossa geração é melhor e mais forte que a nossa — superior em muitos sentidos! Estou certo de que vós, rapazes e moças, tendes condições de enfrentar o mundo em seus próprios termos, e conquistá-lo!

O Cavaleiro Negro

Alfred, Lord Tennyson, conta-nos a história de Gareth, um príncipe e cavaleiro da tábola redonda do Rei Artur, e de suas aventuras. A doce Lady Lyonors havia sido raptada pelo terrível cavaleiro negro, que a mantinha presa em seu castelo. Muitos jovens cavaleiros tentaram resgatá-la, mas não conseguiram. Voltaram derrotados e abatidos, falando da

espantosa força do cavaleiro negro; imploraram a Gareth que não fosse.

Mas Gareth foi em busca do castelo com a ponte levadiça, a torre e janela onde “Lady Lyonors torcia as mãos em desespero e chorava”. Então “montado num cavalo negro como a noite, em armadura negra tendo ao peito um esterno alvacento e brancas costelas da Morte”, com uma caveira ridente gravada no capacete, “avançou à meia-luz do amanhecer — o monstro”, mais impressionante, mais terrível do que Gareth imaginara. (“Gareth and Lynette”, *Idylls of the King*, em *The Complete Poetical Works Of Alfred Lord Tennyson*, Cambridge, Mass.: Riverside Press, 1898, p. 332.)

Baixando sua lança, o cavaleiro negro avançou a galope. Gareth, que já havia sido vencido em mais de um torneio, pressentiu sua terrível sina. Cada fibra de seu ser e lógica bradavam: “Fuja, salve-se!” Mas ele não podia fugir. Não, sem perder a honra, Gareth baixou sua lança e enfrentou a investida.

Então, para sua surpresa, Gareth derrubou o cavaleiro negro e arrancou-lhe o capacete. E ali, na armadura negra com a ossada gravada, encontrou um rapazinho que se pôs a chorar e implorar misericórdia.

Moças, rapazes, não importa de quantos torneios saís derrotados ao longo do caminho, não importa quão monstruosos sejam vossos desafios; se aprenderdes umas poucas e simples lições, poderá acontecer convosco o mesmo que aconteceu a Gareth, naquela ponte diante do castelo do cavaleiro negro.

De Linhagem Real

Gareth era somente um príncipe. Sois mais que ele. Sois filhos de Deus. Ele é o pai de vosso espírito. Sois espiritualmente de linhagem nobre, progênie do Rei dos Céus. Gravai na mente esta verdade e atende-vos a ela. Independente do número de gerações de vossa ancestralidade mortal, independente da raça ou povo que representais, a linhagem de vosso



espírito pode ser escrita numa única linha. Sois um filho de Deus!

Sois um ser dual, um espírito revestido de corpo mortal. Vosso corpo é o instrumento de vossa mente e o alicerce de vosso caráter. Não permitais que qualquer coisa possa danificá-lo ou perturbar as funções de vossa mente e espírito. Qualquer coisa que crie dependência é perigoso.

Vosso corpo encerra o poder de gerar vida, de participar da criação. A única expressão legítima desse poder é dentro do convênio do casamento. Seu emprego digno é a própria chave de vossa felicidade. Não useis esse poder antes do tempo, nem com qualquer pessoa. O mau uso dele não pode ser justificado pela popularidade.

O espírito opera por meio da mente, mas cultivar o intelecto não é o bastante. Só a razão não poderá proteger nem redimir-vos. Mas a razão nutrida pela fé consegue ambos.

O Lado Sombrio

Advirto-vos de que existe um lado sombrio nas coisas espirituais. Num momento de curiosidade ou imprudente bravata, alguns adolescentes têm-se sentido tentados a brincar com cultos satânicos. Não façais isso, jamais! Não vos associeis com quem o faz! Não imaginai o perigo! Não vos envolvais com isso! E existem ainda

outras brincadeiras e atividades insensatas que estão no lado sombrio. Não vos envolvais com elas!

Há uma coragem bem maior do que Gareth precisou para enfrentar o cavaleiro negro. É a coragem de fugir de coisas indignas quando zombam de vós por fazê-lo. Essa coragem é mesclada de sabedoria. Nós a conquistamos pela experiência; vós necessitais dela agora.

Vosso corpo e espírito têm dentro de si um sistema de alarme. No corpo é a dor, no espírito, o senso de culpa — ou dor espiritual. Embora nem dor nem senso de culpa seja agradável, um excesso de um ou outro pode destruir-nos; ambos destinam-se a proteger-nos, pois fazem soar o sinal: “Não façais isso de novo!”

Sede gratos pelos dois. Se os nervos de vossas mãos fossem alterados de forma a não sentireis mais dor, poderíeis expô-las ao fogo ou alguma maquinaria e destruí-las. No fundo de vosso coração adolescente, vós discernis o certo do errado. (Vide 2 Néfi 2:5.) Aprendei a atentar para a voz de advertência espiritual que existe em vós. Mesmo assim, não deixareis de cometer alguns enganos.

Perdão

Algumas pessoas que cometem um engano mais sério tendem a



acrescentar-lhe outros pensando ser tarde demais para elas. Nunca é tarde demais! Nunca!

Apesar de vossas tentações serem maiores que as nossas, isto será levado em conta no juízo do Senhor. Disse ele que “suas misericórdias (são) de acordo com as condições dos filhos dos homens”. (D&C 46:15.) Nada mais justo.

Uma grande contribuição para a doutrina cristã é a explicação encontrada no Livro de Mórmon de como *justiça*, *misericórdia*, *arrepentimento* e *perdão* operam juntos para extinguir a transgressão. (Vide Alma 42.)

A idéia desalentadora de que um erro (ou mesmo uma série deles) é irremediável para sempre, não provém do Senhor. Ele diz que se nos arrependermos, não só perdoará nossas transgressões, mas se esquecerá delas e não mais se lembrará de nossos pecados. (Vide Isaías 43:25; Hebreus 8:12; 10:17; D&C 58:42; Alma 36:19.) O arrependimento se assemelha ao sabão; é capaz de lavar o pecado. A sujeira já entranhada pode exigir o forte detergente da disciplina para remover suas manchas, mas elas acabarão cedendo.

O Fim do Mundo

Os adolescentes também tendem, às vezes, a pensar: “Que adianta? O mundo logo explodirá mesmo e

acabará.” Este é um pensamento que vem do medo, não da fé. Ninguém sabe a hora nem o dia (vide D&C 49:7), mas o fim não virá até que sejam cumpridos todos os propósitos do Senhor. Tudo o que tenho aprendido das revelações e da vida, convence-me de que há tempo, e de sobra, para vos preparardes cuidadosamente para uma longa vida.

Um dia tereis de lidar com vossos próprios filhos adolescentes. Nada mais justo. Mais tarde, ireis estragar vossos netos, e eles por sua vez estragarão os deles. Se alguém for atingido por um fim mais prematuro, eis mais uma razão para fazer as coisas certas.

Por mais limitado que seja o vosso corpo, ele é um dom precioso.

Um de vós poderá ser bem-nascido e bem formado enquanto que outro não. Em ambos os casos é uma prova. É este objetivo da mortalidade. Ao que nasceu pobre pode faltar auto-estima, ou o rico estar infectado pelo orgulho. O orgulho é o vírus espiritual mais letal. No esquema eterno das coisas, quem poderá dizer qual é o mais favorecido?

Ouvi atentamente esta passagem do Livro de Mórmon: “Se os homens vierem a mim, eu lhes mostrarei sua fraqueza. E dou a fraqueza aos homens a fim de que sejam humildes; e minha graça é suficiente para todos os que se

humilham perante mim; pois, se se humilharem e tiverem fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes entre eles.” (Éter 12:27.)

Poderá haver mais justiça no que somos e no que temos ou não temos, do que jamais supomos.

Sois um *filho* de Deus!

Que época maravilhosa para ser jovem. Vereis acontecimentos em vossa vida que porão à prova vossa coragem e vossa fé. Se encarardes a luz brilhante do evangelho, deixareis para trás as sombras do desânimo, do pecado, e do erro. Não desistais jamais! Nunca é tarde demais! Não existe um cavaleiro negro com força ou poder igual ao vosso, se viverdes retamente.

O Senhor vos conclama:

“Portanto, erguei os vossos corações e rejubilai, cingi os vossos lombos e tomai sobre vós toda a minha armadura, para que possais resistir ao mau dia e tendo feito tudo, possais permanecer firmes.

Permanecei firmes, portanto, tendo os vossos lombos cingidos com a verdade, vestida a couraça da retidão e calçados os vossos pés com a preparação do evangelho da paz que, para vo-lo confiar, enviei os meus anjos;

Tomando o escudo da fé com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno;

Tomai o capacete de salvação e a espada do meu Espírito, o qual derramarei sobre vós, e a minha palavra, como eu vo-la revelo, e estai de acordo uns com os outros no tocante a todas as coisas que de mim pedirdes, seja o que for, e sede fiéis até que eu venha, e sereis arrebatados para cima, para que onde eu esteja possais vós também estar.” (D&C 27:15-18.)

Deus vos abençoe, rapazes e moças que lutais com os inquietantes anos da adolescência. Alguns de vós possivelmente ainda não vos encontrastes, mas *não* estais perdidos, pois Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, nosso Salvador e Redentor. O evangelho foi revelado e restaurado. Dele presto testemunho ao invocar suas bênçãos sobre vós, nossa juventude, em nome de Jesus Cristo. Amém.

NOSSA FAMÍLIA CONGÊNERE

Élder J. Richard Clarke
da Presidência dos Quoruns dos Setenta

“Aprendendo a amar e cuidar de nossa família na mortalidade, nosso coração se voltará naturalmente para os membros de nossa família congênere no mundo espiritual.”



Meus irmãos e irmãs, desde outubro passado desfruto a bênção de estar associado ao Departamento de História da Família da Igreja, que nos permite sentir a alegria dos convênios e ordenanças do templo, à medida que os tornamos acessíveis aos nossos entes queridos.

Alex Haley, famoso autor do livro *Raízes*, comentou certa vez: “Em todos nós existe uma fome íntima de conhecer nossa herança — saber quem somos e de onde procedemos. Sem esse conhecimento enriquecedor, resta um anseio vazio. Não importa quais sejam nossas realizações na vida, continua havendo... um vazio, uma solidão muito inquietante.”

Por meio da história da família descobrimos a mais bela árvore na floresta da criação — nossa árvore

genealógica. Suas numerosas raízes remontam ao passado, e seus ramos estendem-se pela eternidade. A história da família é a expressão ampla do amor eterno, nascido da abnegação. Provê a oportunidade de assegurar para sempre a unidade familiar.

Morôni informou ao jovem Joseph Smith que Elias, o profeta, viria para revelar mais uma vez os propósitos, poderes e bênçãos do santo sacerdócio que estivera perdido para o mundo. Através das chaves que ele restauraria, promessas feitas anteriormente aos pais seriam plantadas no coração de seus filhos, nos últimos dias. Então nosso coração se voltaria para nossos pais e, por meio dessa promessa motivadora, os sagrados relacionamentos da mortalidade estender-se-iam eternamente. As famílias terrenas poderiam tornar-se famílias celestiais.

O Dr. Krister Stendhal, bispo da Igreja Luterana em Estocolmo, externou sua profunda emoção a respeito de nosso templo na Suécia: “Não é maravilhoso? Só os mórmons estendem as bênçãos da expiação de Jesus Cristo àqueles além da morte.” Ele está certo. As bênçãos da expiação alcançam além da morte. Jesus sofreu e morreu a fim de preservar e unir a família de nosso Pai.

Na mais antiga cultura bíblica, a família era mais que uma célula de pais e filhos; incluía todos os aparentados por laços de sangue e casamento. Essa família congênere, como prefiro chamá-la, era fortemente ligada pelos laços

afetivos e sacerdócio patriarcal. Os mais velhos eram venerados por sua experiência e sabedoria. Força e segurança provinham do número de pessoas e, com amor e apoio, seus membros asseguravam solidariedade e continuidade.

Numerosas condições sociais e econômicas no mundo de hoje militam contra esse tipo de família congênere. No decorrer dos séculos, forças malignas atacaram a família. Por que, supondes, Satanás está tão preocupado com sua dissolução? Porque representa tudo o que ele quer e não pode ter. Ele não pode ser marido, pai ou avô. Jamais poderá ter posteridade. Satanás não pode nem mesmo conservar aqueles que desviou de Deus. Não possui reino eterno nem herança eterna.

Não obstante, a família é a instituição mais forte e importante da sociedade. Onde sobreviveu, foi por uma questão da mais alta prioridade. Interesses individuais têm-se subordinado aos interesses do grupo. Sacrifício venceu o egocentrismo. Lealdade, respeito pelo nome da família, orgulho mútuo pelos feitos alheios, e apreço pelas horas compartilhadas têm sido preeminentes.

Tive a boa sorte de casar-me numa família assim. Maravilho-me ao ver parentes empreendendo longas viagens para apoiar uma atividade familiar, participar de uma despedida de missionário ou casamento. Uma tia idosa continua convidando primos de quatro gerações que freqüentam a Universidade Brigham Young, para a noite familiar em sua casa. Por meio desse convívio, os primos se fortalecem mutuamente no cumprimento dos convênios do evangelho.

Se o sistema de família congênere funcionasse como poderia, nosso coração abrangeria cada membro dela em tempos de necessidade. Recursos compartilhados tornariam a família auto-suficiente. Os filhos considerariam cuidar dos pais idosos uma bênção e não um fardo.

Conheço um pai viúvo que relutou em ir morar com a filha residente em outro estado. Ela agradeceu-lhe o privilégio de poder acolhê-lo em sua casa, insistindo que agora poderia demonstrar seu

amor por tudo o que recebera dos pais. Sentia-se egoísta por finalmente tê-lo consigo. Após a morte dele, falou-me de quão abençoada fora em poder viver os preciosos últimos anos com o pai.

O sacerdócio é o poder vital que consolida a família congênere. Um dos mais sagrados privilégios da paternidade é a bênção de ter filhos.

Há muitos anos, neste Tabernáculo, ouvi o Elder Sterling Sill nomear os homens que haviam executado as ordenanças essenciais do sacerdócio constantes de sua ficha de membro. Subitamente notei que o nome do meu pai não constava da minha ficha. Ele não fora ativo nos anos de minha juventude, mas posteriormente tornara-se um fiel sumo sacerdote.

Ao voltar da conferência, fiquei pensando nisso, sentindo-me como que destituído. Telefonei a meu pai e pedi:

— Pai, poderia fazer-me um favor? Você pode fazer uma coisa por mim que ninguém mais poderá. Gostaria que me desse uma bênção paterna.

Ele hesitou mas acabou dizendo:

— Está bem, veremos, na próxima vez que você vier a Rexburg.

Eu insisti. Que eu saiba, ele nunca havia dado uma bênção paterna antes, e estava nervoso. Aos oitenta e quatro anos, colocou as mãos trêmulas sobre minha cabeça. E este filho jamais olvidará a suprema alegria de ouvir um pai orgulhoso extravasar seu coração numa bênção — uma bênção que será considerada sagrada e valorizada não por sua eloquência, mas por ter vindo de meu pai. Espero, irmãos, que não negueis a vossos filhos esta preciosa experiência.

Agora, compreendo que na Igreja existem muitas famílias incompletas que não contam com um portador do sacerdócio para presidir o lar e abençoá-las. Elas relutam em recorrer a outros, e sentem-se freqüentemente ofendidas por comentários impensados a respeito de sua condição familiar. O mesmo se aplica aos adultos solteiros que ainda estão para casar-se. Consideram-se muitas vezes



excluídos da vida familiar mórmon. Estes necessitam particularmente fazer parte de uma família congênere do evangelho, na qual poderão ser abençoados por dignos portadores do sacerdócio e encontrar modelos de vida na fraternidade do quorum e irmandade da Sociedade de Socorro. As famílias da ala poderão estender-lhes a mão amiga e demonstrar carinhoso interesse. Dentro do plano designado do Senhor, ninguém deve sentir-se ignorado. Todos nós somos membros do corpo de Cristo.

Aprendendo a amar e cuidar de nossa família na mortalidade, nosso coração se voltará naturalmente para os membros de nossa família congênere no mundo espiritual. Vivendo além do véu, eles continuam esperando — esperando por nós, sua família, para participarem das bênçãos das ordenanças do sacerdócio. Desejam integrar o círculo familiar eterno. Aguardam ansiosos que nós tornemos isto possível. Não somos compelidos a fazê-lo?

Fiquei impressionado pelo

testemunho de uma adulta solteira de Washington, D.C., que, como recém-conversa, se viu subitamente imersa na busca da história de sua família. Após sua primeira sagrada experiência de participar das ordenanças no templo em favor de vários parentes seus, ela externou o que sentia com lágrimas de alegria. “Agora”, exclamou, “já não sou mais o único membro da Igreja em minha família!”

Nossa pesquisa familiar e ordenanças do templo permitem que sejamos famílias eternas. O processo de reunir os registros de história da família não precisa ser dispendioso ou complicado. Talvez não consigamos fazer tudo, mas podemos fazer alguma coisa.

Com vossa permissão, gostaria de ler parte de uma amável carta que recebi da irmã Linda Seamon, da Estaca Arizona Flagstaff.

“Somos uma família jovem. Meu marido e eu temos trinta e três anos. Temos três filhos pequenos. Esta é uma época de vida familiar atarefada para nós. Durante meses, Diana, a encarregada de história da família de nossa ala, costumava telefonar regularmente perguntando se poderia ajudar-nos a começar nossa história da família.

Nós logicamente agradecíamos sua oferta, mas replicando com firmeza: ‘Tia Leona, a Prima Nellie e Tia Bertha já fizeram tudo o que havia para fazer em nossa família.’ Então, intrigada por um artigo na revista *Ensign* a respeito dos novos formulários para história da família, comentei-o com Diana e uma semana mais tarde ela batia à nossa porta com os tais formulários! Dei uma olhada e pensei como seria bom preencher formulários com nossos próprios nomes nos espaços. Essa simples experiência de uma carinhosa e persistente representante de história da família foi que nos levou a começar.

Ambos descendemos de famílias mórmons há várias gerações e achávamos que todas as ordenanças por nossos antepassados haviam sido realizadas. Estávamos enganados! Nos poucos meses em que temos colecionado cópias dos registros de grupo familiar, tivemos muitas experiências que nos confirmam a

mão do Senhor nessa obra: quarenta e quatro batismos, quarenta e cinco investiduras, vinte e nove filhos selados aos pais, dezesseis selamentos matrimoniais, tudo a partir de registros supostamente 'completos'.

Palavras não conseguem expressar a alegria que sentimos no templo executando as ordenanças por nossos antepassados. Relações com parentes, algumas interrompidas desde a infância, foram reatadas. Parentes nossos mais distantes também começaram a participar. Enviamos nomes a cinco templos a fim de nos unirmos na realização conjunta das ordenanças vicárias.

Acreditamos que basta uma única ordenança vicária em favor de um antepassado para a pessoa convencer-se da importância dessa obra. É possível envolver-se nessa obra emocionante com qualquer idade. Nós nos comprometemos com ela!"

Do Profeta Joseph Smith vem-nos esta grave advertência: "A terra será ferida por maldição se não houver um elo de alguma espécie entre os pais e filhos... Pois nós, sem eles não podemos ser aperfeiçoados; nem podem eles, sem nós, ser aperfeiçoados." (D&C 128:18.)

Nos conselhos do céu antes da existência do mundo, fizemos o solene pacto com o Senhor de ajudá-lo a proporcionar a vida eterna ao homem. O Élder John A. Widtsoe lembra-nos que o último de nós, o mais humilde, trabalha em parceria com o Todo Poderoso na realização do propósito do eterno plano de salvação. É o dever do homem, seu prazer e alegria, seu labor e finalmente sua glória. Por essa doutrina, com o Senhor à testa, tornamo-nos salvadores no Monte Sião.

Presto testemunho da veracidade desta obra. Testifico que podemos antecipar a gloriosa reunião com nossa família congênera por meio das bênçãos do convênio do sacerdócio. Oro que acatem os profetas e herdemos a suprema alegria proporcionada pelo cumprimento dessa maravilhosa obra de salvação, em nome de Jesus Cristo. Amém.

LIDAR COM A IRONIA

Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Diante das variadas ironias da vida, talvez nos perguntemos: Será que Deus não percebeu essa reviravolta torturante? E se notou, por que permitiu que acontecesse? ...Ao lidar com a ironia, como em todas as coisas, temos um Mestre Exemplar em Jesus."



O que vou ler agora é um versículo muito arrepiante: "Não obstante, o Senhor julga sábio castigar a seu povo; sim, experimentar sua paciência e fé. (Mosiah 23:21.)

Esta declaração incontestável do propósito divino deve manter-nos espiritualmente atentos para as adversidades da vida.

Ironia é a dura crosta do pão da adversidade; é capaz de pôr à prova tanto nossa fé como nossa paciência. Ela pode ser uma forma particularmente amarga desse castigo por envolver uma perturbadora inconveniência, e resultados opostos às nossas expectativas. E nossos melhores planos caem por terra.

A pessoa prepara-se visível e pacientemente para uma função importante em meio à generalizada expectativa de sua iminente promoção ou eleição. Entretanto, o que segue, leva só um instante do

tempo. A vitória política que parecia tão próxima, recua e acaba totalmente frustrada.

Sem humildade, fica muito difícil lidar com tais ironias da vida.

No casamento, uma declaração descuidada se consolida em posição, a qual se torna mais importante do que comunicação e reconciliação. Um ponto de vista intelectual é orgulhosa e teimosamente defendido mesmo em face da verdade tutelar ou conselho retificador. Ocasionalmente, porém, como todos sabemos, é recuando que realmente se avança. Às vezes, só a ironia consegue induzir essa postura penosa mas progressista.

Invertendo as conseqüências esperadas, a ironia torna-se causa freqüente de a pessoa sentir-se ofendida. Quanto maior e mais indômito for o nosso ego, tanto maior a possibilidade de nos ofendermos, particularmente quando obrigados a provar nossa porção de vinagre e fel.

Então surgem as perguntas: Por que eu? Por que isso? Por que agora? Obviamente, tais indagações podem dar lugar à subsequente serenidade espiritual. Às vezes, entretanto, tais palavras precedem um amargo desconsolo, e então a distância que vai do desapontamento ao rancor é surpreendentemente breve.

Diante das variadas ironias da vida, talvez nos perguntemos: Será que Deus não percebeu essa reviravolta torturante? E se notou, por que permitiu que acontecesse? Eu não valho nada?

Nosso próprio planejamento pressupõe, muitas vezes, que nosso



destino depende principalmente de nós. Então surgem eventualidades imprevistas, primeiro dificultando e depois frustrando os resultados esperados e até mesmo merecidos. Daí podermos ser ofendidos não só por pessoas como pelos acontecimentos.

A ironia pode implicar não só padecimento inesperado mas também imerecido. Achamos que merecemos o melhor, e no entanto nos saímos mal. Tínhamos outros planos, planos até meritórios. Eles não contam? Um médico preparou-se laboriosamente para ajudar os enfermos, e agora não o pode, por causa de sua própria doença. Durante certo tempo, um diligente profeta do Senhor foi uma “testemunha passiva”. (Mórmon 3:16.) Condições frustrantes impedem mais que uns poucos de nós de cumprir nossas rondas prescritas.

Desafios sob medida somam-se assim à aflição e tentação que Paulo identifica como “humana”. (I Coríntios 10:13.)

Ao lidar com a ironia, como em todas as coisas, temos um Mestre Exemplar em Jesus Cristo. A divindade de Jesus sofreu assaltos dramáticos, quase constantes da ironia.

Para Jesus, de fato, a ironia teve início no seu nascimento. Sofreu verdadeiramente a vontade do Pai “em todas as coisas, desde o princípio”. (3 Néfi 11:11.) A terra inteira era o estrado de seus pés (vide Atos 7:49), mas em Belém “não havia lugar para (ele) na estalagem” (Lucas 2:7), nem berço

para acolhê-lo. (Vide *Cante Comigo*, F-1.)

No fim, o manso e humilde Jesus tomou da amarga taça sem o mínimo de amargura. (Vide 3 Néfi 11:11; D&C 19:18-19.) O mais inocente foi quem mais padeceu. No entanto, o Rei dos Reis não se abateu, mesmo quando alguns de seus súditos agiram com ele “como quiseram”. (D&C 49:6.) Sua capacidade de suportar tal ironia foi realmente extraordinária.

Vós e eu somos muito mais frágeis. Esquecemo-nos, por exemplo, de que as provas são injustas por sua própria natureza.

Nos céus, o sublime nome de Cristo foi determinado como sendo o único nome na terra capaz de oferecer salvação a toda humanidade. (Vide Atos 4:12; 2 Néfi 25:20; vide também Abraão 3:27.) Não obstante, o Messias Mortal viveu voluntariamente tão modestamente que, segundo Paulo, “aniquilou-se a si mesmo”. (Filipenses 2:7.)

Que contraste com nossas manobras quanto a reconhecimento relativo e posição comparativa. Quão diferente, também, da forma como alguns de nós consideramos equivocadamente o tamanho e a reação de sua platéia como única medida de seu valor. No entanto, essa popularidade volúvel a que às vezes nos curvamos, tem por hábito esvaziar-se constantemente. E certamente estará vazia no Dia do Juízo, quando todos estarão ocupados em algum lugar, de joelhos.

Como Criador, Cristo arquitetou

o universo, apesar de na pequena Galiléia ser conhecido simplesmente como “o filho do carpinteiro”. (Mateus 13:55.) Em verdade, o Senhor do universo não era honrado nem mesmo na humilde região de Nazaré. Embora surpresos com seus ensinamentos, os vizinhos “escandalizavam-se nele”. (Marcos 6:3). Até o humilde Jesus, “estava admirado da incredulidade deles”. (Vers. 6.)

Como Jeová, Jesus instituiria originalmente o mandamento de santificar o dia do Senhor, mas durante sua missão na vida mortal, foi acusado de violar o dia do sábado por haver curado um aflito. (Vide João 5:8-16.)

Conseguimos absorver a ironia de sermos magoados ao tentar ajudar? Tendo feito o bem mas sendo mal interpretados, suportamos ver as penas do falso testemunho dispersas ao sabor do vento?

Há muito tempo atrás, Cristo, como Criador, providenciou que houvesse condições de habitabilidade para nós nesta terra, proporcionando generosamente todas as condições atmosféricas essenciais à vida, inclusive a água. (Vide Moisés 1:33; D&C 76:24.) No entanto, quando estava na cruz ardendo de sede, “deram-lhe a beber vinho misturado com fel; mas ele, provando-o, não quis beber”. (Mateus 27:34; vide também Salmos 69:21.) Mesmo assim, Cristo não esbravejou, mas perdoou. (Vide Lucas 23:34.)

Cristo percebia claramente a constante ironia da situação: “As raposas têm covis, e as aves do céu ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.” (Lucas 9:58.) Ao Judas traidor, perguntou: “Com um beijo trais o Filho do homem?” (Lucas 22:48.) E ainda o comovedor lamento: “Jerusalém, Jerusalém... quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!” (Mateus 23:37.) No entanto, o repetido ritual de rejeição estava acontecendo-lhe de novo.

Todos sabemos como é quando não nos ouvem, mas como será ser desdenhado ou mesmo desprezado?

Além disso, existe uma diferença entre notar a rejeição, como fez Jesus, e insurgir-se contra ela, o que ele não fez.

Como Criador, Cristo formou “mundos sem número” (Moisés 1:33); ainda assim, com os dedos e um pouco de saliva e pó formou um punhadinho de lodo para restaurar a visão de um cego. (Vide João 9:6.) O maior ministrou humildemente a um de seus “pequenos”. (Mateus 25:40.)

Será que entendemos que o significado de nosso serviço não depende de sua proporção?

Dentro de poucas horas Cristo haveria de resgatar toda a humanidade, no entanto ouviu a turba manipulada gritar:

“Barrabás”, libertando assim o assassino que tirava a vida, em lugar de Jesus que dava a vida. (Vide Marcos 15:7-15.)

Podemos permanecer fiéis diante da falta de justiça? Cumpriremos nosso dever perante o clamor da multidão?

Como Mestre dos Mestres, Cristo dosava seu ensino segundo a preparação espiritual de seus ouvintes. E vemos ironia instrutiva mesmo em alguns desses episódios.

Quando o leproso curado voltou para agradecer, a singela mas penetrante indagação de Jesus foi: “Não foram dez os limpos? E onde estão os (outros) nove?” (Lucas 17:17.) A mãe mais informada dos apóstolos que desejava que seus dois filhos se assentassem à direita e à esquerda de Jesus, ele disse reprovando com amor: “Não sabeis o que pedis... (Isto) não me pertence dá-lo.” (Mateus 20:22-23.) Ao arrependido Pedro, ainda atormentado pela lembrança do canto de um galo, mas que amadurecia rapidamente, ordenou três vezes: “Apascenta as minhas ovelhas”, mas dizendo-lhe também “com que morte” o grande apóstolo seria martirizado mais tarde. (João 18:25-27; 21:15-19.) Quão mais se exigiu de Pedro do que do leproso!

Se um súbito, mortificante facho de luz expuser o hiato entre o que somos e o que pensamos ser, será que, como Pedro, permitiremos que seja um laser sanador? Teremos paciência de perseverar quando um de nossos atributos



comparativamente positivos é questionado? Uma crise penosa pode ser, na verdade, um meio de despojar essa virtude do corrosivo orgulho.

A humilde e devota samaritana que aguardava o Messias, Jesus revelou serenamente: “Eu o sou, eu que falo contigo.” (João 4:26.) No entanto, quando o ansioso Pilatos “disse a Jesus: Donde és tu? ...Jesus não lhe deu resposta”. (João 19:9.)

Conseguimos ficar em silêncio quando o silêncio é eloquência — mas poderá ser usado contra nós? Ou resmungaremos, só para que Deus saiba que notamos a ironia?

Além de todas essas ironias, contudo, tristes ironias, resta a imensa e auspiciosa ironia da grande missão de Cristo. Ele próprio reparou que, precisamente por ter sido “levantado sobre a cruz”, pôde “atrair a (si) todos os homens”, e assim como foi “levantado pelos homens”, também os homens seriam “levantados pelo Pai”. (3 Néfi 27:14.)

Como, porém, podemos fortalecer-nos contra a ironia em nossa vida e lidar melhor com ela quando chega?

Sendo mais semelhantes a Jesus, tal como tendo mais amor. “E o mundo, devido a sua iniquidade, julgá-lo-á como uma coisa sem valor; açoitá-lo-á e ele o permitirá; feri-lo-á e ele o suportará, sim, cuspirá nele e ele o consentirá, por causa de sua imensa bondade e benevolência para com os filhos dos homens”. (1 Néfi 19:9.)

Há outras chaves significativas

para lidar com ela. “E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.” (Lucas 9:23.) O sábio desprendimento faz encolher nosso senso de merecimento.

Outra chave cardeal é viver “rendendo diariamente graças a Deus pelas inúmeras bênçãos e misericórdia que derrama sobre vós”. (Alma 34:38.)

As comparativamente poucas ironias da vida são mais que compensadas pelas inúmeras misericórdias celestes! Não podemos contar todas nossas bênçãos a cada dia, mas podemos continuar lembrando o resultado da última contagem.

Outra maneira vital de nos havermos com a ironia foi exemplificada por Jesus. Apesar de sofrer toda sorte de tentações (vide Alma 7:11), “delas não fez caso”. (D&C 20:22.) Ao contrário de alguns de nós, ele não as fantasiou, reconsiderou ou reviveu. Como é que não percebemos que embora a princípio sejamos mais fortes que as tentações, a leviandade inverte a situação?

A maravilhosa mansidão de Jesus impediu que nele se manifestasse qualquer “raiz de amargura”. (Hebreus 12:15.) Ponderai as preciosas palavras do Salvador sobre a expiação *depois* de passar por ela. Não há nenhuma menção ao vinagre. Nenhuma menção à flagelação. Nenhuma menção ao espancamento. Nenhuma menção ao ultraje de ser cuspidito. Todavia

declarou que “(sofreu) tanto corporal como espiritualmente” numa extensão simplesmente incompreensível para nós. (D&C 19:18; vide igualmente o vers. 15.)

Chegamos finalmente à última e mais terrível ironia da vida de Jesus: Sentir-se abandonado no clímax da agonia no Calvário. O aparente retraimento do espírito do Pai, suscitou então o mais profundo brado de angústia da história humana. (Vide James E. Talmage, *Jesus o Cristo*, p. 638.) Tal privação jamais acontecera a Cristo antes — jamais. Com isso, porém, Jesus tornou-se o Cristo plenamente compreensivo, capaz de ser um perfeito Salvador. (Vide Alma 7:11-12.) Além disso, mesmo naquela hora mais sombria, enquanto se sentia abandonado, Jesus submeteu-se ao Pai.

Não admira que o Salvador nos diga que a angústia combinada do Getsêmani e do Calvário foi tão pungente que desejou poder recuar. “Todavia”, ele terminou suas “preparações”. (Vide D&C 19:18-19; 3 Néfi 11:11.) A palavra *todavia* reflete profunda, divina determinação.

Ademais, mesmo depois de pisar sozinho o lagar (vide D&C 76:107), que culminou no seu assombroso triunfo pessoal e na suprema vitória — o majestoso Jesus declara humildemente: “Glória ao Pai” (D&C 19:19), o que não nos deve surpreender. No mundo pré-mortal, Jesus voluntariamente ofereceu-se para ser nosso Salvador, dizendo: “Pai, faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre.” (Moisés 4:2.) Jesus foi fiel à sua palavra.

Agora, para terminar, declaro humildemente: “Glória ao Pai” — primeiro por suscitar tal Filho Incomparável. Segundo, “Glória ao Pai”, por permitir que seu Filho dileto sofresse e fosse sacrificado por todos nós. No Dia do Juízo, irmãos, alguns de nós queremos avançar precipitadamente para dizer ao Pai como nós, pais, sofreremos vendo nossos filhos sofrerem?

Glória ao Pai, em nome daquele capaz de socorrer-nos em meio a todas as ironias e adversidades (vide Alma 7:11-12), mesmo Jesus Cristo. Amém.

QUE O AMOR SEJA A ESTRELA-GUIA DE VOSSA VIDA

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

“Num mundo mutável, (o amor) é uma constante. É a própria essência do evangelho. É a segurança do lar; a salvaguarda da vida comunitária. É o fanal da esperança num mundo perturbador.”



Temos tido uma manhã maravilhosa em que o Espírito do Senhor se fez sentir. Oro pela continuidade desse Espírito.

Um distinto ministro protestante procurou-nos outro dia. No curso de nossa conversa, ele perguntou: “O que acha das coisas?”

Ao que repliquei: “Estou bastante otimista. No mundo estão acontecendo coisas salutares e boas. Há guerras, sim. Existem conflitos, sim. Mas há também bastante paz entre as nações da terra. Algo extremamente significativo está acontecendo na União Soviética e na República Popular da China. Está havendo uma crescente liberdade de expressão e atividade.

Uma nova abertura está surgindo. Sinto o espírito de Cristo pairando sobre as nações da terra.

Obviamente há problemas, muitos e graves. Afligimo-nos com a praga das drogas, com suas amargas consequências. Deploramos o terrível flagelo da pornografia. Contristamo-nos com a ímpia torrente de imoralidade e abortos. Preocupamo-nos com a epidemia de infidelidade, divórcios e lares desfeitos. Perturbamo-nos com a situação difícil daqueles que não têm um lar, e com a grave fome reinante em muitas partes da terra.

O extraordinário, porém, é que tanta gente se esteja importando. Mais do que em qualquer época da história do mundo, acredito, há dezenas de milhares de homens e mulheres empenhados em ajudar esses infelizes com suas forças e recursos. A ciência e a medicina modernas, estão operando maravilhas no alívio do sofrimento e prolongamento da vida. Há mais satisfação na vida de milhões.

Com respeito à nossa obra — isto é, à obra desta Igreja — sinto-me ainda mais otimista. Estamos ficando mais fortes. Espero que nosso povo esteja melhorando. Penso que sim. Há maior atividade, maior devoção, maior fidelidade.”

Contei-lhe que duas ou três semanas antes estivera numa área em que o índice de frequência dos membros às reuniões de domingo

era de 70% a 75%. Acho isto maravilhoso. De fato, acredito que seja único. São alas de comuns e fiéis santos dos últimos dias.

Concluí dizendo: "Repito, estou otimista — cautelosamente, sim, devido à extensão do mal do mundo. Baseado, porém, no que observo, o bem está vencendo e a obra do Senhor cresce em força e poder."

Depois que ele partiu, fiquei refletindo no que dissera. Lembrei-me de quando, em janeiro, ouvi o Presidente Ronald Reagan despedindo-se do povo desta nação num último discurso. Ele falou do que fora realizado durante os oito anos de sua presidência. Enquanto ele falava, pus-me a imaginar o que teria acontecido nesses oito anos na Igreja. Então pedi aos nossos secretários alguns dados estatísticos. Talvez vos interessem alguns pontos especialmente interessantes.

Acontece que durante esses mesmos oito anos servi como conselheiro na Primeira Presidência e tive, assim, oportunidade de observar o quadro mundial da Igreja em suas muitas atividades e ramificações. Coisas notáveis aconteceram nesse período. Não falo com qualquer sentido de vanglória, nem reclamo nenhum crédito pessoal.

Ontem, o irmão Michael Watson, secretário da Primeira Presidência, apresentou-vos o relatório estatístico da Igreja, referente a 1988. Permite que recorra a ele por um momento, para algumas comparações.

Em princípios de 1981, o número de membros da Igreja chegava a quatro milhões e seiscentos mil. No fim de 1988, atingia seis milhões, setecentos e vinte mil, significando um aumento de mais de dois milhões de 1.º de janeiro de 1981 a 1.º de janeiro de 1989. Nesse período, o número de estacas passou de mil duzentas e dezoito para mil setecentas e sete, ou seja, aproximadamente quinhentas a mais. O número de congregações aumentou de doze mil, quinhentos e noventa e um para dezesseis mil, quinhentos e cinquenta e oito, isto é, aproximadamente quatro mil novas alas e ramos. O número de missões passou de cento e oitenta e



oitenta e dois para duzentos e vinte e duas. O número de entidades políticas — nações ou territórios — em que operamos passou de oitenta e três para cento e vinte e cinco. O número de templos mais que dobrou, de dezenove para quarenta e um.

São apenas dados estatísticos, mas por traz deles estão homens e mulheres, meninos e meninas. Estamos nos referindo a filhos e filhas de Deus em cuja vida existe agora mais conhecimento, e cujo coração recebeu acrescida fé nas coisas da eternidade. Tem havido igualmente grande incremento na consagração e dedicação.

No final de 1988, contávamos trinta e seis mil, cento e trinta e dois missionários no campo ou já chamados. Além de milhares de voluntários servindo no programa de História da Família, trabalhando em vários escritórios da Igreja e lecionando em nosso sistema de seminário. O valor do tempo que consagram chegaria a dezenas de milhões de dólares.

A Igreja está progredindo por ser verdadeira. Está crescendo por haver um crescente amor a essa verdade. Está crescendo por causa do amor a Deus, do amor ao Salvador, do amor ao próximo e do crescente espírito de amor nos lares do povo. Esse amor é a grande

constante em toda nossa obra. E brota daquele amor que é divino:

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16.)

Gostaria de falar um pouco sobre esse amor, esse constante e infalível atributo capaz de nos alçar acima do mal, do conflito e das dificuldades do mundo em que vivemos.

Quando eu era menino, passávamos o verão numa fazenda do interior, onde as noites eram escuras. Não havia iluminação na rua ou coisas desse gênero. Meu irmão e eu costumávamos dormir ao ar livre. Nas noites desanuviadas — e a maioria delas apresentava-se sem nuvens e o ar era limpo — ficávamos deitados de costas observando os miríades de astros no firmamento. Sabíamos identificar algumas constelações e certas estrelas pelas ilustrações de nossa enciclopédia. Toda noite procurávamos a Ursa Maior a fim de encontrar a Estrela Polar.

Víamos a nos convencer da constância dessa estrela. Com o movimento da terra, outras pareciam deslocar-se pelo firmamento. Mas a Estrela Polar mantinha sua posição com o eixo terrestre. E por isso passou a ser



Elders Monte J. Brough e Lloyd P. George, do Segundo Quorum dos Setenta.

conhecida como a Estrela Polar ou estrela-guia. Há séculos e séculos, os marinheiros orientavam-se por ela em suas viagens. Calculavam sua posição baseados na constância da Estrela Polar, evitando assim navegar em círculos ou no rumo errado, ao singrarem os imensos mares sem marca.

Por causa dessas contemplações juvenis, a Estrela Polar tornou-se importante para mim. Passei a tê-la como uma constante em meio à inconstância. Era uma coisa com que podia contar, uma coisa confiável, uma âncora no que de resto parecia um firmamento móvel e instável.

O amor é como a Estrela Polar. Num mundo mutável, é uma constante. É a própria essência do evangelho. É a segurança do lar; a salvaguarda da vida comunitária. É o fanal da esperança num mundo perturbador.

Em 1984, participamos dos serviços dedicatórios do Templo de Sidney, Austrália. Houve muitos discursos, muita música e muitas orações na abertura e no encerramento de várias sessões. Confesso que não me recordo de muita coisa do que foi dito ou cantado. Jamais esqueci-me, porém, das palavras de um irmão que ofereceu uma das orações de abertura: "Querido Pai, somos-te

gratos por nos teres amado." Estas palavras, entre as muitas outras ouvidas na ocasião, gravaram-se em minha mente.

O amor de Deus ultrapassa grandemente nossa compreensão. Ele é nosso amoroso Pai Eterno. Por amor a nós, formulou um plano eterno que, obedecido, nos conduz à exaltação em seu reino. Por amor a nós, enviou ao mundo seu Primogênito que, induzido por seu divino amor, se entregou a si mesmo em sacrifício por todos nós. Foi um incomparável dom de amor a um mundo que, em grande parte, o desprezou. Ele é o nosso grande exemplo. Devemos fazer com que o amor se torne a estrela-guia de nossa vida, com a absoluta certeza de que, devido ao amor de Deus, nosso Pai Eterno, e seu amado Filho, nossa salvação das cadeias da morte está assegurada e certa é nossa oportunidade de obter salvação eterna. Fazei com que o amor divino derramado sobre nós, se reflita de nós para a vida de outros filhos do Pai.

Ao contemplarmos no mundo todo as massas que vivem famintas e pobres, e em cuja vida são constantes as aflições de doença e miséria, sejamos generosos com nossos meios para ajudá-los. Numa grande efusão de amor, nosso povo contribuiu naqueles dois dias mais

de dez e meio milhões de dólares para ajudar a transpor a brecha entre a vida e morte para incontáveis pessoas necessitadas e morrendo de inanição. A Igreja continua a ter um programa, um fundo especial para o qual podemos contribuir com coração enternecido para auxílio a pessoas não pertencentes à nossa fé, que estejam na miséria em muitas partes do mundo.

Movidos pelo amor aos menos afortunados de nossa própria gente, observemos a lei do jejum, abstenho-nos de comer — o que não nos fará falta — e contribuindo com o valor equivalente, e até mais, para assistência aos que se encontram em situação desesperada.

Fazei com que o amor se torne a estrela-guia de nossa vida. Somos, sem dúvida, um povo abençoado. Somos abençoados com as boas coisas da terra, e abençoados com as preciosas coisas do céu. Temos o santo sacerdócio, cujos poderes estendem-se além do véu da morte. Na casa sagrada que chamamos de templo, temos oportunidade de fazer por outros o que eles não podem fazer por si próprios. Tão certo como Cristo se ofereceu como sacrifício vicário por *toda* a humanidade, nós também podemos empenhar-nos no serviço vicário em favor de *alguns* seres humanos, dando-lhes com isso oportunidade de avançarem no caminho da imortalidade e vida eterna. Grande é essa obra de amor que prossegue nessa casa sagrada. Legiões de homens e mulheres dedicam-se dia e noite, com total abnegação, a essa obra que fala de divindade.

Fazei com que o amor seja a Estrela Polar de nossa vida ao estender a mão àqueles que necessitam de nossa força. Muitos de nós padecem sozinhos. A medicina ajuda, mas palavras carinhosas conseguem operar milagres. Muitos há que vivem em condições alarmantes, temerosos e incapazes de enfrentá-las. Temos bons bispos e líderes da Sociedade de Socorro capazes de ajudar, mas eles não conseguem fazer tudo sozinhos. Todos nós podemos e devemos ocupar-nos numa boa causa. Foi dito a respeito do

Salvador: "O qual andou fazendo o bem." (Vide Atos 10:38.)

Isaías disse: "Confortai as mãos fracas, e fortalecei os joelhos trementes. Dizei aos turbados de coração: Esforçai-vos, não temais: eis que o vosso Deus virá com vingança, com recompensa de Deus; ele virá e vos salvará." (Isaías 35:3-4.)

Declarou Miquéias:

"Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?" (Miquéias 6:8.)

E fala a divina voz da revelação: "Portanto, em todas as tuas orações, em todas as tuas exortações e em todas as tuas ações, fortalece a teus irmãos." (D&C 108:7.)

Tais são os mandados — esses e muitos mais — de estendermos a mão aos sofredores com a medida de amor sintetizada na vida e obras do Salvador.

Existem mesmo em nosso meio alguns cuja vida é dilacerada pelo ódio. Eles se lançam contra isto e aquilo, incluindo a Igreja. Inventam e divulgam vis falsidades que não têm o mínimo indício de verdade. Isso não é novidade, exceto que existem em cada geração, inclusive em nossa, pessoas aparentemente possuídas do mal que assim se manifesta. Nessas circunstâncias, somos confortados pelas palavras do Mestre: "Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa." (Mateus 5:11.)

Pensamos igualmente no mandado da revelação moderna: "Eu, o Senhor, perdôo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens." (D&C 64:10.)

Lembramo-nos de um personagem público que, quando compelido a deixar o cargo, declarou: "Aqueles que vos odeiam não vencem a menos que vós os odieis — e então estareis destruindo a vós mesmos."

Nem sempre é fácil seguir a estrela-guia do amor. Requer uma disciplina quase acima da capacidade de muita gente. Penso



ser o mais difícil e também o mais importante de todos os mandamentos. Sua observância, porém, produz uma notável disciplina e influência refinadora que são maravilhosas de experimentar. Tem o doce sabor do perfeito amor de Cristo.

Aos que vivem num lar conturbado, gostaria de sugerir que permitam que o amor se torne a estrela-guia da vida em família. Há um excesso de gritos, recriminações demais e tantas lágrimas no lar de alguns do nosso povo. O único remédio é o amor. Ele é o próprio alicerce do casamento. Pode ser alimentado e fortalecido, ou debilitar-se e fenecer. A solução está dentro de nós mesmos. Maridos, dominai o mau humor. Esposas, refraei a língua. Revivei o maravilhoso sentimento que vos conduziu ao altar matrimonial.

O amor é a própria essência da vida familiar. Por que os filhos que amamos se tornam tantas vezes alvo de nossas recriminações? Por que esses filhos que amam seus pais, às vezes os magoam com palavras que parecem punhais afiados? "Tudo é belo em derredor", *tão somente se houver "amor no lar"*. (Hinos, nº 126.)

A palavra *amor* é muitas vezes usada em lugar do termo *caridade* na grande declaração de Paulo.

Nesse caso, fica assim:

"(O amor) nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá...

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e (o amor), est(es) três, mas (o) maior dest(es) é (o amor)." (I Coríntios 13:8, 13.)

Falando-nos nesta dispensação, disse o Senhor: "E a fé, a esperança, a caridade e o amor, com os olhos fitos na glória de Deus, o qualificam para o trabalho." (D&C 4:5.)

Poucos ainda conseguem ver a Estrela Polar. Vivemos em centros urbanos e as luzes da cidade prejudicam nossa visão do maravilhoso firmamento acima de nós. Não obstante, como vem acontecendo há séculos, a estrela continua em seu lugar, como um guia e âncora em sua constância. O amor é igual — inflexível, imutável, "o puro amor de Cristo", segundo Morôni, que "permanece para sempre; e todos os que forem achados em sua posse no último dia bem lhes irá" (Morôni 7:47).

Deixo-vos meu amor e minha bênção, é minha oração que haja paz em vossos corações e vossos lares, em nome daquele cuja vida foi a suprema dádiva de amor, mesmo o Senhor Jesus Cristo. Amém.

O CANCRO DA DISCÓRDIA

Élder Russell M. Nelson
do Quorum dos Doze Apóstolos

“Assim como abominamos qualquer mal que mina a saúde do corpo, deveríamos deplorar a discórdia, o cancro corrosivo do espírito.”



Há meses, meu estimado companheiro Élder Carlos E. Asay encontrava-se comigo no alto do Monte Nebo, onde Moisés esteve em outros tempos. (Vide Deuteronômio 34:1-4.) E contemplamos o que ele viu. Ao longe, à nossa direita, vimos o Mar da Galiléia. O Rio Jordão, saindo dele, fluía até o Mar Morto, à nossa esquerda. À nossa frente estava a terra prometida para a qual Josué conduziu os israelitas fiéis há tanto tempo.

Mais tarde, foi-nos permitido fazer o que Moisés não pôde. Fomos escoltados do Reino Hachemita da Jordânia até sua fronteira ocidental com Israel, onde nós e nosso grupo atravessamos a ponte Allenby. Sentimos a tensão existente com soldados armados guardando ambos os lados da fronteira internacional.

Depois de passar em segurança por essa experiência, pensei na

ironia de toda a situação. Aqui na terra santificada pelo Príncipe da Paz, tem havido discórdias quase contínuas desde sua época até hoje.

Antes de sua ascensão da Terra Santa, o Salvador proferiu uma bênção singular: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá.” (João 14:27.)

Sua paz não é necessariamente política; sua paz é pessoal. Mas esse espírito de paz interior é desalojado pela discórdia. Usualmente ela não começa como antagonismo entre países. Geralmente começa com um indivíduo, pois podemos discordar dentro de nós sobre simples questões de certo e errado. A partir daí, a discórdia pode infectar vizinhos e nações como um mal devastador.

Assim como abominamos qualquer mal que mina a saúde do corpo, deveríamos deplorar a discórdia, o cancro corrosivo do espírito. Aprecio o conselho de Abraham Lincoln que disse certa ocasião:

“Não brigueis, jamais. Nenhum homem decidido a fazer o máximo de si próprio, dispõe de tempo para contendas pessoais... É melhor ceder caminho ao cão do que ser mordido por ele.” (Carta dirigida a J. M. Cutts, 26 de outubro de 1863, em *Concise Lincoln Dictionary Thoughts and Statements*, comp. and arr. by Ralph B. Winn, New York: New Philosophical Library, 1959, p. 107.)

Ontem, em seu discurso de abertura, o Presidente Ezra Taft Benson referiu-se à discórdia como “outro aspecto do orgulho”.

O que me preocupa é que ela esteja sendo aceita como um modo

de vida. Pelo que vemos e ouvimos nos meios de comunicação, as salas de aula e os locais de trabalho estão todos infectados até certo grau pela discórdia. Como é fácil, ainda que muito errado, permitir que o hábito da discórdia permeie questões de importância espiritual, pois a contenda é proibida por decreto divino:

“O Senhor Deus ordenou que os homens não cometam assassinio; que não mintam; que não roubem; que não usem o nome do Senhor seu Deus em vão; que não tenham inveja; que não tenham malícia; que não disputem um com o outro.” (2 Néfi 26:32.)

O Criador da Discórdia

Para entender por que o Senhor ordenou que “não disputemos um com o outro”, temos de conhecer a verdadeira origem da contenda. Um profeta do Livro de Mórmon revelou-nos esse importante conhecimento mesmo antes do nascimento de Cristo:

“Satanás o incitava continuamente à prática de iniquidades; sim, ele ia de um lado para outro, espalhando rumores e discórdias sobre a face da terra, a fim de enrijecer o coração do povo contra o que era bom e o que deveria vir.” (Helamã 16:22.)

Quando Cristo visitou os nefitas, ele confirmou essa profecia:

“Aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, (diz o Senhor), mas é do demônio, que é o pai da discórdia e leva a cólera aos corações dos homens, para contenderem uns com os outros.

E eis que esta não é a minha doutrina, ou seja, a de agitar com ira os corações dos homens uns contra os outros; ao contrário, é preceito de minha doutrina que tais coisas devem cessar.” (3 Néfi 11:29-30.)

A Origem da Discórdia

A discórdia já existia antes da formação da terra. Ao ser anunciado pela primeira vez o plano de Deus para a criação da terra e da vida mortal, filhos e filhas dele extravasaram seu júbilo aos brados. O plano previa o

arbítrio do homem seu subseqüente afastamento da presença de Deus, e a misericordiosa providência de um Salvador para redimir a humanidade. As escrituras revelam que Lúcifer se empenhou vigorosamente em *modificar* o plano, eliminando o arbítrio do homem. Seu astuto motivo é desmascarado por suas próprias palavras:

“Eis-me aqui, manda-me e serei teu filho e redimirei a humanidade toda, de modo que nem uma só alma se perderá, e sem dúvida, o farei; portanto, dá-me a tua honra.” (Moisés 4:1.)

A egocêntrica tentativa de Satanás de alterar o plano de Deus provocou grave discórdia nos céus. Segundo explicou o Profeta Joseph Smith:

“Jesus disse que certas almas não seriam salvas; e o demônio afirmou que ele salvaria todas elas e expôs seus planos diante do grande conselho, o qual votou em favor de Jesus Cristo. Por isso o demônio rebelou-se contra Deus e foi expulso, junto com todos os que se colocaram ao lado dele.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 349.)

Nessa guerra nos céus não houve derramamento de sangue. Foi uma guerra de idéias conflitantes — o início da discórdia.

As escrituras nos advertem repetidamente que o pai da discórdia se opõe ao plano do Pai Celestial. O método de Satanás conta com o contagioso cancro da discórdia. Seu motivo? Obter mais aclamação pessoal do que o próprio Deus.

Alvos do Adversário

A obra do adversário poderia ser comparada ao disparo de armas mortíferas contra a obra de Deus. Salvas de tiros contendo os germes da discórdia são disparadas contra alvos estratégicos essenciais a essa santa obra. Esses alvos vitais abrangem — além do indivíduo — a família, a doutrina divina e os líderes da Igreja.

A Família

A família está sendo atacada



Ao centro, Presidente Ezra Taft Benson, à esquerda, Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro e à direita, Presidente Thomas S. Monson, segundo conselheiro.

desde que Satanás zombou de Adão e Eva. (Vide Gênesis 3; Moisés 4.) Por isso, hoje, todos devem acautelar-se do perigo de discórdia na família, que geralmente começa de forma inocente. Há alguns anos, quando nossas filhas eram menininhas mas já queriam ser grandes, a moda prescrevia o uso de diversas anáguas. A discórdia poderia ter encontrado campo fértil quando as meninas descobriram que a primeira que se vestisse, ficava mais na moda.

Numa família com vários rapazes, os que tinham o braço mais comprido levavam vantagem ao servir-se nas refeições. A fim de evitarem discórdias, adotaram a regra de que à mesa, pelo menos um pé devia ficar apoiado no chão.

O lar é o melhor laboratório de aprendizado e amor. Nele os pais ajudam os filhos a superarem essa tendência natural ao egoísmo. Ao criarmos nossos próprios filhos, irmã Nelson e eu temos sido muito gratos por este conselho do Livro de Mórmon:

“Não permitireis que vossos filhos andem famintos ou desnudos, nem que transgridam as leis de Deus, e briguem e disputem entre si,...

Mas ensiná-los-eis a andar pelos caminhos da verdade e da moderação; ensiná-los-eis a se amarem mutuamente e a servirem

uns aos outros.” (Mosiah 4:14-15.)

E eu poderia acrescentar, por favor, sede pacientes enquanto as crianças aprendem essas lições.

Os pais devem ser companheiros que se apreciam e se protegem mutuamente, sabendo que a meta do adversário é destruir a integridade da família.

Líderes da Igreja

Os líderes da Igreja costumam ser atacados pelos que instigam a discórdia. Isto acontece apesar de nenhum deles ter-se escolhido a si próprio para um posto de responsabilidade. Toda autoridade geral, por exemplo, optou por outra ocupação para ganhar a vida. Mas o fato é que, como aconteceu a Pedro ou Paulo, cada qual foi realmente “chamado por Deus, pela profecia e imposição das mãos, por quem (possuía) autoridade”. (5ª Regra de Fé.) Com esse chamado nos comprometemos a imitar os exemplos do Príncipe da Paz.

Tal meta é compartilhada pelos dignos servos do Mestre, que não falam mal dos ungidos do Senhor nem provocam discórdia a respeito de ensinamentos declarados pelos profetas antigos ou modernos.

Certamente nenhum fiel seguidor de Deus se dispõe a promover qualquer causa, ainda que remotamente relacionada com

religião, se baseada em controvérsia, porque a discórdia não é do Senhor.

Sem dúvida, nenhum membro firme emprestará seu bom nome a publicações, programas ou foruns que promovam acusadores que semeiam “contendas entre irmãos”. (Provérbios 6:19; vide também 6:14.)

Tais agitadores infelizmente cumprem uma antiga profecia: eles “se mancomunam contra o Senhor e contra o seu ungido”. (Salmos 2:2.)

O ungido, não obstante, ora misericordiosamente pelos que o atacam, por conhecer o triste fim que os espera. (Vide D&C 121:16-22.)

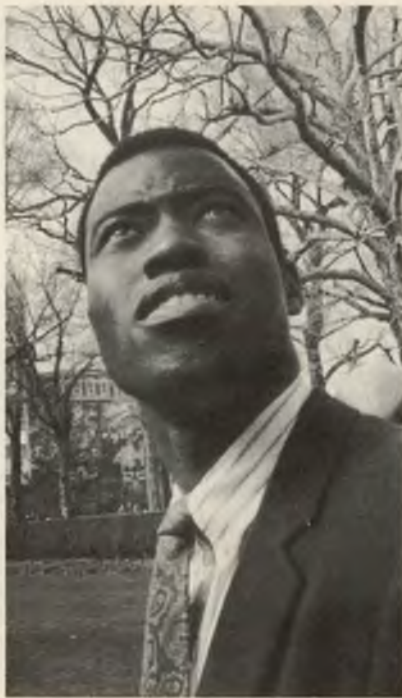
No mundo inteiro, os santos do Senhor seguem-no *bem como* seus líderes ungidos. Eles aprenderam que o caminho da dissensão conduz a graves perigos. O Livro de Mórmon contém esta advertência:

“Esses dissidentes, tendo tido a mesma instrução..., tendo sido instruídos no próprio conhecimento do Senhor, não obstante, por estranho que pareça, pouco depois de sua dissensão tornaram-se mais duros e impenitentes, mais selvagens, malvados e ferozes..., tornando-se indolentes e entregando-se a toda sorte de lascívia; sim, esquecendo-se por completo do Senhor seu Deus.” (Alma 47:36.)

Quão devastadora é a força da dissensão! Pequenos atos podem produzir tão graves consequências. Independente de posição ou situação, ninguém pode julgar-se livre do terrível preço da discórdia.

Thomas B. Marsh, em outros tempos um dos Doze, abandonou a Igreja. Sua derrocada para a apostasia teve início quando sua mulher e outra irmã se desentenderam por causa de um pouco de creme de leite! Ele voltou à Igreja depois de uma ausência de quase dezenove anos. E declarou então a uma congregação de santos:

“Se houver alguém deste povo que um dia queira apostatar e fazer como eu fiz, prepare as costas para umas boas chicotadas, se estiver entre os que o Senhor ama. Se quiser aceitar meu conselho,



entretanto, fique ao lado das autoridades.” (*Journal of Discourses*, 5:206; vide também Presidente Gordon B. Hinckley, *A Liahona*, julho de 1984, p. 150.)

As autoridades são, naturalmente, humanas. Mas foi a elas que Deus confiou as chaves de sua obra divina. E nos deu responsabilidade por nossa reação aos ensinamentos de seus servos. Eis as palavras do Senhor:

“Se o meu povo atender à minha voz, e à voz dos meus servos os quais designei para guiar o meu povo, eis que na verdade vos digo, não serão movidos de seu lugar.

Mas se não atenderem à minha voz, nem à voz destes homens que designei, não serão abençoados.” (D&C 124:45-46.)

Doutrina Divina

A doutrina divina da Igreja é o alvo primordial dos ataques desfechados pelos espiritualmente rixentos. Lembro-me bem de um amigo que costumava lançar sementes de discórdia nas aulas da Igreja. Suas investidas eram invariavelmente precedidas pelo comentário previsível: “Farei o papel de advogado do diabo.” Ele faleceu recentemente. Um dia estará perante o tribunal do Senhor. Fico imaginando, será que

se ouvirá novamente o usual comentário dele?

Tais espíritos rixentos não são novidade. Numa epístola a Timóteo, o Apóstolo Paulo faz esta advertência: “... que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados.” (I Timóteo 6:1.)

“Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não conforma com as suas palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a (sua) doutrina... mas delira acerca de questões e contendas de palavras, ... cuidando que a piedade seja causa de ganho: aparta-te dos tais.” (I Timóteo 6:3-5; também Isaías 29:21; 2 Néfi 27:32; D&C 19:30; 38:41; 60:14.)

Dissecar doutrina gerando controvérsia a fim de chamar atenção para a própria pessoa não é agradável ao Senhor. Diz ele:

“Trarão à luz os pontos verdadeiros da minha doutrina, sim, a minha única doutrina.

E isto faço para estabelecer o meu evangelho, para que não haja tanta contenda; sim, Satanás excita os corações do povo para que contendam com respeito aos pontos da minha doutrina; e nestas coisas erram, pois torcem as escrituras e não as compreendem.” (D&C 10:62-63.)

A contenda promove a desunião. O Livro de Mórmon ensina o melhor caminho:

“Alma, tendo autoridade de Deus, ... ordenou que não houvesse desentendimentos entre eles, mas que deviam olhar para frente com um único fito, tendo uma fé e um batismo, e tendo seus corações entrelaçados em unidade e amor uns para com os outros.” (Mosiah 18:18, 21; vide também 23:15.)

Como Vencer a Discórdia

Como poderemos vencer esse cancro da discórdia? O que devemos fazer, individualmente, para substituir o espírito de discórdia pelo espírito de paz pessoal?

Para começar, demonstrar um interesse compassivo pelos outros. Dominar a língua, a caneta e o processador de texto. Sempre que vos sentirdes tentados a contender, lembrai-vos deste provérbio: “O que despreza o seu próximo é falto

de sabedoria; mas o homem de entendimento cala-se." (Provérbios 11:12; vide também 17:28.)

Refrear a paixão de falar ou escrever contenciosamente visando vantagem ou glória pessoal. O Apóstolo Paulo recomendou aos filipenses: "Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo." (Filipenses 2:3.)

Tal consideração mútua nos levaria, então, a discordar respeitosamente sem nos tornarmos ofensivos.

O último passo, entretanto, está além de começarmos a controlar nossas palavras. A paz pessoal é alcançada quando, em humilde submissão, amamos sinceramente a Deus.

Atentai bem para esta escritura: "E não havia contendas na terra, em virtude do amor a Deus que vivia nos corações do povo." (4 Néfi 1:15; vide igualmente 1:2.)

Assim, pois, o amor a Deus deve ser nossa meta. É o primeiro mandamento — o fundamento da fé. Desenvolvendo amor a Deus e Cristo, seguir-se-ão naturalmente o amor à família e ao próximo. Então procuraremos decididamente imitar Jesus. Ele curava. Ele consolava. Ele ensinava: "Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus." (Mateus 5:9; vide também 3 Néfi 12:9.)

A dor causada pelo causticante cancro da discórdia será extirpada da alma pelo amor a Deus. Esta cura principia com um voto pessoal: "Haja paz na terra, a começar em mim." ("Haja Paz na Terra, Sy Miller e Jill Jackson, Jan-Lee Music, Beverly Hills, Califórnia, 1972.) Esse compromisso propagar-se-á então entre os familiares e amigos e trará paz às comunidades e nações.

Evitai a discórdia. Buscai a santidade. Deixai-vos iluminar pela verdade eterna. Sede concordes com o Senhor em amor e com ele unidos na fé. Então tereis "a paz de Deus que excede todo o entendimento" (Filipenses 4:7), abençoando-vos e a vossa posteridade nas gerações ainda vindouras. Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

A UNIVERSIDADE PARA A VIDA ETERNA

Elder F. Enzo Busche
do Primeiro Quorum dos Setenta

"O templo é o lugar onde o Senhor quer que façamos uma avaliação sincera de nossa vida mortal. Ele quer que conheçamos as conseqüências do fato de que esta vida é um tempo de provação."



Sinto-me tomado de alegria e profunda gratidão por poder participar desta congregação de santos dos últimos dias nesta grande conferência. É-me impossível descrever com palavras os sentimentos que a irmã Busche e eu compartilhamos servindo o segundo ano num dos templos do Senhor. A dimensão de sua santidade continua a inspirar-nos todos os dias.

Desde nossa primeira visita ao templo há trinta anos, sempre reverenciamos e consideramos o templo como um local sagrado — um local para se aprender e servir — mas agora, depois de nos ser permitido concentrar, durante dois anos, nossa mente e coração unicamente nos propósitos e santidade da casa do Senhor, parece que nossas almas despertaram para uma nova

compreensão. O primeiro despertar aconteceu quando o Evangelho de Jesus Cristo nos foi manifestado pela luz do Santo Espírito, dando-nos um entendimento da fé, arrependimento e batismo. Desta vez é como se um véu tivesse sido removido de nossa mente espiritual e passássemos a ver o mesmo evangelho, porém com mais nitidez, maior clareza e entendimento mais amplo.

Agora não é hora ou ocasião para demorar-me ou aprofundar-me quanto ao significado e propósito do templo, mas sinto que devo compartilhar convosco um pouco do que passei a sentir nas muitas horas de quietude na casa do Senhor.

É indubitável que depois de nós, membros, termos recebido nossa própria investidura, costumamos voltar à casa do Senhor para dedicar algum tempo à salvação de nossos antepassados. À luz da experiência, porém, de estar mais próximo à casa do Senhor, sei que o Senhor está convidando urgentemente *todos* os membros de sua Igreja a se prepararem para ir ao templo, não só pelas ordenanças de salvação para si mesmos e para seus antepassados, mas também por outras razões. Tenho certeza de que o templo é a única "universidade" em que o homem se prepara espiritualmente para graduar-se para a vida eterna. O templo é o lugar onde o Senhor quer que façamos uma avaliação sincera de nossa vida mortal. Ele quer que conheçamos as conseqüências do fato de que esta vida é um tempo



O Assembly Hall, na Praça do Templo. Um dos muitos edifícios que recebem os visitantes da conferência que não puderam entrar no tabernáculo.

de provação, pois isto foi revelado ao homem de nossa época por meio do surgimento do Livro de Mórmon. Em Alma 12:24 lemos, por exemplo:

“E vemos que a morte cai sobre a humanidade,... que é a morte temporal; no entanto, foi concedido ao homem um tempo no qual poderia se arrepender; portanto, esta vida se tornou um estado de provação; um tempo de preparação para o encontro com Deus.”

Isto posto, parece-me imperativo fazer-nos estas perguntas: Como nos estamos saindo, realmente? Existe um meio de verificar ou saber onde estamos, e se seguimos o caminho certo?

Novamente, sinto que as respostas se encontram no Livro de Mórmon, nos versículos dez e onze do capítulo quarenta e um de Alma:

“Eis que te digo que a iniquidade nunca foi felicidade.

...todos os homens que estão em estado natural, ou, em outras palavras, em estado carnal, estão

no fel da amargura e nos cativos da iniquidade;... estão num estado contrário à natureza da felicidade.”

Todos nós somos propensos, vez por outra, a cair num estado contrário à felicidade, não necessariamente por termos cometido alguma maldade ou iniquidade no sentido pleno do termo. Enquanto estivermos nessa condição terrena de provação, entretanto, estamos sujeitos à influência do adversário. Talvez nos tornemos um pouco negligentes. Possivelmente descuidamos nosso relacionamento com as pessoas mais chegadas a nós — que são nossa responsabilidade primordial — nosso cônjuge, nossos filhos ou nossos pais. Quem sabe permitimos que pequenos maus hábitos ou atitudes se insinuem em nossa vida; ou talvez cheguemos mesmo a perder até certo ponto o entendimento da importância de guardar um convênio estritamente. Nesse caso, estamos numa situação perigosa. Temos de tomar consciência dela. Não podemos dar-nos ao luxo de ignorá-la.

Poderemos perceber que há certo tempo já não somos realmente felizes, que constantemente temos de nos esforçar para sorrir ou quem sabe nos encontremos num estado próximo à depressão. Talvez não tenhamos violado expressamente um convênio ou até mesmo consigamos esconder-nos por trás de uma pretensa felicidade. Embora possamos enganar os semelhantes, não podemos enganar a nós mesmos nem a Deus.

Quando o Espírito do Senhor se afasta, ainda que só um pouco, nós o sentimos, mesmo conhecendo muito pouco ou nada a respeito do Evangelho de Jesus Cristo ou do plano de salvação. Quando qualquer filho de Deus viola alguma das leis dele, que são leis de retidão, o Espírito de Cristo que, segundo as escrituras, “dá luz a todo o homem”, se retrai em certa medida. (Vide D&C 84:46; 121:37; D&C 93:2; João 1:9.) Nuvens sombrias caem sobre nossa alma e, nesse estado, é essencial termos consciência do que nos está acontecendo.

O evangelho em sua plenitude está sendo pregado em todo o mundo pelos servos ungidos do Senhor, para que todos possam tomar consciência de seu estado. A fim de estarmos atentos às palavras dos ungidos do Senhor, é necessário lermos e estudarmos as escrituras com afinco e dedicação. O que vemos ou sentimos, ou o que aprendemos pelo que outros aprenderam após muita tribulação, possibilita-nos não ter de sofrer como eles.

Por exemplo, nós podemos hoje sentir e aprender pelos ensinamentos do Profeta Alma, do Livro de Mórmon, como se o ouvíssemos pregando há mais de dois mil anos:

“Se nossos corações se endurecerem, sim, se endurecermos nossos corações contra sua palavra, a tal ponto que em nós ela não seja encontrada, então nossa condição será terrível, pois que seremos condenados.

Porque nossas palavras nos condenarão; sim, todas as nossas obras nos condenarão; não seremos encontrados sem manchas e nossos

pensamentos também nos condenarão; e neste terrível estado não nos atreveremos a olhar para Deus, e dar-nos-íamos por felizes se pudéssemos ordenar às pedras e montanhas que caíssem sobre nós, para nos esconder de sua presença.

Mas isto não pode ser. Teremos que apresentar-nos perante ele em sua glória, força, poder, majestade e domínio, e reconhecer, para nossa eterna vergonha que todos os seus julgamentos são justos; que todas as suas obras são justas, que é misericordioso para com os filhos dos homens e que tem todo o poder para salvar a todo aquele que creia em seu nome e apresente bons frutos de arrependimento.” (Alma 12:13-15.)

Meus queridos irmãos, o Senhor não quer que percebamos nossa condição de nulidade e miséria (vide Mosiah 4:11; Alma 26:12; Helamã 12:7; Moisés 1:10) só no Dia do Juízo. Ele quer aguçar nossa percepção agora e a cada dia de nossa vida mortal, a fim de que nos tornemos nossos próprios juízes ao nos conclamar a um contínuo processo de arrependimento.

Depois de falar sobre arrependimento e desejos de retidão até o fim da vida, diz Alma: “Estes são os remidos do Senhor; ...pois (são) seus próprios juízes.” (Alma 41:7.) O Apóstolo Paulo diz o mesmo ao explicar em I Coríntios 11:31: “Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.”

Parece que passar efetivamente pelo processo de arrependimento contínuo só é possível se aprendermos literalmente a ser nossos próprios juízes. Nós e o Senhor somos os únicos que nos conhecemos realmente. E nós nem ao menos nos conhecemos até aprendermos a trilhar a difícil e solitária senda da auto-análise honesta, conforme constantemente influídos pelo Espírito.

Este é o sacrifício que precisamos aprender a oferecer. Ninguém será capaz em tempo algum, de entender ou mesmo aceitar princípios de verdade a menos que haja adquirido, até certo ponto, uma penosa percepção das dimensões do ser honesto consigo próprio. Sem a capacidade de



Presidente Ezra Taft Benson e Presidente Gordon B. Hinckley, primeiro conselheiro, cumprimentam Elder David B. Haight, do Quorum dos Doze, à esquerda.

reconhecer a verdade, não seremos verdadeiramente livres; continuaremos escravos de hábitos ou preconceitos pesadamente ocultos por desculpas.

Aprendendo, porém, a compreender as profundas dimensões da verdade nos tornaremos livres. Nós não podemos afastar uma pedra de tropeço sem primeiro enxergá-la. Não podemos crescer se não soubermos o que nos está impedindo.

Meus queridos irmãos, não conheço nenhum lugar melhor para crescer no entendimento dos princípios de honestidade que a casa do Senhor. Temos motivos de regozijo porque a compreensão de que esta vida é o tempo para o homem preparar-se para o encontro com Deus, nos veio enquanto ainda resta tempo para considerarmos as consequências dessa mensagem. Vivemos ainda, e nosso estado probatório ainda não terminou. Templos foram erigidos como casas do Senhor e estão

prontos para servir de instrumento para o nosso gradual despertar para as plenas dimensões da verdade em nossa inevitável caminhada para a eternidade.

Eu, pessoalmente, tenho-me sentido profundamente humilde nesses dias de quietude no templo ao ser-me concedida uma compreensão mais profunda da nulidade do homem, da necessidade do processo de contínuo arrependimento e da necessidade dos convênios do templo, que se baseiam nos princípios da expiação de Cristo.

Sei que o Senhor Jesus Cristo vive. Sei que esta é a sua Igreja. Sei que ele está à testa desta obra. É uma grande alegria ver o número cada vez maior de membros que compreendem a importância do templo para sua própria educação espiritual e, por conseguinte, sua preparação espiritual para a vida eterna.

Deixo-vos este testemunho como vosso irmão e vosso servo, e o faço em nome de Jesus Cristo. Amém.

“SENHOR, QUANDO TE VIMOS COM FOME?”

Irmã Joy F. Evans

Primeira Conselheira na Presidência Geral da Sociedade de Socorro

“Compadecer-se daqueles que sofrem... e depois traduzir o que nos vai no coração na necessária ação é, verdadeiramente, ministrar como Deus quer que ministremos.”



Lemos no livro de Mateus que quando o Filho do Homem vier em toda sua glória, todas as nações da terra reunir-se-ão diante dele e ele os apartará, como o pastor aparta as ovelhas dos bodes. Os que ficarem à sua direita serão abençoados e herdarão o reino preparado para eles desde a fundação do mundo. (Vide Mateus 25:31-34.) E o Rei lhes dirá:

“Porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

Então os justos lhe responderão...: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

E quando te vimos estrangeiro, e

te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

E, respondendo o Rei,... dirá: Em verdade, vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Vers. 35-40.)

Quase que diariamente temos oportunidade de alimentar o faminto, visitar o enfermo, ajudar-nos mutuamente a carregar nossos fardos, exatamente como o Salvador ensinou. Às vezes, prestamos serviço à nossa família, nossos filhos, marido ou esposa, nossos pais ou entes queridos. Outras, é a um vizinho ou amigo em necessidade, ou então a um estranho.

Compadecer-se daqueles que sofrem por qualquer razão que seja, e depois traduzir o que nos vai no coração na necessária ação é, verdadeiramente, ministrar como Deus quer que ministremos.

Quando da organização da Sociedade de Socorro, o Profeta Joseph Smith disse às irmãs que agora estavam em condição de agir de acordo com as simpatias que Deus lhes colocara no coração. (Vide *History of the Church*, 4:605.)

Hoje em dia, inúmeras mulheres da Igreja estendem a mão a outras por meio do ensino familiar e serviço de solidariedade, que continuam sendo o cerne da Sociedade de Socorro. Elas abençoam a vida de outras e dão novo ânimo às irmãs desanimadas ou saudosas, atemorizadas ou desalentadas. Lembrem-se do

conselho recebido de um profeta de Deus: “Deus sabe de nós e vela por nós. Mas é geralmente por intermédio de outra pessoa mortal que ele atende a nossas necessidades. Por isso, é vital que nos sirvamos uns aos outros no reino.” (Spencer W. Kimball, “Pequenos Atos de Serviço”, *A Liahona*, dezembro de 1976, p. 1.) No livro de Provérbios somos admoestados: “Não detenhas dos seus donos o bem, estando na tua mão poder fazê-lo.” (Provérbios 3:27.)

Quem sabe uma experiência pessoal ajude a ilustrar esse amoroso e zeloso cuidado que devemos um ao outro.

Meu marido e eu fomos abençoados com dez filhos maravilhosos. Sete deles estão vivos, o que significa, logicamente, que três não estão. Durante os tempos de gravidez, eu era obrigada a ficar de cama grande parte do tempo, e era sempre uma grave preocupação conseguir reter os preciosos bebês até terem condições de sobreviver. Durante muitas semanas, minhas professoras visitantes vinham trazer-me o almoço ou o jantar para minha família. Cuidavam de nossos pequenos e mandavam-me livros da biblioteca para eu ter o que ler.

Quando nasceram nossos gêmeos, foi uma surpresa total! Que maravilhoso ter dois bebês com uma única gravidez! Mas não foi por muito tempo — pelo menos nesta vida. Nosso garotinho viveu dois dias; nossa menininha, três. E lá estavam novamente as irmãs, não só com comida pronta mas também uma bela roseira chamada “Dueto” que cresceu e floresceu. Um doce lembrete de uma época plena de emoções. As lindas flores ajudaram-nos a recordar nossos pequeninos, nossos amigos, nossa gratidão pelo evangelho e pela Igreja.

Devemos levar a sério nossa responsabilidade de estender a mão do amor àqueles que estão sós ou infelizes — que lutam com problemas ou tentações. Alguém lhes dará amizade; alguém lhes dará conforto. Qual é nosso insucesso se encontrarem essa amizade e conforto em outro lugar porque

não estávamos presentes, porque não estávamos dispostos?

“Precisei de vós, não consegui encontrar-vos; agora não preciso mais.” Não podemos permitir que isso aconteça se houver algum meio de estarmos presentes quando somos necessários.

Atender às necessidades dos enfermos, particularmente dos doentes terminais e seus familiares, faz parte da obra de amor designada à Sociedade de Socorro desde sua organização. Os tempos mudaram bastante desde aqueles dias pioneiros em Nauvoo, em que as irmãs prestavam a maior parte da única assistência disponível aos doentes e moribundos, em que forravam os ataúdes, costuravam as vestes fúnebres, cuidavam gentilmente do corpo do morto e consolavam os vivos. Em nossa época e geração a vida já não é tão difícil, e prolongou-se para a maioria de nós, e tornou-se infinitamente mais confortável.

Mas continuam existindo os males crônicos e terminais — às vezes acometendo os jovens, outras os mais idosos — e ainda é preciso enfrentar a morte. Ainda devemos ajudar a levar “as cargas uns dos outros” (Gálatas 6:2), “confortar os que necessitam de conforto”, e “chorar com os que choram”. (Mosiah 18:9.)

O serviço de solidariedade pode ser uma doce e consoladora ajuda para o paciente e seus familiares nessas ocasiões. “Adoecei, ...e fostes ver-me.” (Mateus 25:36.)

Freqüentemente as pessoas nada fazem numa situação assim, simplesmente por não saberem o que fazer. Temem intrrometer-se ou dizer alguma coisa errada. Talvez não saibam como lidar com uma pessoa que está morrendo ou com sua família. Podem sentir emoções de raiva, tristeza ou confusão. Mesmo assim, até elas podem encontrar meios de ajudar.

Certa mãe conta o caso de uma tragédia por que passou quando cinco parentes próximos de outro estado morreram num grave acidente de carro. Ela ainda lutava por absorver a notícia, tentando arrumar a bagagem para sua própria família partir para o funeral no dia seguinte. Então bateu à



Visitantes esperando para entrar no Tabernáculo de Lago Salgado para uma sessão da conferência. Ao fundo e à esquerda, o edifício dos Escritórios da Igreja e o Templo de Lago Salgado.

porta um bom amigo e vizinho, anunciando que viera engraxar os sapatos. Ela nem se havia lembrado de levar sapatos!

Logo ele estava ajoelhado na cozinha com um balde de água e sabão, uma esponja, graxa e escova; pouco depois, os sapatos diários e de sair de toda a família estavam limpos e reluzentes. Ao terminar, saiu sem alarde, deixando os sapatos prontos para pôr na mala; até as solas estavam impecáveis.

E essa mãe diz: “Agora, sempre que tenho notícia de que alguma pessoa conhecida perdeu um ente querido, eu não telefono mais com a vaga oferta: ‘Se eu puder ajudar...’ Agora penso numa coisa específica que se enquadre nas necessidades da pessoa, tal como lavar o carro, levar o cachorro à pensão para cães ou cuidar de sua casa durante o funeral. E se ela me pergunta: ‘Como soube que eu precisava disso?’, respondo: ‘É porque certa vez um homem limpou meus sapatos.’” (Madge Harrah, “He Cleaned Our Shoes”, *Reader’s Digest*, dezembro de 1983, pp. 21-24.)

Cuidar de uma pessoa acometida de grave mal crônico ou terminal não é fácil tarefa, passageira. É quase sempre uma dura experiência emocional e física. O doente e respectiva família geralmente

aceitam de bom grado um apoio emocional e espiritual regular.

Proporcionar uma folga aos que cuidam de doentes crônicos ou terminais permite-lhes recuperar as forças e a capacidade de resistir. A duração dessa assistência depende das condições individuais; mas até mesmo uma ou duas horas podem fazer grande diferença para uma família assoberbada.

A mãe impossibilitada de dedicar o tempo necessário à filha adolescente por ter de cuidar da avó que sofreu um derrame, a família que se considera culpada por externar o desejo de fugir do problema por um tempinho, a mãe que passa tanto tempo com uma criança física ou mentalmente incapaz que os outros filhos se sentem (e às vezes realmente são) negligenciados — todos eles necessitam de amoroso apoio e algum alívio de suas responsabilidades assoberbantes.

Ajudar seus semelhantes em épocas particularmente difíceis exige empatia e paciência. As pessoas reagem à dor de várias maneiras. Nem todos recuperam-se no mesmo período de tempo, e nem todo mundo age da mesma forma. A pessoa sofredora poderá mostrar-se irritadíssima, deprimida, quieta ou retraída, mas com bondade e amizade quase sempre



se recuperará e chegará à aceitação.

O testemunho da realidade de Jesus Cristo e de sua ressurreição é um conhecimento que ampara e conforta nas horas de provação. Essa certeza conduz da sombra para a luz os acobalhados pela dor. E este conhecimento nós podemos compartilhar com o próximo: “Eu sei que vive meu Senhor, Que vive para me alentar, A minha angústia sossegar.” (*Hinos*, n.º 74.)

Ser sensível a tais necessidades ajuda todos a encontrarem alegria na preciosa realidade do viver cotidiano, e a olhar com fé para o futuro, sabendo que sofrimento, luta e perseverar até o fim são partes necessárias da mortalidade.

Diz-se que o amor é testado e provado na chama do sofrimento e adversidade. Quão sensíveis devemos ser para com os que sofrem ou choram, para com os que têm problemas especiais — a irmã que sofreu um aborto ou perdeu o filho no parto, teve um bebê prematuro ou deficiente; a que perdeu o marido amado; a moça encantadora que ainda não teve a ventura de casar-se e gerar filhos; a recém-conversa que se viu rejeitada pela família por causa do batismo.

O que nós fazemos ou dizemos não é tão importante quanto o fato da iniciativa em si: “Eu me importo com você”, ou “Quero ajudar”. Onde houver amor, o coração

falará ao coração, e o fardo será aliviado.

Nunca devemos achar que fizemos a nossa parte ou tivemos a nossa vez. Aprecio algo dito por Dag Hammarskjöld quando era secretário-geral das Nações Unidas: “Não fizeste o bastante, nunca fizeste o bastante enquanto ainda houver algo com que podes contribuir.” (Richard L. Evans Jr, *Richard L. Evans, The Man and the Message*, Salt Lake City: Bookcraft, 1973, p. 256.)

Aqueles que por alguma razão, como idade ou condições de saúde, não podem prestar o tipo de serviço de que falamos, gostaríamos de repetir o que disse alguém: “Dentre as pessoas que conhecemos, não são necessariamente aquelas que, qual meteoro, estão sempre à caça de algum encargo ou tarefa visível, a quem mais devemos. Muitas vezes são as vidas que, como os astros, simplesmente derramam sobre nós a calma luz de seu fiel e radioso ser, para o qual olhamos e dele sorvemos a mais profunda calma e coragem. É bom saber que mesmo não podendo fazer mais nada por nossos semelhantes, ainda poderemos ser-lhes alguma coisa; saber, e isto com certeza, que nenhum homem ou mulher, por mais humilde que seja, pode realmente ser forte, gentil e bom sem que o mundo seja melhor por

causa dessa bondade.”

E quase todos podem fazer ou ser alguma coisa por outro alguém necessitado.

Pode haver dias ou ocasiões em que, enfrentando problemas assobrecantes, queiramos crer. Podemos estar aflitos, ou irritados, ou duvidosos, mas querendo crer. É-me confortante saber que o Senhor, sabendo que seria assim, nos deixou no livro de Marcos (9:14-29) a maravilhosa história do pai perturbado que levou o filho ao Salvador para que o curasse de um mal que nos parece ter sido a epilepsia.

Jesus disse: “Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê.

E logo o pai do menino, clamando, com lágrimas, disse: Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade.” (Vers. 23-24.)

Nós também podemos ajudar-nos mutuamente em nossos dias de incredulidade. Podemos fortalecer e erguer e abençoar aqueles cuja fé talvez esteja fraca. Conforme diz Alma: “Ainda mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar, fazei com que esse desejo opere em vós.” (Alma 32:27.) Isto é plantar a semente da fé.

Temos de reconhecer que a vida é um dom precioso (Florence Nightingale chamava-a de “dom esplêndido”), que confiança e ternura são frágeis, que nos devemos amar e servir uns aos outros, encorajar-nos mutuamente, perdoar-nos uns aos outros — tudo isso não uma vez, mas constantemente. Então, talvez, sejamos lembrados entre os que estão à direita do Senhor quando ele vier em sua glória.

“Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

E quando te vimos enfermo ou na prisão, e fomos ver-te?

E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:37-40.)

Que assim o façamos, irmãos e irmãs, cada um de nós, quando tivermos oportunidade, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

O CAMINHO DA PERFEIÇÃO

Elder Royden G. Derrick
do Primeiro Quorum dos Setenta

“Jesus mostrou-nos o caminho. Sua simplicidade está contida nas bem-aventuranças.”



Em outubro de 1833, o Profeta Joseph Smith recebeu uma revelação na qual dizia o Senhor: “Pois a mim erguerei um povo puro, o qual me servirá em justiça.” (D&C 100:16.) O Senhor referia-se aos nossos antepassados pioneiros, e também aos santos de hoje. Em vista dessa responsabilidade implícita, gostaria de falar-vos hoje sobre o caminho da perfeição, o qual não diz respeito só a esta vida mas igualmente à próxima.

Há duas semanas, recebi uma carta interessante de um membro da Igreja natural de um país localizado nos altiplanos do Himalaia, no sudeste asiático. Dizia ele: “Fui criado numa aristocrática família sacerdotal hindu, de estirpe real. Ensinaaram-me a trabalhar, mas sem esperar recompensa. Então pensei: ‘Por que trabalhar se não há recompensa? Estarei seguindo o caminho certo?’ Sentia-me ofendido pela filosofia politeísta

e panteísta. Queria conhecer a *real* verdade e o (*verdadeiro*) caminho.” Contou como encontrara a verdade e o caminho verdadeiro por meio dos missionários mórmons em Seul, Coréia. Prestou poderoso testemunho da divindade de Jesus Cristo, que me trouxe lágrimas aos olhos.

Fiquei intrigado com sua alegação concernente à necessidade de recompensa. O Senhor prometeu-nos ressurreição e imortalidade, mas elas não são uma recompensa. Segundo o dicionário Webster, recompensa é “alguma coisa concedida em troca de um serviço ou meta atingida”.

A ressurreição é a reunião do corpo e espírito. Assim como Jesus ressuscitou, toda pessoa nascida neste mundo ressuscitará um dia, queira ou não queira. Ao ressuscitar, a pessoa passa à imortalidade, que é viver para sempre em estado ressurreto. Da mesma forma, toda pessoa nascida neste mundo tornar-se-á imortal independente de sua conduta nesta vida. Portanto, *ressurreição* e *imortalidade* são sinônimos. Não são uma recompensa — são uma dádiva — pois não fizemos nenhum serviço nem atingimos coisa alguma para recebê-las como recompensa. Essa dádiva ou dom é do Salvador, proveniente do seu sacrifício expiatório.

As escrituras ensinam, todavia, que *existe* uma promessa — uma recompensa por serviço prestado e meta atingida. A recompensa é a exaltação no reino celestial de Deus. Exaltação é o mais elevado dos três graus de glória no reino celestial. Este é o mais elevado dos três reinos na esfera da

imortalidade. E a exaltação consegue-se aceitando Jesus Cristo e sua filiação divina, e seguindo seus preceitos.

Jesus mostrou-nos o caminho. Sua simplicidade está contida nas bem-aventuranças, que vêm ecoando pelos séculos passados e continuarão a ecoar por todos os milênios do tempo: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.” (Mateus 5:3.) Repetindo o Sermão da Montanha ao povo da América antiga, ele diz diferentemente: “Bem-aventurados são os pobres em espírito *que vêm a mim*, pois deles é o reino dos céus.” (3 Néfi 12:3; grifo nosso.) Este acréscimo, “que vêm a mim”, nos permite entender melhor esse versículo. O Senhor diz que está indignado com os habitantes da terra, porque “não buscam ao Senhor para estabelecer a sua justiça, mas cada um segue o seu próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio Deus”. (D&C 1:16.) As bem-aventuranças são passos que nos conduzem a Cristo.

1º passo. Para vir a Cristo, o primeiro passo é apresentar-se com um coração quebrantado e espírito contrito resultante da superação do injusto orgulho e tornando-se submisso à sua vontade.

2º passo. “Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.” (Mateus 5:4.) O Apóstolo Paulo fala da tristeza segundo Deus por nossos pecados, que é essencial para nosso progresso espiritual.

3º passo. “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra.” (Mateus 5:5.) O dicionário define *manso* como “suportar injúria com paciência e sem ressentimento”. Esta é uma virtude importante que precisamos cultivar em preparação para entrar no reino celestial, no qual se transformará a terra quando for celestizada.

4º passo. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.” (Mateus 5:6.) A escritura da antiga América acrescenta: “pois eles serão cheios do Espírito Santo.” (3 Néfi 12:6.)

Aproximando-se de Sócrates, um jovem pediu-lhe que fosse seu tutor e lhe ensinasse o que sabia.



A Presidência Geral da Sociedade de Socorro: da esquerda para a direita: irmã Joy F. Evans, primeira conselheira; irmã Barbara W. Winder, presidente, e irmã Joanne B. Doxey, segunda conselheira.

Sócrates levou o jovem para a praia e mandou que entrasse na água. Mergulhou-lhe então a cabeça na água por bastante tempo. O jovem procurou libertar-se, acabou emergindo quase sem fôlego e quis saber o motivo daquele ato tão injustificado. O grande Sócrates respondeu-lhe: "Quando tiveres tanto desejo de aprender quanto de respirar, só então poderei ensinar-te o que queres saber." A fim de entendermos o Evangelho de Jesus Cristo, precisamos ter primeiro o forte desejo de aprender, e disposição de estudar.

5.º passo. "Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia." (Mateus 5:7.) O dicionário Webster define *misericórdia* como "compaixão ou clemência demonstrada a um ofensor". Ela é um subproduto da vivência do evangelho.

6.º passo. Sendo misericordiosa com o próximo, a pessoa torna-se pura de coração. Disse o Salvador: "Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus." (Mateus 5:8.) O dicionário apresenta vinte e duas definições para o verbo *ver*, sendo uma delas "entender". Quando alguém tem

um coração puro, passará a entender Deus. Adquirindo compreensão de Deus, a pessoa passa a conhecê-lo. Dirigindo-se ao Pai, disse o Salvador: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3.)

7.º passo. Depois de tornar-se puro de coração, a pessoa passa a ter paz na mente e paz no coração. E o Salvador prossegue: "Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus." (Mateus 5:9.) Tendo alcançado paz interior, revestimo-nos de toda a armadura de Deus, podendo então resistir mais facilmente à perseguição, o que leva ao —

8.º passo. "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.

Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os

profetas que foram antes de vós." (Mateus 5:10-13.)

O Salvador concluiu seu sermão incentivando-nos a nos tornarmos perfeitos como é perfeito nosso Pai Celestial. Embora esses passos obedeçam a uma seqüência natural, devemos sempre procurar aperfeiçoar-nos em cada uma dessas virtudes. Ajudar sempre o próximo em seu empenho para progredir. Em nossas fileiras não deve haver lugar para depreciação de outros, pois todos nós estamos procurando progredir. Devemo-nos estender mutuamente a mão, ajudando-nos uns aos outros a vencer os bancos de areia espalhados pela costa pedregosa que nosso barco é obrigado a margear.

Em nosso estado de imperfeição, erramos muitas vezes. O Senhor diz que se nos arrependermos sinceramente, ele nos perdoará. O arrependimento fundamenta-se no reconhecimento de nossas imperfeições, no pesar por haver errado, na reparação quando possível e na decisão de nunca mais repetir a transgressão.

É importante participarmos regularmente do sacramento. Quando o fazemos, sinceramente arrependidos, os convênios do batismo são renovados, o Senhor nos perdoa, e começamos de novo. É verdadeiramente um processo maravilhoso e misericordioso, que nos permite crescer e progredir.

Participando do sacramento, testemunhamos a Deus que estamos dispostos a assumir o nome de Jesus Cristo. (Vide D&C 20:77.) O que isto significa?

Disse o Senhor a Pedro: "Vinde após mim." (Vide Mateus 4:19; Marcos 1:17.) Pedro seguiu seus passos durante três anos. Foi para onde Jesus ía. Fazia o que Jesus determinava. Então o Salvador disse a Pedro e igualmente a seus outros apóstolos:

"Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito: vou preparar-vos lugar.

E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também." (João 14:2-3.)

E aonde foi Jesus? Foi para junto do Pai. Mas, antes de ir para o Pai, foi a um outro lugar: foi ao Getsêmani. Nós não precisamos passar pelas provações dele, mas de nós é exigido que estejamos *dispostos* a sofrê-las. E para provar essa nossa disposição, temos de passar pelas nossas próprias provações e permanecer fiéis.

Disse o Senhor: "O meu povo deve ser provado em todas as coisas, para que esteja pronto a receber a glória que tenho para ele, mesmo a glória de Sião; e aquele que não suportar castigos não será digno do meu reino." (D&C 136:31.)

No final do Sermão da Montanha, na Terra Santa, diz o Salvador: "Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5:48.) Mas, ao repetir o Sermão da Montanha para o povo da antiga América, disse o Senhor: "Portanto, quisera que fôsseis perfeitos, *assim como eu* ou como o vosso Pai que está nos céus é perfeito." (3 Néfi 12:48; grifo nosso.)

Algo importante ocorreu no intervalo entre o sermão ao povo na Terra Santa e quando o fez ao povo da América antiga. No meio tempo, ele passou pelo Getsêmani onde bebeu a taça amarga e não recuou. Nós, igualmente, devemos buscar a perfeição, suportar nossos problemas e pesares, permanecer fiéis até o fim e não recuar.

Meu amigo do Himalaia terá suas provações e tribulações quando voltar para sua terra natal a fim de compartilhar esta importante mensagem com seu povo: Que Jesus Cristo é o nosso Redentor e nosso Salvador e nosso Exemplo, o qual os conduzirá pelo caminho verdadeiro que leva à exaltação; que *existe* uma recompensa, mas que *precisa ser conquistada*; e que a recompensa é indescritivelmente gloriosa. Ele provou da recompensa quando perguntou ao Senhor: "É verdade?", e o Santo Espírito lhe testificou que realmente é.

Testifico que este evangelho restaurado que esposamos é, de fato, verdadeiro e o caminho *certo* para uma recompensa gloriosa e eterna. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

OS EFEITOS DA TELEVISÃO

Élder M. Russell Ballard
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Grande parte da programação não é salutar e edificante, mas violenta, degradante e destrutiva para os valores morais. Esse tipo de televisão é ofensivo ao Espírito do Senhor; portanto, apresento uma palavra de advertência e cautela."



Esta é mais uma maravilhosa conferência, irmãos. Estou certo de que todos apreciamos as inspiradas e oportunas mensagens que ouvimos. Elas estão sendo traduzidas simultaneamente para vinte e nove idiomas, em muitos dos quais são transmitidas via satélite e televisão para milhões de pessoas.

O milagre da televisão leva-me a crer que Philo T. Farnsworth, nos idos de 1927, deve realmente ter sido inspirado pelo Senhor a criar esse maravilhoso meio de comunicação. Como sabeis, o irmão Farnsworth era membro da Igreja. Aplicando seus conhecimentos científicos, deu ao mundo essa maravilhosa invenção que, acredito, deva ser utilizada primordialmente na promoção da obra do Senhor.

Nos últimos sessenta anos, a televisão tornou-se uma das

importantes indústrias do mundo. Estima-se que os habitantes de mais de cento e sessenta países são donos de mais de setecentos e cinquenta milhões de receptores de televisão. Aproximadamente dois bilhões e meio de pessoas assistem a seus programas todos os dias.

A grande maioria reconhece os muitos benefícios e também os muitos desafios provenientes da televisão em nosso mundo moderno e agitado. Alguns dos benefícios, além de ouvir ensinamentos do evangelho, vão poder receber, ao toque de um botão, notícia instantânea de acontecimentos locais e mundiais, além da última previsão do tempo; assistir a fantasias; explorar aspectos geográficos; reviver acontecimentos históricos; apreciar bons programas de teatro, dança e música; e conhecer a cultura de praticamente todos os países do mundo.

Tais tipos de programas merecem nosso elogio. Infelizmente, porém, grande parte da programação não é salutar e edificante, mas violenta, degradante e destrutiva para os valores morais. Esse tipo de televisão é ofensivo ao Espírito do Senhor; portanto, apresento uma palavra de advertência e cautela quanto a tais programas.

As famílias de bem enfrentam grandes desafios na tentativa de controlar o uso da televisão e videotapes no lar. Concordo com o Dr. Victor B. Cline quando diz: "Estou convencido por vasta pesquisa de que as imagens, fantasias e modelos a que somos repetidamente expostos na



Elderes Angel Abrea e Hartman Rector Jr, do Primeiro Quorum dos Setenta.

publicidade, diversões, novelas, filmes e outros tipos de arte, podem afetar e realmente afetam o autoconceito e, posteriormente, a conduta de quase todos os jovens, e adultos também.” (De uma palestra na Tidewater Assembly on Family Life, Norfolk, Virginia.)

Noutra ocasião, dizia o Dr. Cline que a dieta mental é tão importante quanto a dieta alimentar. “A quantidade de violência que a criança vê aos sete anos prediz quão violenta ela será aos dezessete, vinte e sete, e trinta e sete. A mente infantil se assemelha a um banco — tudo que se deposita nele, recebe-se de volta dez anos depois com juros.” Afirma que a televisão violenta ensina às crianças, passo a passo, “como cometer atos de violência, e as dessensibiliza para com o horror de tal conduta e os sentimentos da vítima.” O Dr. Cline diz que a América está sofrendo “uma explosão de violência interpessoal nunca vista antes... A violência é causada pela violência em nosso entretenimento.” (Vide “Therapist says children who view television violence tend to become violent”,

Deseret News, Salt Lake City, 24 de março de 1989.)

Alguns podem surpreender-se ao verificar que nos lares americanos, o aparelho de televisão fica ligado em média pouco menos de sete horas por dia, e que nesses lares vivem mais de sessenta e seis milhões de jovens com menos de dezoito anos. Um recente artigo de revista incluía esta declaração: “Em outros tempos, a ‘janela para o mundo’ da televisão refletia sólidos vínculos familiares, heróis representados em vivas cores primárias, e uma sociedade estável e afetivamente aglutinada. Agora, ...é evidente que nossos programas de televisão estão apresentando um quadro muito diferente. Na verdade, pode-se argumentar que a televisão já não é mais uma simples janela para o mundo, mas o próprio formador de valores.” (*Another View of the Window*, Triangle Publications.)

Gostaria de ressaltar alguns pontos destacados de alarmantes conclusões de pesquisas realizadas nos últimos oito a dez anos, sobre os efeitos da televisão quando assistida por mais de duas horas ao

dia sem uma cuidadosa seleção de programas.

1. Antes da descoberta da televisão, as crianças brincavam mais vezes juntas, divertiam-se mais ao ar livre, passavam mais tempo em atividades criativas e inventivas, e liam mais. Pais e filhos passavam mais tempo juntos, conversavam mais, participavam de mais projetos e tarefas conjuntas, e tomavam mais refeições juntos. (Allan de Franco, *TV on/off: Better Family Use of Television*, Santa Monica, Calif., Goodyear Publishing Co., 1980, pp. 3-6.)

2. A televisão causa dependência psicológica. (Ibid., p. 4.)

3. A televisão é uma atividade fisicamente passiva, e desestimula, em geral, a brincadeira criativa. Pode incentivar certa espécie de passividade que leva a criança à atitude de “mostre-me ou entretenha-me”. (Vide *Television and Behavior*, Rockville Maryland: National Institute of Mental Health, 1987, pp. 45-46.)

4. A televisão tende a sobrecarregar e dessensibilizar o senso de simpatia da criança pelo sofrimento. (Vide Kate Moody, *Growing Up on Television: The TV Effect — A Report to Parents*, New York: Times Books, 1980, pp. 91-92.)

5. Algumas crianças perdem a capacidade de aprender da realidade porque as experiências da vida são mais complicadas que as vistas na tela. Professores e pais, portanto, saem prejudicados na comparação quando não conseguem resolver problemas em trinta ou sessenta minutos. (Vide Ben Logan and Kate Moody, editors, *Television Awareness Training: The Viewer's Guide for Family and Community*, Nashville, Abingdon, 1979, p. 43.)

Volumes de dados de pesquisas realizadas demonstram os efeitos nocivos da televisão, mas eu limito-me a dizer que a televisão e os videotapes exercem um impacto considerável no comportamento das crianças. Não devemos encarar levemente a confissão de um recém-executado assassino quanto ao impacto que tiveram em sua vida a pornografia e a violência transmitidas pelos meios de

comunicação. O Apóstolo Paulo advertia que os homens podem perder “todo o sentimento, (entregando-se) à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza”. (Efésios 4:19.) Em Provérbios lemos: “Como (o homem) imaginou na sua alma, assim (ele) é.” (Provérbios 23:7.) A mente exposta à violência e à imoralidade não pode furtar-se ao impacto negativo dessa exposição.

Disse o Presidente Gordon B. Hinckley:

“Uma pesquisa sobre influentes autores e executivos de televisão em Hollywood mostrou que são muito menos religiosos que o público em geral... Embora quase todos os cento e quatro profissionais de Hollywood entrevistados tivessem formação religiosa, quarenta e cinco por cento deles dizem agora que não têm religião, e dos restantes cinquenta e cinco por cento, apenas sete por cento confessam freqüentar algum serviço religioso possivelmente uma vez ao mês.

Esse grupo tem sido o maior responsável pela produção dos espetáculos cujos temas e astros se tornaram o prato forte de nossa cultura popular...

Eis as pessoas (autores e executivos de televisão) que, por meio dos veículos de entretenimento, nos estão educando segundo seus próprios padrões que, em muitos casos são diametralmente opostos aos do evangelho.” (“Não Vos Deixeis Enganar”, *A Liahona*, janeiro de 1984, pp. 79-80.)

Afirma um artigo da revista *Time*:

“Essa insurgência na abertura vem sendo ligada por alguns críticos à redução nos departamentos de normas e procedimentos das redes — os censores que examinam os espetáculos e comerciais quanto a elementos ofensivos... As fileiras desses guardiães foram drasticamente reduzidas: do máximo de setenta e cinco a oitenta por rede durante a década de 1970, para trinta e cinco a quarenta na ABC e menos que trinta na CBS e NBC.” (“Where Are the Censors?”, 12 de dezembro



Élderes L. Aldin Porter, do Segundo Quorum dos Setenta, e Élder Gene R. Cook, do Primeiro Quorum dos Setenta.

de 1988, p. 95.) A violência televisiva tornou-se tão generalizada que ao terminar o segundo grau, o estudante assistiu, em média, a dezoito mil assassinios, além de numerosos outros atos de violência e pecado. Sendo assim, é necessário haver mais supervisão e monitoramento da parte dos pais a fim de proteger nossas famílias da atual torrente de violência na televisão e dos efeitos que causa.

Diz Randal A. Wright em seu livro *Families in Danger* (Famílias em Perigo):

“É possível traçar o declínio na televisão americana de seus programas originais. Como exemplo, uma pesquisa da programação do horário nobre (19h00 às 22h00) nos últimos trinta anos, verificou que em 1955 não se oferecia nenhum programa de violência ou crime. Em 1986, estavam sendo apresentados vinte e nove horas de programas violentos.” (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1988, pp. 45-46.)

Acredito que desde 1986, o número de programas de violência tenha aumentado consideravelmente.

Continua dizendo o Sr. Wright:

“Na televisão não só está aumentando a violência, mas toda forma de imoralidade, vício e corrupção está sendo alardeada aos olhos de nossas famílias em número sempre crescente. Perguntem a si mesmos se as mesmas cenas e mensagens de cunho sexual de tantos programas atuais, eram vistas nos programas de vinte anos atrás. Estamos sendo expostos a quantidades crescentes de matérias impróprias, se assistirmos à televisão sem prévia seleção.” (Ibid. p. 46.)

Na Igreja ouvimos frequentemente a máxima: “Estar no mundo sem ser do mundo.” Assistindo a espetáculos de televisão que fazem da profanidade, violência e infidelidade algo comum e até atraente, muitas vezes gostaríamos de poder deixar o mundo do lado de fora e isolar nossa família de tudo isso.

Talvez a reação apropriada ao comportamento ultrajante seja o ultraje, ou, melhor dizendo, a reação apropriada à televisão ultrajante seja o ultraje. Expresso em meu próprio nome e em nome



da Igreja nosso desapontamento, nossa discordância e até mesmo repulsa com a televisão que atrai nossa atenção e às vezes nossa inclinação para a violência, ganância interesseira, irreverência, desrespeito pelos valores tradicionais, promiscuidade e desvios sexuais.

Néfi predisse que em nossos dias, Satanás "assolará os corações dos filhos dos homens e os incitará a se encolerizarem contra o que é bom". (2 Néfi 28:20.) O mau uso da televisão induzido por Satanás contribui para a crescente iniquidade de nossa sociedade.

Talvez devêssemos formular a máxima citada com duas admoestações distintas. Primeiro: "Estar no mundo." Envolver-se. Informar-se. Procurar ser compreensivo e tolerante, e apreciar a diversidade. Contribuir significativamente para a sociedade por meio de serviço e participação. Segundo: "Sem ser do mundo." Não seguir caminhos impróprios, ou ceder para acomodar ou aceitar o que é errado.

Nós devemos procurar modificar as tendências corruptas e imorais na televisão e na sociedade não

aceitando em nosso lar as coisas que ofendem e degradam. A despeito de toda iniquidade existente no mundo, e a despeito de toda a oposição ao bem que encontramos por toda parte, *não* devemos procurar *tirar* do mundo nossos filhos ou nós mesmos. Jesus disse: "O reino dos céus é semelhante ao fermento." (Mateus 13:33.) Cabe a nós elevar o mundo e ajudar a erguer todos acima da impiedade que nos rodeia. O Salvador orou ao Pai:

"Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal." (João 17:15.)

É necessário que os membros da Igreja influenciem mais do que são influenciados. Devemos empenhar-nos em deter a torrente de pecado e maldade em lugar de nos deixar levar passivamente por ela. Cada um de nós precisa ajudar a resolver o problema em lugar de evitar ou ignorá-lo.

Aprecio este pequeno e simples poema:

Toda a água do mundo
Não importa o quanto tentasse
Jamais poderia afundar a menor
embarcação

A menos que nela entrasse.

Todo o mal do mundo
E toda espécie de pecado
Jamais poderia arruinar um ser humano

A menos que os deixássemos entrar.

Nós podemos viver no mundo, irmãos, sem deixar que ele se aposses de nós. Temos a mensagem do evangelho, que é capaz de conduzir homens e mulheres em segurança pela "névoa de escuridão" (1 Néfi 8:23), até a fonte de toda luz. Podemos criar filhos capazes de discernir e tomar decisões pessoais acertadas.

O Senhor não necessita de uma sociedade que se oculta e isola do mundo. Precisa, sim, de pessoas e famílias resolutas que levem uma vida exemplar no mundo, demonstrando que alegria e satisfação não provêm do mundo mas obtêm-se pelo espírito e doutrina de Jesus Cristo.

Agora, como nós, pessoas e famílias podemos reverter as tendências negativas da televisão? Examinemos juntos algumas sugestões.

As pesquisas indicam que famílias que limitam o acesso à televisão a um *máximo* de duas horas diárias de programas *meticulosamente selecionados*, observarão estas significativas mudanças no relacionamento familiar:

1. Os valores estabelecidos são ensinados e reforçados pela família. Os filhos aprendem a determinar valores e raciocinar juntos.

2. O relacionamento dos pais com os jovens se aprofundará na família.

3. As tarefas domésticas e escolares são executadas sem muita pressa.

4. As conversas pessoais aumentam consideravelmente.

5. A imaginação infantil renasce.

6. Cada membro da família torna-se um perspicaz selecionador e avaliador de programas.

7. Os pais voltam a ser os líderes da família.

8. O hábito de ler bons livros substitui o tempo diante da televisão.

Irmãos, nós podemos escrever externando nossa preocupação às

emissoras de rádio e televisão locais, e às redes nacionais e transmissoras por cabo. Os patrocinadores e anunciantes que financiam os programas e a publicidade que consideramos ofensivos, também gostarão de ter notícias nossas.

Em minha opinião, devemos fazer sentir nossa influência juntando-nos a outras pessoas contrárias aos programas de televisão que agredem e destroem os valores que produziram o vigor de nossas famílias e nações. Os santos dos últimos dias não estão isolados nessa luta. Muitas pessoas, igrejas e outras organizações estão erguendo suas vozes. Juntemo-nos a elas, irmãos, a fim de podermos persuadir os autores, executivos e patrocinadores de televisão a usarem seus talentos e recursos na edificação de um mundo melhor e mais seguro.

Em seu discurso de posse, o Presidente George Bush pediu um semblante mais bondoso à nação e um semblante mais gentil ao mundo. (Vide *Investor's Daily*, 23 de janeiro de 1989, p. 11.) Começemos com uma televisão mais bondosa e gentil em todo o mundo.

Dizia o Profeta Mórmon que a cada um de nós é dado o Espírito de Cristo para discernir o bem do mal; tudo quanto nos convida a fazer o bem é de Deus. Por outro lado, tudo quanto nos persuade a agir mal é do demônio, pois ele e seus seguidores não persuadem ninguém a fazer o bem. (Vide Morôni 7:16-18.) Este simples teste nos orientará no julgamento de programas de televisão e outros meios de comunicação.

Que o Senhor nos abençoe e ajude a nos protegemos, bem como nossos familiares e o espírito reinante em nosso lar, e nos ajude a melhorar o mundo empenhando-nos por uma programação televisiva melhorada.

Deixo-vos meu testemunho de que dispomos de um único meio seguro de proteger o lar e a família, e este é aprender e viver os princípios do Evangelho de Jesus Cristo. Que o Senhor vos abençoe e ajude a impedir que qualquer coisa maléfica invada o vosso lar, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

ÀS CRIANÇAS DA IGREJA

Presidente Ezra Taft Benson

“Hoje desejo ensinar-vos o que o Pai Celestial quer que saibais para que aprendais a fazer sua vontade e sejais verdadeiramente felizes. Isto vos ajudará agora e durante toda a vida.”



Meus queridos irmãos, como me regozijei com as mensagens proferidas deste púlpito nesta grandiosa conferência geral da Igreja.

As mensagens são verdadeiras. São importantes. São vitais para nossa salvação pessoal, e as recomendo de todo o coração.

Em reuniões gerais anteriores da Igreja, dirigi-me especificamente às mães e aos pais, aos rapazes e às moças, às adultas e aos adultos solteiros.

Como última mensagem desta conferência, gostaria de falar agora às crianças da Igreja — sim, a vós, preciosas crianças. E ao me ouvirdes, oro que percebaís que esta é uma mensagem pessoal exclusiva para vós.

Como eu vos amo! Como o Pai Celestial vos ama!

Exatamente como o lindo hino da Primária que costumais cantar, cada um de vós é verdadeiramente um filho de Deus. Ricas bênçãos

vos estão reservadas, e se aprenderdes a fazer a vontade do Pai Celestial, *havereis* de voltar a viver com ele. Sei que isto é verdade. (Vide “Sou um Filho de Deus”, *Cante Comigo*, B-76.)

Hoje desejo ensinar-vos o que o Pai Celestial quer que saibais para aprender a fazer a sua vontade e ser verdadeiramente felizes. Isto vos ajudará agora e durante toda a vida.

Primeiro, gostaria de dizer-vos como me emociono sabendo que vós, crianças, estais aprendendo a conhecer o Livro de Mórmon. Esta é uma das coisas muito importantes que o Pai Celestial quer que façais.

Eu sei que estais lendo o Livro de Mórmon, pois tenho recebido centenas de cartas, contando que estais lendo esse livro sagrado. Ouvir isso faz-me chorar de alegria.

Muitos de vós já lestes o Livro de Mórmon inteiro. Sei que na Primária e na noite familiar dramatizais histórias do Livro de Mórmon, cantais a respeito desse livro, aprendeis os nomes dos livros que o compõem, fazeis jogos sobre o Livro de Mórmon, e aprendeis a conhecer maravilhosos profetas do Livro de Mórmon. Alguns de vós chegastes mesmo a ganhar dinheiro para poder enviar exemplares do Livro de Mórmon a outras partes do mundo.

Como fico contente ao ouvir que amais o Livro de Mórmon. *Eu* também o amo, e o Pai Celestial quer que continueis a lê-lo todos os dias. Ele é um presente especial do Pai Celestial para vós. Seguindo seus ensinamentos, aprendeis a fazer a vontade de nosso Pai nos céus.

Espero igualmente que vossos



Élder Jacob de Jager e Hartman Rector Jr, do Primeiro Quorum dos Setenta.

pais e líderes vos dão oportunidade de aprender do livro de Doutrina e Convênios, Pérola de Grande Valor, e da Bíblia.

Bem, mas há outras coisas importantes que o Pai Celestial quer que façais.

Ele quer que oreis a ele todos os dias. Ele quer ajudar-vos porque vos ama, e *certamente* vos ajudará se lhe pedirdes em oração que vos ajude. E não deixeis de agradecer-lhe as bênçãos. Agradecei-lhe por ter mandado ao mundo nosso irmão maior, Jesus Cristo. Foi ele quem tornou possível podermos voltar ao nosso lar celestial. Agradecei-lhe por vossa família. Agradecei-lhe pela Igreja. Agradecei-lhe pelo belo mundo em que viveis. Pedi-lhe que vos proteja. Pedi-lhe, nas orações que vos ajude a saber o que fazer na vida. Mesmo quando fazeis coisas erradas, o Pai Celestial continua amando-vos. Por isso orai a ele, e ele vos ajudará a procurar fazer o certo.

Orai ao Pai Celestial para que vos abençoe sempre com seu Espírito. Muitas vezes chamamos o Espírito de Espírito Santo. O Espírito Santo também é um dom de Deus. Ele nos ajuda a escolher o certo. O Espírito Santo vos protegerá do mal, sussurrando com voz suave e mansa e incentivando-

-vos a praticar o bem. *Fazendo* o bem, *sentir-vos* bem, e isto é o Espírito Santo vos falando. Ele é um companheiro maravilhoso. Está *sempre* pronto para vos ajudar.

Meus queridos meninos e meninas, honrai vossos pais. Eles vos ajudarão a tomar boas decisões. Amai e respeitai vossos avós. Sede bons amigos de vossos irmãos e irmãs. Escolhei amiguinhos que tenham bons ideais. Escolhei amiguinhos que vos ajudem a ser bons.

Participai da reunião sacramental. Prestai atenção ao que o bispo diz. Ele é um importante líder espiritual que recebeu do Pai Celestial o chamado especial de ajudar-vos.

Aproveitai a Primária, não deixeis de frequentá-la todas as semanas. Tragam vossos amiguinhos membros e não-membros para a Primária. Aprendei a cantar as músicas da Primária. Elas são maravilhosas. Memorizai as Regras de Fé e cumpri os requisitos do programa "O Evangelho em Ação".

Sede honestos. Não mintais, nem furtéis. Não enganeis. Não sejais irreverentes, mas limpos em pensamento e no falar.

Sede *verdadeiros* SUD. Defendei o que acreditais. Uma das músicas da

Primária de que mais gosto é "Ouse Ser Bom". Diz a letra:

Ouse ser bom! Ouse ser fiel!
Nada no mundo terá mais valor.
Tenha coragem, bravura e amor,
E muitas bênçãos virão do

Senhor.

(*Cante Comigo*, B-81.)

Lembra-vos, Satanás não quer que sejais felizes, não quer que ouseis ser bons. Ele quer que sejais miseráveis como ele é. Ele domina o coração de homens e mulheres maldosos que procuram fazer com que participeis de coisas ruins como pornografia, drogas, irreverência e imoralidade. Fica longe dessas coisas. Evitai livros, revistas, videotapes, filmes e programas de televisão que não são bons. Como nos dizem as escrituras, evitai até a *aparência* do mal. (Ver I Tessalonicenses 5:22.)

Vesti-vos com modéstia. Escolhei roupas que cubram o corpo adequadamente. Comportai-vos de maneira cortês e educada. Guardai a Palavra de Sabedoria. Santificai o dia do Senhor. Ouvi boa música. Fazei todo o possível para serdes bons.

Fazei bem os trabalhos escolares e procurai ser bons alunos.

Com ajuda dos pais, começai a formar vossa própria biblioteca com fitas, livros e gravuras de que mais gostais, e que estão disponíveis nos centros de distribuição da Igreja. Apreciai a leitura de *A Liahona* todos os meses em casa.

Amai o país em que viveis. Sede bons cidadãos. Sede patriotas. Hasteai a bandeira nacional nas datas cívicas. Orai pelos líderes de vossa pátria.

Meninos da Primária, planejai e preparai-vos para servir o Senhor numa missão de tempo integral. Meninas, preparai-vos para o serviço missionário, se fordes chamadas. Mas, aprendei igualmente com vossa mãe as importantes prendas domésticas que usareis em vosso próprio lar.

Agora quero dizer-vos algo, crianças, que não vos sentis seguras e que estais assustadas, ou magoadas, e não sabeis o que fazer. Às vezes, pode parecer que estais totalmente sós. Lembrai-vos de que mesmo quando parece que ninguém mais se importa convosco,

o Pai Celestial se importa. Ele sempre há de vos amar. Ele quer ver-vos protegidos e seguros. Se não estiverdes, por favor, conversai com alguém que possa ajudar-vos, pai ou mãe, um professor, o bispo ou um amigo. Eles vos ajudarão.

Estou certo de que gostais especialmente de certas histórias das escrituras. Uma de minhas favoritas encontra-se no capítulo dezessete de 3 Néfi, no Livro de Mórmon. Trata da visita de Jesus ao povo do continente americano depois da sua ressurreição. Conta como Jesus curou os doentes, e ensinou o povo e orou ao Pai Celestial em favor deles.

Ouvi agora uma das partes de que mais gosto dessa história:

“E aconteceu que, após terminar sua oração dirigida ao Pai, Jesus levantou-se; porém, tão grande era o júbilo da multidão, que se sentiram prostrados.

E sucedeu que Jesus lhes dirigiu a palavra, ordenando que se levantassem.

E levantaram-se da terra e ele lhes disse: Bem-aventurados sois, em virtude da vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria.

E depois de ter dito estas palavras, chorou, e a multidão testificou disso; e tomou das criancinhas, uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai.

E, depois de ter feito isso, chorou de novo;

E, dirigindo-se à multidão, disse: Olhai para vossas criancinhas.

E, ao levantar a vista, dirigiram o olhar ao céu; e viram que se abriam os céus e deles desciam anjos que pareciam estar no meio do fogo; e os anjos desceram e circundaram aqueles pequeninos e eles foram rodeados por fogo e anjos lhes ministraram.” (Vers. 18-24.)

Eu vos prometo, queridas crianças, que anjos vos ministrarão também. Pode ser que não os vejais, mas eles estarão ali para ajudar-vos, e sentireis sua presença.

Bem-aventuradas, As crianças de Jerusalém,

Que nos braços de Jesus,
Receberam tanta luz:

Cristo nosso Salvador, Delas disse com amor:

“Delas é o reino do céu, Não as impeçais de vir a mim.”



Autoridades Gerais cumprimentam-se no início da sessão do sacerdócio da Conferência Geral.

Grande amor Jesus mostrou,
Quando crianças abençoou;

Ele olha lá do céu, Pelos
cordeirinhos seus.

Quando oram com fervor, Ele
ouve com amor!

Muitas bênçãos quer-lhes dar,
Suas almas quer salvar.

(“Deixai Vir a Mim as
Criancinhas”, *Cante Comigo*, B-14.)

Queridas crianças, nosso Pai
Celestial vos mandou para a terra
nesta época porque sois alguns de
seus filhos mais valentes. Ele sabia
que no mundo de hoje haveria
muita iniquidade, e sabia também
que seríeis fiéis e obedientes.

Sois uma dádiva de Deus aos
pais, e a dádiva que vossos pais
podem oferecer a Deus é levar-vos
de volta a ele puros e fiéis.

Ele espera que vossos pais e
líderes vos ensinem, andem ao
vosso lado e vos sirvam de exemplo
luminoso para que saibais o
caminho que deveis seguir. Eles
devem dedicar-vos tempo, amar-
-vos, orar convosco.

Vossos líderes devem chamar
homens e mulheres fiéis para
ensinar-vos na Primária. Precisamos
proporcionar-vos experiências
desde cedo na vida, que vos ajudem
a saber como viver o evangelho.

Deus abençoe as crianças desta
Igreja. Como eu vos amo! Como o

Pai Celestial vos ama! E possamos
nós, pais, professores e líderes ser
mais parecidos com as crianças —
mais submissos, mansos e humildes.

Termino minha mensagem de
hoje, orando que sempre
consigamos corresponder ao vosso
apelo quando cantais com tanta
doçura:

Faze-me andar só na luz do
Senhor;

Faze-me orar ao meu Pai com
fervor;

Dá-me o saber que à glória
conduz;

Faze, faze-me andar só na luz.

Então, como seus pais, nós
respondemos cantando:

Venha criança, eu vou-lhe
ensinar,

Os mandamentos que podem
levar,

De volta ao lar onde habita Jesus;
Sempre, sempre andando na luz!

E juntos cantamos, então:

Bom Pai Celeste, queremos-te
dar,

Graças por tua bondade sem par.
Por nos mandares teu Filho Jesus
Para, para que andemos na luz.
(*Cante Comigo*, B-45.)

Por isso oro fervorosamente pelas
crianças da Igreja, em nome de
Jesus Cristo. Amém.



Élder Joe J. Christensen do Primeiro Quorum dos Setenta



Comentando seu novo chamado como membro do Primeiro Quorum dos Setenta, diz o Élder Joe J. Christensen: "Nesta Igreja o ensino é muito importante, e estou vendo que ensinar é uma das coisas que farei em grande escala."

Nesse aspecto, os trinta e quatro anos de carreira no Sistema Educacional da Igreja prepararam-no muito bem para seu novo chamado.

Joe J. Christensen nasceu a 21 de julho de 1929, filho de Joseph Amos e Goldie Echo Miles Christensen. Criou-se na propriedade rural da família na pequena comunidade de Banida, no sudeste de Idaho. Frequentou a Universidade Estadual de Utah durante dois anos, antes de servir como missionário no México e na América Central. Após sua graduação pela

Universidade Brigham Young e serviço militar prestado na Força Aérea dos Estados Unidos, serviu como professor de seminário e, posteriormente, diretor dos institutos de religião adjacentes à Universidade Estadual de Washington (onde fez seu doutorado), Universidade de Idaho e Universidade de Utah.

Em 1970, o Irmão Christensen e família transferiram-se para a Cidade do México onde ele deveria servir como presidente de missão. Mas pouco depois de lá chegarem — antes mesmo da entrega dos caixotes com seus pertences pessoais — ele foi chamado de volta à Cidade do Lago Salgado para tornar-se comissário assistente no Sistema Educacional da Igreja sob a direção do Comissário Neal A. Maxwell.

"Naquela época, os seminários e institutos de religião, estavam começando a funcionar em países de outros idiomas", diz o Élder Christensen. "Assim, durante os nove anos seguintes, viajei por sessenta e seis países pelo mundo afora, à medida que iam sendo instalados seminários e institutos. Foram anos muito interessantes."

Seu trabalho no Sistema Educacional da Igreja foi interrompido em 1979 pelo chamado para servir como presidente do Centro de Treinamento Missionário em Provo, Utah, onde supervisionou a instrução básica de mais de cinquenta e oito mil missionários no período de quatro anos.

"O programa missionário da Igreja continua sendo um dos grandes milagres do mundo", diz o Élder Christensen. E acrescenta Barbara, sua esposa: "Realmente não há como descrever com palavras nossa experiência no Centro de Treinamento Missionário. Em muitos sentidos era como estar no templo o tempo inteiro. Havia um espírito muito semelhante."

Desde 1985, o Élder Christensen vem servindo como presidente do Ricks College em Rexburg, Idaho, o qual ele considera sem hesitação como "positivamente a melhor instituição educacional do mundo para os dois primeiros anos de ensino superior, e da qual sentirei muita falta".

Além de seu trabalho no Sistema Educacional da Igreja e seu chamado como presidente de missão, o Élder Christensen serviu como bispo, sumo

conselheiro, membro da junta geral do Sacerdócio de Melquisedeque e dos Rapazes, conselheiro na presidência geral da Escola Dominical e representante regional.

Tem-se saído igualmente bem nos chamados que considera os mais importantes — os de marido e pai. Casou-se com Barbara Kohler no Templo de Lago Salgado em 1952.

"Desposar Barbara foi a decisão mais importante que já tomei, e a melhor coisa que já me aconteceu", diz ele.

E Barbara replica: "Tenho o marido mais bondoso do mundo. Ele é bom e gentil com todos, especialmente comigo. Sempre sabemos qual será sua reação em qualquer situação — será amoroso e afável. É por isso que todos o querem bem."

O casal Christensen tem seis filhos casados: Amy (Poulton), Susan (Jones), Stephen, Linda (Evans), Douglas e Spencer, além de dezesseis netos.

"Sempre acreditamos que criar recordações dentro da família é muito importante", diz o Élder Christensen. Entre as recordações mais preciosas da família destaca-se uma excursão pelos Estados Unidos para visitar locais históricos nacionais e da Igreja (sempre acampando), e uma viagem a Israel, onde passaram a véspera do Natal num acampamento de pastores nas proximidades de Belém. "E ainda temos parte do sítio da família em Idaho", comenta ele. "Gostamos de lidar na terra."

Temos sido abençoados com experiências marcantes", continua o Élder Christensen. "Nossas designações têm sido sempre desafiadoras e sempre nos proporcionaram contato com as melhores pessoas da terra."

Tenho absoluta certeza de que Jesus é o Cristo e que esta é a sua Igreja. É maravilhoso ter o privilégio de poder conviver com as Autoridades Gerais. Somos muito devotados ao evangelho e ao conceito de servir onde formos chamados, e pelo tempo que o Senhor quiser." □

Élder W. Eugene Hansen do Primeiro Quorum dos Setenta



Indo da sala de estar da casa do Élder W. Eugene Hansen até o saguão de entrada, encontramos uma parede inteira coberta de fotos da família. Apesar de seus numerosos afazeres — seu trabalho como advogado especializado em acidentes pessoais, seu serviço na reserva militar, suas contribuições para a educação superior como encarregado da junta estadual de conselheiros universitários, seus chamados eclesiais — o Élder Hansen nunca perdeu de vista seu primeiro amor: a família.

Mesmo quando suas ocupações o mantêm afastado, ele e a esposa muitas vezes encontram meios de a família estar junta. Diz ele, por exemplo, “muitos verões, por ocasião de minhas duas semanas de serviço na ativa fora de Utah, minha família ia ao meu

encontro e voltávamos juntos de carro para casa”.

Os problemas que a família tem enfrentado também serviram para aproximá-los mais. Élder Hansen e sua esposa, Jeanine Showell, tiveram seis filhos: Christian, Jeff, Susan (Porter), Matthew, Steven e Stan. Matthew perdeu a vida num acidente de carro, e outros três estiveram perto da morte devido a acidentes ou doença. Diz a irmã Hansen: “Devemos ao Senhor pleno crédito por ajudar-nos a superar todas as ocasiões difíceis.”

Eugene Hansen nasceu a 23 de agosto de 1928 em Tremonton, Utah, filho de Warren E. e Ruth Steed Hansen. Criou-se na fazenda da família em East Garland, Utah. “Sou grato que a vida na fazenda me forçou a levantar cedo e trabalhar no

pesado”, diz ele. “Tal hábito vem a calhar quando tenho de levantar de madrugada para terminar algum trabalho inacabado.” Mesmo durante seus primeiros anos de faculdade, ordenhava vacas diariamente para ajudar a pagar seus estudos.

Em 1950, o Irmão Hansen graduou-se pela Universidade Estadual de Utah como bacharel em Economia Agrícola e oficial da reserva do Reserve Officers’ Training Corps (ROTC). A 8 de setembro do mesmo ano, ele e Jeanine casaram-se no Templo de Idaho Falls. Depois de frequentarem a mesma escola secundária, os dois frequentaram a Universidade Estadual de Utah. A seguir, o Irmão Hansen matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Utah — um rumo totalmente novo. Ele havia cursado meio semestre, quando foi notificado de que seria chamado brevemente para o serviço ativo na Coreia. Conta ele:

“Deixei a escola devido iminente chamado militar e aceitei um trabalho de tempo limitado na Radio KSL como diretor agrícola assistente. A convocação militar, entretanto, demorou. Quando recebemos a papelada, acabara de nascer nosso primeiro bebê. Então, em 1953, partimos para Fort Lee, Virginia, com nosso bebê de seis semanas.” Um ano depois, o Irmão Hansen embarcava para a Coreia. A irmã Hansen e seu filho voltaram para Utah a fim de poder terminar seu bacharelado em Educação Elementar na Universidade Estadual de Utah.

Em maio de 1955, terminado

seu turno de serviço, o Irmão Hansen e família mudaram-se para Bountiful, Utah, onde ele retomou os estudos de Direito e a irmã Hansen passou a lecionar. Ele diplomou-se em Direito em 1958, e a maior parte de sua vida profissional militou como advogado autônomo. Foi o advogado no caso julgado pela Corte Suprema de Utah, que determinou a adoção de um padrão nacional de aferição para determinar a competência da assistência médica. Membro do American College of Trial Lawyers (Colégio Americano de Advogados Especialistas em Tribunais), serviu como presidente da Ordem dos Advogados de Utah de 1979 a 1980.

Até sua reforma da reserva militar em 1980, Eugene Hansen atuou regularmente como oficial da reserva nas noites de terça-feira, além das duas semanas de serviço ativo no verão. Estava adido, como advogado, ao gabinete do comandante de Forth Douglas, Utah. Aos quarenta e dois anos de idade foi promovido a coronel.

Os Hansen são devotados ao serviço no evangelho. A Igreja, explicam, tem sido primordial em sua vida. Durante os anos de estudo, o Irmão Hansen deu aulas na Escola Dominical. Na década de 60, serviu no bispado da Ala Bonneville, e posteriormente em diversos chamados, da AMM e como secretário executivo de estaca. De 1975 a 1980, serviu como bispo; depois, em 1980 foi chamado a presidir a Estaca Salt Lake Bonneville. A irmã Hansen serviu na Primária, AMM, Escola Dominical e junto aos Lobinhos. Seu chamado predileto foi o de consultora das Laureis.

Então, na conferência geral de abril de 1989, o Élder Hansen foi chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta. A respeito deste chamado, diz ele: “Não hesitamos um instante em aceitar o chamado. Não consigo pensar em nada que mais gostaria de fazer do que passar minha vida a serviço do Senhor.” □

Elder Jeffrey R. Holland do Primeiro Quorum dos Setenta



Jeffrey Holland encontrava-se à beira de uma promissora carreira acadêmica. Estava terminando o doutorado na Universidade Yale, com oferta de dedicar-se ao magistério ali ou aceitar cargos atraentes em outros setores. Ele e a Irmã Holland perguntavam-se o que fazer e haviam orado a respeito.

"Lembro-me tão claramente como se fora ontem, de ter-me dirigido ao quarto de dormir e ajoelhado para obter uma resposta", conta ele. "No meio da oração, ficou tão nítido o que eu deveria fazer que, literalmente, quase não consegui continuar orando. Acho que simplesmente parei e disse algo como 'agradeço-te, Senhor'."

Apanhou o telefone e ligou para o Elder Neal A. Maxwell, na época comissário de educação da Igreja, para comunicar-lhe que voltaria para o programa de seminário e instituto. "Meus professores na Universidade Yale acharam incompreensível que eu desse as costas àquelas

outras oportunidades", recorda o Elder Holland. "Mas eu nunca me arrependi."

"A fé que tem Jeff é absolutamente pura", diz Patricia Terry Holland. "É tão arraigada, tão firme." O Elder Holland reconhece que fé é uma bênção que tem desde a infância.

Ele nasceu a 3 de dezembro de 1940, filho de Frank Holland, um converso à Igreja e Alice Bentley, descendente de pioneiros, criando-se num lar modesto na cidade de St. George, no sul de Utah. "Cresci sentindo mais segurança e amor do que consigo imaginar para uma criança", diz ele. Parte dessa segurança era a fé inabalável na divindade da Igreja do Senhor. Nem mesmo sua intensa formação acadêmica conseguiu abalá-la.

"Com os olhos da imaginação vejo a vida muito claramente como um caminho", diz o Elder Holland. "E vejo Cristo nesse caminho à nossa frente,

marcando o rumo, animando-nos, advertindo e, às vezes, simplesmente nos levantando — e colocando sobre seus ombros quando achamos que a trilha é insegura e finalmente impossível de seguir."

Uma dessas horas difíceis para os Holland foi a experiência como pós-graduando em Yale. Vivendo com os poucos recursos de um estudante de pós-graduação com dois filhos, o Irmão Holland servia na presidência de uma grande estaca, enquanto a Irmã Holland era presidente da Primária e depois da Sociedade de Socorro. Lecionando no instituto em Yale e em Amherst, além de arcar com pesado fardo acadêmico, Jeff terminou o programa de três anos em quatro. "Foi para nós uma tarefa como atravessar o Mar Vermelho", diz ele. "Parecia simplesmente impossível. Não havia razão para termos sobrevivido financeira e emocionalmente, exceto que fomos abençoados e amparados especialmente pelo Senhor."

"Temos sentido o braço do Senhor nos dirigindo e apoiando", confirma a Irmã Holland. "Sabemos que Cristo vive e é o Bom Pastor, porque sempre nos guiou."

O casal conheceu-se no curso secundário, e casou-se depois que Jeff terminou sua missão na Grã-Bretanha e Pat estudou música na Cidade de Nova York. O Elder Holland credita à esposa o mérito de tê-lo incentivado a assumir a liderança no lar nesses primeiros anos do casamento. "Sempre orávamos em família e estudávamos juntos as escrituras quando recém-casados — muitas vezes, simplesmente em busca de força, consolo e do esdrcinamento necessário para enfrentar alguns dos desafios que a vida nos apresenta, inclusive nos primeiros anos de casados."

O Elder e a Irmã Holland acham que sua vivência na Igreja em New Haven lhes valeu no mínimo tanto quanto o doutorado do Irmão Holland, e que o acerto de sua decisão de voltarem para a Cidade do Lago Salgado também foi importante. Poucos meses depois de ser designado para o Instituto de Religião adjacente à Universidade de Utah, o Irmão Holland foi convidado a dirigir o programa da AMM do Sacerdócio de Melquisedeque da Igreja. Durante dois anos pôde conviver e receber instruções diárias das Autoridades Gerais da Igreja.

Na vertiginosa seqüência de designações que se seguiu, o Irmão Holland serviu como reitor de Instrução Religiosa da Universidade Brigham Young, comissário de educação da Igreja, e presidente da Universidade Brigham Young, posto no qual servia ao ser chamado para integrar o Primeiro Quorum dos Setenta. Foi igualmente bispo, conselheiro de três presidentes de estaca e representante regional. Pat serviu em numerosos chamados, incluindo quatro gestões como presidente da Sociedade de Socorro e dois anos na Presidência Geral das Moças.

"As únicas duas coisas que escolhemos neste mundo são a família e a Igreja", diz o Elder Holland. O casal Holland tem três filhos: Matthew, vinte e dois anos; Mary Alice, dezenove; e David, quinze. "Sou primordial e eternamente um homem de família", diz o Elder Holland. "Vejo o mundo através dos olhos de minha esposa e filhos." Na BYU, os Holland empenharam-se com tino e cordialidade para criar um senso de família na universidade, um senso apreciado pelas pessoas e com que se ajudam mutuamente.

Ao contemplar suas novas responsabilidades, o Elder Holland sente-se atraído pelo mandamento do Senhor de "socorre(r) aos fracos, ergue(r) as mãos que pendem e fortalece(r) os joelhos enfraquecidos". (D&C 81:5.) "Tenho uma visão de alguém à minha frente e guiando-me", diz ele. "É a grandiosa imagem do Senhor Jesus Cristo. Nossos dias e anos são uma jornada, e Cristo é o Caminho da Salvação — literalmente o Caminho, a Verdade e a Vida." □

Élder Marlin K. Jensen do Primeiro Quorum dos Setenta



O terno escuro risca-de-giz e gravata de seda, marca dos advogados, poderia fazer não se reconhecer o fazendeiro Marlin K. Jensen de Huntsville, Utah. Mas assim que ele estende a forte mão calejada, fala de sua propriedade no campo onde ele e sua esposa criam os oito filhos, cultivam hortaliças e têm criação de gado, começamos a conhecer o homem.

“Eu adoro o trabalho agrícola e a vida na fazenda, por isso pratico a advocacia para poder viver assim”, confessa, descrevendo-se como um ‘advogado da roça’. O Élder Jensen, chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta aos quarenta e sete anos, descreve Huntsville como o “lar de cinco gerações de Jensen. Amo este lugar. Mas procurarei fazer o que o

Senhor espera de mim. Ele tem-me abençoado tanto!”

Marlin Keith Jensen nasceu a 18 de maio de 1942, filho do casal Keith Grow e Lula Hill Jensen. Aos vinte e oito anos e advogado recém-formado, o Irmão Jensen foi chamado como bispo da Ala Huntsville, conforme haviam sido seu pai e seu avô antes dele. Posteriormente serviu como consultor do quorum de sacerdotes, depois como presidente de estaca e, mais recentemente, como representante regional.

“Amo o Senhor, amo as pessoas e sei trabalhar arduamente”, diz o Élder Jensen. “Porque posso apoiar-me nos ombros fortes e fiéis de meu pai e avós, sinto o vigor de minhas raízes.”

O legado familiar proporcionou ao Élder

Jensen senso de estabilidade enquanto freqüentava a Faculdade de Direito na Universidade de Utah. “Não me julgo particularmente inteligente, mas adquiri confiança conhecendo o valor do trabalho árduo e confiança no Senhor. E sabendo prover de uma boa estirpe, concluí que se não tivesse êxito, seria por minha própria culpa.” Seus esforços conscientes levaram-no de integrante do terço superior da classe em seu primeiro ano como estudante de Direito, para o posto de melhor aluno na formatura.

Esta tradição está sendo transmitida a mais uma geração de Jensen. “Trabalhar juntos em família é a melhor maneira de fortalecer os vínculos”, acrescenta o Élder Jensen, “e nossa teoria é que se não conseguirmos entender-nos aqui na terra, não precisamos preocupar-nos com o céu.” Por essa razão, a família inteira colabora na fazenda, coletando ovos, alimentando os bezerros, ordenhando, costurando, assando pão, fazendo a sua parte.

Depois de voltar da missão em 1964, Marlin Jensen conheceu Kathleen Bushnell num encontro fortuito enquanto cursava a BYU e ela estudava na Universidade Estadual de Utah. Casaram-se a 9 de junho de 1967 no Templo de Lago Salgado. Desde então, ambos serviram em numerosos chamados.

“Adoro trabalhar no berçário e com os Lobinhos”, confidencia Kathy. Recentemente foi

desobrigada como presidente da Sociedade de Socorro para dar à luz Sarah Jane, seu oitavo bebê. O casal tem mais cinco filhas — Jennifer, Julie, Emily, Kate, Allison — e dois filhos — Matthew (atualmente em missão na Alemanha onde serviram igualmente seu pai e avô), e Ryan.

“A magnífica obsessão de Kathy é ser mãe”, afirma o Élder Jensen. “Ela adora os filhos e me adora, e seu gênio alegre serve de modelo para toda a família. Como mãe, gosta de aprender junto com os filhos, lendo em voz alta e compartilhando descobertas.”

A reação de Kathy Jensen ao elogio do marido mostra a harmonia do casal. “Tudo o que fazemos é para o Senhor, e é sumamente importante que eu esteja presente para meus filhos. Vez por outra, quando me envolvo excessivamente em outras coisas — Associação de Pais e Mestres ou mesmo coisas da Igreja — noto logo a diferença em casa.”

O casal descreve seu trabalho de pais como uma espécie de esforço cooperativo. “Procuramos estabelecer muito poucas regras”, explica o Élder Jensen. “Na verdade, evitamos estabelecer regras até que surja a necessidade. Em lugar delas, tendemos todos a nos apoiar mutuamente, compartilhando liberalmente o que nos pertence, comparecendo aos eventos um do outro para demonstrar interesse — seja uma apresentação, jogo ou programação dos filhos, ou uma das partidas de basquete dos ‘veteranos’ na Igreja.”

A fazenda da família Jensen preparou o Élder Marlin K. Jensen em muitos sentidos importantes para seu trabalho na grande vinha do Senhor. □

Élder Carlos H. Amado do Segundo Quorum dos Setenta



Na primeira vez que sua família foi a uma reunião SUD, Carlos, então com nove anos, não gostou muito da idéia, temendo que fosse igual às reuniões caóticas que vira em outras igrejas. E nada na nova igreja lhe parecia interessante, até que os élderes que saudaram a família mencionaram o escotismo!

Não demorou muito, a família filiou-se à Igreja. Carlos criou-se dentro dela e amadureceu espiritualmente durante uma vida inteira de serviço. No dia 1º de abril, o Élder Carlos H. Amado da Cidade da Guatemala, Guatemala, foi apoiado como membro do recém-criado Segundo Quorum dos Setenta.

O chamado causou-lhe surpresa, mas não a seus filhos. Sabedores das

qualidades do pai, há muito acreditavam que um dia se tornaria uma autoridade geral. O filho mais velho — Carlos Josué, de dezesseis anos — chorou de alegria quando os pais falaram aos filhos do chamado. Os outros foram tomados de entusiasmo — Júlio, dezesseis anos, adotado recentemente; David, quinze; Juan Pablo, onze; Andres, dez; e Mayavel, oito, cujo nome é igual ao da mãe.

O Élder Amado comenta que ele e a esposa fazem parte da “primeira geração de membros guatemaltecos que se criou na Igreja”. Ambos nasceram na Cidade da Guatemala; ele a 25 de setembro de 1944, e ela oito anos e dois dias mais tarde. Os pais da Irmã Amado filiaram-se à Igreja quando ela contava quatro anos. Os

dois conheceram-se em criança, mas o namoro só começou depois que a família dela retornou de uma estada de cinco anos em El Salvador, e ele ter servido na Missão Andina de 1965 a 1967. Eles casaram-se em dezembro de 1971.

Ao ser chamado bispo há alguns anos, ele trabalhava como projetista. O chamado forçou-o a reduzir seu trabalho como projetista, mas nunca o lamentou. Ele vinha lecionando no seminário desde o lançamento do programa na Guatemala, e não o deixou mesmo enquanto servia como bispo. Dois anos depois, foi contratado para trabalhar no Sistema Educacional da Igreja e passados três meses, foi nomeado diretor de área da organização na Guatemala. Faz quatorze anos que trabalha para o SEI.

Depois de voltar da missão no Peru, serviu praticamente sem parar em chamados da Igreja. Foi presidente de ramo, bispo, conselheiro de presidente de estaca, presidente de estaca, presidente de missão e por duas vezes, representante regional na América Central. Foi durante sua gestão na presidência da Missão Guatemala Cidade da Guatemala de 1980-1984, que recebeu a designação de reabrir e presidir paralelamente a Missão El Salvador San Salvador.

Após a desobrigação de presidente de missão e antes de novo chamado como representante regional, o Élder Amado serviu como

líder dos Luzeiros em sua ala. Como de hábito, diz a esposa, ele se preparava tão meticulosa e cuidadosamente para as aulas na Primária como para uma apresentação para um grupo de líderes do sacerdócio, embora na época estivesse muito atarefado como encarregado do comitê de dedicação do Templo da Cidade da Guatemala. Seja qual for o chamado que recebe, ele dá tudo de si, explica a Irmã Amado.

Ela também tem-se dedicado muito aos chamados da Igreja durante a vida de casada; durante algum tempo serviu como superintendente-assistente no templo. O casal sabe que para poder cumprir suas responsabilidades, precisa apoiar-se mutuamente como marido e mulher. Sabem igualmente que podem contar com o apoio dos filhos, bem como de suas mães. “Na verdade, nossos chamados são chamados familiares”, diz o Élder Amado.

Vez por outra, descontraí-se jogando tênis-de-mesa com os filhos e procura correr todos os dias como exercício. Mas parece vicejar trabalhando na Igreja.

“O que me fez admirá-lo ao nos reencontrarmos, depois de não nos vermos desde a infância, foi seu grande amor ao Senhor”, diz a Irmã Amado. “Sua maior e constante preocupação é que concentremos nossa atenção em Cristo e sua expiação — que o coloquemos sempre em primeiro lugar na vida.”

Freqüentemente, o cumprimento de suas muitas responsabilidades de liderança na Igreja tem exigido grande sacrifício pessoal. Mas não é do feito dele ter o servir como sacrifício. “Nunca senti meus chamados como um fardo — mas como bênçãos”, explica.

“Tudo que sou e tudo que tenho, recebi participando do serviço do Senhor.” □

Élder Benjamin B. Banks do Segundo Quorum dos Setenta



Seu olhar vivaz, a pele bronzeada, e gestos seguros revelam que Ben Banks é um amante vigoroso dos esportes e da vida ao ar livre. Um modelo de aptidão física aos cinquenta e sete anos, o Élder Benjamin Berry Banks chegou recentemente da Escócia, onde serve como presidente de missão, para participar da conferência geral e ser apoiado membro do Segundo Quorum dos Setenta.

“Nós amamos o povo da Escócia e o próprio país em si”, afirma sua esposa Susan Kearnes Banks. “Não será fácil partir, nem deixar a grande obra missionária. Criamos um profundo amor

aos missionários; eles têm sido uma verdadeira bênção em nossa vida. Mas gostamos de ir para onde somos chamados.”

Ir para onde é chamado e fazer o que lhe é designado são uma característica do serviço sempre enérgico do Presidente Banks. “Seja nos negócios, no serviço da Igreja ou com minha família”, diz sorrindo, “sempre achei que devia dar mais do que se espera de mim, deixando o resto a cargo do Senhor. Os resultados têm sido bênçãos sem medida.”

E diz a Irmã Banks: “Ben é uma das pessoas mais generosas e atenciosas que conheço. Por acreditar que tudo o que tem pertence ao

Senhor, sente-se obrigado a partilhar tudo ao seu alcance. E o faz.”

Ben Banks construiu uma próspera empresa madeireira na Cidade do Lago Salgado, baseado no mesmo princípio — procurando dar mais do que as pessoas esperavam. Agora a empresa é administrada por dois de seus filhos: Ben Jr e Brad.

Além desses dois filhos mais velhos, o casal Banks tem uma filha, Nanette (Amis) e mais cinco filhos: David, Marty, Steven, John e Holger. Os sete filhos cumpriram missão; John está servindo atualmente no Japão. Os Banks têm treze netos, incluindo os sete de Holger, seu filho adotivo alemão.

O Élder Banks nasceu na Cidade do Lago Salgado a 4 de abril de 1932. Sua mãe é Chloa Berry Banks; seu pai, Ben F. Banks faleceu quando Ben tinha dois anos.

Depois de servir três vezes como bispo, Élder Banks serviu como presidente de estaca. Em 1987, foi chamado a presidir a Missão Escócia Edimburgo, da qual será desobrigado neste verão a fim de assumir seus encargos no Segundo Quorum dos Setenta.

Um ávido ciclista, o Élder Banks compartilha esse gosto pelos esportes com a família. Ele e Susan, sua esposa, sempre gostaram de esquiar juntos — tanto na neve como na água — e acampar tem sido uma das atividades

prediletas da família. Essas atividades e as recordações que ensejam tornam a família muito unida.

A educação familiar centralizada nas escrituras é outra maneira de o Élder e a Irmã Banks promoverem a união da família, acredita ele. “Sempre achei que o melhor conselho de como ensinar os filhos encontra-se nas escrituras. E as temos usado consistentemente. Somos imensamente gratos pela sabedoria que oferecem. E quando nossos filhos pedem um conselho, as escrituras são sempre nosso primeiro recurso.”

Os filhos dizem que os padrões no lar paterno eram elevados e exigentes; entretanto, sempre se consideraram amados e valorizados. “Embora fosse um atarefado líder da Igreja, nosso pai sempre arranjava tempo para nós”, acrescenta um deles.

Outro concorda: “Ele treinava equipes, comparecia a programas especiais e conversava francamente conosco quando precisávamos dele. Havia um bom equilíbrio entre as estritas e elevadas expectativas paternas e a ternura de nossa mãe.” Ao que acrescenta o Élder Banks: “Nunca vi minha mulher zangada, e jamais ouvi dela uma palavra áspera dirigida a uma pessoa ou sobre alguém. Ela tem um coração puro.”

Todos os filhos do casal Banks participam ativamente da Igreja. “É infinita nossa gratidão pelas alegrias que nossa família nos dá”, diz o Élder Banks. “O amor que temos aos nossos próprios filhos e todos os outros de nosso Pai Celestial, transforma qualquer serviço que possamos prestar em pura satisfação.” □

Élder Spencer J. Condie do Segundo Quorum dos Setenta



Quando adolescente, Spencer Condie tinha um problema de autoconceito. Desejando ser atleta e com dois primos integrando a equipe de basquete da Universidade de Utah, entendeu cedo que “não estava destinado à grandeza e jamais seria o primeiro nesse esporte”.

Decidir ao que deveria dar primazia na vida, entretanto, era outra questão. “Buscando em primeiro lugar o reino de Deus em vez de simplesmente o evangelho entre dez prioridades, pode-se estudar praticamente qualquer coisa ou trabalhar em quase toda área, e ainda assim ser fiel no reino.”

O Élder Spencer J. Condie, recém-apoiado membro do Segundo

Quorum dos Setenta, estudou muitos campos do conhecimento, trabalhou em várias áreas de atividade, conseguindo acomodá-los por ordem de prioridade em torno de seu compromisso com o evangelho.

Nascido a 27 de agosto de 1940 em Preston, Idaho, filho de Spencer C. Condie e Josie Peterson Condie, Spencer Joel Condie recebeu a bênção patriarcal pouco após completar nove anos. “Eu era muito criança para apreciá-la ou mesmo entendê-la na época”, recorda, “mas ela deu-me um roteiro vital que me ajudou a decidir o que é importante na vida.”

A oportunidade de servir como missionário de estaca aos dezessete anos, ajudou a

orientar as prioridades do Élder Condie. A seguir serviu na Missão Alemã Meridional de 1960 a 1963, onde conheceu a Irmã Dorothea Speth, missionária alemã de Dresden. Eles casaram-se um ano e meio após o retorno do Élder Condie da missão, uma decisão que considera “a mais sábia que já tomei. Ela tem sido a força propulsora na família, e até hoje causa-me admiração espiritual”.

Ele também atribui à influência da esposa sua capacidade de colocar o evangelho em primeiro lugar durante os anos de formação acadêmica, que o levaram da Universidade Brigham Young à Universidade de Pittsburgh para o doutorado em Sociologia Clínica e, finalmente, de volta à BYU, em 1969, como professor de sociologia e escrituras antigas. Foi homenageado como Professor do Ano e agraciado com o Prêmio por Distinção no Ensino Karl G. Maeser.

“Suponho que uma experiência que ilustra o exemplo de minha esposa para mim aconteceu naqueles primeiros anos difíceis”, explica. “Certa noite quando cheguei em casa o relógio mostrava 1 hora da madrugada, exausto de trabalhar em minha dissertação, caí na cama e senti um cutucão decidido no peito. ‘Você esqueceu a oração’, comentou.”

Seu serviço na Igreja durante os anos de estudo e profissão inclui a função de presidente dos Rapazes, de bispo e presidente de estaca e, de 1984 a 1987, de presidente da Missão Austríaca que abrange a Polônia, Checoslováquia, Hungria, Iugoslávia e Grécia. Ao voltar em 1987, o Élder Condie foi chamado como representante regional.

O casal Condie tem cinco filhos que foram criados num lar “de muitos livros e nenhum videocassete”. A filha mais velha é Brigitte (Sra. David Madrian), seguida de Stefanie, as gêmeas idênticas Heidi e Christel, e o caçula, Craig.

O Élder Condie reafirma suas prioridades ao explicar sua filosofia quanto à família: “O evangelho deve ser o primeiro e ser usado em sua plenitude: estudo das escrituras, noite familiar, bênçãos paternas — a receita completa. Algumas famílias deixam de lado certos ingredientes e depois se admiram por que a receita não deu certo.”

Ele costuma dizer aos alunos: “O evangelho não é só verdadeiro, é vitalmente importante!” Sua vida de serviço concentra-se constantemente nessa importância, e é dono de um otimismo nascido da percepção das mudanças que o evangelho pode provocar:

“Nós vimos nos países do leste europeu, particularmente na Hungria, o Mar Vermelho virtualmente abrir-se para permitir que os missionários entrassem. Pelas experiências que tive, especialmente nos últimos cinco anos, sei que Jesus é o Cristo e que Deus não deixou de ser um Deus de milagres.” □

Elder F. Melvin Hammond do Segundo Quorum dos Setenta



À época de seu chamado para o Segundo Quorum dos Setenta, F. Melvin Hammond e sua esposa, Bonnie, serviam como professores da Escola Dominical para os jovens de dezessete anos de sua ala. Ao serem chamados para lecionar, somente três ou quatro dos jovens compareciam habitualmente. Com o passar das semanas, a frequência às aulas começou a aumentar, até que vinte e cinco jovens compareciam semanalmente.

“Os alunos querem aprender o evangelho e querem perceber que são amados”, comenta o Elder Hammond.

Amar as pessoas e ensinar o evangelho são duas das coisas que o Elder Hammond sabe fazer melhor. Ele nasceu a 19 de

dezembro de 1933 em Blackfoot, Idaho, como segundo filho de Floyd M. e Ruby Hoge Hammond. O pai faleceu quando Mel tinha nove meses e a mãe cursava o Ricks College a fim de obter o diploma de professora. Quando Mel tinha cinco anos, sua mãe casou-se com Earl Schofield e a família mudou-se para uma fazenda perto de Ashton, Idaho. Posteriormente adquiriram uma fazenda de gado em Lima, Montana, onde Mel cursou o segundo grau, formando-se em 1951.

Ele obteve uma bolsa de estudos de basquete para o Ricks College, mas durante o primeiro ano na faculdade sofreu um acidente de motocicleta que o deixou com diversos ferimentos, quase seccionando-lhe o pé. Numa bênção do sacerdócio

foi-lhe prometido que voltaria a andar e correr, e assim aconteceu. Chegou mesmo a jogar novamente basquete.

Por causa do acidente ele decidiu que o basquete não era tão importante quanto pensara. E assim resolveu cumprir missão — algo que não havia planejado. Ele serviu na Missão Hispano-Americana de 1954 a 1956, e diz que a missão afetou benéficamente sua vida em muitos sentidos. Um deles foi o relacionamento com o presidente da missão, Harold I. Bowman. “Ele era muito exigente, mas sempre nos tratou com amor, respeito e confiança”, diz o Elder Hammond. “Uma coisa que ele me ensinou foi confiar nas pessoas.”

Dois meses após voltar da missão, no dia 14 de setembro de 1956, Mel desposou Bonnie Sellers no Templo de Lago Salgado. Em seguida, frequentou o Ricks College e a Universidade Brigham Young. Depois de graduar-se pela BYU, lecionou no seminário e instituto em Utah e Colorado. Costumava jogar baseball e apreciava outras atividades ao ar livre com seus alunos de seminário, alguns dos quais eram pouco ativos na época, mas posteriormente decidiram cumprir missão.

Um dos pontos fortes do Elder Hammond como professor é o amor ao próximo. “É o mais importante que temos para oferecer nesse chamado”, diz a Irmã Hammond. “Podemos mostrar amor com facilidade,

e as pessoas precisam disso. O mundo precisa disso. Ambos temos um espírito positivo — é uma coisa com que fomos abençoados pelo Senhor.”

Os Hammond mudaram-se para Rexburg, Idaho, em 1966, quando Mel foi nomeado professor de religião no Ricks College. Pouco mais tarde, foi igualmente eleito para a Legislatura Estadual de Idaho, onde serviu por dezesseis anos. De 1984 a 1987, presidiu a Missão Bolívia Cochabamba. Serviu igualmente como bispo, presidente de estaca e secretário executivo de um representante regional. Ao ser chamado para o Segundo Quorum dos Setenta, estava servindo como líder de grupo dos sumos sacerdotes, além de seu chamado de professor na Escola Dominical.

O casal Hammond tem seis filhos: Melanie (Rynewson), Lezlee (Porter), Stephanie (Weekes), Todd, Lisa e Natalie. Têm também dez netos.

O Elder Hammond gosta de cantar e da vida ao ar livre, particularmente de pescaria. Recentemente fez um curso de confecção de iscas artificiais e aguarda com grande interesse poder pescar com as iscas que fez. “Ele guarda todas elas num envelope, prontinhas para usar”, diz a esposa. “Mas acho que agora teremos um ‘pescador de homens’ e não de peixes!”

É um sacrifício que o Elder Hammond não se importa de fazer. Considera seu novo chamado como uma oportunidade de dedicar-se mais ao que adora fazer — ensinar o evangelho. “Tenho um amor sincero ao Salvador”, diz ele. “Adoro falar sobre ele e tudo o que fez. E quando ensino a respeito dele, sinto que o conheço melhor.” □

Élder Malcolm Seth Jeppsen do Segundo Quorum dos Setenta



“A disposição de fazer tudo quanto o Senhor nos pedir é mais importante do que o cargo que ocupamos”, diz o Élder Malcolm S. Jeppsen, recém-apoiado membro do Segundo Quorum dos Setenta. “Não são os cargos na Igreja que trazem a exaltação; é guardar os convênios. O Senhor tem sido extremamente bondoso comigo, e sem dúvida darei o melhor de mim para servi-lo.”

O Élder Jeppsen é médico numa clínica familiar da Cidade do Lago Salgado, onde ele e a esposa Marian Davis Jeppsen vivem há trinta e cinco anos. Ele acha que a clínica familiar tem sido o ideal para ele: “O dia inteiro vou passando de

quarto em quarto vendo meus pacientes, meus amigos — alguns deles estão comigo há trinta anos — e cuidando deles. Não poderia fazer um trabalho melhor que esse.”

O Élder Jeppsen credits a seus pais, Conrad e Laurine Nielsen Jeppsen, o fato de terem exercido a mais profunda influência sobre sua vida. “Sempre soube de sua devoção ao Senhor”, diz ele. Passou a infância em Mantua, Utah, onde nasceu a 1º de novembro de 1924.

Desde criança, Elder Jeppsen queria ser médico. Iniciou o treinamento na Marinha, diplomou-se médico em 1948 pela Universidade Baylor, de Houston, Texas. Posteriormente serviu um ano durante a Guerra da

Coréia como médico da Marinha a bordo de um navio.

“Meu maior desafio”, afirma, “é viver no mundo mas excluí-lo de meus pensamentos, metas e ambição. Suspeito que o mesmo se dá com muita gente.” Ele já serviu como bispo, presidente de estaca, representante regional e, nos últimos dois anos, como selador no Templo de Lago Salgado.

Apesar de seus numerosos compromissos, Élder Jeppsen sempre encontrava tempo para estar em casa com a família. Casados no Templo de Logan, a 21 de junho de 1950, o casal Jeppsen tem sete filhos: Julie Ellen, que só viveu quatro dias; Christine (Clark); Robert M.; Kathryn (Eargle); John C.; David D. e Jerry Yazzie, um filho de criação do Programa de Colocação de Índios que viveu com os Jeppsen desde os oito anos de idade.

Os Jeppsen creditam à meticulosa organização seu sucesso em conseguir equilibrar a vida familiar, chamados na Igreja e profissão. “Não acredito que nossa união familiar tenha sofrido por causa das muitas atividades de Malcolm”, diz a Irmã Jeppsen. “Temos procurado arranjar tempo para o convívio da família, como por exemplo na hora do jantar. As viagens também permitiam a todos estarmos juntos. Metade do prazer era planejar a viagem. Pregávamos um mapa na parede e planejavamos os

diversos lugares que gostaríamos de visitar. Uma das férias mais gostosas foi a excursão de três semanas pelos locais históricos da Igreja.”

A música ocupa um lugar importante no lar dos Jeppsen. Marian é excelente violinista e toca na Orquestra Sinfônica de Lago Salgado. Christine é organista convidada na Praça do Templo, onde toca o órgão do Tabernáculo.

O Élder Jeppsen diverte-se experimentando dispositivos eletrônicos na casa inteira. Quando adolescentes, os filhos não conseguiam imaginar como os pais sempre sabiam exatamente a hora em que haviam chegado em casa, à noite. Então descobriram uma das invenções do pai: ligou o interruptor do saguão com o relógio, de forma que quando a luz era apagada, o relógio parava.

O testemunho do Élder Jeppsen tem sido fortemente influenciado pelo seu trabalho de selador no templo. “Uma de minhas mais doces experiências tem sido selar para o tempo e toda a eternidade muitos jovens que eu fiz nascer”, diz ele. “Esse chamado tem-me permitido ainda passar horas e horas no templo. O véu é muito tênue no templo, e o supremo mestre de verdades é o Espírito Santo. O templo tem-me proporcionado muitas e maravilhosas experiências espirituais.”

Indagado sobre seu novo chamado, Élder Jeppsen tomou Marian pela mão: “Estamos abismados com esse chamado. Parece-nos que existem muitas pessoas mais qualificadas do que eu, mas sentimo-nos honrados e felizes em aceitá-lo. Sabemos com certeza que veio de Deus, e estamos unidos no desejo de servi-lo.” □

Élder Richard P. Lindsay do Segundo Quorum dos Setenta



Quando lhe fazem perguntas a respeito de si, o Élder Richard P. Lindsay fala de sua esposa, Marian, e seus filhos. “Uma das grandes alegrias de minha vida”, diz, “é observar o amor que meus filhos tem um pelo outro”. Quando lhe fazem perguntas pessoais, Marian Bangerter Lindsay fala do marido e seus filhos. “Nossa família tem sido nossa jóia real”, diz ela. “E as bênçãos de nossas relações familiares eternas tornam-se mais ricas e gratificantes a cada ano que passa.”

Os Lindsay são totalmente voltados para a família. A casa deles, por exemplo, ergue-se no terreno que o avô Lindsay recebeu do governo na década de 1870. Mesmo nessa nossa era moderna de famílias dispersas, Richard e Marian Lindsay organizam um encontro anual

da família nas montanhas para os filhos e netos que possam vir. Eles têm seis filhos: Richard Bruce, Gordon, Suzan (Gong), Sharon (Lyons), John e Miriam (Warnick), além de dezessete netos.

Com esse tipo de orientação familiar, não é de surpreender que os chamados mais apreciados pelo Élder Lindsay têm sido os que envolveram sua esposa. “Tenho o privilégio de fazer visitas de mestre familiar com minha mulher”, informa. “A Estaca Utah Taylorsville Central organizou um ramo no Golden Living Center, e Marian e eu fomos designados a visitar os membros idosos de lá. Nunca apreciei outra coisa tanto como isso.” Ele é também instrutor do grupo de sumos sacerdotes, e Marian dá aulas na classe de Doutrina do Evangelho. “Realmente apreciamos estudar

o evangelho juntos”, diz o Elder Lindsay. “Quando nossos filhos eram mais jovens, não pudemos fazê-lo tanto quanto gostaríamos.”

Richard Powell Lindsay nasceu na Cidade do Lago Salgado, Utah, como filho de Samuel J. e Mary Alice Powell Lindsay. O pai faleceu quando Richard tinha cinco anos e a mãe criou os cinco filhos durante a época da Grande Depressão, mandando os filhos em missão e as filhas para a faculdade.

Richard serviu na Missão Suíço-austríaca logo após a II Guerra Mundial. Uma semana após o término de sua missão, em março de 1949, ele fez um relatório de suas experiências missionárias na conferência de estaca. Depois da reunião, sua irmã mais moça apresentou-o à sua amiga Marian. Richard e Marian casaram-se no dia 17 de novembro de 1949 no Templo de Lago Salgado.

Nos dez anos seguintes, o Irmão Lindsay trabalhou para várias empresas nacionais e com isso os Lindsay mudavam frequentemente. Por várias vezes residiram na Cidade do Lago Salgado, Denver, Colorado, e San Francisco, Califórnia. Durante esse tempo, sempre que podia o Irmão Lindsay fazia cursos noturnos e em 1953, formou-se em Ciências Políticas pela Universidade de Denver.

Em 1959, iniciou uma longa carreira no serviço público. Tornou-se comissário de finanças do Estado de Utah e, um ano mais tarde, diretor executivo da Associação de Funcionários Estaduais de Utah. Em 1965, transferiu-se para o

sistema judiciário estadual, prestando serviço como administrador do Sistema de Tribunais Juvenis de Utah e como diretor do Conselho de Administração de Justiça Criminal de Utah. Em 1969, passou a diretor do Departamento Estadual de Serviços Sociais de Utah. Serviu ainda dois mandatos na Câmara de Deputados do Estado de Utah, de 1972 a 1977.

Durante esse tempo continuou estudando à noite, graduando-se em 1965 em Ciências Políticas, e em 1976, doutorando-se em Ciências Políticas / Administração pela Universidade de Utah. Durante seus anos no legislativo, dirigiu concomitantemente o Escritório de Desenvolvimento Comunitário na Universidade de Utah, além de lecionar como professor visitante na Universidade Brigham Young.

Então, em janeiro de 1978, aceitou o cargo de diretor de Assuntos Especiais da Igreja. (Esse departamento cuida das relações com o governo e a comunidade.) Em julho de 1983, tornou-se diretor administrativo do departamento de Comunicações Públicas / Assuntos Especiais da Igreja. Durante esse período, serviu igualmente como bispo e presidente de estaca.

O Élder Lindsay fala emocionado sobre sua convivência com os líderes da Igreja em seu trabalho e chamados. “Admiro e amo profundamente as Autoridades Gerais”, diz ele. “Jamais imaginei poder servir num chamado desse.” Assim, pois, ao ser chamado para o Segundo Quorum dos Setenta em abril de 1989, ficou abismado: “Sinto-me humilde. Creio que não podemos fazer coisa alguma sem a ajuda do Senhor. Com a ajuda dele, entretanto, encaro esse chamado como uma oportunidade maior deabençoar as pessoas de fora e dentro da Igreja.” □

Élder Merlin Rex Lybbert do Segundo Quorum dos Setenta



Jamais houve em minha vida um tempo em que tivesse dúvidas sobre a veracidade ou divindade da Igreja”, diz o Élder Merlin R. Lybbert, um dos novos membros do Segundo Quorum dos Setenta.

Recebeu o testemunho confirmador quando servia como missionário na Missão dos Estados do Leste. Ele serviu dezesseis meses no escritório da missão como secretário, depois como conselheiro na presidência da missão. Sob a tutela do presidente da missão, Roy W. Doxey, “um homem de grande saber e altamente qualificado”, o Élder Lybbert adquiriu o conhecimento fundamental do evangelho e das escrituras. “Ele tem sido meu modelo durante a vida”, diz.

Merlin Rex Lybbert é filho de Charles Lester e Delvia Reed Lybbert, e nasceu a 31 de janeiro de 1926 em Cardston, Alberta. Na infância, os pais ocuparam terras cedidas pelo governo em Cherry Grove, Alberta, onde o vizinho mais próximo morava a cinco quilômetros de distância. A família tinha poucas posses, mas “toda noite era noite familiar, e minha mãe costumava ler-nos histórias da Bíblia”, recorda ele. Aprendeu a trabalhar arduamente, a ser íntegro e auto-suficiente. “Foi um tempo de muita união familiar e felicidade a despeito das dificuldades materiais.”

Após a escola secundária, ele serviu na Real Força Aérea do Canadá, cumpriu missão e depois esperou sua

namorada, Nola Cahoon, concluir o curso de Enfermagem na Universidade de Alberta. A 26 de maio de 1949 eles casaram-se no Templo de Alberta.

Os Lybbert transferiram-se então para a Cidade do Lago Salgado, onde ele passou a cursar a Universidade de Utah, obtendo o grau de Bacharel de Ciência em Direito, em 1953, e de Doutor em Direito, em 1955. Ele exerce advocacia na Cidade do Lago Salgado há quase trinta e cinco anos, sendo especialista em Tribunal do Júri e dedicou muitos anos à Ordem dos Advogados de Utah quanto à ética e disciplina advocatícia. Foi eleito para o Colégio Americano de Advogados Especialistas em Tribunais, e recentemente serviu como encarregado do Comitê Consultor da Corte Suprema de Utah sobre Normas do Exercício Profissional. Foi nomeado Advogado Especialista em Tribunais do Ano de Utah em 1981-1982.

O Elder Lybbert serviu como bispo, conselheiro na presidência de uma estaca e presidente de estaca. Nos últimos três anos vinha servindo como representante regional. Ele gosta de contar histórias de animais com princípios aplicáveis ao dia-a-dia, como o caso de uma galinha chocada e criada com as galinhas do sítio de um primo. Um dia, este ouviu uma galinha cacarejando do alto de uma árvore. A galinha, achando ser galinha, aprendera a cacarejar como

galinha. “Escolhei vossos companheiros com cuidado”, ensina ele, “pois logo estareis copiando o comportamento deles”.

A Irmã Lybbert diz que o marido possui muitos atributos que o ajudarão em seu chamado. “Além de seus pendores administrativos e bondade no trato com as pessoas, ele tem senso de humor”, diz ela.

Os Lybbert dizem gracejando que quando se casaram, tinham seis teorias sobre como criar filhos. Passados dez anos, tinham seis filhos e nenhuma teoria. Seus filhos são: Larilyn (Dirkmaat), Ruth (Renlund), Merla (Berndt), Louise (Nygaard), Perry Reed (falecido) e Clark Merlin. Eles riem do fato de terem quatro genros internacionais — um holandês, um alemão, um sueco e outro norueguês — que as filhas conheceram na estaca a que pertencem na Cidade do Lago Salgado. “Somos uma família internacional que nos passou tradições maravilhosas”, diz a Irmã Lybbert.

Quando Clark e Louise estavam em missão, o Elder Lybbert escrevia-lhes semanalmente longas cartas expondo princípios do evangelho que havia estudado. Certa vez, Clark recebeu uma dessas cartas justamente a tempo de responder a uma pergunta de um pesquisador para a qual não tinha resposta.

Seu estudo do evangelho valeu a pena ainda em outros sentidos. “Embora hoje minha certeza da veracidade do evangelho não seja maior que durante a missão, certamente o entendo bem melhor, assim como meu relacionamento com Cristo”, afirma. “Testifico de todo o coração da veracidade do evangelho, ao chamado divino dos profetas e à realidade de Deus e Jesus Cristo.” □

Élder Horacio A. Tenorio do Segundo Quorum dos Setenta



Horacio Tenorio achou graça quando sua esposa, Maria Teresa, lhe contou que havia marcado encontro com alguns missionários na casa da mãe, e que devia acompanhá-la para ajudar a rebater suas pretensões religiosas.

Ele a acompanhou todos os dias, durante três meses e meio, para conhecer a doutrina que ensinavam. Mas em lugar de opor-se à Igreja, a esposa começou a perceber que encontrara a verdade. Ele continuou estudando o evangelho muito depois que a esposa já sabia que se filiaria à Igreja. Certa noite, enquanto lia as escrituras, “senti o Espírito do Senhor, e ele me confirmou que tudo o que os missionários haviam ensinado era verdade”. Então acordou a esposa para

dizer-lhe: “Vamo-nos batizar. Estou pronto.”

No dia 26 de julho completar-se-ão vinte anos desde que o Élder Horacio A. Tenorio, do novo Segundo Quorum dos Setenta, se uniu à Igreja com a esposa. Durante a maior parte desses vinte anos, esteve profundamente envolvido na Igreja servindo como presidente de ramo, bispo, conselheiro na presidência de estaca, presidente de estaca, representante regional responsável por cinco regiões, presidente da Missão México Torreon e, mais recentemente, representante regional de sete regiões ao longo do litoral mexicano ocidental.

Há anos, diz ele, os mexicanos esperam ter um lamanita nascido no México

como uma das Autoridades Gerais. “Jamais sonhei que pudesse ser eu.”

Diz o Élder Tenorio que a organização do Segundo Quorum dos Setenta, ampliando a liderança da Igreja na esfera de autoridade geral, é um acontecimento histórico que proporcionará bênçãos aos santos dos últimos dias do mundo inteiro. E será particularmente benéfico para o México, onde o crescimento da Igreja aumentou consideravelmente a carga de trabalho dos líderes.

A despeito do rápido crescimento da Igreja no México, nos últimos cinco anos, “acredito que seja apenas o início”, diz o Élder Tenorio. Dentro de dez anos, ressalta ele, o México terá mais de trinta mil ex-missionários para engrossar as fileiras de líderes da Igreja; e as noventa e seis estacas do México têm o potencial de transformar-se em duzentas ou mais.

Parte de seu entusiasmo com a expansão da Igreja no México resulta da satisfação que encontra servindo aos semelhantes. “Ele ama e respeita o povo, e alegra-me que haja recebido essa oportunidade de servir”, diz a Irmã Tenorio. Ambos cresceram nesses anos todos servindo em chamados da Igreja. “Servir sempre me ajudou a sentir-me mais perto do Senhor”, diz Maria Tenorio. Agora, reconhece, será um “privilegio” e uma “responsabilidade” ser esposa de uma autoridade geral.

Horácio Tenório nasceu

na capital do México a 6 de março de 1936, filho de Leopoldo Horacio Tenorio, químico de profissão, e Blanca Otilia Tenorio, jornalista. Quando Horacio tinha dez anos, a família transferiu-se para Ciudad Obregon, no estado de Sonora. Foi onde cresceu e encontrou Maria, com quem se casou a 25 de julho de 1957, e voltou para a Cidade do México. Nesta cidade nasceram suas três filhas: Maria Teresa, Monica e Maria del Rocío.

Quando se casou, o Irmão Tenorio vendia carros e caminhões. Mais tarde tornou-se gerente de compras e vendas de uma companhia de condutores elétricos. Durante dez anos foi gerente de compras, depois diretor de administração de materiais da Igreja no México. Depois de servir como presidente de missão de 1982 a 1985, estabeleceu-se como distribuidor de aromatizantes para sorvetes, depois como distribuidor de implementos para irrigação. Nos últimos dezoito meses, ele e a família residiam em Guadalajara.

Sua filha Maria Teresa (Sra. Kent Player), residente agora na Carolina do Sul, reconhece os muitos atributos do pai. Mesmo assim, o chamado dele a surpreendeu por haver tantos líderes excelentes no México, diz ela. “A gente não pensa que tal coisa possa acontecer. Mas estou muito orgulhosa dele.”

A grande capacidade de trabalho do pai irá ajudá-lo em seu chamado, explica ela. “Quando decide fazer alguma coisa, ele faz mesmo.”

A capacidade de trabalhar com afinco, aliada ao desejo de ser firme na obediência, são dois dos atributos que leva para o seu chamado, diz o Élder Tenorio. Ele confia que receberá ajuda quando necessário. “Sei que quando estou servindo o Senhor, ele não me deixará só.” □



